

**ADRIANO RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**IMAGENS DA AMÉRICA:**

**Os gigantes e o corpo gigantesco no imaginário dos séculos XVI e XVII**

**ASSIS**

**2021**

**ADRIANO RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**IMAGENS DA AMÉRICA:**

**Os gigantes e o corpo gigantesco no imaginário dos séculos XVI e XVII**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

**ASSIS**

**2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

O48i Oliveira, Adriano Rodrigues de  
Imagens da América: os gigantes e o corpo gigantesco no  
imaginário dos séculos XVI e XVII / Adriano Rodrigues de  
Oliveira. Assis, 2021.  
232 f. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva

1. Cartografia. 2. Iconografia. 3. Historiografia. I. Título.

CDD 907.2

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

TÍTULO DA TESE: **Imagens da América: Os gigantes e o corpo gigantesco no imaginário dos séculos XVI e XVII**

**AUTOR: ADRIANO RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**ORIENTADOR: WILTON CARLOS LIMA DA SILVA**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. WILTON CARLOS LIMA DA SILVA (Participação Virtual)  
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES (Participação Virtual)  
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. JOSÉ OTÁVIO AGUIAR (Participação Virtual)  
Unidade Acadêmica de História / UFCG/Campina Grande

Profa. Dra. ANA HELOISA MOLINA (Participação Virtual)  
Programa de Pós-Graduação em História / UEL/Londrina

Profa. Dra. HELOISA HELENA SIQUEIRA CORREIA (Participação Virtual)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Assis, 25 de outubro de 2021

*Aos três grandes amores da minha vida!!!*

*Francielly, Sophia e Pandora*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”. Totalizaram trinta e nove meses de apoio financeiro, sem o qual não teria sido possível realizar a presente pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras, agradeço pela oportunidade de pesquisar e escrever a tese.

Agradeço, imensamente, ao professor Wilton Carlos Lima da Silva, um genuíno mestre e orientador, sobretudo, pela oportunidade de concretizar este projeto. Suas orientações, correções e indicações foram fundamentais para o amadurecimento das ideias que inicialmente nos levaram a pensar nossa tese. Meus sinceros agradecimentos pelos conselhos, pela paciência e pela dedicação.

À minha amada esposa Francielly, pelo amor, paciência, dedicação e compreensão. Sem o seu companheirismo, não seria possível tolerar esses quatro anos de pesquisa e noites sem dormir. Você é minha luz! À Pandora, amiga inseparável durante as longas madrugadas de pesquisa. Você é minha alegria! À princesa Sophia, nascida na reta final desta tese. Você é minha vida!

Ao querido professor e amigo Protásio Paulo Langer, sou eternamente grato por me apresentar, ainda durante a graduação, todo um universo repleto de seres monstruosos e prodigiosos – amazonas, sereias, acéfalos, gigantes, entre outros. Sem a sua influência, este trabalho certamente não teria sido possível.

À minha família – pai, mãe, irmãos e irmãs, pelo amor, pela dedicação e pelo incentivo. Aos amigos que fiz durante o cumprimento dos créditos na Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Agradecimentos especiais ao querido amigo José Rodolfo Vieira, pelo incentivo à pesquisa e, principalmente, por indicar a obra de François Rabelais e os estudos de Mikhail Bakhtin.

Ao professor Milton Carlos Costa e às professoras Tânia Regina de Luca e Sílvia Maria Azevedo, pela indicação de leituras e pela dedicação às disciplinas ministradas no âmbito do Programa. Aos professores André Figueiredo Rodrigues e José Otávio Aguiar, pela leitura atenta e pelas sugestões e observações durante o exame de qualificação. Ao professor Bruno Oliveira Maroneze pelas traduções do latim e à Ly Penteado, pelas revisões sempre precisas do texto da tese.

A razão que entre nós se dá dos partos monstruosos pode servir para povos inteiros. Deus, Criador de todas as coisas, conhece onde, quando e o que é ou foi oportuno criar e, ademais, conhece a beleza do universo e a semelhança ou diversidade das partes que a compõe. A quem é incapaz de contemplar o conjunto choca certa desproporção em determinada parte, por ignorância que parte se adapta e a que diz relação. (*AGOSTINHO, 1990, p. 229*).

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. **Imagens da América: Os gigantes e o corpo gigantesco no imaginário dos séculos XVI e XVII.** 2021. 232 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

## RESUMO

O presente estudo de doutorado trata dos diferentes mitos de gigantes, da natureza do corpo gigantesco e da repercussão dessas temáticas no âmbito do imaginário colonial, que vigorou no contexto da colonização e exploração europeia na América. Especialmente, a pesquisa engloba os territórios do mundo ibero-americano e, em menor escala, algumas áreas de ocupação inglesa na América do Norte. Cronologicamente, procura analisar o gigantismo atribuído ao índio, desde os primeiros relatos dos cronistas, no século XVI, até o surgimento e a difusão da *Regio Gigantum* na cartografia da Era Moderna e sua persistência até meados do XVII. Dessa forma, parte da análise crítica e conjuntural de duas categorias de fontes distintas, confrontadas em suas similitudes e discrepâncias: a literatura de viagem, isto é, cartas, relações, diários de bordo, crônicas e afins, e a iconografia, ou seja, gravuras e mapas. Esses documentos serão analisados, considerando-se o contexto político, social, econômico e religioso no qual foram produzidos, elucidando-se, suas prováveis intenções e motivações. Constatou-se que o tema que repercutiu no imaginário quinhentista e seiscentista resultou da confluência de três fatores distintos: da tradição clássica/medieval, da apropriação e ressignificação de certas lendas indígenas e das circunstâncias próprias da conjuntura colonial. Associado diretamente a diversos grupos étnico-linguísticos pela alteridade europeia do período, o gigantismo e o seu simbolismo denotavam uma gama de estereótipos negativos que seriam característicos do índio – monstruosidade, canibalismo, desmesura, barbarismo e selvageria. Assim, o estudo procura, ainda, distinguir os diferentes tipos de gigantes, compreendendo-se as particularidades das narrativas textuais e visuais que foram originadas em várias regiões do Novo Mundo e em temporalidades específicas e distintas.

**Palavras-chave:** Mitos. Imaginários. Imagens. Representações. Gigantes. Literatura de Viagem. Cartografia.



OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. **Images from America: The giants and the gigantic body in the imaginary of the 16th and 17th centuries.** 2021. 232 p. Thesis (History Doctorate Degree). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2021.

### ABSTRACT

This doctoral study deals with different myths of giants, the nature of the giants and the repercussion of these themes in the colonial imagination, which prevailed in the context of European colonization and exploitation in America. Spatially, the research encompasses the territories of the Ibero American world and, to a lesser extent, some areas of British occupation in North America. Chronologically, it seeks to analyze the gigantism attributed to the Native American, from the first narratives of the chroniclers, in the 16th century, to the emergence and spread of the *Regio Gigantum* in the cartography of the Modern Era and its persistence until the mid-17th century. Thus, it starts from the critical and conjunctural analysis of two categories of different sources, confronted in their similarities and discrepancies: travel literature, that is, letters, stories, logbooks, chronicles and the like, and iconography, which is, illustrations and maps. These documents will be analyzed, considering the political, social, economic, and religious context in which they were produced, elucidating their presumable intentions and motivations. It was found that the theme that reverberated in the 15th and 17th century imaginary resulted from the confluence of three distinct factors: the classical/medieval tradition, the appropriation and re-signification of certain indigenous legends and the circumstances of the colonial conjecture. Directly associated with various ethnic-linguistic groups by the European otherness of the period, gigantism and its symbolism denoted a range of negative stereotypes that would be characteristic of the American Indian – monstrosity, cannibalism, disproportionateness, barbarism, and savagery. Therefore, the study also seeks to distinguish the different types of giants, understanding the particularities of textual and visual narratives that originated in various regions of the New World and in specific and distinct temporalities.

**Keywords:** Myths. Imaginary. Images. Representations. Giants. Travel Literature. Cartography.

## LISTA DE FIGURAS E MAPAS

Figura 1 – Dentes de gigantes.....	40
Figura 2 – A queda dos gigantes.....	46
Figura 3 – Mapa do Inferno de Dante segundo o desenho de Sandro Botticelli.....	48
Figura 4 – Os sodomitas, despidos e estirados no chão do Inferno, gritam, lamentam e imploram pela misericórdia divina. Inferno, canto 15.....	48
Figura 5 – Representação da cena em que o explorador e fidalgo espanhol Vasco Núñez de Balboa atira seus cachorros para destroçar cerca de quarenta indígenas panamenhos acusados de sodomia em 1513.....	50
Figura 6 – O anjo cristão castiga e destrói com sua espada os gigantes sodomitas que habitavam o Cabo de Santa Helena na aurora dos tempos. Gravuras que ilustram a obra intitulada Crónica del Peru, escrita por Pedro Cieza de León.....	53
Figura 7 – Gravura representando o dilúvio que ocorrera durante a Primeira Idade do Mundo e a destruição dos gigantes denominados <i>Tzocuillicxeque</i> .....	58
Figura 8 – Os gigantes ( <i>Quinametzin</i> ) foram mortos pela inteligência e astúcia dos Tlaxcaltecas, conforme consta nos relatos dos padres espanhóis Diego Durán e José de Acosta.....	64
Figura 9 – Na imagem, o famoso guerreiro Tzilacatzin é representado na figura de um gigante que peleja impetuosamente contra a exploração e o domínio espanhol, atirando grandes pedras sobre seus oponentes.....	69
Figura 10 – “como foram recebidos Vespúcio e os espanhóis numa ilha habitada por gigantes”.....	79
Figura 11 – O perfil dos índios da Flórida. Gravura de Theodore de Bry.....	85
Figura 12 – Uma gigante canibal retorna de sua caçada de carne humana.....	88
Figura 13 – Representação do cotidiano dos povos Chaná-Timbúes rio-platenses, descritos como indivíduos robustos e de grande estatura.....	90
Figura 14 – Perfil dos guerreiros indígenas do tronco linguístico Tupi do litoral brasileiro.....	100
Figura 15 – Representação do pajé Cunhambebe como um voraz gigante devorador de carne humana.....	102
Figura 16 – Em <i>Cosmographie Universelle</i> , de André Thevet, Cunhambebe é retratado em combate contra seus inimigos.....	105
Figura 17 – <i>Icon Regis Quoniambec</i> .....	106
Figura 18 – Índios da Virgínia por Theodore de Bry.....	108
Figura 19 – Perfil de um chefe indígena da Virgínia.....	108

Figura 20 – “Os Susquehannocks são pessoas gigantes e, portanto, estão vestidos”, diz o texto em inglês gravado aos pés do guerreiro Susquehanna.....	111
Figura 21 – O capitão John Smith na presença dos índios da Virgínia.....	112
Figura 22 – O ataque dos índios Powhatans à Jamestown (Virgínia) em 1622 foi representado pelos gravadores europeus como um grande massacre.....	113
Figura 23 – Mapa portulano que ilustra a rota da primeira viagem de circum-navegação ao redor do mundo.....	119
Figura 24 – A mítica área imaginária denominada de <i>Terra Australis</i> representada em <i>Typvs Orbis Terrarvm</i> .....	121
Figura 25 – O Mar de Magalhães.....	131
Figura 26 – Os gigantes tentam impedir o desembarque dos marinheiros holandeses...	142
Figura 27 – Uma mãe patagã alimenta suas crianças com pedaços de carne crua.....	142
Figura 28 – A letra H no centro do mapa do Estreito de Magalhães indica uma sepultura com ossos patagônicos que mediam de 10 a 11 pés de comprimento.....	144
Figura 29 – Um grupo de soldados ingleses oferecem diversos presentes aos patagões que habitavam o Estreito de Magalhães e suas adjacências.....	146
Figura 30 – Mapa representando o “Estreito Patagônico” (Estreito de Magalhães) .....	157
Figura 31 – Fragmento do planisfério de João Vespúcio, publicado em 1526.....	160
Figura 32 – Nesse mapa da América do Sul vemos a inscrição “Terra de Patagões”...	163
Figura 33 – Fragmento do mapa-múndi do matemático Oronce Finé, inspirado nas projeções de Ptolomeu.....	165
Figura 34 – Mapa-Múndi em Projeção Cordiforme Dupla de autoria do cartógrafo Gerardus Mercator.....	168
Figura 35 – Nesse mapa do norte da América do Sul, impresso em 1598, pelo cartógrafo holandês Jodocus Hondius, vemos que os gigantes já não estavam sós, pois outros seres fabulosos e lugares míticos povoavam o imaginário europeu acerca do Novo Mundo.....	168
Figura 36 – Para os cartógrafos do século XVI, a <i>Regio Gigantum</i> deveria estar localizada entre o Rio da Prata e o Estreito de Magalhães, conforme podemos ver neste moderno mapa da América intitulado <i>Novae Insulae</i> , XVII – <i>Nova Tabula</i> , de Sebastian Münster.....	170
Figura 37 – O Mapa-Múndi do cartógrafo italiano Sebastião Caboto, contém descrições em latim e espanhol das diferentes criaturas monstruosas que deveriam habitar as fronteiras do mundo conhecido.....	176
Figura 38 – Nesse fragmento retirado do Mapa-Múndi de Sebastião Caboto, vemos o embate travado entre os soldados europeus e um grupo de Amazonas.....	178

Figura 39 – Nesse fragmento extraído do Mapa-Múndi de Sebastião Caboto, vemos um gigante patagão vestindo uma longa túnica e segurando uma espécie de porrete e um escudo.....	180
Figura 40 – Representação da <i>Terra Brasilis</i> e do estuário do Rio da Prata.....	183
Figura 41 – Nesse fragmento retirado da carta que representa a <i>Terra Brasilis</i> , um indígena de tamanho desmesurado, encontra-se ajoelhado na região situada abaixo do estuário do Rio da Prata.....	184
Figura 42 – <i>Americae sive quartae orbis partis nova et exactissima descriptio</i> .....	187
Figura 43 – Nessa alegoria do mapa de Diego Gutiérrez, vemos o rei Felipe II da Espanha representado como o “senhor dos oceanos”.....	190
Figura 44 – Nessa representação alegórica, Portugal é um gigante que reivindica a soberania marítima sobre o extremo Atlântico Sul.....	191
Figura 45 – <i>Gigantum Regio</i> . Nesse fragmento do mapa da América de Diego Gutiérrez, vemos o encontro entre um soldado europeu e dois gigantes patagões.....	192
Figura 46 – Nesse mapa, intitulado <i>Americae Tabula Nova</i> , o patagão insere uma seta na garganta diante de um soldado europeu.....	195
Figura 47 – Entre os diversos povos da América, segundo o imaginário dos cartógrafos europeus, encontravam-se canibais, acéfalos e gigantes.....	196
Figura 48 – A representação da “Patagônia” em um mapa parcial da América do Sul.....	198
Figura 49 – Nesse fragmento do mapa intitulado <i>Brasilia et Peruvia</i> , vemos a incorporação da lenda dos gigantes patagões ao nome de rios e montanhas.....	200
Figura 50 – Esse mapa representa a “Região Patagônica” e os seus habitantes.....	202
Figura 51 – Um casal de patagões representados no frontispício de <i>Americae Nona &amp; Postrema Pars</i> .....	204
Figura 52 – Nesse mapa moderno do cartógrafo, desenhista e gravador holandês, Claes Jansz Visscher, a América é representada como a “Quarta Parte do Mundo”.....	205
Figura 53 – A representação da “Região dos Gigantes” e dos índios patagões nesse fragmento do mapa da América de Claes Jansz Visscher.....	207
Figura 54 – Os mapas e cartas geográficas datados do final do século XVI e da segunda metade do XVII, representavam patagões de diferentes perfis e características.....	207

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. OS GIGANTES DO MUNDO PRÉ-HISPÂNICO.....</b>	<b>22</b>
1.1. Considerações iniciais: das mestiçagens.....	23
1.2. O mito dos gigantes sodomitas.....	29
1.2.1. Queda e castigo dos gigantes sodomitas.....	40
1.2.2. <i>Gigantomaquia</i> e sodomia nos Andes.....	44
1.3. A lenda dos <i>Quinametzin</i> .....	54
1.3.1. O gigantesco guerreiro tlatelolca.....	68
<b>2. OS GIGANTES DO NOVO MUNDO.....</b>	<b>72</b>
2.1. Considerações iniciais: do estereótipo.....	73
2.2. Do relato de Américo Vespúcio à <i>Oficina De Bry</i> .....	76
2.3. O corpo do gigante.....	79
2.4. Índios gigantes ou quase gigantes.....	82
2.5. Os gigantes patagões.....	115
2.5.1. A origem da lenda.....	118
2.5.2. A repercussão da lenda.....	131
<b>3. REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS DA <i>REGIO GIGANTUM</i>.....</b>	<b>148</b>
3.1. Considerações iniciais: da cartografia imaginária.....	149
3.2. As primeiras representações do Estreito de Magalhães.....	155
3.3. As primeiras representações da <i>Regio Gigantum</i> .....	166
3.4. O Mapa-Múndi de Sebastião Caboto e a Carta de Lopo Homem.....	174
3.5. O mapa de Diego Gutiérrez.....	186
3.6. A <i>Regio Gigantum</i> a partir do final do século XVI.....	192
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>209</b>
<b>GRAVURAS E MAPAS.....</b>	<b>214</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>218</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>222</b>

## INTRODUÇÃO

O embrião que originou a presente pesquisa de doutorado sobre o gigantismo e o corpo gigantesco no imaginário colonial americano desenvolveu-se durante a nossa graduação em História, no ano de 2011. Na ocasião, por razão do trabalho de Iniciação Científica, fomos apresentados a um conjunto de textos, imagens e mapas, datados dos séculos XVI e XVII, nos quais os povos indígenas de diferentes regiões aparecem representados como criaturas monstruosas, dotadas, tanto de anomalias físicas quanto comportamentais. Durante o mestrado, finalizado em 2016, procuramos compreender o tema das amazonas americanas e sua repercussão nas fontes textuais e iconográficas. Dessa forma, percebemos que esses mitos, em sua grande maioria, constituíam-se de projeções do imaginário europeu quinhentista sobre os inúmeros grupos humanos que habitavam as regiões mais remotas do Novo Mundo.<sup>1</sup>

Os estudos de Roja Mix (1993) sobre a ocorrência do fantástico ou fabuloso no contexto da colonização foram fundamentais para abordarmos a “transposição” do imaginário europeu, de raiz clássica e medieval, para as terras da América. Desde a chegada de Cristóvão Colombo ao novo continente, em 1492, houve um acintoso deslocamento desse fantástico, outrora localizado na geografia do Oriente, para os territórios “recém-descobertos”. Dessa forma, a América tornou-se morada de toda sorte de monstros e seres prodigiosos – sereias, amazonas, acéfalos e gigantes –, além de guarida para lugares míticos e fictícios – o *Eldorado*, o País da Canela e a *Regio Gigantum*, que são os exemplos mais conhecidos. Em muitos casos, os dilemas e interesses próprios do âmbito colonial quinhentista/seiscentista suscitou até mesmo a criação e a difusão de um fantástico original.<sup>2</sup>

O conceito de imaginário é, certamente, um dos pilares para a compreensão das fontes e do tema proposto nesse estudo. Como ressalta Jacques Le Goff (2013), “numa sociedade o imaginário tem seguramente tanta importância e eficácia quanto as condições

---

1 Segundo Mircea Eliade, o mito “é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística” (ELIADE, 1972, p. 19). Partindo dessa definição, entendemos que o mito representa uma realidade histórica e social sendo, portanto, indissociável do real. Nesse sentido, utilizaremos o referido conceito em nossa pesquisa considerando sua relação concreta com a conjuntura histórica do processo de colonização, dominação e exploração europeia na América.

2 MIX, Miguel Rojas. Los Monstruos: mitos de legitimación de la conquista? In: PIZARRO, Ana (org) **América Latina: Palavra, Literatura e Cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1993. Vol. 1, p. 125.

reais da vida e do pensamento”.<sup>3</sup> Ainda de acordo com esse mesmo autor, todo imaginário contém imagens, sejam iconográficas ou mentais, oriundas do pensamento coletivo e manifestadas em temas e palavras.<sup>4</sup> Em nosso trabalho, podemos defini-lo como uma nítida manifestação do fabuloso que, sendo indissociável do real, expressava-se tanto na literatura de viagem, quanto nas gravuras e mapas do período. Assim, permeava todos campos das relações sociais do homem do mundo moderno – a economia, a religião, a política e a cultura como um todo.<sup>5</sup>

O gigantismo, em suas múltiplas implicações simbólicas, é um tema que se encontra presente no imaginário das mais diferentes culturas e tradições, ainda quando situadas em contextos temporais e espaciais distintos. Desde os tempos remotos, as diversas narrativas ou lendas sobre certas personagens gigantescas, surgiram para explicar um passado remoto e caótico, em que esses seres monstruosos e dotados de grande estatura e força física teriam sido os primeiros habitantes da Terra, sobre a qual reinavam absolutos. Nossa problemática central fundamenta-se em analisar como os diferentes mitos relacionados ao gigantismo do índio, em sua pluralidade, foram adaptados aos interesses e embates próprios da colonização, exploração e dominação europeia na América, no transcorrer dos séculos XVI e durante boa parte do XVII.

O recorte temporal privilegia os dois primeiros séculos da colonização, embora as primeiras referências ao gigantismo dos ameríndios tenham surgido no apagar das luzes do século XV, com os relatos de Américo Vespúcio, no ano de 1500. Em nosso entendimento, a escolha por essa temporalidade se fez necessária, uma vez que as menções a esse tema pelos cronistas e a ocorrência das gravuras, são relativamente intercaladas no tempo. Espacialmente, o recorte compreende, sobretudo, o denominado mundo ibero-americano, ou seja, as áreas de colonização portuguesa ou espanhola na América. Em casos particulares, trataremos do tópico e de sua proliferação em certos pontos dos territórios de domínio colonial inglês na América do Norte.

A análise de Mikhail Bakhtin (2010) sobre a imagem grotesca do corpo no contexto de Rabelais e suas fontes, foi essencial para entendermos como as diversas

---

3 LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres na idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013, p. 11.

4 LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 16.

5 A partir das definições de Jacques Le Goff (1994), pensamos o imaginário em nosso estudo, como um fenômeno social e histórico amplo, que engloba o conjunto das manifestações mentais coletivas, expressando-se na política, na economia, na religião e nas relações humanas em sua totalidade. Com frequência, utilizaremos, ainda, os conceitos de fantástico e fabuloso como subcategorias do imaginário, para se referir a ocorrência de personagens fictícias ou mitológicas descritas na literatura de viagem e representadas na iconografia e na cartografia dos séculos XVI e XVII.

lendas, em sua projeção e difusão pelo imaginário colonial europeu, encontraram solo fértil em lugares específicos do Novo Mundo. Conforme enfatiza Bakhtin, as lendas locais estabelecem uma simetria entre o corpo desmesurado, monstruoso e deformado e o espaço geográfico recortado, imperfeito e rochoso.<sup>6</sup> Embora se tenham mostrado inicialmente itinerantes, os mitos relacionados ao gigantismo dos americanos tiveram maior ocorrência e longevidade nas áreas inóspitas da América, sobretudo nas cadeias vulcânicas e montanhosas, segundo o que conseguimos constatar.

Três fatores correlatos principais contribuíram para a difusão da crença no gigantismo dos ameríndios. O primeiro, como apontado anteriormente, foi a transferência do imaginário clássico/medieval para a conjuntura colonial. Autores greco-romanos, como Pseudo-Apolodoro e Ovídio contribuíram para disseminar o mito grego dos gigantes na tradição de pensamento ocidental. Na Idade Média, além da cultura popular, essas criaturas eram também personagens recorrentes nos romances de cavalaria. Santo Agostinho, bispo de Hipona, foi outro autor fundamental na difusão de estereótipos negativos relacionados ao gigantismo, sendo recorrentemente citado por padres franciscanos e dominicanos, no contexto da colonização espanhola na América.

Um segundo fator diz respeito aos embates travados entre os agentes coloniais europeus e os diversos grupos indígenas que resistiram incisivamente à colonização e exploração estrangeira em seus territórios, sobretudo, em áreas específicas da América. Sobre essas etnias em particular, a alteridade europeia produziu uma série de estereótipos negativos, relacionando o gigantismo do índio, ao seu suposto barbarismo e selvageria. As áreas de maior ocorrência desses clichês desfavoráveis aos íncolas foram: a vasta região da Bacia do Rio da Prata e o extremo sul da América, de intervenção espanhola; o litoral brasileiro, de colonização portuguesa; a atual costa leste dos Estados Unidos da América, especificadamente nos territórios da Flórida e da Virgínia, à época sob a influência da exploração e dominação inglesa.

Um terceiro fator trata dos diversos mitos que faziam parte do imaginário dos povos indígenas, no período anterior à colonização europeia. Os quéchuas contavam, por meio das suas narrativas orais, lendas sobre indivíduos desmesurados, cruéis e forasteiros, que teriam habitado áreas específicas dos Andes Centrais em um passado distante. Igualmente, os nahuas afirmavam que os antigos *Quinametzin* – homens de grande estatura e força – teriam habitado as montanhas do Vale do México, na aurora dos tempos.

---

6 BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais; Tradução de Yara Frateschi Viera. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 287.



Em ambos os contextos, esses mitos foram descritos e apropriados pelos cronistas espanhóis, e serviram de ingredientes para justificar a crença no gigantismo de alguns povos americanos. Nesse caso, interessa-nos, ainda, compreender como essas narrativas provenientes do período pré-hispânico foram transcritas pelos europeus e transformadas a partir da visão de mundo judaico/cristã.

Para a análise metodológica, procuramos partir, principalmente, da confrontação entre o textual e o visual. Conforme averiguamos, em muitas situações, o literário e o iconográfico discrepam, embora, em tantas outras, apresentem concordâncias, uma vez que as gravuras foram produzidas justamente com o propósito de ilustrar ou representar uma narrativa textual específica. Desse modo, a comparação entre essas fontes de naturezas distintas, não apenas se faz necessária, como ainda constitui uma problemática que interessa diretamente às finalidades deste estudo.

Como bem observa Tatsch (2011), se os cronistas europeus quinhentistas comunicaram as novidades em seus relatos, “os mestres gravadores procuraram colocar em imagens as sensações escritas. Essas gravuras não necessariamente pretendiam representar a realidade americana, mas traduzi-la em imagens compreensíveis ao público”.<sup>7</sup> Ainda sobre essa relação texto/imagem, Belluzzo (1997) complementa, afirmando que, muitas dessas ilustrações, “ultrapassam o teor iconográfico e tendem à maior autonomia. Desgarram do texto pela unidade narrativa de concepção espacial. Suas significações também não dependem de um nexos de sucessão”.<sup>8</sup>

Paiva (2006) observa que o manuseio das imagens e sua análise pelo pesquisador, requerem alguns cuidados. Elas devem ser interrogadas para responder o que não está aparente, uma vez que obedecem a determinadas ideologias, estereótipos e preconceitos. Além do mais, não são fontes rígidas, mas flexíveis e polissêmicas, portadoras dos mais variados imaginários, saberes e contextos: “A imagem não é o retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim teriam acontecido ou assim teriam sido”.<sup>9</sup> Schmitt (2007) aponta três questões pertinentes à abordagem iconográfica: o diálogo interdisciplinar entre História e Arte; a utilização de

---

7 TATSCH, Flavia Galli. **A construção da imagem visual da América**: gravuras dos séculos XV e XVI. 2011. 313 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, p. 6. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

8 BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A Imaginação do Desconhecido. In: BESSONE, Tânia Maria Tavares; QUEIROZ, Tereza Aline P. (orgs.). **América Latina: imagens, imaginação e imaginário**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1997, p. 329.

9 PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

um enfoque metodológico adequado e a análise das dimensões sociais, religiosas, econômicas e políticas contempladas em uma representação visual.<sup>10</sup>

O clássico estudo de Erwin Panofsky (2014) sobre iconografia e iconologia permitiu-nos analisar o contexto histórico e social em que essas imagens foram produzidas. Quais são os acontecimentos exteriores a uma gravura? Qual o significado de um gesto, de uma pose ou de uma ação? Quais são os valores simbólicos das imagens, e como esses se vinculam a determinado artista, período histórico ou atitude religiosa em particular? Por sua vez, o conceito de *pseudometamorfose*, utilizado por esse mesmo estudioso, possibilitou-nos a compreensão de como algumas imagens e motivos clássicos ressurgiram na conjuntura colonial do Novo Mundo e foram transformados em temas cristãos de cunho essencialmente moralista.

Os mapas, assim como as imagens, são documentos históricos imprescindíveis para o estudo do gigantismo no contexto histórico da colonização europeia na América, mas, por suas particularidades, requerem um tratamento metodológico específico. Assim, para a compressão das fontes cartográficas, que datam dos séculos XVI e XVII, analisadas no último capítulo da tese, nos orientamos a partir dos estudos de Brian Harley (2005), considerado um dos principais expoentes da denominada Nova História da Cartografia. Harley adverte que todo mapa é também uma imagem, possuidora de signos, representações e imaginários e, portanto, um documento social e cultural, cujo método de análise deve considerar três pilares fundamentais: o contexto do cartógrafo, o contexto de outros mapas e o contexto da sociedade.<sup>11</sup>

Os estudos de Harley acerca da natureza dos mapas históricos foram essenciais para entendermos como, em linhas gerais, esses artefatos cartográficos eram produzidos para atender aos propósitos próprios da colonização europeia no Novo Mundo. Ao longo da Era de Ouro da cartografia moderna, as cartas náuticas converteram-se em uma extensão do poder imperial, locais em que os grandes Estados fincavam suas bandeiras e brasões e, reivindicavam, ainda que por antecipação, até mesmo os territórios desconhecidos. Assim sendo, podemos afirmar que a primeira forma de conflito entre as grandes potências coloniais desse período, primeiramente se dava através do embate das imagens, linhas, fronteiras e traçados.

---

10 SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: EDUSC, 2007, p. 27.

11 HARLEY, J. Brian. **La Nueva Naturaleza de los mapas**: ensayos sobre la historia de la cartografía. México: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 72.

O diálogo estabelecido com os estudos realizados no âmbito da História da Arte, e a noção de que as imagens são documentos que guardam uma realidade histórica, permitiu-nos a compreensão de que as fontes iconográficas, incluindo os mapas, expressam o imaginário político, religioso, econômico e social de uma determinada sociedade.<sup>12</sup> Conforme lembra Roger Chartier (2005), tais imagens não são meras ilustrações, mas a própria representação de um imaginário coletivo.<sup>13</sup> Nesse mesmo sentido, Schmitt (2007), complementa que: “Todas as imagens, em todo caso, têm sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas”.<sup>14</sup>

Realizamos a pesquisa das fontes iconográficas e/ou cartográficas no acervo digital de diversas bibliotecas e sites. Na Divisão de Geografia e Mapas da Biblioteca do Congresso, Washington, DC, encontramos diversas cartas que representam a América do Sul e a fictícia *Regio Gigantum*. Material cartográfico semelhante acessamos na Biblioteca Nacional da França, onde ainda nos deparamos com as obras de André Thevet e a representação do gigantesco indígena Cunhambebe. No arquivo multimídia do *Internet Archive*, localizamos gêneros textuais diversos – crônicas, cartas, relações e diários –, todos com ilustrações de grupos humanos que habitavam o Novo Mundo e possuíam características próprias dos gigantes. No *Dresden Kupferstich-Kabinett*, nos surpreendemos com uma rara pintura de uma giganta canibal, desenhada pelo gravador holandês, Hieronymus Bosch. Na Coleção de Imagens da Universidade de Edimburgo, conseguimos uma das últimas figuras dos índios patagões representados como indivíduos de estatura desmesurada. Outros acervos importantes para o nosso estudo foram a Biblioteca Apostólica Vaticana e a Biblioteca Digital Mundial.

Em relação às fontes textuais, utilizamos na pesquisa um conjunto heterogêneo de gêneros narrativos, que se convencionou denominar Literatura de Viagem, composto de cartas, diários de bordo, relações, crônicas e afins. Acerca desse estilo literário, Silva (2003) destaca que, “história e ficção se misturam em um desfile de anacronismos, coexistindo, na narrativa, personagens reais e imaginários, tornando-se crônicas moralizantes com a observação pessoal se fundindo à narrativa fantástica”.<sup>15</sup> Para a

---

12 ROJAS MIX, Miguel. **EL Imaginario**: Civilización y cultura del siglo XXI. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 21.

13 CHARTIER, Roger. **A força das representações**: história e ficção. Chapecó: Argos, 2015, p. 27-28.

14 SCHMITT, op. cit., p. 11.

15 SILVA, Wilton C. L. **As terras inventadas**: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 17.

análise crítica dos textos, foram indispensáveis os estudos de Michel de Certeau (2005), que nos levou às seguintes interrogações: Qual o lugar social de produção de determinado escrito? Quais os procedimentos e técnicas que resultaram em sua produção, e como se articulam com o tempo e o espaço em que foram originados? Qual a sua estrutura discursiva, os pressupostos linguísticos e o estilo narrativo? Essas indagações foram fundamentais para compreendermos as convenções econômicas, políticas, sociais e religiosas de quem esses textos são tributários.

Feitas essas considerações sobre a natureza do tema e das fontes textuais e iconográficas, entendemos ser necessário apresentar brevemente os três capítulos que compõem nossa tese de doutorado. No primeiro capítulo, intitulado “Os gigantes do mundo pré-hispânico”, procuramos analisar os mitos que faziam parte das narrativas e da memória coletiva das diversas sociedades pré-colombianas que habitavam duas macrorregiões da denominada América Hispânica: os Andes Centrais e a Mesoamérica. Os conceitos de pensamento mestiço e de colonização do imaginário, propostos por Serge Gruzinski (2001; 2003), possibilitaram-nos a compreensão de como o imaginário indígena e o ocidental se comportaram diante dos enfrentamentos provocados pelo processo de colonização e exploração espanhola no Novo Mundo.

Nos Andes Centrais, nos territórios que englobam atualmente Peru, Equador e Colômbia, as narrativas orais indígenas foram transcritas por cronistas como Agustín de Zárate, Pedro Cieza de León, Inca Garcilaso de la Vega, Pedro Simón e Gutiérrez de Santa Clara. Assim, notam-se escritores de procedência e ofícios variados – padres, soldados, exploradores, administradores do tesouro real – sejam espanhóis ou mestiços. Todos tratam sobre o assunto de uns gigantes sodomitas que vieram do mar em grandes balsas para habitar as terras andinas em um passado distante e sem ordem. Em um segundo momento, esses mesmos cronistas relatam a ocorrência de um grande evento divino, quando de um grande resplendor no Céu, surgira a figura de um anjo tipicamente cristão, enviado por Deus para castigar e matar os praticantes do pecado nefando. Os escritores europeus valeram-se de elementos das crenças locais, adaptando o respectivo mito na perspectiva do imaginário exógeno. Por outro lado, os próprios indígenas se apropriaram de componentes do sobrenatural cristão, na tentativa de adaptar-se ao caos gerado pela invasão espanhola nos Andes.

Na Mesoamérica, (na área do México atual), as lendas sobre os *Quinametzin* foram transcritas dos relatos dos informantes nahuas e dos seus antigos códices, principalmente por sacerdotes franciscanos e dominicanos que chegaram ao México, a

partir de 1521. O objetivo desses religiosos era salvaguardar a fé católica, destruindo as crenças, as idolatrias e os mitos indígenas. Dessa forma, os *Quinametzin* foram inseridos no âmbito do imaginário ocidental e do sobrenatural cristão, sendo transformados em criaturas monstruosas e cruéis. Em que pese os problemas concernentes à abordagem das fontes de matriz europeia, é possível destacar nessas narrativas uma quantidade maior de elementos endógenos, se comparado, sobretudo, ao mito do contexto andino, apontado anteriormente. Um exemplo bastante preciso é a associação entre os gigantes e a lenda dos *Cinco Sóis* ou *Eras Primordiais* – temas que explicam a origem do mundo e da humanidade a partir da cosmogonia nahua.

No segundo capítulo, que denominamos de “Os gigantes do Novo Mundo”, debruçamo-nos sobre os inúmeros relatos que narram o encontro, quase nunca amistoso, dos viajantes e exploradores europeus com populações inteiras de homens e mulheres gigantes, localizados nos rincões das terras americanas. Defendemos a hipótese de que o estereótipo presente no imaginário clássico e medieval migrou para o contexto colonial da América, adaptando-se à conjuntura histórica das disputas territoriais, dos processos de resistência, do trabalho escravo e da conversão forçada das almas indígenas. Desse modo, podemos afirmar de antemão que, em certas ocasiões, o gigantismo adquiriu um *corpus* narrativo e um visual próprio, que correspondiam às dinâmicas próprias de cada região para onde era projetado e propagado.

Na Bacia do Rio da Prata, cronistas como Cabeza de Vaca, Juan López de Velasco, Reginaldo de Lizárraga e Pero Hernández marginalizaram diversos grupos étnico-linguísticos, a partir das características próprias do gigantismo. Enquanto os guaranis eram comparados aos espanhóis, fosse por suas supostas semelhanças culturais ou pela possibilidade de catequização, os povos marginais eram tidos como gigantes ou quase gigantes, nomenclaturas sobre as quais recaía uma série de clichês negativos. Ainda nos limites da América Hispânica, as disputas marítimas empreendidas no extremo sul do continente, originaram e alimentaram a lenda dos patagões, uma das mais duradouras e recorrentes do contexto colonial europeu no Novo Mundo.

Na América Portuguesa, os povos que habitavam os sertões, e falavam uma língua incompreensível para os colonizadores (ao contrário do idioma tupi), eram estereotipados como verdadeiros gigantes. Cronistas como Pero Magalhães Gândavo, Simão de Vasconcelos, Jean de Léry, Gabriel Soares de Sousa e José de Anchieta, associavam a desmesura do índio ao barbarismo e à selvageria, termos que englobavam outras conotações pejorativas, como o canibalismo, o nomadismo, a ausência de leis e

religiosidade e o hábito de comer carne crua. No litoral “brasileiro”, os gravuristas representaram Cunhambebe, terrível gigante tupinambá aliado dos franceses nas disputas territoriais contra Portugal. Sobre essa famosa personagem, Hans Staden e André Thevet contavam histórias dignas dos melhores romances de cavalaria.

Igualmente, na América Inglesa, o capitão inglês John Andrew Smith descrevia, em sua obra intitulada *The generall historie of Virginia New-England, and the Summer Isles*, as batalhas dos colonizadores contra os gigantes índios *Susquehannock*. Por sua vez, John White e Theodore de Bry desenhavam os índios da Virgínia com corpos semelhantes aos deuses e heróis da mitologia grega. Tanto as gravuras quanto os relatos, foram produzidos em um contexto de fortes enfrentamentos entre os grupos indígenas da costa leste do atual Estados Unidos da América e os diversos agentes coloniais que exploraram esses territórios para o estabelecimento de colônias permanentes. A incidência do tema ao norte do continente demonstra que, nos primeiros séculos da colonização, o fabuloso ou maravilhoso se deslocava no tempo e no espaço, estando presente em quase todos os lugares do Novo Mundo.

No terceiro e último capítulo, que intitulamos de “As representações cartográficas da *Regio Gigantum*”, abordamos a divulgação desse espaço geográfico imaginário nas fontes cartográficas quinhentistas e seiscentistas. Trata-se de um dos mitos mais recorrentes entre os que foram produzidos no contexto da Era de Ouro da cartografia moderna, especialmente a partir da segunda metade do século XVI – momento que corresponde ao acirramento das disputas marítimas e territoriais no extremo sul da América. Dessa forma, no referido capítulo, procuramos analisar os mapas e as cartas náuticas, considerando, sobretudo, a conjuntura política, social e econômica em que esses artefatos foram produzidos e difundidos.

Cartógrafos de nacionalidades, escolas e interesses diversos, entre eles, Diogo Ribeiro, Gerardus Mercator, Sebastião Caboto, Diego Gutiérrez, Claes Jansz Visscher, Lopo Homem e Levinus Hulsius apresentavam para a Europa moderna, uma terra inóspita, selvagem e perigosa, circunscrita entre o estuário do Rio da Prata e o Estreito de Magalhães. Nela, habitavam os patagões, indígenas gigantes e belicosos que causavam grandes transtornos aos exploradores e marinheiros europeus que ousavam a travessia do Estreito. Com efeito, esses mapas cumpriam papéis políticos e ideológicos, uma vez que asseguravam as pretensões imperiais das grandes potências marítimas e justificavam suas ações sobre os territórios habitados por povos supostamente possuidores de monstruosidades físicas e comportamentais.

## CAPÍTULO 1

Nisto, descobriram trinta ou quarenta moinhos de vento, que há naquele campo. Mal os viu, disse Dom Quixote ao escudeiro: – A ventura nos vai guiando melhor as coisas do que pudéramos desejar; ali estão, amigo Sancho Pança, trinta desaforados gigantes, ou pouco mais, a quem penso combater e tirar-lhes, a todos, as vidas, e com cujos despojos começarei a enriquecer; será boa guerra, pois é grande serviço prestado a Deus o de extirpar tão má semente da face da Terra. (*CERVANTES, 2016, p. 134*).

### OS GIGANTES DO MUNDO PRÉ-HISPÂNICO<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Entenda-se aqui como “mundo pré-hispânico” o espaço geográfico e cultural inserido no contexto histórico anterior à invasão, exploração e colonização espanhola na América.

## 1.1. Considerações iniciais: das mestiçagens

Poucos foram os temas clássicos repercutidos na conjuntura colonial do Novo Mundo que tiveram o mérito da longevidade e persistência dos diversos mitos relacionados ao gigantismo do ameríndio. Podemos dizer que um ideário de tom tipicamente quixotesco se manifestou no imaginário dos viajantes e cronistas ao longo dos séculos XVI e XVII. Todavia, apesar das inúmeras lendas de gigantes até então presentes no imaginário europeu clássico/renascentista e trasladadas para América (conforme veremos ao longo da tese), o gigantismo e todo o seu simbolismo já fazia parte das narrativas e da memória coletiva das diversas sociedades pré-colombianas. Assim, no presente capítulo, centralizaremos nossa análise, sobretudo, nos relatos dos cronistas quinhentistas e seiscentistas que registraram os acontecimentos da dominação e exploração espanhola em duas importantes macrorregiões histórico-culturais da América Hispânica: os Andes e a Mesoamérica.<sup>17</sup>

No contexto andino do século XVI, os escritores espanhóis, envolvidos diretamente com a administração colonial na América Hispânica, foram os principais divulgadores do mito. O cronista e administrador real Agustín de Zárate assinala, em sua obra intitulada *Historia del descubrimiento y conquista de la provincia del Peru* que as lendas de gigantes faziam parte da memória coletiva dos antigos povos quéchuas, transmitidas para as futuras gerações pela oralidade e por um elaborado sistema de mnemotécnica, o *quipos*.<sup>18</sup> Relato semelhante, encontramos na crônica do escritor e soldado Pedro Cieza de León. Em sua *Crónica del Peru* o militar espanhol invoca os testemunhos obtidos do contato com grupos de ascendência quéchua para descrever um passado remoto e caótico, no qual os gigantes teriam habitado as terras andinas e causado grandes transtornos entre as sociedades originárias. Eram criaturas monstruosas, sanguinárias e cruéis, praticantes do pecado nefando (sodomia).<sup>19</sup>

---

17 Em relação as ditas civilizações andinas, o escopo geográfico da presente pesquisa insere-se, sobretudo, no território que compreendia o Peru Antigo ou Vice-Reino do Peru e áreas adjacentes, no território que abrangia o denominado Império Inca (quéchua), no contexto anterior à invasão, dominação e exploração europeia na América. No que diz respeito à Mesoamérica, o recorte espacial compreende especialmente o Vale do México ou México Central, região onde habitavam várias civilizações pré-colombianas, com destaque para os Teotihuacanos, Toltecas e os Mexicas (civilização asteca ou nahua).

18 ZARATE, Agustín de. *Historia del descubrimiento y conquista de la provincia del Peru*. **Biblioteca Peruana**, tomo 2, pp. 105-413. Lima: Editores Tecnicos Asociados S.A, 1968, p. 10. Disponível em: <http://www.atlantisbolivia.org/zardes.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2019.

19 CIEZA DE LEÓN, Pedro de. **Crónica del Peru**: El señorío de los incas. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005, p. 150-151. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/211665.pdf>. Acesso em: 01 de outubro de 2019.



Na Mesoamérica pré-hispânica os povos mexicanos empregavam o termo *Quinametzin*, vocábulo genérico e de difícil tradução, utilizado para nomear humanoides desmesurados, monstruosos e cruéis que teriam habitado o Vale do México na aurora dos tempos.<sup>20</sup> As fontes para a compreensão dos inúmeros mitos mesoamericanos devem-se, principalmente, à atuação ideológica e catequética dos religiosos franciscanos e dominicanos que estiveram no México colonial, em diferentes períodos da conquista e dominação espanhola nessa região do Novo Mundo. Autores tais como Andrés de Olmos, Juan de Torquemada, Toribio de Benavente Motolinía, Gerónimo de Mendieta, Diego Durán e Bernardino de Sahagún apropriaram-se das lendas autóctones, inserindo-as, por associação, no âmbito do imaginário e da tradição judaico/cristã. Dessa forma, nessa perspectiva eurocêntrica os mitos indígenas foram transformados e ressignificados, e os antigos *Quinametzin* descritos como “genuínos filhos do demônio”.<sup>21</sup>

Analisar a cosmogonia e a história dos povos ameríndios a partir de fontes coloniais de matriz europeia é uma tarefa certamente complexa. Trata-se de penetrar em um universo que engloba diferentes tipos discursivos – crônicas, cartas e relações, documentos históricos, possuidores de intencionalidades, estilos, formas e local de escrita distintos. As cartas informativas, por exemplo, gênero inaugurado por Cristóvão Colombo, tinham a função de inteirar os leitores dos principais acontecimentos das viagens exploratórias, revelando, por etapas, um mundo ignoto e exótico. As relações (*relaciones*), por sua vez, eram documentos pragmáticos e organizados, solicitados diretamente pela Coroa para o acompanhamento rigoroso do processo de conquista e colonização das terras “recém-descobertas”.<sup>22</sup> Finalmente, com as crônicas, termo geral que engloba uma variedade de estilos, pretendia-se preservar o papel dos acontecimentos considerados relevantes para as futuras gerações. No caso específico da corte espanhola, designava-se até mesmo um cronista que pudesse engradecer a memória e apontar as grandezas da Coroa, valendo-se de um modelo oficial de escrita.<sup>23</sup>

---

20 TORQUEMADA, Juan de. **Monarquía indiana**. Tercera edición (primera edición UNAM). México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 1975, p. 53. Disponível em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/catalogo/ficha?id=154>. Acesso em: 21 de dezembro de 2019.

21 BENAVENTE DE MOTOLINÍA, Toribio de. **Historia de los indios de la Nueva España**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p. 176. Disponível em: <https://www.fundacionaquae.org>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

22 MIGNOLO, W. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, L. Í. (Coord.). **Historia de la literatura hispanoamericana**. Madrid: Cátedra, 1982.

23 AÑÓN, Valeria; BATTCOCK, Clementina. Las crónicas coloniales desde América: aproximaciones y nuevos enfoques. **Latinoamérica. Revista de estudios latinoamericanos**, p. 153-159, 2013, p. 153. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/latinoam/n57/n57a7.pdf>. Acesso em: 08 de julho de 2021.

Compreender a natureza desses diferentes gêneros discursivos é imprescindível, uma vez que eles obedecem a certas convenções econômicas, políticas, sociais e religiosas.<sup>24</sup> Em todas as situações apresentadas anteriormente – crônicas, cartas e relações, notam-se textos que pretendem ser uma representação fiel dos fatos históricos, embora, segundo o que destaca Todorov (2019), “às vezes, sem saber, obedecem às normas da narrativa e se articulam seguindo as mesmas figuras que poderiam ser encontradas num conto popular ou num romance de cavalaria”.<sup>25</sup> Dessa forma, pode-se dizer que são arquitetados a partir dos complicados entrelaçamentos entre a história e a ficção, no que diz respeito aos elementos de sua construção narrativa.<sup>26</sup>

Em relação às sociedades mesoamericanas, os códices hieróglifos também são fontes históricas indispensáveis para o entendimento do passado dos povos que habitavam a Mesoamérica colonial, à época da dominação e colonização espanhola. São manuscritos com um sistema peculiar de escrita indígena, redigidos por grupos que habitavam o centro e o sul do México atual. De acordo com Navarrete Linares (2009), “os códices e as tradições que os acompanhavam eram discursos plenamente audiovisuais”,<sup>27</sup> e tiveram suma importância, tanto para os diversos setores das sociedades indígenas quanto para os governantes e religiosos europeus. Como é sabido, a associação desses textos à religiosidade ameríndia e à idolatria pelos cristãos, levou à destruição da maioria desses escritos. Apenas alguns sobreviveram ao tempo por meio de um processo de cópia e assimilação por parte dos sacerdotes espanhóis que estavam interessados em aprender sobre a antiga religiosidade mexicana para melhor contestá-la.<sup>28</sup>

Em ambos os contextos geográficos podemos encontrar, ainda, diversos documentos de procedência mestiça (indígena e europeia), entre as quais vale destacar, a título de exemplo, *Comentarios Reales*, do cronista Inca Garcilaso de la Vega e *História de Tlaxcala*, de Diego Muñoz Camargo. São manuscritos de grande riqueza e complexidade, tendo em vista serem eles os que melhor definem o intrigante e ambíguo encontro entre a civilização europeia e a civilização indígena na América do século XVI. Um terceiro documento que poderia ser enquadrado como “mestiço” é a *Historia de las*

---

24 CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

25 BAUDOT, Georges; TODOROV, Tzvetan (orgs.). **Relatos astecas da conquista**. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 540.

26 RICOEUR, Paul. **O entrecruzamento da história e da ficção**. IN: Tempo e narrativa. Tomo III. São Paulo: Papirus, 1997.

27 LINARES, Federico Navarrete. Prefácio. In: SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 9.

28 Ibidem, p. 9-10.

*Índias de Nueva España* ou *Códice Durán*, redigido pelo frade dominicano Diego Durán, um espanhol natural de Sevilha, que chegou ao México ainda na infância. Todorov (2016) observa que, embora Durán não seja mestiço no sentido étnico, pode ser considerado um modelo máximo dessas “mestiçagens culturais” do Novo Mundo pela sua tentativa, ainda que contraditória, de reconciliar as religiosidades judaica e cristã.<sup>29</sup>

O historiador francês Serge Gruzinski (2001), em sua conhecida obra *O pensamento mestiço* foi, talvez, quem melhor definiu o conceito de *mestiçagem*, utilizado por esse autor para “designar as misturas que ocorreram em solo americano entre seres humanos, imaginários e formas de vida, vindos de quatro continentes – América, Europa, África e Ásia”.<sup>30</sup> Segundo o que entende Gruzinski, as mestiçagens do Novo Mundo resultaram diretamente do caos da América invadida, da conquista, da ocidentalização e do mimetismo exercido pelos índios. Desse modo, prossegue, foram uma reação de sobrevivência dos indígenas frente ao repentino processo de invasão, dominação e exploração europeia: “Assim, há que se imaginar as mestiçagens americanas a um só tempo como um esforço de recomposição de um universo desagregado e como um arranjo local dos novos quadros impostos pelos conquistadores”.<sup>31</sup>

O caos gerado pela invasão europeia na América promoveu uma verdadeira desorientação no seio das sociedades americanas. Com o enfraquecimento das tradicionais lideranças, os efeitos devastadores das epidemias e com a proibição de exercerem suas práticas religiosas, os indígenas perderam grande parte de suas antigas referências. Se também é verdade que, por parte dos colonizadores, o convívio com povos radicalmente diferentes exigiu todo um processo de interpretação e adaptação, foi todavia, sobre as sociedades indígenas que recaíram os resultados mais cruéis da desorientação, tornando suas práticas e costumes desprovidos de sentido e legitimidade: “Criaturas e coisas estavam privadas de sua aura ou de sua força, pois os laços que as uniam à concepção global, por assim dizer metafísica, da vida e do cosmo se desfaziam”.<sup>32</sup> Ana Raquel Portugal (2015) também pondera que, para as diversas sociedades indígenas do Novo Mundo, a conquista e a dominação espanhola refletiram “a desarticulação das estruturas e, por vezes, a formação de costumes sincréticos”.<sup>33</sup>

---

29 TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 307-308.

30 GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 62.

31 Ibidem, p. 110.

32 Ibidem, p. 84.

33 PORTUGAL, AR. Confluência cultural nas Crônicas das Índias. In: PORTUGAL, AR; HURTADO, LR., (org.). **Representações culturais da América indígena** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São

É preciso levar em consideração que, tanto as sociedades pré-hispânicas dos Andes Centrais quanto as que habitavam a Mesoamérica (especialmente as do atual México) possuíam suas próprias visões cosmogônicas e seus próprios modelos de compreensão do tempo, do espaço e do passado.<sup>34</sup> Ao analisar a irrupção de outras formas de percepções do real que não a dos próprios índios, Gruzinski (2003) reforça que: “A ‘realidade’ colonial transcorria num tempo e num espaço distintos, baseava-se em outros conceitos de poder e de sociedade, desenvolvia abordagens específicas da pessoa, do divino, do sobrenatural e do além”.<sup>35</sup> Essas particularidades, seguramente, influenciaram no modo como os diferentes grupos sociais andinos e mesoamericanos reagiram, interpretaram e adaptaram suas práticas, vivências e sociabilidades no transcorrer do processo de afirmação do contato com a cultura ocidental.

A ocidentalização da cultura andina e mesoamericana foi, possivelmente, um dos efeitos mais marcantes e visíveis dos embates que ocorreram na América Hispânica ao longo dos séculos XVI e XVII. Conforme observou Gruzinski (2001): “A ocidentalização cobre o conjunto dos meios de dominação introduzidos na América pela Europa do Renascimento: a religião católica, os mecanismos do mercado, o canhão, o livro ou a imagem”.<sup>36</sup> Projetada de diversas formas, essa “europeização” abrangia diferentes grupos e instituições do Velho Mundo – monges, juristas e conquistadores –, arduamente empenhados na tarefa de conquistar e cristianizar as sociedades americanas.<sup>37</sup> No México, os religiosos franciscanos construíram escolas e mosteiros e ensinaram os filhos da nobreza nahua a ler e escrever em espanhol e latim, além de lhes apresentarem os famosos textos da literatura clássica.<sup>38</sup> Na arte, os jovens estudantes indígenas aprendiam as formas e o estilo renascentista europeu, ação que acelerou e consolidou o movimento irreversível de ocidentalização das antigas imagens íncolas.<sup>39</sup>

No decorrer do século XVI, em um procedimento deliberado e realizado por etapas, ocorrera uma intensa cristianização do imaginário indígena. Entre as elites nahuas e quechuas houve até mesmo apropriações e ressignificações de conceitos oriundos da

---

Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Desafios contemporâneos collection, p. 43-58, p. 45. Disponível em: <http://books.scielo.org/>. Acesso em: 12 de julho de 2021.

34 SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Textos e Imagens, Histórias e Cosmologias Indígenas da Mesoamérica e Andes Centrais**. São Paulo: Intermeios, 2020.

35 GRUZINSKI, Serge. **A Colonização do Imaginário: Sociedades indígenas e colonização no México espanhol-séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 271.

36 GRUZINSKI, op. cit. 2001, p. 94.

37 Ibidem, p. 94.

38 Ibidem, p. 99.

39 GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens: De Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 14-15.

religiosidade cristã.<sup>40</sup> Absorvia-se o sobrenatural cristão embora esse não possuísse nenhum equivalente nas suas línguas maternas, o que deturpava sua forma e seu sentido e gerava uma série de erros e de mal-entendidos. O mesmo ocorria quando os europeus, na tentativa de compreender os mitos e as crenças autóctones, traduziam os nomes dos deuses e outros seres sobrenaturais e atribuíam a eles significados próprios do imaginário ocidental.<sup>41</sup> Como enfatiza Elliott (1984), também para os colonizadores: “El ajuste del Nuevo Mundo dentro de los horizontes mentales de Europa constituyó un proceso lento y supuso certa alteración de las formas de pensamiento establecidos”.<sup>42</sup>

As áreas de colonização espanhola na América foram, conseqüentemente, locais de intensa atuação da Igreja na conversão e na repressão de antigos costumes e crenças indígenas. Os sacerdotes católicos agiam para que os ameríndios assimilassem a estrutura dualista cristã do bem e do mal e a ideia da salvação e da redenção da alma tão caras ao imaginário cristão.<sup>43</sup> Muitas vezes, a adoção da religiosidade estrangeira pelos índios funcionava como um mecanismo interno de defesa contra as perseguições e as práticas inquisidoras da Igreja.<sup>44</sup> Por outro lado, os próprios europeus podiam recorrer aos mitos americanos, tanto para lhes acrescentar um significado moral quanto para enquadrá-los no âmbito dos mitos da tradição clássica/renascentista. Um exemplo do segundo caso foi a provável associação por parte dos cronistas espanhóis da prática da sodomia (homossexualidade) aos gigantes presentes nos mitos andinos.<sup>45</sup>

A noção de um pensamento mestiço, nos termos propostos por Gruzinski, foi de suma importância para a abordagem dos diferentes mitos do gigantismo presentes no imaginário de determinados povos pré-hispânicos localizados nos Andes e na Mesoamérica no decorrer dos séculos XVI e XVII. Outros conceitos derivados dessa mesma concepção, entre os quais os de cristianização e colonização do imaginário e ocidentalização das crenças e das imagens, foram fundamentais para a compreensão de como as referidas sociedades indígenas e europeias se comportaram ou se adaptaram diante de influências mentais recíprocas. É importante, também, ressaltar a notória complexidade decorrente do “encontro” entre culturas e/ou imaginários divergentes, em que pese aqui, de um lado, a riqueza semântica desses dois conceitos, e do outro, a própria

---

40 SANTOS, op. cit., p. 125.

41 GRUZINSKI, op. cit. 2003, p. 273.

42 ELLIOTT, J. H. **El viejo mundo y el nuevo**. Madrid: Alianza Editorial, 1984, p. 71.

43 GRUZINSKI, op. cit. 2003, p. 280.

44 HORSWELL, Michael J. **La descolonización del ‘sodomita’ en los Andes coloniales**. Quito: Ediciones Abya-Yala. 2013, p. 146.

45 CIEZA DE LEÓN, op. cit., p. 151.

diversidade interna das sociedades e culturas ameríndias, com seus múltiplos mitos, crenças, superstições e sistemas de imagens.

Dito isso, dividimos o assunto analisado no presente capítulo em dois recortes geográficos centrais: no primeiro, abordamos o já mencionado mito dos gigantes andinos, criaturas extraordinárias e desmesuradas que teriam habitado os Andes nos primórdios dos tempos, de acordo com inúmeros cronistas espanhóis. Na segunda parte, tratamos das diversas narrativas dos seres colossais (*Quinametzin*) que teriam habitado o México Central em eras pretéritas, e de como as lendas dos antigos mexicanos foram inseridas no imaginário dos cronistas, especialmente dos padres franciscanos e dominicanos que atuaram no México Colonial, a partir da conquista espanhola. Em ambos os casos, procuramos compreender a natureza desses mitos “pré-hispânicos”, reinscritos a partir das reminiscências do imaginário antigo/medieval e da difusão das imagens cristãs no contexto colonial da América Hispânica.

## 1.2. O mito dos gigantes sodomitas

Um dos primeiros relatos sobre os gigantes que teriam habitado a região andina, encontramos na narrativa de Agustín de Zárate, administrador real e cronista, que nasceu em Valladolid, por volta do ano de 1514. Zárate era filho de um alto funcionário cortesão – escrivão da câmara no Conselho da Suprema Inquisição e do Conselho Real de Castela (Zárate assumiria o posto de seu pai, nessa mesma instituição, em 1532). O cronista chegou ao Novo Mundo em 1544, onde exerceu o cargo de contador da *Real Hacienda* do Vice-Reino do Peru, retornando para a Europa dois anos depois.<sup>46</sup> Em sua obra intitulada *Historia del descubrimiento y conquista de la provincia del Peru*, escrita entre os anos de 1544 e 1550,<sup>47</sup> o espanhol recorre às narrativas orais coletadas dos anciãos indígenas locais para descrever em pormenores o modo de vida, a aparência e os costumes desses seres descomunais que teriam aportado nos primórdios dos tempos no lugar denominado pelos europeus de Cabo ou Ponta de Santa Elena, nas proximidades de Puerto Viejo, no então, Vice-Reino do Peru (atual Equador).

---

46 HAMPER MARTÍNEZ, Teodoro. Agustín de Zárate, contador y cronista indiano (**Estudio biográfico**). In: *Mélanges de la Casa de Velázquez*, tome 27-2, 1991. Epoque moderne. p. 129-154, p. 131-132. Disponível em: <https://www.persee.fr/>. Acesso em: 14 de setembro de 2019.

47 Porém, vale destacar que a obra veio a público somente com a impressão na cidade de Antuérpia no ano de 1555, quando Zárate exercia o cargo de Governador do Tesouro da Holanda. Sua crônica obteve grande sucesso ao descrever os acontecimentos do Vice-Reino do Peru, sendo reimpressa nas décadas seguintes em diversos idiomas, espanhol, italiano, holandês, inglês e francês (HAMPER MARTÍNEZ, 1991, p. 129).

De acordo com as descrições do autor de *Historia del descubrimiento*, os “índios da terra” o haviam informando sobre seres de elevadíssima estatura que teriam habitado Santa Elena em um passado muito remoto. A origem desses indivíduos gigantesco era desconhecida, embora possuíssem hábitos alimentares semelhantes aos dos demais habitantes da região. Dessa forma, nutriam-se, basicamente, de pescado e, sendo exímios pescadores, valiam-se de certas balsas que lançavam ao mar para pescar tubarões, golfinhos e outros peixes muitos grandes. Eram criaturas extremamente vorazes, uma vez que um único gigante comia mais comida do que trinta índios. Não tinham qualquer vestimenta e subjugavam as sociedades locais com muitíssima crueldade: “andaban desnudos por la dificultad de hacer los vestidos; eran tan crueles, que sin causa ninguna mataban muchos indios, de quien eran muy temidos”.<sup>48</sup>

Não é possível identificar com exatidão quem seriam esses “índios da terra” que o cronista espanhol alega terem sido seus informantes. Sabe-se, contudo, que Zárate, na condição de administrador da *Real Hacienda* teve contato com inúmeras personagens durante o período em que esteve no Vice-Reino do Peru, e contou com o serviço pessoal dos índios do *repartimiento (encomienda)* de Chíncha<sup>49</sup>, que comumente lhes traziam mantimentos e outras provisões.<sup>50</sup> Vale destacar que Zárate estabeleceu uma relação de mútua confiança com seus informadores, fato que o diferencia substancialmente de outros cronistas europeus do mesmo período. Desse modo, o administrador real questiona veementemente o pouco crédito que esses indígenas teriam recebido dos espanhóis ao divulgarem as notícias sobre a existência desses gigantes de Santa Elena, até que “siendo teniente de gobernador en Puerto-Viejo el capitan Juan Olmos, natural de Trujillo, en el año de 1543 y oyendo todas estas cosas, hizo cavar en aquel valle, donde hallaron tan grandes costillas y otros huesos”.<sup>51</sup>

Conforme apontam os diversos cronistas quinhentistas e seiscentistas os mitos sobre esses terríveis seres monstruosos e sobrenaturais estavam muito bem guardados na

---

48 ZARATE, op. cit., p. 10.

49 Chíncha era uma *encomienda* estrategicamente situada no litoral peruano e, que à época de Agustín de Zárate gozava de grande prestígio político e econômico. Suas principais atividades econômicas eram o comércio de produtos agrícolas, conchas marinhas e metais preciosos (HAMPER MARTÍNEZ, 1987, p. 80-81). Sobre o assunto ler: HAMPER MARTÍNEZ, Teodoro. Notas sobre a encomienda real de Chíncha en el siglo XVI (Administración y tributos). **Fénix**: Revista de la Biblioteca Nacional del Perú. N.32-33, 1987. Disponível em: <http://revistafenix.bnp.gob.pe/index.php/fenix/article/view/326/1669>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

50 HAMPER MARTÍNEZ, Teodoro. Agustín de Zárate: precisiones en torno a la vida y obra de un cronista indiano. In: **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, n°45, 1985. p. 21-36, p. 27. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/carav\\_0008-0152\\_1985\\_num\\_45\\_1\\_2242](https://www.persee.fr/doc/carav_0008-0152_1985_num_45_1_2242). Acesso em: 13 de julho de 2021.

51 ZARATE, op. cit., p. 10.

memória coletiva das sociedades indígenas dos andes peruanos, que transmitiam para as gerações posteriores descrições sobre a aparência e outras particularidades dos gigantes. Ao comentar sobre a ausência de escritura, livros ou ilustrações entre os povos pré-hispânicos dos Andes, Zárate observa que essa e outras lendas eram contadas por meio do quipos, cordas de algodão “denotando los numeros por nudos de diversas hechuras, subiendo por el espacio de la cuerda desde las unidades a decenas, y asi dende arriba, y poniendo la cuerda del color que es la cosa que quieren mostrar”.<sup>52</sup>

O mito apresentado pelo escritor espanhol em sua narrativa sobre o passado andino trata de seres extremamente desmesurados e disformes que, ambigualmente, apresentam diversas características e costumes tipicamente humanos: voracidade, soberba, crueldade, hábitos alimentares e comportamentos. São entes caóticos, que simbolizam as trevas e promovem a desordem, senhores absolutos de um passado longínquo no qual havia total ausência de leis e normas sociais, elementos máximos da “civilização”. O apetite desenfreado revela uma concepção corporal grotesca, cuja boca devoradora tem sua característica mais marcante, e em torno da qual gravita uma série de metáforas e hipérboles. Ao analisar o simbolismo do corpo burlesco em François Rabelais e suas fontes, Bakhtin observa (2010) que: “A boca domina. O rosto grotesco se resume afinal em uma boca escancarada, e todo o resto só serve para emoldurar essa boca, esse abismo corporal escancarado e devorador”.<sup>53</sup>

Importa sublinhar que Zárate foi um escritor de forte orientação humanística, um homem letrado que transitou entre as personagens mais ilustres do seu tempo. Sua crônica e seu estilo literário revelam suas principais fontes de informação e inspiração que, seguramente, vão além dos relatos obtidos dos informantes indígenas, ao mencionar diretamente diversos escritores gregos, romanos e renascentistas.<sup>54</sup> Dessa forma, pode-se conjecturar que tenha mesclado elementos mitológicos das tradições andinas a outros próprios do imaginário clássico/renascentista, dando origem a um mito híbrido, dotado de uma essência eminentemente moralista. Conforme destaca Horswell (2013), muitas vezes “los mitos indígenas fueron manipulados con propósitos ideológicos, un proceso de transculturación en el cual los informantes indígenas y los historiadores españoles contribuyeron a la creación de un cuerpo literario heterogéneo”.<sup>55</sup>

---

52 ZARATE, op. cit., p. 10.

53 BAKHTIN, op. cit., p. 277.

54 HAMPER MARTÍNEZ, op. cit. 1991, p. 31.

55 HORSWELL, op. cit., p. 314.



Nas sociedades dos Andes Centrais, situadas cronologicamente no contexto colonial quinhentista, a figura mítica do gigante foi anunciada por vários cronistas europeus, sobretudo espanhóis, que estiveram no Peru Antigo e se valeram dos relatos orais indígenas. Como demonstra Estefanía Gabriela López (2020): “Las descripciones hablan de que arribaron unos pueblos de gigantes, caracterizados como criaturas que irrumpe en la vida de los seres humanos y genera caos, libres de normas morales impuestas”.<sup>56</sup> Nessas narrativas mitológicas o gigantismo simboliza a decadência, a violência e a destruição. São criaturas arrogantes que aparecem com frequência nos primórdios da criação da humanidade e se rebelam contra os deuses.<sup>57</sup> Na transcrição dos relatos indígenas, tais lendas adquiriram um *corpus* literário próprio, ressurgindo em inúmeras crônicas ao longo dos séculos XVI e XVII.<sup>58</sup>

Uma descrição semelhante do mito andino foi a que nos legou Pedro Cieza de León, um cronista e soldado castelhano contemporâneo de Zárate, que chegou à América, ainda adolescente, com o objetivo de fazer fortuna. Quando aportou em terras do Novo Mundo, o futuro combatente estabeleceu-se em Nova Granada como Pedro de León (nome que aparece em suas referências de embarque e outros documentos granadinos). Nessa região, participou de diversas expedições, seguindo ordens de conquistadores conhecidos como Alonso de Cáceres, Jorge Robledo e Sebastián de Benalcázar. Chegou ao Vice-Reino do Peru já com o nome de Pedro Cieza de León e, no ano de 1547, incorporou-se ao exército de Pedro de la Gasca, bispo e diplomata espanhol, responsável pela pacificação do Peru durante as rebeliões de Gonzalo Pizarro (irmão do conquistador Francisco Pizarro). Depois da guerra, visitou diversas partes do vice-reino, entre os quais o planalto do lago Titicaca e a região de Charcas.<sup>59</sup>

Em sua *Crónica del Peru*, obra escrita na década de 1540 e publicada no ano de 1553,<sup>60</sup> Cieza de León dedica ao mito um capítulo inteiro, apresentando ao leitor diversas novidades em sua narrativa. Na versão da lenda narrada pelo cronista, os gigantes eram forasteiros que, em tempos longínquos, teriam desembarcado no Cabo de Santa Helena

---

56 LÓPEZ TAPIA, Estefanía Gabriela. **El símbolo del gigante dentro de la mitología indígena transcrita del Ecuador**. 2020, p. 58. Tese de Doutorado. Universidad de las Artes. Disponível em: <https://dspace.uartes.edu.ec/bitstream/123456789/328/1/Formato%20digital%20Tesis.pdf>. Acesso em: 11 de julho de 2021.

57 Ibidem, p. 25.

58 HORSWELL, op. cit., p. 149.

59 PEASE GY, Franklin. Prefácio. In: CIEZA DE LEÓN, Pedro de. **Crónica del Peru**: El señorío de los incas. Caracas, Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005, p. 10-11. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/211665.pdf>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

60 A primeira parte da *Crónica del Peru* foi publicada na imprensa de Martín Montedoca, no ano de 1553. O restante da obra permaneceu inédito até o final do século XIX e inícios do século XX.

após navegar pelo mar em grandes balsas de junco parecidas com barcas. Eram homens de elevadíssima estatura, ao ponto “que tenía tanto uno de ellos de la rodilla abajo como um hombre de los comunes en todo el cuerpo”.<sup>61</sup> Apesar da aparência humanoide, esses brutamontes possuíam corpos e membros igualmente disformes, cabeça monstruosa e olhos tão descomuns que se assemelhavam a pequenos pratos. Ademais, não tinham barbas, ostentavam cabeleiras que chegavam até a altura das costas, andavam totalmente desnudos ou se vestiam com trajes confeccionados da pele de animais e, curiosamente, não traziam mulheres consigo.<sup>62</sup>

Os gigantes descritos pelos informantes indígenas de Cieza de León aportaram em Santa Elena e ali estabeleceram residência permanente. Para suprir a ausência de água cavaram uns poços desmesurados e de grande profundidade. Estabelecidos, tornaram-se verdadeiros agentes promotores do caos ao alterar o equilíbrio e a rotina das populações originárias. Tendo em vista que eram grandalhões, pisavam, comiam e destruíam todo o alimento encontrado na terra. Eram homens gananciosos e insaciáveis, cada um comia mais do que cinquenta indivíduos de tamanho normal. Pescavam todos os peixes que encontravam no mar com suas redes e aparelhos, provocando, conseqüentemente, o desequilíbrio alimentar dos seus opositores. Assim como na versão apresentada por Zárate, esses indivíduos são relatados como adversários cruéis dos indígenas da região, a quem desaforavam, violentavam suas esposas e as matavam. Os antigos moradores teriam inicialmente tentado opor-se aos forasteiros, mas uma vez derrotados foram obrigados a aceitá-los nas proximidades do Cabo de Santa Elena.<sup>63</sup>

Uma tentativa de compreensão do mito em questão só é possível quando analisamos outros aspectos da obra do cronista e soldado espanhol. As desordens, o caos e as irregularidades são imperativos utilizados com frequência na sua descrição da “história” quéchua. Para descrevê-la, Cieza de León recorre a um passado muito distante, onde os nativos careciam da razão e da inteligência, pois eram indivíduos bestiais que serviam ao diabo, praticando os mais horrendos pecados, entre os quais o incesto e o canibalismo: “muchos comían carne humana, y otros tomaban a sus hijas y madres por mujeres, cometiéndose en esto otros pecados mayores y más graves teniendo cuenta con el demonio, al cual todos ellos servían y tenían en grande estimación”.<sup>64</sup>

---

61 CIEZA DE LEÓN, op. cit., p. 150.

62 Ibidem, p. 150.

63 Ibidem, p. 150-151.

64 Ibidem, p. 108-109.

Diferentemente do seu contemporâneo Agustín de Zárate, a relação de Cieza de León com os informantes indígenas do Peru é ambígua e contraditória. Sua primeira reação diante dessas narrativas mitológicas foi duvidar dos relatos de “pessoas comuns” que, segundo ele, teriam predisposição para engradecer os fatos para além daquilo que realmente foram.<sup>65</sup> Desse modo, atribui integralmente a responsabilidade da veracidade das informações sobre os gigantes aos habitantes “naturais da terra”, valendo-se de um recurso linguístico engenhoso que lhe permite transmitir o mito sem comprometer a reputação da sua escrita. Em um segundo momento, afirma que os índios receberam esses testemunhos dos seus pais, concluindo sua opinião de que acredita que esses mesmos relatos podiam ser verdadeiros, uma vez que os espanhóis encontraram, nessa mesma terra, diversos restos mortais com ossos grandíssimos.<sup>66</sup>

Cieza de León possuía um ótimo domínio da língua quéchua, o que certamente colaborou no estabelecimento de intercâmbios mais complexos com a cultura andina e o influenciou no trato com os seus entrevistados. Além disso, o cronista hispânico contou com a colaboração dos administradores oficiais do Império Inca (*curacas*), dos nobres nativos (*orejones*) e dos funcionários do Estado que eram especializados na utilização dos quipos (*quipucamayoc*).<sup>67</sup> Valendo-se desses inúmeros mensageiros, pretendia escrever uma história peruana global, que explicasse desde suas origens mais remotas, até sua contemporaneidade. Em carta dedicatória ao príncipe Felipe para a edição publicada em Sevilha em 1553 na imprensa de Martín Montedoca, faz a seguinte ponderação: “habiendo yo pasado al Nuevo Mundo de Indias, donde en guerras y descubrimientos y poblaciones de pueblos he gastado lo más de mi tiempo sirviendo a su majestad, a que yo siempre he sido muy aficionado, determiné tomar esta empresa, de escribir las cosas del memorable y gran reino del Perú”.<sup>68</sup>

Durante o século XVI, o mito andino difundido inicialmente por Zárate e Cieza de León tinha ganhado fama e peso literário suficientes para ser descrito por autores localizados em outras regiões da América. O cronista mexicano Pedro Gutiérrez de Santa Clara redige inúmeras páginas sobre esse tema no terceiro tomo de sua obra intitulada *Historia de las guerras civiles del Peru (1544-1548) y de otros sucesos de la Indias*. De

---

65 Ibidem, p. 150.

66 Ibidem, p. 151-152.

67 FERNÁNDEZ, Teodosio. Pedro Cieza de León y su Crónica del Perú. In: BARRERA, Trinidad (Ed.). **Herencia cultural de España en América: poetas y cronistas andaluces en el nuevo mundo, siglo XVI: actas del I Encuentro de Literatura Hispanoamericana Colonial**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2007, p. 132.

68 CIEZA DE LEÓN, op. cit., p. 48.

origem *criolla* e *mestiça*, Gutiérrez de Santa Clara jamais pisou no antigo Vice-Reino do Peru,<sup>69</sup> não contando, portanto, com os relatos orais dos informantes indígenas, a exemplo dos cronistas mencionados anteriormente. Assim, baseara-se, essencialmente, nas informações obtidas da cópia excessiva de outros escritores, entre os quais Diego Fernández, López de Gómara, Zárate, Cieza de León e Fernández de Oviedo.<sup>70</sup> De todo modo, é curioso observar que o cronista tenha apresentado novidades importantes em sua narrativa sobre a lenda dos gigantes andinos.

De acordo com os relatos de Gutiérrez de Santa Clara, os habitantes mais antigos e velhos de Puerto Viejo contavam suas histórias sobre um passado longínquo, quando chegou à região uma grande quantidade de índios gigantescos. Os forasteiros vieram navegando pelo Pacífico da direção das Ilhas Molucas, e aportaram em Puerto Viejo, a bordo de grandes balsas ou barcas feitas de junco de madeira e que possuíam velas latinas trianguladas. Eram seres dotados de grande fúria e soberba, disformes tanto em altura quanto em grandeza, verdadeiros tiranos que massacravam os povos locais e os expulsavam de suas próprias terras. Impotentes e tomados de grande temor, os íncolas prontamente recorreram ao governante Topa Ynga Yupangue, para que esse os defendesse diante “de la endiablada furia y crueldad de aquellos luziferinos monstruos que auian aportado a su tierra”.<sup>71</sup>

Conforme o referido autor prossegue em sua *Historia*, os gigantes guerreavam valendo-se de paus, porretes de madeira e grandes pedras que lançavam com suas mãos na direção dos oponentes. Após um acordo de paz com Topa Ynga Yupangue, os intrusos se estabeleceram no Cabo de Santa Helena, onde cavaram enormes poços e construíram habitações fabricadas de palha.<sup>72</sup> Assim como os índios locais, viviam da caça de lebres, veados e pássaros selvagens, além do pescado que pegavam com suas enormes redes e fisgas. Como não haviam trazido mulheres consigo, violentavam as indígenas e partiam-nas ao meio por usarem de sua enorme força. Por não poderem mais relacionar-se com o sexo oposto e, diante dos ardis do demônio, tornaram-se praticantes do pecado nefando

---

69 VILLENA, Guillermo Lohmann. Gutiérrez de Santa Clara, un gigante con pies de barro. *Histórica*, v. 23, n. 2, p. 329-339, 1999, p. 332. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

70 PARSSINEN, Martti. Otras fuentes escritas por los cronistas: los casos de Martín de Morúa y Pedro Gutiérrez de Santa Clara. *Histórica*, v. 13, n. 1, p. 45-65, 1989, p. 51-51. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

71 GUTIÉRREZ DE SANTA CLARA, Pedro. *Historia de las guerras civiles del Peru (1544-1548) y de otros sucesos de la Indias*. Tomo Tercero. Madrid: Librería General de Victoriano Suarez, 1905, p. 566-567. Disponível em: <https://archive.org/details/historiadelasgue03gutiuft/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

72 Ibidem, p. 569-570.

(sodomias), o qual cometiam publicamente e sem constrangimentos. Ainda segundo Gutiérrez de Santa Clara: “Los naturales, quando supieron que estos yndios luziferinos ussauan este tan maldito peccado, dezian que aquellos eran perros y brutos animales, o que eran demonios que auian salido del ynfierno a este mundo en figura de hombres para obstentacion del mundo”.<sup>73</sup>

A sodomia dos gigantes andinos é um exemplo consistente de como os antigos mitos indígenas foram apropriados pelos cronistas da América Hispânica e transformados em fábulas de cunho fundamentalmente moralista. Embora esse tema adquira conotações bastante peculiares na obra de Gutiérrez de Santa Clara, ganhou projeção de fato nos relatos anteriores de Agustín de Zárate e Cieza de León. O primeiro contenta-se apenas em enfatizar que esses eram “muy dados al vicio contra natura”.<sup>74</sup> O segundo vai além, e atribui a existência da sodomia a três fatores principais que se complementam: a ausência de mulheres, a desproporção corporal dos gigantes em relação às “nativas” e a indução do “maldito demônio”. Dessa forma: “usaban unos con otros el pecado nefando de la sodomía, tan gravísimo y horrendo. El cual usaban y cometían pública y descubiertamente, sin temor de Dios, y poca vergüenza de sí mismos”.<sup>75</sup>

É possível que a associação dessa “lenda indígena” à prática da sodomia fosse uma tática utilizada pelos colonizadores para demonizar e rechaçar as crenças, os mitos e as religiosidades ameríndias. Ao observar o processo de ocidentalização e cristianização do imaginário das sociedades americanas à época da conquista e dominação espanhola, Gruzinski (2003) destaca que “a redução dos cultos indígenas ao demoníaco implicava, ao mesmo tempo, uma condenação moral e uma rejeição estética. Os deuses locais só podiam ser horrendos. O ícone indígena era imediatamente rebaixado à posição de ídolo proscrito e repugnante”.<sup>76</sup> No entanto, para Horswell (2013) poderia ser também uma estratégia de defesa interna dos indígenas locais, substituindo povos estrangeiros e imaginários que vieram do mar em balsas, no lugar dos indivíduos da própria cultura. Ainda, segundo Horswell, que estudou a fundo a sexualidade andina desse período, isso ocorreria no momento em que a homossexualidade nos Andes se tornara uma prática perigosa e suscetível de punição perante a Inquisição espanhola.<sup>77</sup>

---

73 Ibidem, p. 570-571.

74 ZARATE, op. cit., p. 10.

75 CIEZA DE LEÓN, op. cit., p. 151.

76 GRUZINSKI, op. cit., 2003, p. 276.

77 HORSWELL, op. cit., p. 146.

As reais condições que deram origem ao mito têm despertado a atenção de inúmeros estudiosos ao longo do tempo. Uma hipótese interessante é a que foi apresentada pelo historiador argentino Enrique de Gandía (1929). Em sua obra, intitulada *Historia crítica de los mitos de la conquista americana*, o autor atribui a origem da lenda à mescla de três influências distintas e complementares. A primeira seriam as supostas reminiscências de invasões polinésias na América do Sul, em tempos remotos, encontradas nos relatos indígenas e transformadas na lenda dos gigantes que vieram do Pacífico em suas enormes barcas.<sup>78</sup> A segunda, refere-se à influência dos mitos clássicos e medievais, difundidos pelo Novo Mundo por intermédio dos cronistas e viajantes europeus. Por fim, o descobrimento de grandes ossos de animais pré-históricos em diversos pontos da América, confundidos como restos humanos e que os descobridores acreditavam tratar-se de genuínos ossos de gigantes.<sup>79</sup>

Lendas semelhantes, provenientes do imaginário de outros povos ameríndios e de outras realidades geográficas da América, certamente também influenciaram no mito descrito pelos cronistas dos Andes. No *Popol Vuh*, documento datado do século XVI, que descreve a criação do mundo na perspectiva maia, os gigantes habitaram a terra quando não havia sol, lua ou estrelas. Eram criaturas arrogantes que se rebelaram contra os deuses nos momentos iniciais da criação.<sup>80</sup> O navegador e explorador espanhol Pedro Sarmiento de Gamboa, descreve um relato emblemático sobre o deus inca *Viracocha*. Segundo consta em sua *Segunda Parte de la Historia General Llamada Índica (1572)*, *Viracocha* criou no princípio um mundo obscuro, sem sol, sem lua e sem estrelas. Depois de terminar sua obra, o “deus criador” esculpiu um gênero de gigantes de disforme grandeza. No entanto, após concluir que não seria adequado fazer criaturas com a estatura maior do que a sua, encerrou sua invenção e criou os homens à sua semelhança.<sup>81</sup>

A análise das crônicas e relatos datados dos séculos XVI e XVII indica que, muito provavelmente, essas narrativas orais indígenas serviram para atizar a imaginação europeia sobre povos e lugares fabulosos. Desse modo, os cronistas, viajantes e caçadores de fortuna buscavam desesperadamente elementos concretos para reforçar suas crenças

---

78 GANDÍA, Henrique de. **Historia crítica de los mitos de la conquista americana**. Buenos Aires: Juan Roldán y Cía, 1929, p. 35. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-8911.html>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

79 Ibidem, p. 37-38.

80 LÓPEZ TAPIA, op. cit. p. 57.

81 ORTEGA, Aleksín H., " Segunda Parte de la Historia General Llamada Índica (1572) de Pedro Sarmiento de Gamboa. Estudio y Edición Anotada." (2018). **Trabalhos acadêmicos da CUNY**. [https://academicworks.cuny.edu/gc\\_etds/2482](https://academicworks.cuny.edu/gc_etds/2482). Acesso em: 15 de julho de 2021.

preestabelecidas e que pudessem justificar, por associação, a existência desses seres gigantescos nas eras primordiais do Novo Mundo. Consequentemente, sobretudo nos relatos dos escritores espanhóis sobre a América Hispânica, acha-se uma infinidade de descrições de lugares e obras grandiosas que teriam sido construídas pelas mãos de indivíduos igualmente desmesurados – templos, pirâmides, poços, etc., além da existência de ídolos de madeira ou metal com aparência gigantesca e monstruosa.

Em *Comentarios Reales (1609)*, o Inca Garcilaso de la Vega descreveu com enorme deslumbramento as grandes construções de um sítio arqueológico pré-colombiano, localizado próximo à margem sudeste do lago Titicaca. Quem poderia ter construído tamanhas maravilhas, senão homens de estatura desmensurada? Para o cronista mestiço, uma colina enorme, edificada sobre grandes fundações, além de uma muralha gigantesca, não poderiam ter sido levantadas senão por homens de uma estatura condizente com o tamanho da façanha realizada. Separado da dita colina, duas figuras de gigantes esculpidas em pedras, com longas vestimentas e cocares nas cabeças, mostravam sua antiguidade, e comprovavam as narrativas sobre os sodomitas de Santa Helena.<sup>82</sup> Em *Noticias Historiales*, o frei franciscano Pedro Simón, também menciona que os espanhóis encontraram nas terras peruanas ídolos de madeira, esculpidos na forma de gigantes e revestidos com ouro finíssimo. Possuíam aspecto e semelhança de homens e mulheres e eram adorados pelos índios que lhes ofereciam oferendas.<sup>83</sup>

Em relação aos vestígios fósseis, há diversos relatos sobre descobertas casuais de “ossos de gigantes” e até mesmo de escavações propositais, empreendidas por autoridades da Coroa, com o objetivo de verificar as informações dos índios sobre os gigantes de Santa Helena e de outras regiões da América. Para os cronistas e exploradores espanhóis, esses ossos atestavam os relatos míticos das sociedades indígenas de diferentes regiões do Novo Mundo. Vale ressaltar que no século XVI e parte do XVII, esses aventureiros “arqueólogos” não contavam com uma ciência arqueológica elaborada e, tampouco, com ferramentas mais sofisticadas e técnicas refinadas de escavação. Esses fatores, certamente, abriam margem para toda sorte de interpretações equivocadas a respeito da natureza e origem dos fósseis encontrados no novo continente e em outras partes do mundo.

---

82 DE LA VEGA, op. cit., p. 228.

83 SIMÓN, Pedro. **Noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales**. Tomo IV. Bogotá: Casa editorial de Medardo Rivas, 1892, p. 31. Disponível em: <https://reclus.files.wordpress.com>. Acesso em: 24 de setembro de 2019.

Em sua *Crónica del Peru* Cieza de León garante ter entrevistado alguns espanhóis que viram um pedaço de dente que pesava mais de meia libra, além de um estilhaço de osso de uma panturrilha que era uma verdadeira maravilha da natureza pelo tamanho colossal.<sup>84</sup> Zárate, por sua vez, afirma que o Governador de Puerto-Viejo, Juan Olmos, resolvera escavar um vale no ano de 1543 com base nas informações dos indígenas locais. Ali encontraram grandes costelas, além de vários outros ossos, tão “desproporcionados e disformes” que, não fosse a existência das cabeças, não seria possível acreditar que se tratavam de esqueletos humanos.<sup>85</sup> No México, o conquistador e cronista Bernal Díaz del Castilho, corrobora essas informações, assegurando que o capitão Hernán Cortés e os oficiais reais concordaram em enviar para o rei Carlos V um quinto do ouro adquirido no México, após o saque dos tesouros de Montezuma e Guatémuz. O espólio incluía esmeraldas, joias muito finas e outras relíquias, além de pedaços de ossos de gigantes que haviam sido encontrados em um templo em Cuyuacán e algumas grandes panturrilhas que localizaram em Tlaxcala.<sup>86</sup>

Em sua *Historia general de las Indias*, o historiador oficial da Coroa Espanhola, López de Gomara relata a descoberta de grandes ossos e caveiras de gigantes no então Vice-Reino do Peru, com dentes pretos que mediam incríveis três dedos de largura e quatro de comprimento.<sup>87</sup> O frade franciscano Bernardino de Sahagún, em sua obra intitulada *Historia General de las cosas de Nueva España*, reforça o coro, alegando que esses ossos muito grandes e maciços e, uma vez que fossem moídos, eram muito bons para curar hemorragias e outras doenças, sendo que para isso bastava prepará-los e beber com cacau.<sup>88</sup> Também no Velho Mundo, essas relíquias fabulosas fomentaram a imaginação e a criatividade de muitos estudiosos e artistas ao longo dos séculos XVI e XVII. No ano de 1642, o gravador barroco de procedência italiana, Jean-Baptiste Coriolan, desenhou dentes gigantescos na edição ilustrada de *Monstrorum Historia* (História dos Monstros), uma enorme enciclopédia composta de 13 volumes sobre História Natural, de autoria do naturalista italiano Ulisse Aldrovandi (Figura 1).

---

84 CIEZA DE LEÓN, op. cit., p. 152.

85 ZARATE, op. cit., p. 10.

86 DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México: Oficina tipográfica de la Secretaría de fomento, 1904, p. 652. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

87 LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. **Historia General de las Indias**. [S.l.]: Editorial del cardo, 2003, p. 222-223. Disponível em: <https://www.biblioteca.org.ar/libros/92761.pdf>. Acesso em: 21 de setembro de 2019.

88 SAHAGÚN, Bernardino. **Historia General de las cosas de Nueva España. Tomo III**. 1540. México: Imprenta del Ciudadano Alejandro Valdés, calle de Santo Domingo, y esquina de lacuba. 1830, p. 285. Disponível em: <http://www.HistoriaDelNuevoMundo.com>. Acesso em: 15 de julho de 2021.



Figura 1 – Dentes de gigantes.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Os cronistas europeus dos séculos XVI e XVII acreditavam que os vestígios ósseos de grandes animais “pré-históricos” eram provas irrefutáveis da existência dos antigos gigantes que teriam habitado diversas regiões da América. Fragmento da Ilustração de Jean-Baptiste Coriolan para a coletânea *Monstrorum Historia*, de Ulisse Aldrovandi. Dimensões da imagem integral: 23 x 34 cm. Bononiae, 1642. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23006724/f27.item.zoom>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

### 1.2.1. Queda e castigo dos gigantes sodomitas

Conforme mencionamos brevemente ao longo do presente estudo, a sodomia foi projetada pelos colonizadores europeus sobre as diversas sociedades ameríndias, como uma estratégia para inferiorizar e demonizar suas religiosidades, seus mitos, divindades e costumes. A homossexualidade era uma característica tão recorrente entre os indígenas quanto em grupos humanos de outros continentes. No entanto, no contexto da dominação e colonização espanhola na América, houve até mesmo a fabulação de uma “sodomia imaginária”, segundo o que observa Emanuele Amodio (2012) em um artigo intitulado *El detestable pecado nefando*.<sup>89</sup> De acordo com Amodio, no caso do mundo ibero-

<sup>89</sup> AMODIO, Emanuele. El detestable pecado nefando. Diversidad sexual y control inquisitorial en Venezuela durante el Siglo XVIII. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea] (Puesto en línea el 11 julio

americano do contexto colonial europeu, “mientras que los grupos dominantes de la naciente España producían desviados sexuales internos como mecanismo de control y normalización, de la misma manera utilizaban estos dispositivos en el contacto con sociedades y culturas diferentes”.<sup>90</sup>

Ao comentar a sexualidade dos índios gigantescos de Santa Helena, tanto os cronistas hispânicos como os de procedência mestiça acrescentaram diversas características, personagens e elementos que são próprios da tradição e do imaginário judaico/cristão. Assim, a lenda do castigo e da queda dos sodomitas que chegaram àquela região a bordo de suas enormes balsas de junco, foi um assunto recorrente na literatura de viagem durante a conjuntura colonial quinhentista. Os principais divulgadores do mito são unânimes em descrever a figura de um anjo celestial, tipicamente cristão, que teria descido do céu no meio de chamas ardentes e destruído os gigantes por serem praticantes assíduos do pecado nefando. A depender da narrativa, acrescenta-se um ou outro ingrediente, dando uma nova roupagem ao mito autóctone.

Um dos primeiros europeus difusores da lenda, Zárate relata em suas *Historias* que, enquanto os gigantes praticavam o pecado *contra natura* (sodomia), um jovem resplandecente como o sol desceu subitamente do céu e atirou bolas de fogo na direção dos pecadores, que recuaram a um vale para serem mortos pelo soldado celestial. Ao ouvir supostamente o relato dos próprios indígenas, o cronista espanhol conclui que o jovem reluzente era, na verdade, um anjo do céu, enviado por Deus para fazer justiça na terra assim como fizera com Sodoma e Gomorra e em outras partes do mundo.<sup>91</sup> Seu contemporâneo, Cieza de León, atribui diretamente a figura do anjo cristão ao relato dos informantes indígenas. Na versão do autor de *Crónicas del Peru*, duas personagens do imaginário judaico/cristão assumem o protagonismo da narrativa: o Diabo, um ser astuto e cruel é o responsável por desvirtuar a criação divina e induzir ao mais abominável dos pecados. Por outro lado, Deus é o criador de todas as coisas e não se presta a tolerar tamanho desvio, enviando assim fogo do céu “temeroso y muy espantable, haciendo gran ruido, del medio del cual salió un ángel resplandeciente con una espada tajante y muy refulgente, con la cual de un solo golpe los mató a todos, y el fuego los consumió, que no quedó sino algunos huesos y calaveras”.<sup>92</sup>

---

2012, consultado el 28 diciembre 2012). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/nuevomundo.63177>. 04 de agosto de 2020.

90 Ibidem, p. 2.

91 ZARATE, op. cit., p. 10.

92 CIEZA DE LEÓN, op. cit., p. 151.

Uma narrativa emblemática e controversa sobre a destruição dos gigantes sodomitas encontra-se na obra do frei franciscano Pedro Simón. Na segunda e terceira parte de *Las Noticias historiales*, o religioso teria obtido informações dos índios de Tolú (atual Colômbia), sobre indivíduos de corpos três vezes maiores do que dos homens comuns e, que na mesma proporção, eram suas forças e refeições. Eram “cruéis e bestiais”, dotados de costumes rudes e praticantes do pecado nefando. Juntavam-se, ocasionalmente às mulheres, a quem aborreciam de morte, com o objetivo exclusivo da procriação, sendo que, quando nasciam meninas dessas relações, matavam-nas afogadas com as mãos. Conforme prossegue Pedro Simón, “no quedaron sin castigo estas abominaciones, siéndoles verdugo el cielo con rayos que les arrojó y consumió hasta el último (...). No escogió el Señor á éstos ni les comunicó el camino de la ciencia, sino que perecieron, y porque les faltó la sabiduría se perdieron por su inconsideración”.<sup>93</sup>

Na maioria das narrativas do contexto colonial da América Andina, os gigantes são indivíduos do sexo masculino, que não contraíam matrimônio, tanto pela ausência de gigantas quanto pela impossibilidade de se relacionarem com as mulheres indígenas. Curiosamente, a grande maioria dos cronistas não fornece explicações de como esses seres se reproduziam e se multiplicavam em solo americano. Nesse sentido, o relato de Pedro Simón é único, seja por acrescentar à lenda a existência de relações sexuais com as indígenas de Tolú, como também pela inclusão do infanticídio. Aliás, nessa última matéria, o frei faz uma importante associação entre o mito em questão e o mito das amazonas que vigorou no mesmo contexto em algumas áreas do Novo Mundo. Segundo o soldado e explorador bávaro Ulrich Schmidel, as amazonas americanas não contraíam matrimônio, e as relações sexuais se davam apenas para a reprodução.<sup>94</sup> O frei e cosmógrafo francês André Thevet reforça a crença e acrescenta: “elas costumam matar os filhos homens tão logo eles sejam dados à luz”.<sup>95</sup>

Retomando o relato de Pedro Simón, nota-se a forte influência dos autores antigos e medievais em sua escrita. Ao filósofo grego Aristóteles, o frei recorreu para explicar a suscetibilidade das terras andinas para os terremotos, ao naturalista romano

93 SIMÓN, Pedro. *Las Noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales*. Partes Segunda y Tercera. Bogotá: Casa editorial de Medardo Rivas, 1892, p. 366-367. Disponível em: <https://reclus.files.wordpress.com/2008/10/simon-fray-pedro-noticias-historiales-v-3.pdf>. Acesso em: 16 de julho de 2021.

94 SCHMIDEL, Ulrich. *Viaje al río de la Plata*. [S.l.]: Biblioteca Virtual Universal, 2003, p. 92-93. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/10069.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2019.

95 THEVET, André. *As Singularidades da França Antártica*. Tradução de Eugênio Amado. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, p. 208.

Plínio, para compreender a natureza dos minerais e pedras preciosas encontrados em diversos pontos da América. Em sua concepção, tudo o que um dia existiu no Velho Mundo se manifestava agora no Novo. Já em matéria de gigantes, ninguém poderia duvidar dos relatos “verdadeiros” do poeta romano Virgílio, o autor de *Eneida*, ou das observações do bispo de Hipona, Santo Agostino, que trata do assunto em sua *Cidade de Deus*.<sup>96</sup> Ambos acreditavam na existência de homens de grandes corpos e forças que teriam habitado o mundo em seus tempos primordiais.

Seguindo os propósitos deste estudo, interessa-nos compreender como os cronistas espanhóis acrescentaram elementos do imaginário clássico/renascentista, dando origem a um mito genuinamente híbrido e transcultural. Considerando a existência de um “pensamento mestiço”, onde as influências culturais teriam sido recíprocas, não podemos deixar de ponderar que, também os indígenas, se valeram de ingredientes presentes no imaginário europeu ao relatar seus mitos e crenças. Uma das características mais marcantes dessa “mestiçagem” no tema do “castigo e queda” dos sodomitas andinos é a recorrente descrição do “anjo” justiceiro. As referências a esse ente celestial encontram-se em diversos livros do Antigo e do Novo Testamento, onde se apresenta na figura do Arcanjo Miguel, como príncipe dos exércitos celestiais que luta contra Satanás, o Diabo, o Dragão e demais demônios, lançando-os na terra após *A Grande Batalha do Céu*.<sup>97</sup> Também na arte europeia renascentista, a personagem aparece ilustrada com frequência, combatendo inúmeros demônios e anjos caídos.<sup>98</sup>

Na transcrição das narrativas orais indígenas, esse “anjo” aparece de diferentes formas, demonstrando que, possivelmente, os cronistas se valeram de elementos do mito autóctone para transformá-los na figura cristã. Assim, enquanto alguns relatos o apresentam como um ser celestial de aparência humanoide e vestimentas tipicamente humanas, outros o substituem por imensas bolas de fogos que caem do céu para aniquilar os sodomitas. As armas do combatente também variam, de acordo com a narrativa, geralmente uma espada flamejante e afiada ou certas chamas que ele lança com suas mãos. No caso específico das descrições de Pedro Simón, vemos que a personagem fora convertida em raios, uma referência direta ao tema clássico da *Gigantomaquia*.

---

96 SIMÓN, op. cit., p. 366-367.

97 BÍBLIA SAGRADA, op. cit., 1999, p. 291; APOCALIPSE, 12, 7-9.

98 Um exemplo é a pintura do século XVI intitulada *A Queda dos Anjos Rebeldes*, do pintor flamengo Frans Floris (1517-1570), localizada no *Koninklijk Museum para Schone Kunsten*, em Antuérpia, onde os anjos do bem, aparecem bem vestidos e armados, enquanto os anjos demoníacos, são representados com seus corpos monstruosos e despidos. Ver a imagem em: <https://www.fine-arts-museum.be/nl>.

### 1.2.2. *Gigantomaquia* e sodomia nos Andes

A lenda dos gigantes que teriam habitado o Cabo de Santa Helena, conforme apresentada na narrativa dos cronistas e ilustradores quinhentistas, deriva de dois temas distintos que são próprios do imaginário europeu e que se entrelaçam no contexto colonial da América Hispânica. A primeira temática trata da rebelião de certas criaturas gigantescas contra as diversas divindades, assunto que pode ser encontrado nas mais variadas culturas de contextos temporais e espaciais distintos. No entanto, foi no imaginário da Grécia Antiga que essa narrativa se imortalizou por meio da mítica batalha conhecida como *Gigantomaquia*.<sup>99</sup> O segundo tema, de acordo com o que foi apresentado nos tópicos anteriores diz respeito à sodomia, o pecado *contra natura* – termo recorrente na vasta literatura instituidora do cristianismo.<sup>100</sup> Reunidas no “mito andino”, essas duas matérias fazem desses gigantes seres extremos e duplamente inaceitáveis, pois violam tanto as leis da natureza quanto as leis divinas.

A *Gigantomaquia* refere-se a um passado longínquo e caótico, habitado por seres desmesurados dotados de grande poder e força. Esses eram entes sobrenaturais muito astutos e soberbos, que habitavam quase sempre as cadeias montanhosas e vulcânicas.<sup>101</sup> Tinham aparência monstruosa, possuíam cauda de serpente no lugar de pés e ostentavam uma cabeleira espessa e uma barba longa e rugosa.<sup>102</sup> Segundo o poeta latino Ovídio, tais gigantes eram indivíduos escrupulosos que ousaram a conquista do Céu, empilhando montes sobre montes até que chegaram ao Olimpo. Segundo o que descreve o autor de *Metamorfoses*, tamanha astúcia provocou a ira de Zeus, o Pai Onipotente que, do alto de sua morada eterna lançou um raio furioso que fez tremer as montanhas, vencendo assim a soberba e atrevimento dessa “má estirpe”.<sup>103</sup> Na obra intitulada *Biblioteca*, atribuída a um certo Pseudo-Apolodoro, a Mãe-Terra (Gea) estava revoltada com o poder tirânico dos olímpianos. Assim, uniu-se a Urano e concebeu esses entes colossais de tamanho e

99 GRAVES, Robert. **Os mitos gregos**. Volume I. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018, p. 208-209.

100 Sobre esse termo ver mais informações em: FONTES, Brasil Joaquim. **Contra Naturam**. GEISH/FE/Unicamp, [? ]. (Online). Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/fontes.html>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

101 LÓPEZ, María Isabel Rodríguez. El asalto al Olimpo: la Gigantomaquia. **De Arte. Revista de Historia del Arte**, n. 8, p. 7-26, 2015, p. 7. Disponível em: <http://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/dearte>. Acesso em: 31 de outubro de 2019.

102 GRAVES, op. cit., p. 208.

103 PREDEBON, Aristóteles Angheben. **Edição do manuscrito e estudo das 'Metamorfoses' de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire**. 2006, p. 180. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp087079.pdf>. Acesso em: 31 de outubro de 2019.

força insuperável e aspecto disforme. Na tentativa de conquistar a morada dos deuses, os brutamontes jogaram carvalhos e pedras ardentes no céu, mas acabaram sendo derrotados pela união das poderosas setas de Hércules, da astúcia da deusa Atena e da impiedosa cólera dos raios de Zeus.<sup>104</sup>

María Isabel Rodríguez (2015), em um artigo intitulado *El asalto al Olimpo*, observa que, no imaginário da Grécia Antiga, a representação iconográfica do afamado embate entre os deuses e os gigantes proclamava diferentes conotações políticas e religiosas. Simbolizava, concomitantemente, o estabelecimento de uma nova ordem, o domínio da inteligência sobre a brutalidade e o domínio grego frente aos seus oponentes. Em síntese, a arte grega, que ilustrava a vitória dos olímpianos, seguia padrões canônicos muito bem definidos, em que os deuses do panteão aparecem sempre em posição vitoriosa, vestindo suas armaduras e portando as tradicionais armas de combate – o bastão, o tridente e o raio. Contrariamente, seus inimigos são retratados em sua nudez e selvageria e sempre em posição de queda. Enquanto os primeiros são distinguíveis por seus símbolos, seus opositores aparecem como criaturas genéricas, e suas armas rudimentares são pedras, ramos de árvores e imensos porretes.<sup>105</sup>

No Renascimento artístico e cultural europeu, a *Gigantomaquia* ressurgiu ao incorporar quase todos os cânones artísticos clássicos. Dessa forma, em diversas gravuras desse período, deuses e gigantes encontram-se estabelecidos em lugares radicalmente opostos.<sup>106</sup> Na pintura do artista florentino Perigo del Vaga, desenhada no final da primeira metade do século XVI, os deuses olímpianos foram representados pairando sobre uma esplêndida camada de nuvens, enquanto os gigantes estão na parte inferior da imagem e com seus corpos desmedidos estendidos sobre o chão. A gravura que mede 34 × 57,2 cm demonstra a vitalidade e a elegância, realçando a contradição e o conflito entre dois mundos antagônicos que só se encontram por meio do embate, características próprias do maneirismo italiano que vigorou naquele contexto. No centro superior da pintura, vemos o deus Júpiter disparando o seu famoso raio contra os colossais adversários. Os gigantes, por sua vez, defendem-se com as armas típicas da narrativa apolodorianas – pedras e galhos de árvores, demonstrando toda a sua incapacidade de manipular instrumentos mais sofisticados (Figura 2).

---

104 APOLODORO. **Biblioteca.** Traducción y notas de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Editorial Gredos, S.A, 1985, p. 52-53.

105 LÓPEZ, op. cit., p. 9/11.

106 Ibidem, p. 19.

**Figura 2** – A queda dos gigantes.



Fonte: *The Metropolitan Museum of Art*. Na ilustração vemos um deus Júpiter pairando sobre as nuvens lançando a fúria do seu poderoso raio sobre os seus oponentes. Por sua vez, os gigantes encontram-se caídos sobre o chão, no meio de pedras e galhos de árvores. Perino del Vaga (autor), 1539-1549. Dimensões: 34 × 57,2 cm. Disponível em: <https://images.metmuseum.org/CRDImages/dp/original/DP836849.jpg>. Acesso em: 16 de julho de 2021.

A sodomia é o pecado nefando *contra natura* e, segundo a perspectiva do imaginário judaico/cristão, incluía todas as relações sexuais consideradas pecaminosas e transgressivas. Trata-se de um termo polissêmico, “uma palavra que esgotou toda sua razão de ser, especialmente a partir da Baixa Idade Média, em inclinações eróticas e sexuais por indivíduos do mesmo sexo biológico”.<sup>107</sup> Sua etimologia remete à cidade de Sodoma mencionada no Antigo Testamento (*Gênesis*) onde, na ocasião, seus moradores (sodomitas) teriam tentado violentar um anjo mensageiro na casa de Ló, sobrinho de Abraão.<sup>108</sup> Embora não aluda diretamente ao termo sodomia, a Epístola de Paulo aos Romanos contém uma das mais antigas referências ao pecado contra natureza: “Porque até suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão”.<sup>109</sup>

107 SILVA, Edson Santos; LIMA, Wallas Jefferson. Homo eroticus: Considerações acerca do conceito de Sodomia nos processos da Inquisição Portuguesa. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 23, n. 35, p. 265-284, 2016, p. 267. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2016v23n35p265>. Acesso em: 16 de julho de 2021.

108 Ibidem.

109 BÍBLIA, A.T. op. cit., Aos Romanos, 1, 26-27.

A carta de Paulo inclui ainda uma das primeiras menções ao castigo reservado aos praticantes do pecado nefando. Segundo consta no texto, esses seriam dignos de morte, pois, “não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.”<sup>110</sup> Não será menor a sentença proferida por Santo Agostinho em suas *Confissões*. Para o religioso, a sodomia rompia a união entre Deus e a natureza e, conseqüentemente, “todos os pecados contra a natureza, como o foram os dos sodomitas, hão de ser detestados e castigados sempre e em toda a parte, pois, mesmo que todos os cometessem, não seriam menos réus de crime diante da lei divina, que não fez os homens para usar tão torpemente de si”.<sup>111</sup> Na perspectiva do imaginário da Idade Média, o Diabo reservava os piores compartimentos do inferno para punir os violentadores da natureza, considerado o pecado mais abjeto cometido pelos homens contra Deus.

Na *Divina Comédia* de Dante Alighieri, o *Inferno*, que compõe a primeira parte do poema, é composto por nove círculos concêntricos, que se aprofundam de acordo com a gravidade do pecado (Figura 3).<sup>112</sup> Assim, as iniquidades menos danosas, ficam logo nos primeiros anéis e, as mais graves, nos derradeiros. Cada círculo pode conter ainda diversos compartimentos, subdividindo os pecados de acordo com o seu agravamento.<sup>113</sup> Dessa forma, no sétimo círculo, no terceiro e último anel, em um campo de areia ardente, assolado por grandes chamas de fogo, é onde se localizam os sodomitas ou violentos contra a natureza, situados logo abaixo daqueles que praticaram a violência contra si mesmos (suicidas), no segundo compartimento, e dos que praticaram a violência contra a vida ou as coisas do próximo (homicidas e ladrões), estabelecidos no primeiro (Figura 4).<sup>114</sup> Conseqüentemente, a sodomia não é somente avaliada como um pecado mais grave do que o roubo, o homicídio e o suicídio, como também, muito mais severa do que a gula, a ganância, a ira e a heresia, localizadas nos primeiros círculos do *Inferno*. Curiosamente, na passagem do oitavo para o último anel, que é o compartimento dos traidores, encontram-se os gigantes, figuras horrendas e deformadas, acorrentadas em poços congelados por se rebelarem contra o deus Júpiter.<sup>115</sup>

---

110 Ibidem, 1, 32.

111 AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Livro Primeiro. Digitação de Lucia Maria Csernik. [S.l.]: [s.n.], 2007, p. 27. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com>. Acesso em: 16 de julho de 2021.

112 As imagens das figuras 3 e 4 foram inseridas na edição ilustrada da *Divina Comédia* de Botticelli em 1485, uma versão do manuscrito original da *Divina Comédia* de Dante.

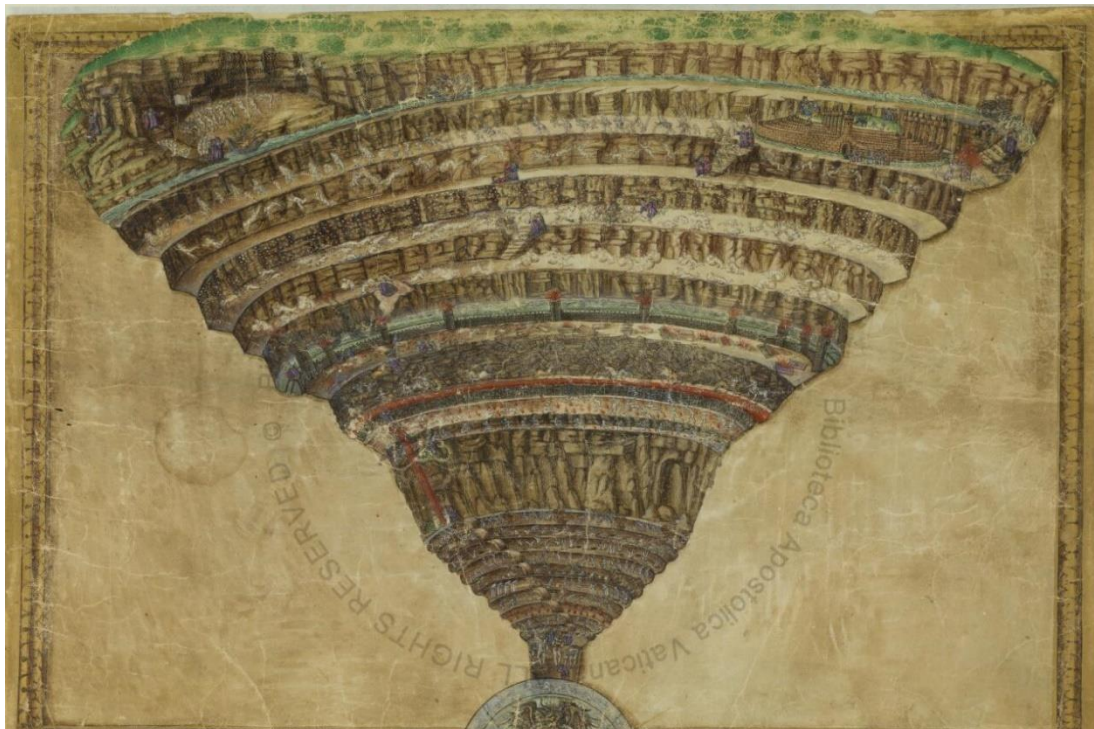
113 ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia. Inferno**. Ilustrações de Gustave Doré; Estudo introdutório de Otto Maria Carpeaux; Tradução de Xavier Pinheiro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017.

114 Ibidem, p. 65 a 75.

115 Ibidem, p. 156.



**Figura 3** – Mapa do *Inferno de Dante* segundo o desenho de Sandro Botticelli, 1485.



Fonte: *Biblioteca Apostólica Vaticana*. Manuscrito localizado no acervo digital. Edição do ano de 1896. Disponível em: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Reg.lat.1896.pt.A](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1896.pt.A). Acesso em: 04 de agosto de 2020.

**Figura 4** – Os sodomitas, despidos e estirados no chão do *Inferno*, gritam, lamentam e imploram pela misericórdia divina. *Inferno*, canto 15.



Fonte: *Biblioteca Apostólica Vaticana*. Manuscrito localizado no acervo digital. Edição do ano de 1896. Disponível em: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Reg.lat.1896.pt.A](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1896.pt.A). Acesso em: 04 de agosto de 2020.

O tema do “castigo dos pecadores sodomitas” esteve presente desde o início do processo de dominação e exploração europeia na América. Conforme apontamos ao longo do texto, a atribuição dessa característica aos indígenas visava, antes de tudo, a deslegitimar suas crenças e religiosidades, abrindo caminho para a conversão das almas e para a adoção do cristianismo pelos íncolas. Amodio (2012) destaca que, no caso específico da América Espanhola, o tribunal da Inquisição Católica fora implantado ainda durante o primeiro século da conquista e colonização. O objetivo dessa intuição segundo Amodio consistia do seguinte: “vigilar la vida religiosa y moral de los habitantes del Nuevo Mundo, con exclusión de los indígenas, cuya evangelización estaba confiada a las congregaciones misioneras. Siendo una institución religiosa, su primer cometido era el de salvaguardar la ortodoxia de la fe Cristiana”.<sup>116</sup>

Um dos primeiros relatos da homossexualidade entre os indígenas da América Hispânica foi o realizado pelo escritor espanhol Gonzalo Fernández de Oviedo em *La Historia General Y Natural de Indias*, obra escrita no ano de 1535. Ao comentar as particularidades dos habitantes do golfo da Venezuela, o cronista observa: “Hay entre esta gente abominables sodomitas (...) y aquel que sirve de hembra en tal crimen, dexa crescer el cabelo hasta la mitad de las espaldas, como lo traen las otras mugeres”.<sup>117</sup> Em outra parte da crônica, Oviedo relata a ação do governador Pedro de Heredia, fundador da cidade de Cartagena das Índias (na atual Colômbia) que, ao avistar os índios dessa região queria saber porque dois jovens traziam cabelos compridos, ao que lhe notificaram que eram sodomitas passivos e que, “en sus borracheras usaban con ellos como con mugeres en aquel nefando crimen: é por tanto andaban como mugeres é servían en las cosas que las mugeres acostumbran exercitarse”.<sup>118</sup> Ao obter tais informações, de imediato: “El gobernador concertó que fuessen después á Calamar é le llevassen aquellos dos bellacos para los castigar”.<sup>119</sup>

Um exemplo das atrocidades cometidas pelos espanhóis contra a homossexualidade indígena foi noticiado pelo diplomata e cronista Pietro Martire d'Anghiera. Em sua obra intitulada *Décadas del Nuevo Mundo* (1530), d'Anghiera descreveu a crueldade cometida pelo fidalgo e explorador Vasco Núñez de Balboa na

---

116 AMODIO, op. cit., p. 1.

117 FERNÁNDEZ OVIEDO, Gonzalo. **La Historia General y Natural de Indias**. Parte II. Madrid: La Real Academia de la Historia, 1852, p. 301. Disponível em: <http://www.historiadelnuevomundo.com/>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

118 Ibidem, p. 447.

119 Ibidem.

região que compreende o atual Panamá. Na ocasião, Balboa encontrou o irmão de um cacique vestido com trajes femininos e prontamente ordenou que lançassem seus cães contra os índios locais. Após o ataque, os cães do inquisidor espanhol haviam despedaçado cerca de quarenta indígenas panamenhos.<sup>120</sup> Em *Americae Pars Quarta*, o gravurista belga Theodore de Bry, um protestante que objetivava apontar as crueldades dos católicos para com as populações do Novo Mundo, reproduziu a cena sem ocultar nenhum detalhe. Na gravura impressa em Frankfurt am Main no ano de 1594, vemos índios parcialmente nus e de cabelos crescidos sendo ferozmente atacados pelos cães enquanto são assistidos atentamente pelos soldados europeus (Figura 5).<sup>121</sup>

**Figura 5** – Representação da cena em que o explorador e fidalgo espanhol Vasco Núñez de Balboa atira seus cachorros para destroçar cerca de quarenta indígenas panamenhos acusados de sodomia em 1513.



Fonte: *The internet Archive*. Gravura de Theodore de Bry para *Americae Pars Quarta*. Frankfurt am Main: 1594, p. 51. Disponível em: [https://archive.org/details/americaeparsquar00benz\\_0/page/n51/mode/2up](https://archive.org/details/americaeparsquar00benz_0/page/n51/mode/2up). Acesso em: 04 de agosto de 2020.

120 MARTIRE D'ANGHIERA, Pietro. **Décadas del Nuevo Mundo**. Valladolid: Editorial MAXTOR, 2012, p. 200.

121 Conforme destaca Kalil (2011), o editor e gravurista belga procurou distanciar-se da imagem “tradicional” utilizada por outros artistas renascentistas, na qual o índio era retratado como um ser bruto, bestial e totalmente despossuído de razão (KALIL, 2011, p. 267-268).

No caso dos Andes Centrais, o estudo dos relatos quinhentistas e seiscentistas indicam um debate acalorado em torno do t3pico da homossexualidade amer3ndia por parte dos cronistas na mesma 3poca da difus3o do mito dos gigantes sodomitas. Autores como Z3rate, Cieza de Le3n e Pedro Sim3n projetaram a homossexualidade tanto sobre grupos humanos reais quanto imagin3rios (gigantes e hermafroditas). Segundo Horswell, todo o uso do corpo fora dos padr3es considerados aceit3veis pela religiosidade medieval crist3, era interpretado como uma atividade efeminada e, portanto, pecaminosa. Assim, dentro da perspectiva crist3/espanhola, o corpo andino, “se subyug3 a un discurso masculinizado, letrado e incorporado dentro de las sancionadas pr3cticas religiosas espa3olas y cristianas (...). Desde la perspectiva espa3ola, la reproducci3n ritual cultural a trav3s del cuerpo era una resistencia ind3gena peligrosa”.<sup>122</sup>

As pr3ticas sexuais consideradas “desviantes” tornaram-se, muitas vezes, crit3rios utilizados para classificar os povos em est3gios evolutivos. Em sua *Cr3nica del Peru*, Cieza de Le3n atribui a sodomia, o incesto e outras “grandes iniquidades” a grupos humanos “selvagens” que, em tempos distantes, habitaram uma ilha do Rio Tambos, na regi3o central do Peru. Contudo, no Cap3tulo 25, alega que os Incas haviam sido “purificados do pecado nefasto” e, que por serem senhores livres, n3o somente n3o praticavam a sodomia como abominavam aqueles que a cometiam.<sup>123</sup> Garcilaso de la Vega atesta que, no interior Imp3rio Inca, t3mb3m havia institui33es encarregadas de recha3ar a homossexualidade. De acordo com o escritor mesti3o, o general Inca Auqui Titu e seus mestres de campo, receberam ordens do principal governante Inca para queimar e destruir alguns sodomitas que havia no meio do povo: “Lo cual todo se cumpli3 como el Inca lo mand3, con grand3sima admiraci3n de los naturales de todos aquellos valles del nuevo castigo que se hizo sobre el nefando”.<sup>124</sup>

No contexto colonial andino essas duas tem3ticas, que s3o recorrentes no imagin3rio ocidental (*Gigantomaquia* e sodomia), se entrela3am e se adaptam ao mito ind3gena, sendo poss3vel verificar sua ocorr3ncia nos relatos dos cronistas europeus (como j3 observado nos relatos de Z3rate, Cieza de Le3n e Pedro Sim3n) e at3 mesmo na iconografia renascentista. Duas xilogravuras desenhadas especialmente para compor as duas primeiras edi33es de *Cr3nicas del Peru*, de Cieza de Le3n s3o elucidativas do am3lgama resultante dos embates entre imagens e imagin3rios que ocorreram na

---

122 HORSWELL, op. cit., p. 15.

123 CIEZA DE LE3N, op. cit., p. 355.

124 DE LA VEGA, op. cit., p. 268-269.

conjuntura colonial do Novo Mundo. Nas referidas imagens, publicadas respectivamente nas edições de 1553 e 1554, vemos em pormenores a representação do anjo cristão, dos gigantes e o modo como a ira divina aniquilou os pecadores sodomitas que, na antiguidade, teriam habitado o Cabo de Santa Helena e suas proximidades (Figura 6).

Na primeira gravura, publicada na oficina de Martín Montedoca no ano de 1553, para compor a primeira edição da *Crónica del Peru*, vemos a batalha entre o anjo cristão, relatada por Cieza de León e demais cronistas, e os referidos sodomitas. A encenação imagética ocorre em dois planos sucessivos do quadro: no nível superior, encontra-se o ser angelical com sua espada apontada na direção dos oponentes. O anjo está em posição majestosa e vestindo trajes longos. No céu, ao lado do soldado de Deus, grandes labaredas de fogo descem na direção da terra para consumir seus habitantes pecadores, tal como ocorrera nas cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra. Antagonicamente, no plano inferior do desenho, os gigantes aparecem prostrados no chão, assustados e estendendo as mãos na direção do ente divino, gesto de quem pede desesperadamente pela clemência celestial. Os corpos desmesurados dos sodomitas estão cobertos por indumentárias rústicas, dando a entender que foram confeccionadas a partir da pele de animais, condição que denota primitivismo e selvageria (Figura 6 A).

Nota-se que o artista procurou ser fiel às descrições da *Crónica del Peru*, inserindo na xilogravura os gigantes, o fogo celestial e o anjo com a espada longa e afiada.<sup>125</sup> Entretanto, vale ressaltar que são diversas as discrepâncias na relação texto/imagem: enquanto os pecadores gigantes narrados pelo cronista espanhol foram descritos sem barbas e sem roupas,<sup>126</sup> os indivíduos da ilustração foram representados com barbas compridas e se apresentam com seus corpos totalmente vestidos. Quanto ao primeiro detalhe, essa fora uma característica iconográfica bastante comum, tanto na arte grega como na renascentista, onde esses seres foram caracterizados com suas barbas espessas e longas cabeleiras. Em relação ao segundo pormenor, é provável que tenha sido uma escolha proposital do artista, que preferiu não ilustrar a nudez dos corpos, uma vez que fora fiel em relação ao texto em todos os demais quesitos. Curiosamente, em outro desenho quase idêntico ao primeiro, inserido na segunda edição da *Crónica del Peru* publicada um ano depois em Antuérpia na tipografia de Juan Steelsio, o artista anônimo retratou os gigantes totalmente desnudos (Figura 6 B).

---

125 CIEZA DE LEÓN, op. cit., p. 151.

126 Ibidem, p. 150-151.

**Figura 6** – O anjo cristão castiga e destrói com sua espada os gigantes sodomitas que habitavam o Cabo de Santa Helena na aurora dos tempos. Gravuras que ilustram a obra intitulada *Crónica del Peru*, escrita por Pedro Cieza de León.



A

B

Fonte: *The Internet Archive*. A primeira (A) foi impressa em Sevilha no ano de 1553, na tipografia de Martín Montesdoca. A segunda (B) foi gravada em Antuérpia, em 1554, na imprensa de Juan Steelsio. Disponível em: <https://archive.org/search.php?query=Cr%C3%B3nica%20del%20Peru>. Acesso em: 17 de julho de 2021.

As imagens que ilustram as crônicas de Cieza de León estão permeadas de justaposições, pois os traços do paganismo e do cristianismo se unem numa plenitude conflitante ao apropriar-se do mito indígena. Em *Significado nas Artes Visuais*, Erwin Panofsky (2014) notou a continuidade dos motivos clássicos na conjuntura medieval/renascentista, na maioria das vezes, representando temas não clássicos, mas uma grande variedade de imagens cristãs, reinterpretadas a partir de determinadas analogias iconográficas com os similares antigos.<sup>127</sup> Em outro estudo, intitulado *Tomb Sculpture* (1964), Panofsky definiu esse processo de adaptação e readaptação dos temas e motivos clássicos com o conceito de *pseudometamorfose*: “O surgimento de uma forma A, morfológicamente análoga, ou mesmo idêntica a uma forma B, que, no entanto, não mantém relação alguma do ponto de vista genético”.<sup>128</sup>

O conceito iconográfico panofskiano, permitiu-nos a compreensão dos movimentos que transformaram o mito clássico da *Gigantomaquia* em uma alegoria da

127 PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 67.

128 PANOFSKY, Erwin. *Apud*: BOIS, Yve-Alain. A questão do pseudomorfismo: um desafio para a abordagem formalista. *Anais do XXVI Colóquio do CBHA, São Paulo*, p. 13-27, 2006, p.13. Disponível em: [http://www.cbha.art.br/coloquios/2006/pdf/02\\_XXVICBHA\\_Yes\\_alain.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2006/pdf/02_XXVICBHA_Yes_alain.pdf). Acesso em: 25 de novembro de 2019.

condenação, ao incorporar elementos do imaginário judaico/cristão e combiná-los às narrativas mitológicas das populações indígenas dos Andes Centrais. De todo modo, nota-se que o tema pagão fora reinterpretado e transformado em uma fábula moral essencialmente cristã. Com efeito, Júpiter e as demais divindades foram substituídos pelo anjo cristão, que combate o mal e destrói os pecadores. Como muito bem observa Gruzinski (2001), essas mestiçagens do contexto colonial quebram a linearidade do tempo, “Surgindo na América do século XVI, na confluência de temporalidades distintas – a do Ocidente cristão e dos mundos ameríndios – elas as colocam brutalmente em contato e as imbricam umas nas outras”.<sup>129</sup>

### 1.3. A lenda dos *Quinametzin*

Na complexa visão cosmogônica dos povos nahuas, os *Quinametzin* teriam sido os primeiros habitantes do mundo. Eram seres cruéis possuidores de elevadíssima estatura e força física sobre-humana. Habitaram o Vale do México na aurora dos tempos e, de acordo com algumas narrativas transcritas dos relatos orais indígenas, pereceram quando ocorrera um enorme cataclismo.<sup>130</sup> As informações sobre esses gigantes foram reproduzidas por inúmeros cronistas dos séculos XVI e XVII, sobretudo religiosos dominicanos e franciscanos que chegaram à Nova Espanha após o início do processo de conquista e dominação espanhola na América. Em linhas gerais, nos mitos dos antigos mexicanos, a crença na existência dos *Quinametzin* está associada à lenda dos *Cinco Sóis*, que representam, por sua vez, cinco grandes eras sucessivas e simbolizam os quatro elementos essenciais da natureza: água, terra, fogo e ar.<sup>131</sup>

Para descrever esses mitos, os cronistas espanhóis valiam-se tanto da tradição oral indígena quanto dos seus antigos códices. Nas fontes escritas pelos europeus, nota-se que a terminologia utilizada pelos povos nahuas para se referir a esses entes desmesurados e disformes se altera de acordo com a narrativa, apresentando variações em sua semântica e morfologia. Conserva-se, contudo, a concepção de que essas criaturas

---

129 GRUZINSKI, op. cit., 2001, p. 150.

130 ARMILLAS, Pedro. Teotihuacan, tula y los toltecas. Las culturas post-arcaicas y pre-aztecas del centro de México. Excavaciones y estudios, 1922-1950. I – La era de los gigantes. **RUNA, archivo para las ciencias del hombre**, v. 3, 1950, p. 41. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

131 ANDUEZA, María. Los míticos orígenes de la creación del mundo en Mesoamérica. **Revista de la Universidad de México**, No. 543, 1996, p. 45. Disponível em: <https://www.revistadelauniversidad.mx/>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

habitaram um passado longínquo e caótico e formaram os primeiros povoados após a criação do planeta. Na primeira parte de sua obra intitulada *Historia de las Indias de Nueva España*, o frade dominicano Diego Durán utiliza o vocábulo *Quiname*, que significaria “homens de grande estatura”.<sup>132</sup> Curiosamente, no segundo tomo da mesma obra, Durán usa a palavra *Quinametzin* para nominar os “primeiros habitantes do país” (México).<sup>133</sup> Já em sua crônica nominada *Monarquía Indiana*, o sacerdote franciscano Juan de Torquemada emprega o vocábulo *quinametin*, que queria dizer “gigantes”.<sup>134</sup>

Vale abordar ainda outras terminologias curiosas que aparecem ao longo dos séculos XVI e XVII. No *Codex Ríos*, também conhecido como *Codex Vaticanus A*, os gigantes foram nominados pela palavra de origem náuatle *Tzocuillicxeque*, que possivelmente significa “o que tem três pés”.<sup>135</sup> Por sua vez, o escritor Don Fernando De Alva Ixtlilxochitl, em sua *Historia Chichimeca*, anota sem maiores explicações a complicadíssima grafia *quinametintzocuilhicxime*.<sup>136</sup> Finalmente, em seu vocabulário das línguas castelhana e mexicana, publicado em 1571, o padre e gramático Alonso de Molina os denomina pela expressão *Quinametli*.<sup>137</sup> Outros cronistas do contexto colonial mexicano, entre os quais os eclesiásticos Toribio de Benavente Motolínia, Andrés de Olmos, Francisco López de Gómara, Bernardino de Sahagún, José de Acosta e Francisco Javier Clavijero (esse último no século XVIII), utilizam apenas o vocábulo *gigantes* para se referir aos indivíduos extraordinários das lendas dos índios nahuas.

Na obra intitulada *Historia de los mexicanos por sus Pinturas*, escrita por volta da década de 1530, encontra-se uma das primeiras referências da tradição escrita europeia sobre os gigantes dos antigos mitos nahuas. Sua autoria é controversa, mas supõem-se que tenha sido redigida pelo frei e gramático franciscano Andrés de Olmos, um exímio conhecedor da língua náuatle e que demonstrara, desde o início da colonização espanhola

---

132 DURÁN, Frei Diego. **Historia de las Indias de Nueva España e islas de la tierra firme por el Padre Fray Diego Duran**. Tomo I. Notas de de José F. Ramirez. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1867, p. 13. Disponível em: <https://archive.org/details/historiadelasind01dur>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

133 DURÁN, Frei Diego. **Historia de las Indias de Nueva España e islas de la tierra firme por el Padre Fray Diego Duran**. Tomo II. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1880, p. 30. Disponível em: <https://archive.org/details/historiadelasind02dur/page/n4/mode/2up>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

134 TORQUEMADA, op. cit., p. 52.

135 ANDERS, Ferdinand; JANSEN, MERGN. **Religión, Costumbres e Historia de los Antiguos Mexicanos**: Libro explicativo del llamado Códice Vaticano A. [S.l.]: [s.n.], 1996, p. 55-56. Disponível em: <https://www.narcis.nl/publication/RecordID/oai:openaccess.leidenuniv.nl:1887%2F17942>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

136 DE ALVA IXTLILXÓCHITL, Fernando. **Obras históricas de don Fernando de Alva Ixtlilxochitl: Historia chichimeca**. [S.l.]: Oficina tip. de la Secretaria de fomento, 1892, p. 22.

137 MOLINA, Alonso de. **Vocabulario en la lengua castellana y mexicana**. México: Em casa de Antonio de Espínola, 1571, p. 65.



da Nova Espanha, um grande interesse na compreensão da língua nativa. O autor teria obtido as informações sobre a mencionada lenda diretamente da análise dos códices hieróglifos nahuas e dos indígenas mais velhos, conforme o cronista apresenta nas páginas iniciais do próprio documento.<sup>138</sup>

Segundo consta em *Historia de los mexicanos por sus Pinturas*, os gigantes foram uma criação conjunta dos antigos deuses, gerados para constituir o primeiro gênero humano da Terra. Eram homens de muita força física, capazes de arrancar árvores inteiras com as próprias mãos e que se nutriam exclusivamente de certas bolotas de enzimas. Habitaram o mundo enquanto durara o primeiro sol (Tezcatlipoca), ou seja, por um período de exatos 676 anos.<sup>139</sup> A destruição desses humanoides primordiais teria ocorrido da seguinte forma: O segundo sol (Quetzalcoátl) utilizou um grande bastão como arma e derrubou Tezcatlipoca sobre a água. Derrotado, Tezcatlipoca transformou-se em jaguar e saiu pela terra devorando todos os gigantes.<sup>140</sup>

Os inúmeros relatos dos escritores espanhóis quinhentistas/seiscentistas demonstram a imensa preocupação dos povos nahuas em explicar as origens da criação do mundo e da humanidade. Com efeito, a lenda dos *Cinco Sóis* aparece associada aos *Quinametzin* em muitos outros documentos do período colonial mexicano. Francisco López de Gómara, eclesiástico e cronista oficial da Coroa, apresenta uma versão do mito em que os gigantes foram situados não na primeira era do mundo (como em *Historia de los mexicanos por sus Pinturas*), mas na segunda. Em sua obra nominada *Historia de la Conquista de México*, Gómara observa que os índios de Culúa confirmavam a existência de quatro *sóis* ou eras primordiais, com exclusão da quinta era do momento da chegada dos espanhóis na América. O primeiro Sol foi destruído pela ocorrência de um grande dilúvio, que extinguiu todos os habitantes do mundo. O segundo Sol pereceu quando caiu sobre a terra, época em que habitavam homens de 20 palmos de altura (mais de 4 metros). O terceiro findou, ao ser consumido pelo fogo, que aniquilou todas as pessoas e animais. Por fim, o último Sol deixou de existir com a ocorrência de um grande furacão que arrasou todas as casas, árvores e pedras.<sup>141</sup>

---

138 OLMOS, André? *Historia de los mexicanos por sus Pinturas*. In: ICAZBALCETA, Joaquín García (org.). **Varias relaciones antiguas**. México: Dirección General de Bibliotecas, 1891, p. 228. Disponível em: [https://mexicana.cultura.gob.mx/es/repositorio/detalle?id=\\_suri:DGB:TransObject:5bce598a7a8a0222ef15e7c2](https://mexicana.cultura.gob.mx/es/repositorio/detalle?id=_suri:DGB:TransObject:5bce598a7a8a0222ef15e7c2). Acesso em: 19 de julho de 2021.

139 Ibidem, p. 231.

140 Ibidem, p. 233.

141 LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia de la Conquista de México*. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2007, p. 387. Disponível em: <https://biblioteca.org>. Acesso em: 03 de dezembro de 2019.

Gómara nunca esteve na América, valendo-se de fontes radicalmente diferentes daquelas utilizadas pelos religiosos franciscanos e dominicanos que tiveram a oportunidade de interagir diretamente com os informantes e folhear os seus antigos códices. Para escrever sua narrativa sobre a Conquista do México, o frei espanhol baseara-se, essencialmente, nos relatos de terceiros, entre os quais os de Pietro Martire d'Anghiera, Hernando Cortés e Gonzalo Fernández de Oviedo.<sup>142</sup> Assim como os demais cronistas e missionários católicos, Gómara possuía uma visão de escrita da história essencialmente cristã e providencialista, na qual o homem existe unicamente para cumprir os desígnios da Providência Divina. Logo, ignora toda e qualquer forma de temporalidade que difere da sua, caracterizando os mitos indígenas sobre a criação do mundo e da humanidade como meras fábulas e mentiras que “eles contam”.<sup>143</sup>

Um dos documentos mais interessantes do contexto colonial mexicano para a compreensão da cosmogonia nahua é o *Codex Ríos* ou *Codex Vaticanus A*.<sup>144</sup> Esse manuscrito possui autoria controversa, mas após diversas investigações chegou-se à conclusão de que seria uma cópia que o padre dominicano Pedro de los Ríos mandara fazer do *Códice Telleriano Remensis* (um texto que continha informações dos rituais, do calendário e da história mexicana).<sup>145</sup> O manuscrito contém anotações em italiano e náuatle sobre um grande dilúvio que ocorrera na Primeira Idade do Mundo, período em que a terra seria habitada pelos gigantes *Tzocuillicxeque* (“os que tem três pés”). Por sua vez, as diversas gravuras que ilustram suas páginas, constituem uma rica mistura entre a tradição pictórica pré-hispânica e os elementos da arte renascentista – introduzida no México desde o início da colonização e assimilada nos colégios coloniais pelos jovens pintores indígenas. Ao analisar a natureza “mestiça” do fólio Ashwell (2004) entende tratar-se de um documento pictográfico híbrido, em que a iconografia indígena e a ocidental se mesclam e a narrativa textual adapta elementos da cosmogonia mexicana à linguagem teológica e moralista dos clérigos espanhóis.<sup>146</sup>

---

142 LACROIX. In: LÓPEZ DE GÓMARA, op. cit., 2007, p. 13.

143 LÓPEZ DE GÓMARA, op. cit., 2007, p. 13.

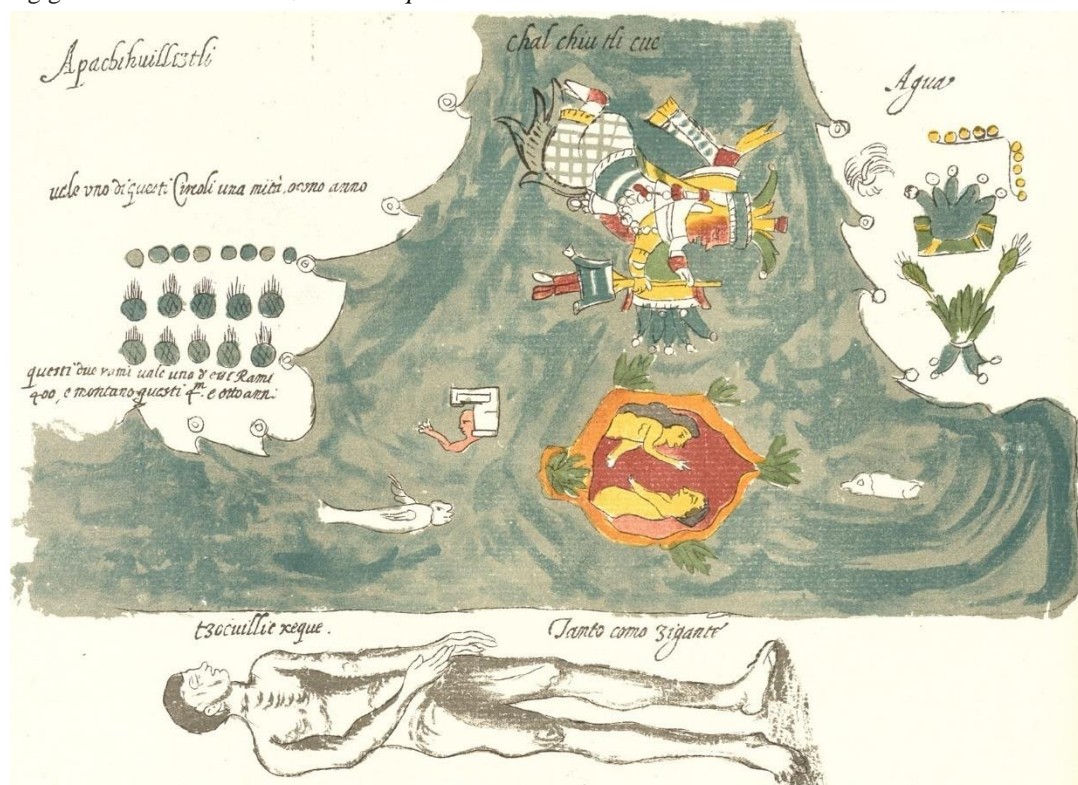
144 O exemplar original do códice foi escrito em italiano e produzido provavelmente no ano de 1566. Está localizado na Biblioteca Apostólica Vaticana, catalogado como *Códice Vaticano Latino 3738*.

145 DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. La primera lámina del Códice Vaticano A¿ Un modelo para justificar la topografía celestial de la Antigüedad pagana indígena? In: **Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas**. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Estéticas, 2009. p. 5-44, p. 7. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/aiie/v31n95/v31n95a1.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

146 ASHWELL, Anamaría. Cholula: su herencia es una red de agujeros. **Revista Elementos, ciencia y cultura**, año, v. 11, n. 55-56, p. 3-11, 2004, p. 40-41. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 20 de julho de 2021

Na lâmina 5 do manuscrito, um pictograma foi inserido para retratar a narrativa da destruição do mundo pelo dilúvio e a Era dos Gigantes. No centro superior do desenho vemos a imagem da deusa dos lagos e rios, *Chalchiuhtlicue*, que cai no meio da grande enchente. Abaixo da divindade nota-se uma espécie de cova, rodeada por plantas e que serve de abrigo para um casal humano que se protege da inundação. A gravura contém outros símbolos importantes na cosmogonia nahua, representando a duração de anos, séculos e milênios. No plano inferior da imagem, vemos um homem de estatura descomunal (*Tzocuillicxeque*) estendido sobre o chão, retratado como um dos gigantes que teriam habitado o mundo em suas eras primordiais (Figura 7). Incrições presentes no códice apontam que o mundo era habitado em sua Primeira Idade por homens grandíssimos, denominados *Tzocuillicxeque*. Após a ocorrência do dilúvio, um sobrevivente de nome *Xelhua* tratou de caminhar até *Cholula* para construir uma grande torre e se prevenir de uma segunda inundação sobre a Terra.<sup>147</sup>

**Figura 7** – Gravura representando o dilúvio que ocorrera durante a Primeira Idade do Mundo e a destruição dos gigantes denominados *Tzocuillicxeque*.



Fonte: *The Internet Archive*. Ilustração presente na obra intitulada *Codex Ríos* ou *Códice Vaticano*, manuscrito em italiano do final do século XVI atribuído ao dominicano Pedro de los Ríos. Disponível em: <https://archive.org/details/manoscrittomess00loub/page/n55> Acesso em: 29 de setembro de 2019.

147 ANDERS; JANSEN, op. cit., p. 61.

Em *História de Tlaxcala*, códice ilustrado escrito no final da segunda metade do século XVI, o cronista mestiço Diego Muñoz Camargo relata que o mundo havia tido dois finais, o primeiro por inundações e tempestades e o segundo por ventos e furações. Durante a Primeira Idade, viviam os gigantes, cujos ossos podiam ser abundantemente encontrados pelos vales.<sup>148</sup> Escrita em espanhol e náuatle e originalmente dividida em três seções, uma textual e duas pictóricas, a crônica narra a história da província de Tlaxcala, desde o seu passado remoto até o momento da conquista e colonização espanhola na região.<sup>149</sup> Muñoz Camargo nascera no México colonial, filho de pai espanhol e mãe indígena – herdeira da antiga nobreza de *Tlaxcala*. Situado “entre dois mundos”, procurou, desde o princípio, produzir uma narrativa que estabelecesse um vínculo entre o passado do seu povo e o seu presente cristão. Sua obra apresenta uma narrativa mestiça e genuinamente transcultural, situada nos limiares de duas visões de mundo antagônicas, a indígena e a espanhola.<sup>150</sup>

Ao analisar as noções de tempo, espaço e passado na Mesoamérica, Santos (2009) observa que a concepção de que o Mundo havia tido quatro eras primordiais, encerradas por um grande evento cataclísmico, é uma das principais características da visão cosmogônica nahua. A existência de um novo período não encerrava completamente o anterior, uma vez que podia incorporar seus diversos elementos.<sup>151</sup> Conforme vimos nos documentos citados anteriormente, os *Quinametzin* são mencionados em épocas diferentes, geralmente às que remetem a um passado ancestral, ou seja, na primeira ou na segunda idade. Para Santos: “A localização dos gigantes no passado mais remoto pode ser um indício de que as primeiras idades seriam entendidas pelas tradições de pensamento nahuas como muito distintas da atual, pois seriam, inclusive, povoadas por homens diferentes”.<sup>152</sup>

Outro importante documento do México colonial quinhentista e que contém valiosas informações sobre a lenda dos *Quinametzin* é a obra intitulada *Historia de las Indias de Nueva España* ou *Códice Durán*, de autoria do frade dominicano Diego Durán.

---

148 MUÑOZ CAMARGO, Diego. **Historia de Tlaxcala**. Publicada y anotada por Alfredo Chavero. México: Oficina Tipografica de la Secretaria de Fomento, 1892, p. 153. Disponível em: <https://archive.org/details/historiadetlaxc00chavgoog/page/n6>. Acesso em: 26 de setembro de 2019.

149 COELHO, Pablo Martins Bernardi. As crônicas mestiças: Uma análise sobre a construção da narrativa de Diego Muñoz Camargo. **Revista Latino-Americana de História**, v. 1, n. 1, p. 23-44, 2012, p. 26. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/index>. Acesso em: 28 de agosto de 2021.

150 Ibidem, p. 2-3.

151 SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas**. São Paulo: Alameda, 2009, p. 324.

152 Ibidem, p. 325.

Natural de Sevilha, Durán chegou ao México com apenas cinco ou seis anos de idade, onde passaria toda sua vida adquirindo uma compreensão da cultura e da língua nahua inigualável em seu tempo. Sua *Historia de las Indias de Nueva España* foi escrita entre os anos de 1576 e 1581 e divide-se em três partes que tratam da religião e da história dos diversos povos que habitavam o México Central à época da colonização e do domínio espanhol. Conforme observa Todorov, o dominicano pretendia compreender e assimilar a cultura indígena, para assim poder eliminá-la.<sup>153</sup> No entanto, pode-se dizer que é um mestiço no plano cultural pois, ao tentar assimilar os costumes e a religiosidade indígena, acabava por não querer se desfazer de certos elementos.

Ao questionar um ancião centenário, morador de *Cholula*, sobre a origem e criação do mundo, Durán alega que obteve as informações sobre os antiquíssimos *Quinametzin* em uma narrativa muito semelhante àquela encontrada no livro do *Gênesis*. O índio, tão velho que se inclinava para a terra e muito sábio em assuntos da antiguidade, teria dito ao dominicano que tomasse tinta e papel, pois, somente assim, sem as limitações da memória, poderia guardar tudo sem ocultar nenhum detalhe.<sup>154</sup> Após seguir os conselhos do ancião de *Cholula*, o religioso propôs-se a transcrever o relato, nos brindando com uma narrativa no qual um mundo escuro, caótico e “vazio” era habitado por homens gigantes, senhores absolutos da terra:

En el principio, antes que la luz ni el sol fuese criado, estaba esta tierra en obscuridad y tiniebla y vacia de toda cosa criada; toda llana, sin cerro ni quebrada, cercada de todas partes del agua, sin árbol ni cosa criada, y luego que nació la luz y el sol en Oriente, aparecieron en ella unos hombres gigantes de deforme estatura y poseyeron esta tierra; los quales, deseosos de ver el nacimiento del sol y su ocaso, propusieron de lo ir á buscar, y dividiéndose dos partes, los unos caminaron hacia Poniente, los otros hacia Oriente: estos caminaron hasta que la mar les atajó el camino; de donde determinaron volverse al lugar donde auian salido, y vueltos á este lugar, que tenia por nombre Iziacgulin Iztacçulin Ineminian, no aliando remedio para poder llegar al sol, enamorados de su luz y hermosura, determinaron de edificar una torre tan alta que llegase su cumbre al cielo; y llegando materiales para el efecto, hallaron un barro y betún muy pegadiço, con el cual, á mucha priesa empegaron á edificar la torre, y auiendola subido lo mas que pudieron, que dicen parecía llegar al cielo, enojado el Señor de las alturas dijo dios moradores del cielo: “¿Aueis notado cómo los de la tierra han edificado una alta y soberbia torre para subirse acá, enamorados de la luz del sol y de su hermosura? vení y confundámoslos, porque no es justo que los de la tierra, viviendo en la carne, se mezclen con nosotros”. Luego en aquel punto salieron los moradores del cielo por las cuatro partes del mundo, así como rayos, y les derribaron el edificio que auian edificado;

---

153 TODOROV, op. cit., p. 295.

154 DURÁN, op. cit., 1867, p. 7.

de lo cual, asombrados los gigantes y llenos de temor, se dividieron y derramaron por todas las partes de la tierra.<sup>155</sup>

Em sua crônica, Durán não deixa de comentar sobre as diversas semelhanças que tal relato possuía com as narrativas da criação do mundo e da humanidade, na perspectiva do imaginário judaico/cristão. Assim, logo adverte o leitor que tudo o que lhe relatara o indígena mexicano estava em conformidade com as *Sagradas Escrituras* e podia ser devidamente comprovado com uma simples leitura do livro do *Gênesis*. Ainda, segundo o cronista católico, o primeiro livro do *Antigo Testamento* e a história contada pelo antigo morador de *Cholula* eram condizentes, visto que tratavam do mesmo assunto: a criação do mundo, sua forma, a natureza gigantesca dos primeiros homens que povoaram a Terra e a construção da Torre de Babel. Isso posto, concluiu, sem maiores problemas, que esses relatos sobre os gigantes e as épocas primordiais eram verdadeiros, e que os povos que os transmitiam “la oyeron de sus ascendientes y antepasados; y estos naturales, como son de la línea de aquel pueblo escogido de Dios (según mi opinión), por quien Dios obró grandes maravillas, ha venido la noticia y pinturas de mano en mano, de las cosas de la Biblia y misterios della”.<sup>156</sup>

Ao longo da sua obra Durán insiste nas analogias, enxergando no relato do índio centenário todos os possíveis elementos compatíveis com os livros das *Sagradas Escrituras*. Dessa forma, defende que as provas de que a grande maioria dessas “nações indianas” descendiam diretamente dos judeus, podiam serem obtidas ao comparar o modo de falar e agir dos indígenas com suas respectivas características culturais. Para tal, o clérigo afirma ter recorrido à “revelação divina” e ao “espírito de Deus”, dispensando “suspeitas e conjecturas” para chegar à verdade dos fatos e às provas inquestionáveis de que os povos mexicanos seriam naturalmente hebreus. Para comprovar sua tese, o eclesiástico adverte: “y creo no incurriría en capital error el que lo afirmase, si considerado su modo de vivir, sus cerimonias, sus ritos y supersticiones, sus agüeros y hipocresías, tan emparentadas y propias de las de los judíos”.<sup>157</sup>

Entretanto, embora defenda que fossem “descendentes de judeus”, o dominicano não absorve os relatos que ouve dos indígenas em sua integridade, nem mesmo tenta reinscrevê-los em seu próprio imaginário sem fazer determinados recortes. Muitas vezes, de modo contraditório, ele se desfaz dos elementos indesejados, eliminando todos os

---

155 Ibidem, p. 7.

156 Ibidem, p. 7.

157 Ibidem, p. 1.

traços que não considera verdadeiros e compatíveis com a leitura dos textos bíblicos. Quando os mantém, adapta-os à sua maneira, descartando de antemão “falsas fábulas”, histórias contadas pelos velhos anciãos que não encontravam similaridades com as *Sagradas Escrituras* e, então, distorcia a história da criação do mundo e a origem da humanidade – homens que nasceram de mananciais e fontes, outros que nasceram de certas covas, e outros ainda que alegavam descender diretamente dos próprios deuses. Em suma, não duvida nem por um segundo de que os antigos mexicanos eram, na verdade, autênticos peregrinos e forasteiros, os descendentes diretos das dez tribos de Israel e que trilham um caminho semelhante ao que foi percorrido por Moisés e os hebreus quando saíram do Egito em busca da Terra Prometida.<sup>158</sup>

Satisfeita a necessidade de explicar a origem e a humanidade dos índios, restava a Durán enquadrar os ditos *Quinametzin* na *Grande Cadeia dos Seres*, o que ele faz, a partir de uma divisão tripartite, colocando numa escala gradativa todos os povos mesoamericanos, ao classificá-los como civilizados, bárbaros e gigantes. Desse modo, prossegue que, no princípio dos tempos, seis tribos descendentes de Israel teriam vindo para habitar o Vale do México: os Xochimilcas, os Chalcas, os Tepanecas, os Colhuas, os Tlaluiccas e os Tlaxcaltecas.<sup>159</sup> No entanto, quando chegaram, essas terras eram habitadas por outras duas tribos de povos “bárbaros”: a primeira era formada pelos seminômades Chichimecas, que viviam de modo brutal e selvagem, ocupando as montanhas mais íngremes e perigosas e levando uma vida bestial e sem nenhuma consideração humana. Andavam nus, sem nenhuma cobertura em seus corpos e viviam da caça e coleta de veados, lebres, gatos selvagens, cobras, lagartixas, ervas e raízes. Além do mais, não tinham habitação fixa, dormiam pelos montes, não praticavam a agricultura e vivam de acordo com os caprichos da natureza.<sup>160</sup>

A segunda tribo era composta pelos gigantes que habitavam o outro lado das montanhas e eram conhecidos como *Quiname* (homens de grande estatura). Eram seres “cruéis e bestiais”, pois se alimentavam de carne crua e praticavam os gestos mais abomináveis, fazendo oposição ao impedir que suas terras fossem ocupadas pelos forasteiros. Habitavam sempre os lugares mais rugosos e vagavam de montes em montes, praticando crueldades e tirando a paz de todos os povos circunvizinhos. O ardil utilizado pelos habitantes de Cholula e Tlaxcala para destruir essa nação “má e cruel” fora o

---

158 Ibidem, p. 2.

159 Ibidem, p. 10.

160 Ibidem, p. 13-14.

seguinte: valeram-se da traição e do engano e fingiram estar em paz com eles. Assim, prepararam uma magnífica comida e um grande banquete. Enquanto alguns dos anfitriões armavam uma emboscada, outros tratavam de esconder os armamentos dos inimigos – rodelas, espadas e bastões. No momento que os gigantes comiam e bebiam, os donos do festejo saíram da emboscada na direção dos oponentes. Pegos de surpresa e sem armas, os grandalhões agarravam e arrancavam desesperadamente os galhos das árvores mais próximas como se “fossem apenas um nabo macio”.<sup>161</sup>

O jesuíta espanhol José de Acosta reproduz relato semelhante, embora acrescente um ou outro elemento à lenda. Em sua obra intitulada *Historia natural y moral de las Indias* (1590), Acosta associa os gigantes à formação dos povos nahuas. Conforme consta no texto, os antigos Tlaxcaltecas valeram-se do truque para vencer a força dos oponentes. Após embriagá-los e tomarem suas armas, lançaram-se sobre os inimigos sem deixar nenhum deles com vida. A vitória sobre esses seres gigantes teria provocado um período de paz e prosperidade, quando, então, os Tlaxcaltecas puderam viver pacificamente com outras linhagens e casar “sus hijos e hijas unos con otros y partiendo términos pacíficamente, y atendiendo con una honesta competencia a ampliar e ilustrar su república cada cual hasta llegar a gran crecimiento y pujanza”.<sup>162</sup>

O gravurista suíço Matthäus Merian reproduz em detalhes a cena descrita por Durán e Acosta em uma ilustração impressa para uma edição publicada pela primeira vez em Frankfurt am Main, no ano 1631. A obra seria ainda reeditada nos anos seguintes, para ilustrar *Historia Antipodum*, uma coletânea de viagens ao Novo Mundo, de autoria do teólogo e editor alemão Johann Ludwig Gottfried. A imagem divide-se em duas perspectivas de narrativas, característica própria do modelo pictórico renascentista: na primeira, localizada na parte frontal do desenho, vemos um grupo de indígenas que cordialmente servem comida e bebida para os gigantes – vinho, pães e peixes. No segundo nível do quadro, ao fundo da pintura, podemos observar o desfecho da narrativa: os indígenas avançam na direção dos oponentes colossais atirando-lhes dezenas de flechadas, enquanto esses, em sua rudeza e selvageria, só podem se defender arrancando com as mãos e atirando os galhos de árvores mais próximos (Figura 8).

---

161 Ibidem, p. 13 e 15.

162 ACOSTA, Josef de: **Historia Natural y Moral de las Indias**. Edición crítica de Fermín del Pino-Díaz. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008, p. 235-236. Disponível em: <http://www.fondazioneintorcetta.info/>. Acesso em: 23 de julho de 2021.



**Figura 8** – Os gigantes (*Quinametzin*) foram mortos pela inteligência e astúcia dos Tlaxcaltecas, conforme consta nos relatos dos padres espanhóis Diego Durán e José de Acosta.



Fonte: *The Internet Archive*. Gravura de Matthäus Merian, para a obra de Johann Ludwig Gottfried. Frankfurt am Main: 1655. Disponível em: [https://archive.org/details/neweweltvndameri00gott\\_0/page/52](https://archive.org/details/neweweltvndameri00gott_0/page/52). Acesso em: 28 de outubro de 2019.

Outros elementos se destacam na ilustração, visto que ela estabelece uma diferença acentuada entre indígenas e gigantes. Como se pode notar, os primeiros têm o corpo parcamente coberto com uma espécie de tanga, enquanto seus oponentes gigantescos apresentam corpos totalmente desnudos. O artista procurara realçar o gigantismo, ao adicionar uma feição assustadora e deformada nos figurantes desnudos, além de representá-los com longas barbas (no caso dos indivíduos do sexo masculino) à maneira dos antigos congêneres gregos. Assim como nos relatos, os habitantes do Novo Mundo foram retratados pelo gravurista, a partir de uma escalada hierárquica, onde frente a esses entes brutais e monstruosos, totalmente rudes e selvagens (gigantes), os indígenas mexicanos tornam-se quase que civilizados.

A lenda, conforme relatada por Durán e Acosta, apresenta diferenças substanciais em relação às descrições encontradas nos documentos analisados anteriormente. Enquanto os primeiros atribuem a extinção dos *Quinametzin* a determinado evento cataclísmico, os segundo os colocam diretamente em confrontação com os antigos habitantes do México Central. Contudo, em todos os casos, esses seres

possuidores de grande estatura e força bruta representam a desordem e a escuridão, pois são os protagonistas de um passado remoto e caótico. Com efeito, sua derrota e aniquilação, anunciam uma nova era de paz e prosperidade.

É interessante observar as diversas similaridades das passagens relatadas por Durán e Acosta com as narrativas mitológicas da literatura clássica, pois, além dos textos bíblicos, os cronistas certamente se valeram da leitura dos autores gregos para acrescentar elementos pontuais ao mito indígena. Na *Odisseia de Homero*, Ulisses teve que se valer da inteligência para superar a grandeza e a crueldade do gigante ciclope Polifemo, um voraz devorador de carne humana. A estratégia utilizada pelo rei de Ítaca foi entupir de um bom vinho a barriga monstruosa do seu oponente para, na sequência, furar seu único olho com um pau de oliveira verde aquecido ao fogo: “Eles, então, levantaram o pau, cuja ponta afilada no olho do monstro empurraram; por trás, apoiando-me nele, fi-lo girar, como fura com trado uma viga de nave o carpinteiro”.<sup>163</sup>

Outros fragmentos encontrados nas narrativas apresentadas pelos clérigos católicos chamam a atenção pelo grau de semelhança com os elementos provenientes do imaginário judaico/cristão. Um exemplo é a descrição de Durán, de que os Tlaxcaltecas, uma das seis tribos mexicanas que seriam descendentes dos “judeus”, ao chegar ao Vale do México, teriam enfrentado grande oposição dos colossais *Quinametzin*, que habitavam o lado oposto das montanhas. Tal narrativa encontra semelhanças com uma passagem do *Livro dos Números*, texto que descreve a epopeia dos hebreus em busca da Terra Prometida. Na ocasião, Deus ordenara a Moisés que enviasse seus homens para espiar Canaã, uma terra que manava leite e mel, cercada por montanhas e edificadas por cidades fortes e grandes. Quando avistaram o outro lado das montanhas, os espiões hebreus se encheram de medo, pois se depararam com homens grandíssimos: “Também vimos ali gigantes, filhos de Anaque, descendentes dos gigantes; e éramos aos nossos olhos como gafanhotos, e assim também éramos aos seus olhos”.<sup>164</sup>

Lembremos que Durán estabelece uma relação direta entre os relatos que ouviu dos indígenas e os livros do *Antigo Testamento*, comparando em pormenores a trajetória dos antigos judeus com esses novos “hebreus” que teriam chegado às terras mexicanas em tempos remotos. Além disso, é importante observar que o nomadismo, a ausência da agricultura e as áreas montanhosas, são os elementos que reforçam a selvageria e

---

163 HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25<sup>o</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 162-163.

164 BÍBLIA SAGRADA, op. cit., NÚMEROS, 13, 32-33.

provocam com sucesso, toda sorte de estereótipos negativos. Por sua vez, os povos mesoamericanos são classificados em categorias dicotômicas: o civilizado e o bárbaro, o sedentário e o nômade, o que come carne cozida e o que se alimenta de carne crua e, por fim, os que habitam as cidades e os que dela se distanciam. A rigor, os gigantes, povos imaginários, são localizados quase sempre nos limites fronteiriços mais inóspitos e representam uma faceta ainda mais extremada que o escritor espanhol utiliza para desqualificar povos reais como os Chichimecas.<sup>165</sup>

Ainda no que diz respeito às correspondências entre as tradições clássica e mesoamericana não se pode descartar que os próprios indígenas tenham se valido das narrativas ocidentais. Essas, por sua vez, visavam promover uma estratégia de sobrevivência cultural, frente ao acintoso projeto de ocidentalização e cristianização do imaginário autóctone empreendido, no México, pelos padres dominicanos e franciscanos, a partir da segunda metade do século XVI. Além do mais, conforme destacamos no tópico inicial do presente capítulo, os jovens indígenas estudavam nos colégios católicos estabelecidos na Nova Espanha. Nessas escolas, os estudantes mexicanos aprendiam a falar e a escrever em espanhol e latim, liam os livros dos autores clássicos e medievais e desenhavam segundo o estilo pictórico renascentista. Assim, desenvolveram um “pensamento mestiço” em uma tentativa de adaptação sociocultural, frente aos novos valores impostos pelos colonizadores e missionários espanhóis.

Para muitos dos missionários católicos que chegaram à Nova Espanha e anotaram os acontecimentos da conquista, não havia dúvidas de que esses antigos seres fabulosos teriam habitado a América. Seriam os poucos sobreviventes do grande dilúvio que Deus havia enviado para castigar a terra e seus moradores à época de Noé. O debate reduzia-se a colocar esses mitos indígenas na cronologia dos acontecimentos das *Sagradas Escrituras*, situando os gigantes dentro de uma estrutura hierárquica na *Grande Cadeia dos Seres*. Para o franciscano Juan de Torquemada, presbítero que chegou ao México no ano de 1524, a grande questão era saber se os ossos gigantes, encontrados em diversos lugares do Novo Mundo, eram de fato do período anterior ou do posterior à intempérie descrita nos livros sagrados.<sup>166</sup>

---

165 O termo *Chichimeca* tornou-se para os espanhóis um sinônimo de bárbaro. Dessa forma, era utilizado para desqualificar povos de diferentes estágios sociais que viviam nas serras mexicanas e eram considerados inferiores do ponto de vista cultural (MUNOZ MORAN, 2008, p. 161).

166 TORQUEMADA, op. cit., 1975, p. 53.

Para escrever sua *Monarquía Indiana*,<sup>167</sup> Torquemada consultara, pessoalmente, diversos códices nahuas e outros documentos mexicanos originais.<sup>168</sup> Assim, concluiu que os *Quinametín*, “que quer dizer gigantes”, teriam sido os primeiros habitantes das “terras indianas”, povoando o México Central, antes do domínio tolteca nessa região. Para comprovar sua tese, o missionário recorreu a diversas passagens do *Antigo Testamento*, além da autoridade de autores medievais como Santo Agostinho. Valeu-se, ainda, dos ossos grandíssimos que teriam sido encontrados em diferentes províncias mexicanas: “Y nadie se maraville ni tenga por fábula lo que decimos de estos gigantes; porque hoy día se hallan huesos de hombres de increíble grandeza y la muela que en mi poder tuve, se sacó de una quijada que ya como tierra se iba desmoronando y haciendo ceniza”.<sup>169</sup> Em outra parte, o clérigo relata a causa que os levara à destruição: “Dicen algunos que se murieron de hambre, porque no comían lo que el cuerpo les demandaba y que andaban entre las gentes como bestias en el campo, no atendiendo a más que a comer y vivir la vida, hasta que les llegó la muerte”.<sup>170</sup>

Outro frade franciscano, Toribio de Benavente Motolinía, em sua obra intitulada *Historia de los Indios de la Nueva España*, alega que os gigantes eram genuínos filhos do demônio e grandes pecadores, gerados a partir das relações que corriqueiramente ocorriam fora do casamento.<sup>171</sup> Da mesma ordem, Gerónimo de Mendieta defende que esses entes desmesurados não haviam sido completamente eliminados na hecatombe diluvial, uma vez que alguns remanescentes, “meios gigantes”, habitavam o México Central durante o domínio e a ocupação espanhola no século XVI. Um indivíduo que habitava o vilarejo de Cuernavaca, media nada menos que onze palmos (cerca de 2,40 metros de altura). O íncola teria ido inúmeras vezes à Cidade do México para participar da *Procissão de Corpus Christi*, mas como lhe davam muita comida, morreria de fome quando retornou ao seu antigo povoado “desprovido” de fartura.<sup>172</sup>

Nas crônicas desses monges católicos, sobretudo os pertencentes à Ordem de São Francisco, os gigantes foram descritos como figuras extremas, filhos do Diabo, como

---

167 A primeira edição foi publicada em Sevilha em 1615 e a segunda em Madrid, em 1723. A versão utilizada no presente estudo encontra-se na página da UNAM, Universidad Nacional Autónoma de México, no seguinte endereço: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/monarquia/index.html>. Acesso em: 21 de dezembro de 2019.

168 ASHWELL, op. cit., p. 40.

169 TORQUEMADA, op. cit., p. 54.

170 Ibidem, p. 55.

171 BENAVENTE DE MOTOLINÍA, op. cit., 2014, p. 176.

172 MENDIETA, Gerónimo de. *Historia eclesiástica indiana*. México: Antigua librería, 1870, p. 96. Disponível em: [http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080012505/1080012505\\_023.pdf](http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080012505/1080012505_023.pdf). Acesso em: 24 de julho de 2021.

descreveu Motolínia. Os franciscanos, vale ressaltar, foram a primeira ordem de frades a chegar à Nova Espanha tendo, desde cedo, iniciado um processo contumaz de conversão das almas e de extirpação das “idolatrias” dos indígenas.<sup>173</sup> Conforme destaca Gruzinski (2001): “À conquista dos espíritos acrescentou-se a conquista dos corpos, destinada a submeter a família, o casamento e os hábitos mais íntimos às normas universais da Igreja”.<sup>174</sup> Dessa forma, podemos concluir que os mitos nahuas foram inscritos no âmbito do imaginário europeu e interpretados a partir da perspectiva do sobrenatural cristão. Nesse processo de “cristianização” das lendas, os *Quinametzin* eram para os clérigos espanhóis as mesmas criaturas monstruosas recorrentes nos livros sagrados e mencionados pelos autores antigos e medievais.

### 1.3.1. O gigantesco guerreiro tlatelolca

Uma imagem emblemática do contexto colonial mexicano é a que representa um gigantesco guerreiro tlatelolca investindo solitário contra uma tropa de soldados da armada espanhola, comandada naquela ocasião pelo conquistador espanhol Pedro de Alvarado durante o *Cerco de Tenochtitlan* (1521). Na ilustração, vemos um indivíduo de estatura descomunal, como se pode notar ao compará-lo como os soldados do exército inimigo. O guerreiro está posicionado na linha de frente do campo de batalha e atira grandes pedras com suas próprias mãos na direção dos pequenos oponentes que estão armados com lanças, escudos e espadas (Figura 9). A referida gravura foi desenhada, especialmente para ilustrar o último dos 12 livros de *Historia General de las cosas de Nueva España*, também conhecido como *Códice Florentino*, uma obra enciclopédica composta de quatro volumes escritos em náuatle e espanhol, dedicados a diferentes assuntos sobre os povos e a cultura do México Central. O autor do manuscrito, o frade franciscano Bernardino de Sahagún chegara ao México no ano de 1529, iniciando em 1540 um minucioso estudo das diversas culturas mesoamericanas.<sup>175</sup>

---

173 GRUZINSKI, op. cit. 2001, p. 99.

174 Ibidem, p. 100.

175 Essas informações, bem como a obra completa, encontram-se no site da Biblioteca Digital Mundial. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/10096/#q=historia+de+las+cosas+de+nueva+espana>. Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

**Figura 9** – Na imagem, o famoso guerreiro Tzilacatzin é representado na figura de um gigante que peleja impetuosamente contra a exploração e o domínio espanhol, atirando grandes pedras sobre seus oponentes.



Fonte: *Biblioteca Digital Mundial*. O desenho foi realizado pelos alunos de Bernardino de Sahagún, especificamente para ilustrar sua obra intitulada *Historia general de las cosas de Nueva España* (O Códice Florentino), concluída no ano de 1577. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/10623/view/1/122/>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

A inclusão da figura do combatente tlatelolca no *Códice Florentino* torna-se ainda mais surpreendente, à medida que constatamos a discrepância entre a narrativa escrita e a imagem. Enquanto a gravura representa o guerreiro como um homem de porte gigantesco, o relato o descreve como um indivíduo forte e valente, que possuía um braço muito forte e cujo nome era Tzilacatzin. Assim, as descrições em náuatle e espanhol, que acompanham a ilustração, não nos fornecem maiores detalhes, mas dão a entender que se tratava de um sujeito de estatura padrão.<sup>176</sup>

Segundo consta no duodécimo livro do manuscrito, quando o exército espanhol chegou em Tlatelolco sob o comando do conquistador Pedro de Alvarado, nenhum guerreiro ousou impedi-los. Entretanto, Tzilacatzin, muito aguerrido e corajoso, teria atacado e matado diversos inimigos, atirando sobre eles grandes pedras e fazendo valer a imensa força que tinha em seus braços. A atitude do herói encorajou os demais guerreiros tlatelolcas, que se reuniram para fazer com que os invasores espanhóis recuassem no campo de batalha. Segundo consta no texto, Tzilacatzin estava trajado com armas e

176 SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General de las cosas de Nueva España: O Códice Florentino*. Libro duodécimo. De la conquista mexicana. México: [s.n.], 1577, p. 467. Disponível em <https://www.wdl.org/pt/item/10623/>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

insígnias no estilo de um Otomi.<sup>177</sup> Sua valentia teria assustado não somente os invasores, mas até mesmo seus companheiros, que ficaram espantados e admirados. Os espanhóis tentaram em vão derrotá-lo, mas ele se disfarçava a cada dia, ora lutando com a cabeça descoberta, outra trajando uma armadura de algodão ou ainda utilizando uma peruca, para que ninguém o reconhecesse durante os seus dias de peleja.<sup>178</sup>

Para compreendermos os motivos dos descompasso entre o textual e o imagético no *Códice Florentino*, é necessário ponderar sobre o procedimento que resultou em sua escrita e ilustração. Para escrever sua coletânea Sahagún contou com a ajuda de dois grupos indígenas do México colonial. O primeiro era formado pelos *principales*, anciãos de diversas vilas do centro do México que respondiam aos questionários do missionário franciscano que, por sua vez, anotava as informações na própria forma da escrita pictórica nahua. O segundo grupo era composto de estudantes dos colégios de Santa Cruz e Tlatelolco, onde o religioso era professor de gramática latina e recrutava os colegas entre os filhos da antiga nobreza nahua para que aprendessem a escrita alfabética espanhola. Na composição do manuscrito, seus alunos transcreviam foneticamente o náuatle utilizando as letras do alfabeto latino, enquanto Sahagún acrescentava sua própria tradução para o espanhol.<sup>179</sup>

Assim sendo, o cronista espanhol não só colhe os relatos a partir da entrevista oral dos indígenas que considerava “dignos de crédito”, como também decidiu manter a escrita original na língua dos informantes.<sup>180</sup> Com efeito, o grau de intervenção autóctone na produção textual fora ainda mais acentuado, uma vez que o clérigo franciscano permitiu que eles corrigissem e acrescentassem diversas informações na versão final do manuscrito.<sup>181</sup> Após 30 anos, o documento tomou forma, sendo ilustrado com 2.468 desenhos, cuja natureza conciliava elementos da tradição pictórica nahua com a formalidade da arte renascentista. Ainda sobre o processo de ilustração e a interferência dos estudantes mexicanos, Todorov (2016) acrescenta que “o próprio desenho é um ponto de encontro de dois sistemas de representação, diálogo que se superpõe ao das línguas e dos pontos de vista que compõem o texto”.<sup>182</sup>

---

177 Miguel León-Portilla observa que nesse caso, Otomi seria uma graduação dentro da hierarquia militar dos indígenas nahuas (PORTILLA, 2003, p. 105).

178 SAHAGÚN, op. cit., 1577, p. 467.

179 Essas informações foram retiradas do site da Biblioteca Digital Mundial. Disponível para consulta em: <https://www.wdl.org/pt/item/10096/#q=historia+de+las+cosas+de+nueva+espana>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

180 TODOROV, op. cit., 2016, p. 327.

181 Ibidem, p. 328.

182 Ibidem, p. 332.

Como podemos notar, a imagem do guerreiro tlatelolca pelejando contra o exército espanhol transita entre dois sistemas de representação pictográfica distintos. Como observa Gruzinski (2003), as figuras e os traços em perfil são características próprias da iconografia dos antigos códices nahuas.<sup>183</sup> Entretanto, a forma do avanço da armada espanhola na direção do oponente, bem como a sucessão dos planos em profundidade, colocando a imagem em perspectiva, demonstram claramente a forte influência do modelo pictográfico europeu/renascentista. Dessa forma, embora a gravura apresente um tema genuinamente “indígena”, sua forma e seus traçados já sofreram com o processo de ocidentalização que se abatera sobre as imagens mexicanas, ao longo da dominação espanhola na América.

Não existe qualquer referência textual ou iconográfica no *Códice Florentino* que relacione diretamente Tzilacatzin à figura dos antigos *Quinametzin* das lendas nahuas. Assim, é provável que a ilustração inserida no fólio tenha sido uma tentativa de responder, tanto no plano visual quanto no simbólico ao caos e instabilidades gerados pela invasão espanhola durante o *Cerco de Tenochtitlan*. Isso posto, é interessante ressaltar que, enquanto os gigantes das transcrições dos mitos mexicanos aparecem descritos como criaturas cruéis e caóticas, o guerreiro desenhado pelos alunos indígenas apresenta atributos essencialmente positivos: valentia, coragem, inteligência, garra e ousadia. Seu corpo desmesurado e seus braços extremamente fortes são os instrumentos utilizados para rechaçar a invasão e a dominação espanhola no México.

---

183 GRUZINSKI, op. cit., 2003.



## CAPÍTULO 2

– Que gigantes? – Inquiriu Sancho Pança.

– Aqueles que vês ali, com grandes braços – respondeu-lhe o amo –; alguns há que os têm de quase duas léguas.

– Veja bem vosmecê – observou Sancho – que aquilo que ali está não são gigantes, mas moinhos de vento; e o que neles parecem braços são as asas, que, impelidas pelo vento, fazem andar a pedra do moinho.

– Bem se percebe – respondeu Dom Quixote – que não és versado nestas aventuras; aqueles ali são gigantes e, se tens medo, afasta-te e põe-te a orar, enquanto me defronto com eles em fera e desigual batalha.

Dizendo isto, esporeou o cavalo Rocinonte, sem atender ao que lhe bradava o escudeiro, o qual insistia em que não eram gigantes, mas moinhos de vento, sem dúvida alguma, os que ele ia atacar. Estava, porém, tão convencido que eram gigantes, que não ouvia os gritos do escudeiro Sancho, nem conseguia perceber, mesmo de muito perto, o que eram realmente; antes, ia dizendo em voz alta: – Não fujais, covardes e vis criaturas, pois um cavaleiro vai-vos enfrentar sozinho. (*CERVANTES, 2016, p. 134-135*).

## OS GIGANTES DO NOVO MUNDO

## 2.1. Considerações iniciais: do estereótipo

A associação do ameríndio ao gigantismo e o seu simbolismo esteve presente no imaginário europeu desde o princípio do processo de dominação e colonização da América. Na literatura de viagem, isto é, cartas, diários de bordo, relações, crônicas e afins, encontram-se inúmeras referências a índios “gigantes ou quase gigantes”, habitantes selvagens dos espaços geográficos mais remotos do Novo Mundo. De acordo com os relatos dos cronistas europeus, esses indivíduos desmesurados e disformes, deveriam habitar toda a vastidão do novo continente, da costa sudeste do atual Estados Unidos, até os limites fronteiriços da denominada Terra do Fogo. No período precisamente situado entre a segunda metade do século XVI e meados do XVII, também são abundantes as representações iconográficas desses fabulosos indígenas americanos, ilustrados pelos artistas e gravuristas renascentistas, como tendo estatura nitidamente avantajada e membros proporcionalmente robustos.

A noção de gigantismo presente no imaginário/colonial europeu quinhentista encontra suas raízes mais profundas nas eras primordiais da humanidade, especialmente na crença de que a criação da terra, dos oceanos e das montanhas, pela sua notável grandeza, só poderiam ser obras das mãos de indivíduos desmesurados e dotados de grande vigor físico.<sup>184</sup> No mundo greco-romano, os gigantes foram concebidos como indivíduos de aparência monstruosa, filhos de Gea, a Mãe-Terra, com o deus-céu, Urano.<sup>185</sup> De acordo com Ovídio, eram criaturas extremamente perigosas, insolentes e soberbas, gente de “má estirpe”.<sup>186</sup> Na Bíblia, em diferentes passagens do Antigo Testamento, antes e depois do dilúvio, encontramos referências à crueldade e soberba desses seres de grande estatura e compleição física.<sup>187</sup> Incontestavelmente, em todos os contextos, o corpo desmesurado é um corpo monstruoso, disforme, que escapa às próprias regras da natureza e aos cânones de estética e beleza tidos como normais.

Na Idade Média, Santo Agostinho defende a tese de um universo todo harmonioso, composto pela junção dos contrários. Dessa forma, todas as criaturas, “normais” ou anômalas, com exceção dos gigantes, têm o seu lugar garantido na *Grande Cadeia dos Seres*, pois descendem do mesmo homem, Adão. Assim, para o bispo de

---

184 MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **América mágica**: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 259.

185 APOLODORO, op. cit., 52-53.

186 PREBEDON *apud* OVÍDIO, op. cit., p. 180.

187 MAGASICH-AIROLA; DE BEER, op. cit., 258.

Hipona, os gigantes são figuras extremas, a quem Deus, arquiteto e detentor do equilíbrio cósmico, ocultara o caminho da sabedoria e da justiça, visto que o único propósito da sua criação era demonstrar a culminância do poder de Deus na Terra, uma prova infalível da fraqueza da fortaleza corporal – corruptível, frágil e efêmera.<sup>188</sup> Ao final do período medieval, esses seres se tornariam figuras obrigatórias das festas populares, adquirindo um aspecto simbólico essencialmente grotesco.<sup>189</sup> Nos romances de cavalaria, em voga à época das viagens exploratórias, seriam transformados em personagens centrais, antagonistas do herói principal da trama, sendo caracterizados pela monstruosidade, soberba e idolatria.<sup>190</sup> No clássico *Dom Quixote de la Mancha* são descritos pelo cavaleiro da triste figura como entes desprezíveis e covardes.<sup>191</sup>

Na literatura de viagem procedente dos séculos XVI e XVII, o estereótipo transformou-se ao ser adaptado aos interesses da colonização europeia na América. Dessa forma, a desmesura, agora projetada sobre o ameríndio, aparece associada a uma série de elementos tidos como negativos, tanto físicos – aparência, estatura, vestimentas, armamentos, quanto morais – canibalismo, nomadismo, soberba, ausência da agricultura e o hábito de comer carne crua. Tais adjetivos contribuíram diretamente para endossar a guerra justa, a catequese, o trabalho escravo e o avanço territorial sobre os diferentes grupos étnico-linguísticos que habitavam a vastidão das terras do novo continente. Em muitos casos, os inúmeros relatos sobre o enfrentamento dos colonizadores contra índios gigantes e cruéis, objetivavam, antes de tudo, o enobrecimento das ações desses viajantes e exploradores em suas incursões pelo interior da América.

Para Roja Mix (1993), a figura clássica do gigante é portadora de uma gama de significados emblemáticos, uma vez que esses seres imaginários representam “la barbárie, la desmesura, el primitivismo salvaje y destructor. Ellos simbolizaban el predominio de las fuerzas telúricas (hijos de Gea), gigantismo de la naturaleza e indigencia espiritual”.<sup>192</sup> Como já demonstramos inicialmente, o gigantismo está historicamente associado aos primórdios da civilização, época em que imperavam o caos e a desordem.

---

188 AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. Parte 2. 2ª ed. Tradução de Oscar Paes Leme. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990, p. 210-211.

189 BAKHTIN, op. cit., p. 300.

190 PADILLA, María Gutiérrez. Gigantes por artificio en los libros de caballerías finiseculares. *Medievalia*, n. 46, p. 34-42, 2016. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

191 CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. Trad. de Almir de Andrade e Milton Amado; Edição ilustrada por Gustave Doré. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016, p. 134-135.

192 ROJA MIX, 1993, op. cit., p. 145.

Consequentemente, a derrota desses entes sobrenaturais do Novo Mundo, simbolizava, a rigor, o estabelecimento de uma nova ordem, quer seja no âmbito político, ou no domínio da religiosidade católica/cristã.

Nas representações iconográficas, datadas dos séculos XVI e XVII, os diferentes clichês relacionados ao gigantismo do ameríndio, seriam confundidos com os próprios padrões estéticos da arte do Renascimento. Assim sendo, o indígena era simetricamente ilustrado em toda a sua robustez corporal e desmesura, com membros extremamente musculosos e rijos à semelhança das famosas criaturas mitológicas da arte clássica/renascentista. A conjuntura histórica coincidia com a produção das inúmeras compilações das narrativas de viagem ao Novo Mundo, fartamente ilustradas nas principais oficinas e editoras europeias. Ao analisar esse contexto, Ana Maria Belluzzo (1999), enfatiza que “o argumento visual toma proeminência e conquista autonomia com relação ao texto, do qual se desgarrá”.<sup>193</sup> O notável apelo visual dessas ilustrações era possibilitado pelo emprego da técnica de água-forte que, embora conhecida pelos gravadores desde o século XV, era pouco aplicada no XVI, devido ao seu alto custo de produção. A vantagem de tal procedimento gráfico consistia em um maior trato nos detalhes das imagens, com o uso de listras mais finas e precisas.<sup>194</sup>

Ainda em relação às características da iconografia quinhentista/seiscentista, Laura de Mello e Souza (1996) destaca a existência de critérios não baseados essencialmente na observação direta e empírica da natureza, explicando que: “Não se representava o que se tinha diante dos olhos, mas o que era possível e lícito representar, segundo normas e cânones muito bem fixados”.<sup>195</sup> Com efeito, a representação imagética do “homem americano” visava, antes de tudo, à construção e disseminação de determinados chavões de cunho pejorativo que, assim como os relatos dos cronistas, objetivavam a manutenção do domínio colonial europeu. Por conseguinte, o índio retratado na iconografia europeia do século XVI “é o índio bárbaro, selvagem, antropófago – incapaz, por todos esses atributos, de gerir a própria vida, e justificando, sem maiores problemas, a dominação europeia, tanto a econômica e política quanto a espiritual, viabilizada pela catequese”.<sup>196</sup>

---

193 BELLUZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes – vol. I.** São Paulo: Metalivros, 1999, p. 53.

194 ALEGRÍA, Ricardo E. **Las primeras representaciones gráficas del indio americano, 1493-1523.** Puerto Rico: Centro de Estudios Avanzados de Puerto Rico y el Caribe. Instituto de Cultura Puertorriqueña, 1978, pp. 15-16.

195 SOUSA, Laura de Mello *Apud* RAMINELLI, op. cit., p. 9.

196 Ibidem.

## 2.2. Do relato de Américo Vespúcio à *Oficina De Bry*

O primeiro europeu a descrever o encontro com homens e mulheres gigantes em terras do Novo Mundo, foi ninguém menos do que o navegador, cosmógrafo e explorador florentino, Américo Vespúcio. Em sua *Carta de Sevilha*,<sup>197</sup> uma das três cartas autênticas, dirigidas a Lorenzo Dei Médici, acham-se as descrições sobre a excursão de uma armada espanhola à América do Sul e ao Caribe entre maio de 1499 e junho de 1500, além dos relatos sobre matanças, índios canibais e animais extraordinários e ferozes, entre os quais um “leão” e uma serpente que media oito braças de comprimento (mais de 17 metros).<sup>198</sup> Em um dos episódios mais simbólicos sobre a desmesura dos americanos, o viajante narrou em pormenores as características dos habitantes de uma ilha caribenha, localizada ao norte da costa da atual Venezuela (provavelmente Curaçao).

Na referida ilhota, 11 marinheiros europeus depararam-se com uma aldeia composta de 12 casas, onde habitavam “mulheres de tão grande estatura que não havia nenhuma que não fosse mais alta que cada um de nós um palmo e meio”.<sup>199</sup> As gigantes eram discretas, falavam a linguagem dos sinais e, mesmo temendo inicialmente a presença dos forasteiros, os levaram até uma das habitações para lhes dar refrescos. Em resposta à cordialidade das anfitriãs, os europeus resolveram roubar duas belas jovens de 15 anos para dar de presente ao seu rei. Entretanto, enquanto planejavam o iminente rapto, 36 homens entraram sorrateiramente no recinto. De acordo com Vespúcio, eram todos igualmente gigantes, e “de tão alta estatura que cada um deles era mais alto estando de joelhos do que eu em pé”.<sup>200</sup>

Os membros dos seus corpos eram igualmente proporcionados, e portavam armas tipicamente rudimentares: arcos, setas e grandes pedaços de madeira que utilizavam como espada. Inesperadamente, o medo havia mudado de lado, e os invasores ficaram terrivelmente inseguros na presença de mulheres tão altas e fortes quanto Pentesileia, a famosa rainha das amazonas derrotada por Aquiles. Já os homens se assemelhavam em tamanho e força a Anteu, criatura lendária filho de Poseidon e Gaia

---

197 Essa carta foi emitida em Sevilha em 18 de julho de 1500 e publicada pela primeira vez em 1745 (BUENO, 2003, p. 125).

198 VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo**: as cartas que batizaram a América. Apresentação e notas de Eduardo Bueno. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2003, p. 139-140.

199 Ibidem, p. 142.

200 Ibidem.

derrotada por Hércules.<sup>201</sup> Assim, para o bem de todos e em nome da paz, conclui Vespúcio, “lhes respondemos por sinais que éramos gente pacífica e que andávamos a ver o mundo. Em conclusão, tivemos por bem partirmos deles sem questão e voltarmos pelo mesmo caminho pelo qual fomos, e nos acompanharam ao mar até os navios”.<sup>202</sup>

As alusões utilizadas por Vespúcio para descrever e comparar os povos americanos, só podem ser percebidas e compreendidas quando situadas na longa duração do imaginário europeu e em sua forte vinculação à tradição clássica/renascentista. Conforme observa Gruzinski (2001), os viajantes e exploradores europeus tinham grande simpatia pelo exótico e monstruoso e, para explicá-lo e inseri-lo no quadro de pensamento então vigente, faziam uso das mais diferentes misturas de culturas, elementos e tradições.<sup>203</sup> Dessa forma, os primeiros relatos dos cronistas, significou uma transposição do imaginário antigo e medieval para as terras “recém-descobertas” a oeste do globo terrestre. Para Roja Mix: “Los mitos, las leyendas, el mundo teratológico, las quimeras, todo va a adquirir carta de ciudadanía en América, y todo a ser buscado allí con ahínco por los rastreadores de fortuna y los cazadores de sueños”.<sup>204</sup>

Vespúcio faleceu no ano de 1512, vítima de uma malária, tendo inaugurado, contudo, uma “tradição” que percorreria o século XVI e se estenderia ao XVII. Para além da literatura de viagem e das crônicas da conquista, o humanismo renascentista ressurgiria com vigor nas representações artísticas europeias do período. Tais imagens tornar-se-iam suportes imprescindíveis para o “conhecimento” europeu sobre o tão distante Novo Mundo e seus “exóticos” habitantes.<sup>205</sup> Assim, mais de cem anos após as descrições do explorador florentino na fabulosa *Ilha dos Gigantes*, os gravuristas da *Oficina de Bry* reproduziriam em detalhes a emblemática cena. Em *Americae Pars Decima*, publicada em Oppenheim, no ano de 1619, como parte da coleção de relatos das Índias Ocidentais intitulada *Grands Voyages*, vemos a representação iconográfica de “*Como foram recebidos Vespúcio e os espanhóis numa ilha habitada por gigantes*”.<sup>206</sup>

---

201 Pentésiléia foi a famosa rainha das amazonas, que segundo Pseudo-Apolodoro teria lutado na Guerra de Tróia e sido derrotada pelo herói grego Aquiles (APOLODORO, 1985, p. 222). Anteu, gigante lendário, filho de Poseidon e Gaia, derrotado por Hércules por ter profanado um templo com os ossos de seus inimigos, de acordo com as descrições de Ovídio (PREDEBON *Apud* OVÍDIO, 2006, p. 485).

202 VESPÚCIO, op. cit., p. 142.

203 GRUZINSKI, op. cit., 2001, p. 150.

204 ROJA MIX, op. cit., 1993, p. 125.

205 ORRIOLS, Daniel Nieto. La tradición clásica en las imágenes de América: pervivencia de los modelos y tópicos grecolatinos en la Conquista. *Historias del Orbis Terrarum*, 2012, 8: 85-106, p. 88. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3934873>. Acesso em: 15 de mar. 2020.

206 Tradução nossa. No original em latim: “*Quomodo in Gigantum insula cum Hispanis suis exceptus fuerit Vespucius*” (DE BRY, 1919, lâmina 6).

A série *Grands Voyages*, iniciada por Theodore De Bry no final do século XVI, foi a primeira coletânea sobre o Novo Mundo, obtendo grande sucesso no mercado editorial. Durante quase quatro décadas, mesmo após a morte de Theodore De Bry, em 1598,<sup>207</sup> a obra seria publicada em diversos idiomas – treze volumes em latim e quatorze em alemão. Foi ainda a primeira compilação de narrativas de viagem sobre a América a contar com a utilização de grandes quantidades de gravuras.<sup>208</sup> Na ilustração que representa a *Ilha dos Gigantes*, vemos o desenrolar narrativo em três planos sucessivos: do momento em que os soldados espanhóis chegaram às habitações para onde foram levados amigavelmente pelas gigantes; da chegada de diversos homens gigantes, portando arco, flecha e porretes de madeira, aproximando-se para intimidar os invasores europeus e, finalmente, no plano de fundo, o embarque forçado dos europeus em uma caravela ancorada nas proximidades do litoral (Figura 10).

A imagem apresenta padrões artísticos renascentistas muito bem definidos e preestabelecidos, avigorando o imaginário europeu sobre a condição selvagem e exótica dos ameríndios. Enquanto os europeus estão trajados com indumentárias típicas de cavaleiros medievais – armadura, elmo, espada e lança –, os ameríncolas encontram-se com seus corpos desmedidos totalmente desnudos, e são representados como indivíduos totalmente desprovidos das técnicas mais avançadas, exclusivas da civilização dos estrangeiros. Além da ausência de capacetes e vestimentas, os índios utilizam como proteção e instrumentos de combate, apenas setas rústicas e grandes porretes feitos de madeira, armas “próprias” dos gigantes. Finalmente, a associação ao gigantismo, presente tanto no texto de Vespúcio, quanto na ilustração da *Oficina de Bry*, tornam esses fabulosos “selvagens” ainda mais bárbaros e perigosos.

Em relação à recorrente nudez do índio na iconografia sobre a América, adicionada a outros clichês negativos, Raminelli (1996) observa que essa sustentava moralmente o projeto colonial de dominação e exploração estrangeira. Constituía, ainda, uma oportunidade para a implementação forçada dos princípios do cristianismo católico, realizados simultaneamente em nome da espada e da cruz. Para esse mesmo autor: “A relação entre os projetos coloniais e as representações do índio constitui a pedra angular para se compreender a iconografia europeia dedicada aos ameríndios”.<sup>209</sup>

---

207 Com a morte de Theodore Bry em 1598, seus filhos Johannes Israel e Johann Theodor de Bry, seriam responsáveis pela continuação da série *Grands Voyages* (JIMÉNEZ, 2014, p. 94).

208 KALIL, op. cit., p. 263.

209 RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização: A representação do índio de Caminha a Vieira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996, p. 55.

**Figura 10** – “Como foram recebidos Vespúcio e os espanhóis numa ilha habitada por gigantes”.



Fonte: *The Internet Archive*. Lâmina VI de *Americae Pars Decima*. Oppenheim: Oficina De Bry, 1619, p. 89. Disponível em: [https://archive.org/details/americaparsdeci00vesp\\_0/page/n89/mode/2up](https://archive.org/details/americaparsdeci00vesp_0/page/n89/mode/2up). Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

### 2.3. O corpo do gigante

Uma das narrativas mais emblemáticas sobre o gigantismo dos ameríndios, encontramos no relato do frei franciscano Pedro Símon. Em suas *Noticias Historiales*, obra escrita no princípio do século XVI, o religioso espanhol nos brindou com um curioso relato: um pequeno grupo de soldados, liderados por um certo capitão de nome Diego de Rójas explorava o interior do Vice-Reino do Peru, quando, subitamente, se depararam com uma terra muito fértil. As árvores desse local eram raras e grandíssimas, tão compridas quanto a distância percorrida por uma seta atirada pelas mãos de um arqueiro habilidoso. A circunferência era tamanha que, seis homens de mãos dadas, mal podiam envolvê-las. Por conseguinte, em função da sua notável desmesura, possuíam uma aparência verdadeiramente estranha, visto serem distorcidas e monstruosas.<sup>210</sup>

---

210 SIMÓN, 1892, op. cit., p. 6.



Em uma dessas árvores disformes e colossais, prossegue o frei franciscano, os soldados de Diego de Rójas encontraram descansando em sua sombra o homem mais monstruoso e feio em toda a sua espécie. O íncola media nada menos que cinco varas de altura (mais de cinco metros), tinha membros que correspondiam ao tamanho desmedido do seu corpo, um focinho longo e dentes compridos e salientes que saltavam para fora da boca com em uma fera selvagem. Igualmente imensos eram os seus dois órgãos genitais, posto que se tratava de um genuíno hermafrodita. O corpanzil do indígena, por sua vez, era todo coberto por um belo pelo marrom, curto e estranho. Ele segurava em uma das mãos uma espécie de bastão grosso, tão alto quanto a antena de uma caravela de tamanho mediano, instrumento que utilizava no lugar de bengala. Enfim, era “todo tan correspondiente que parecia se habian criado aquellos árboles para dar sombra á aquellos hombres y los hombres para que la ocuparan”.<sup>211</sup>

Enquanto caminhava exibindo livremente toda aquela corpulência apoiado em sua bengala desmedida, os soldados vieram pela retaguarda e dispararam simultaneamente com os seus arcabuzes na direção do selvagem. Ao tombar sobre a terra, o corpaço do monstrengo emitiu um ruído semelhante à queda de uma grande pedra. A criatura resistia bravamente e, na tentativa de pôr-se em pé, fora surpreendida por uma segunda descarga de tiros. Dessa forma, “rindió la vida, quedando aquella máquina del cuerpo para que pudiesen los soldados llegar y ver despacio lo que hemos dicho de él”.<sup>212</sup> Na sequência do episódio, os matadores de gigantes correram desesperadamente para avisar o capitão mas, ao retornar, os companheiros do hermafrodita haviam retirado o morto do local, deixando para trás apenas grandes marcas no chão como prova da sua morte e do seu tamanho colossal.<sup>213</sup>

A associação entre gigantismo e androginia demonstra como esses mitos assumiram diversas facetas na transposição para o contexto colonial do Novo Mundo. Na perspectiva do imaginário medieval/renascentista, os hermafroditas ou andróginos eram todas as criaturas que possuíam dois sexos no mesmo corpo, ou seja, que nasciam com dois aparatos genitais, masculino e feminino. Para o cirurgião francês Ambroise Paré, o hermafroditismo ocorria quando a mulher contribuía com sêmen na mesma proporção que o homem e, dessa forma, a “virtude formadora” se encarregava de produzir “machos” a partir da matéria masculina e, “fêmeas”, a partir da feminina. Portanto, os hermafroditas

---

211 Ibidem.

212 Ibidem.

213 Ibidem.

“son los que están totalmente privados y exentos de generación, y cuyos sexos son totalmente imperfectos (...) y no pueden utilizarlos sino para expulsar la orina”.<sup>214</sup>

Assim como os gigantes, os andróginos eram seres monstruosos que podiam assumir inúmeras formas. Segundo Paré, os monstros e prodígios externavam as consequências das desordens e concupiscências dos homens e, em muitos casos manifestavam a glória e o poder de Deus na terra, através dos seus milagres.<sup>215</sup> Entretanto, prossegue, o Diabo e seus demônios, através dos muitos estratagemas, também geravam essas anormalidades, corrompendo o corpo, a vida, a inteligência e a saúde dos homens. Desse modo, o pecado induzido pelo maligno pervertia não somente as almas dos pecadores, mas agia sobre o seu corpo físico, que se transformava em um vaso maléfico repleto de anomalias e deformações.<sup>216</sup> Para Michel Foucault (2001), esses monstros do imaginário europeu constituíam “um fenômeno ao mesmo tempo extremo e extremamente raro (...) o limite, o ponto de inflexão da lei (...) ao mesmo tempo, a exceção que só se encontra em casos extremos”.<sup>217</sup>

Na narrativa de Pedro Símon, o corpo gigantesco estabelece uma simetria com a própria natureza física da América. As árvores são desmesuradas e disformes, pois foram feitas exclusivamente para abrigar criaturas igualmente gigantescas e monstruosas. Assim, os viajantes e cronistas europeus concebem a fauna e a flora americana como sendo morada para toda sorte de seres fabulosos, monstros e bestas selvagens. Bakhtin (1987), ao analisar a imagem grotesca do corpo na cultura popular da Idade Média enfatiza que: “A maior parte das lendas locais estabelecem um paralelo entre os diferentes fenômenos naturais, o relevo do lugar (montanhas, rios, rochas, ilhas) e o corpo do gigante e seus diversos órgãos”.<sup>218</sup> Nesse sentido, o corpo gigantesco assume uma significação em nível cósmico, ligando-se diretamente ao mundo e aos fenômenos naturais perturbadores da ordem. “Ele jamais está pronto nem acabado: ele está sempre em estado de construção, de criação, e ele mesmo constrói outro corpo; além disso, esse corpo absorve o mundo e é absorvido por ele”.<sup>219</sup>

---

214 PARÉ, Ambroise. **Monstruos y prodigios**. Madrid: Ediciones Siruela, S.A. 1987, p. 37-38. Disponível em: <http://librosoterico.com/biblioteca/ESPECIALES1/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

215 Ibidem, 21-22.

216 Ibidem, 77.

217 FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 70.

218 BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais; Tradução de Yara Frateschi Viera. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 287.

219 Ibidem, p. 277.

## 2.4. Índios gigantes ou quase gigantes

A crença de que certos grupos étnicos americanos possuíam aparência física e características provenientes do gigantismo, povoou o imaginário da literatura de viagem produzida no transcorrer dos séculos XVI e XVII. Nessas fontes textuais, que apresentavam povos de diferentes períodos e lugares do Novo Mundo, encontramos inúmeras referências a índios que, por seu porte físico avantajado, ou mesmo pelos costumes “selvagens”, eram tidos como verdadeiros gigantes e, em situações menos extremadas, como quase gigantes. Em todos os casos, essa concepção estética e moral acerca dos ameríndios, contemplava uma visão dualista, resultante das circunstâncias próprias da colonização europeia na América. Desse modo, índios aliados ou inimigos eram considerados a partir do grau de proximidade ou distanciamento estético/cultural quando comparados aos colonizadores europeus.

A ambiguidade do olhar europeu sobre a estética do índio esteve presente, desde o princípio da colonização e exploração do novo continente. Curiosamente, a análise das primeiras descrições textuais, indica que os europeus notavam os povos americanos como sendo ligeiramente superiores fisicamente, ou seja, que possuíam maior estatura, robustez e força corporal.<sup>220</sup> Cristóvão Colombo, em seus primeiros encontros com os habitantes da América Central, não deixou de noticiar que esses indivíduos andavam inteiramente nus, tanto os homens, quanto as mulheres. Eram todos muito jovens, abaixo dos trinta anos de idade, de corpos perfeitos e possuidores de grande beleza. Em seus *Diários*, o marinheiro italiano não poupou adjetivos para descrever a aparência dos americanos: “Todos, sem exceção, são de boa estatura, e fazem gesto bonito, elegantes (...) todos jovens, como já disse, e todos de boa estatura. É gente muito bonita”.<sup>221</sup>

A visão positiva dos ameríndios nos primeiros relatos dos viajantes, exploradores e cronistas europeus, não estava restrita à noção da estética corporal, mas compreendia ainda aspectos e elementos da cultura material e algumas qualidades subjetivas consideradas agradáveis. Para Américo Vespúcio, que avistara até mesmo uma ilha repleta de homens e mulheres gigantescos, os índios caribenhos diferenciavam-se dos

---

220 SÁNCHEZ, Josué. La primera visión europea estética de los indoamericanos en la invasión de América. *Anuario Americanista Europeo*, Madrid; Salamanca: REDIAL-CEISAL, 2011, 9, pp.81-99, p. 93. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00826806/>. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.

221 COLOMBO, Cristóvão, 1450-1506. *Diários da descoberta da América*: as quatro viagens e o testamento/Cristóvão Colombo. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 44-45.

européus, tanto em aparência, quanto nos costumes: os homens não possuíam barbas e, assim como as mulheres, andavam totalmente desnudos, tal como “saíram dos ventres de suas mães”.<sup>222</sup> Distinguiam-se, ainda, pela pigmentação da pele, de cor parda ou leonina, em suma, “gentes de gentil compleição e de bela estatura; andam nus completamente. As armas que carregam são arcos, flechas e rodelas. São bastantes resistentes e de grande coragem. São habilíssimos atiradores de seta”.<sup>223</sup>

Em suas expedições nas terras do Novo Mundo, o explorador florentino “descobre” indivíduos de cores e perfis diferenciados, fato que não lhe causa nenhuma surpresa, uma vez que tal variedade de povos estava em conformidade com os textos das *Sagradas Escrituras*. Na costa brasileira, encontra ainda homens que não cobriam nenhuma parte de seus corpos “grandes e quadrados”; eram alegres, proporcionais, bronzeados pelo sol, possuíam cor avermelhada, cabelos longos e negros, aparência generosa e bela. As mulheres, por sua vez, eram formosas e limpas, de mais boa corporatura e, assim como seus parceiros, raramente contraíam enfermidades, vivendo nada menos que 150 anos. No Caribe, Vespúcio teria seguido enormes pegadas na areia da praia, que “se os outros membros correspondessem àqueles pés, homens enormes habitavam aquela terra”.<sup>224</sup> Para sua surpresa, encontrou cinco mulheres, sendo duas velhas e três jovens, todas maiores do que um europeu de grande estatura.

Os indígenas americanos, no imaginário desses primeiros viajantes e cronistas europeus, eram espécimes insólitos e perfeitos, dotados dos melhores atributos físicos concedidos pela natureza; em resumo, exemplares únicos, prontos para serem descobertos, contemplados e admirados. Pero Vaz de Caminha, em sua famosa *Carta*, datada do ano de 1500, vai além, enxergando cristãos em potencial, pois, embora despossuídos de qualquer tipo de crença, haviam sido agraciados com as virtudes da inocência e da simplicidade. Deus teria concedido bons corpos e bons rostos aos habitantes das terras “recém-descobertas” e, desse modo, todos eles eram “tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais!”<sup>225</sup> Por conseguinte, para o fidalgo, tamanho vigor dos íncolas, só poderia ser explicado pela peculiar alimentação à base de

---

222 VESPÚCIO, op. cit., p. 138.

223 Ibidem, p. 138.

224 Ibidem, p. 97

225 CAMINHA, Pero Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Belém: NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, [s.d.], p. 12. Disponível em: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br>. Acesso em: 18 de novembro de 2020.

inhames, sementes e frutos da terra, ao passo que os portugueses, inferiores fisicamente, se nutriam de trigo e legumes.<sup>226</sup>

Embora algumas dessas crônicas não façam uma menção direta ao gigantismo, quase todas corroboram a tese de que os ameríndios possuíam maior vigor, robustez corporal e estatura, sendo nesse último quesito, ligeiramente maiores do que um homem europeu de altura “padrão”. O padre dominicano Gaspar de Carvajal, crente na existência das guerreiras amazonas do Novo Mundo, relatou também o encontro dos espanhóis com indígenas que possuíam a pigmentação da pele da cor branca, cabelos longos que chegavam até à cintura, roupas e joias de ouro, traziam muita comida e tinham “um palmo a mais que o mais alto cristão”.<sup>227</sup> Em sua obra intitulada *Descobrimientos do Rio das Amazonas*, escrita em 1541, o frei espanhol descreveu o amistoso encontro do capitão Orellana com esses “gigantes” ribeirinhos:

Chegaram com tanta humildade, que todos ficamos pasmos de suas disposições e boa educação. Tiraram muita comida e a puseram diante do Capitão e lhe disseram que eram vassalos de um grande senhor, e que por seu mandado vinham ver que éramos ou que queríamos e para onde íamos. Recebeu-os muito bem o Capitão, e antes que lhes falasse, lhes mandou dar muitas joias, que eles apreciaram muitíssimo (...) os índios ficaram muito admirados, dizendo que queriam partir para dar resposta ao seu senhor.<sup>228</sup>

A partir do final da segunda metade do século XVI, cresce vertiginosamente na literatura de viagem o número de alusões a esses indígenas de tamanho desmesurado. Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, escritor e conquistador espanhol, observa em seus *Naufrágios*, texto publicado na Espanha no ano de 1542, que os habitantes da Flórida “todos son flecheros; y como son tan crescidos de cuerpo y andan desnudos, desde lejos parecen gigantes. Es gente a maravilla bien dispuesta, muy enjutos y de muy grandes fuerzas y ligereza. Los arcos que usan son gruesos como el brazo”.<sup>229</sup> Em outra passagem da crônica, ao se deparar com uma centena de Sioux flecheiros nas proximidades do Mississippi, o explorador espanhol reconhece “que, agora ellos fuesen grandes o no, nuestro miedo les hacía parecer gigantes”.<sup>230</sup>

---

226 Ibidem, p. 12.

227 CARVAJAL, Gaspar de; ACUÑA, Cristobal; ROJAS, Alonso de. **Descobrimientos do rio das Amazonas**. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Brasiliense, 1941, p. 33. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufjf.br/bitstream/doc/287/1/203%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

228 Ibidem, p. 33.

229 CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. **Naufragios y Comentarios, 1542**. Madrid: Editados por Calpe/Gráficas Reunidas, S. A. 1922, p. 24. [www.HistoriaDelNuevoMundo.com](http://www.HistoriaDelNuevoMundo.com). Acesso em: 04 de janeiro de 2021.

230 Ibidem, p. 41.

Em *Der ander Theyl, der newlich erfundenen Landtschafft Americae*, edição alemã que compunha a série *Grands Voyages*, Theodore de Bry ilustrou esses “gigantes” que habitavam as terras da Flórida. O gravurista se baseara em uma série de aquarelas desenhadas pelo artista francês Jacques le Moyne, membro da expedição do comandante Jean Ribault ao Novo Mundo, no ano de 1562. Na referida imagem, nota-se o chefe Athore conversando com René Laudonnière, o capitão responsável pela segunda campanha francesa na Flórida. O representante indígena nitidamente apresenta estatura e porte físico levemente superior à do comandante francês. À direita de Athore, vê-se que um grupo de homens e mulheres indígenas adora uma coluna erguida por Ribault durante a sua primeira expedição a essa região (Figura 11). Defensor das causas reformistas, De Bry se propunha, desde o princípio, ser um crítico ferrenho das ações do Império Espanhol e da Igreja Católica na América. Assim, observa Kalil (2011), em sua representação iconográfica dos povos americanos, o editor belga procurou retratar o índio como um ser racional e, portanto, dotado de atributos positivos.<sup>231</sup>

**Figura 11** – O perfil dos índios da Flórida. Gravura de Theodore de Bry.



Fonte: *The Internet Archive*. *Der ander Theyl, der newlich erfundenen Landtschafft Americae*. Frankfurt am Main: 1591. Disponível em: [https://archive.org/details/derandertheylder00lemo\\_0/page/n77/mode/2up](https://archive.org/details/derandertheylder00lemo_0/page/n77/mode/2up). Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

231 KALIL, L. G.A. Os espanhóis canibais: análise das gravuras do sétimo volume das *Grands Voyages* de Theodore de Bry. **Tempo** [online]. 2011, vol.17, n.31, p.261-284, p. 267-268. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tem/v17n31/11.pdf>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

A visão positiva da estética e da moral indígena, não fora a única utilizada nos relatos dos primeiros viajantes e cronistas europeus. Em muitos casos, recorria-se a estereótipos negativos para inferiorizar determinados grupos étnicos considerados essencialmente bárbaros, selvagens e dotados de certo grau de monstruosidade física e moral.<sup>232</sup> Assim, uma das formas mais recorrentes do imaginário europeu para vulgarizar e negatar a imagem do índio, era associá-lo diretamente ao canibalismo. Manuela Carneiro da Cunha (1990) observa que: “os canibais são, na verdade, um fantasma, uma imagem, que flutua por muito tempo no imaginário medieval sem lograr ser geograficamente atribuído”.<sup>233</sup> Na literatura de viagem, canibalismo e gigantismo caminhariam lado a lado, servindo como argumentos “convincentes” para endossar a condição de incivilidade e selvageria dos povos americanos.

O cronista Antonio Pigafetta, ao aportar no litoral brasileiro no final do ano de 1519, durante a primeira viagem de circum-navegação ao redor do globo, dividiu em duas categorias antagônicas os grupos da família tupi-guarani. Na primeira, estavam os “brasileiros” que não eram cristãos e tampouco idólatras; podiam viver 125 anos e, não raramente, viviam até os 140. Habitavam espaçosas cabanas denominadas *boi*, andavam completamente nus, eram negros e não tinham pelos no corpo. Comiam algumas vezes a carne humana, mas não por mero costume, uma vez que tal ato fazia parte de um elaborado ritual de vingança: dividiam as partes dos corpos dos prisioneiros de guerra entre os vencedores, passavam-na no vapor, para depois comê-la assada. Sobre a aparência desses íncolas antropófagos, o marinheiro italiano faz a seguinte ressalva: “Os homens e as mulheres são fortes e bem conformados como nós”.<sup>234</sup>

A segunda categoria descrita por Pigafetta em sua narrativa era a composta pelos “brasileiros” canibais – verdadeiros comedores de homens – que habitavam as margens de um grande rio de água doce. Esses possuíam aparência gigantesca e, no lugar da fala, emitiam berros como os de um touro. Cem marinheiros europeus teriam desembarcado do navio na tentativa de capturar um desses brutamontes selvagens, “mas eles davam enormes passadas que nem correndo conseguimos alcança-los”.<sup>235</sup> Diferentemente dos

---

232 Conforme muito bem lembra Klaas Woortmann, na visão do imaginário europeu quinhentista, a América não seria “habitada apenas por monstros em aparência física, mas também por monstros morais, embora fisicamente ‘normais’” (WOORTMANN, 2004, p. 85).

233 CUNHA, Manuela Carneiro da. *Imagens de índios do Brasil: o século XVI. Estudos Avançados*, v. 4, n. 10, p. 91-110, 1990, 98-99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v4n10/v4n10a05.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

234 PIGAFETTA, Antonio. **A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães**. Tradução de Jurandir Soares dos Santos. 2ª ed. – Porto Alegre: L&PM, 2019, p. 54-55.

235 *Ibidem*, p. 57.

índios antropófagos, esses canibais gigantes do imaginário de Pigafetta não possuíam nenhum tipo de habitação, normas ou leis e, sendo desprovidos da mais notória das habilidades humanas, emitiam apenas sons animais. Tais atributos, somados à aparência monstruosa e descomunal, reforçavam a condição de terríveis selvagens e monstros das terras americanas.

A associação entre canibalismo e gigantismo remonta aos mitos da Grécia Antiga, vindo a ressurgir com vigor no imaginário da literatura de viagem quinhentista. Na *Odisseia de Homero*, Ulisses usou de suas artimanhas para escapar do terrível canibal Polifemo, um ser gigantesco e de aspecto monstruoso. No referido poema homérico, esses titânicos comedores de carne humana foram descritos como seres soberbos, cruéis, despossuídos de leis e normas. Também não praticavam a agricultura, uma vez que se alimentavam apenas do que a natureza espontaneamente lhes oferecia. Desse modo, viviam como selvagens, habitando o cume das montanhas mais altas e as grutas mais disformes e inacessíveis.<sup>236</sup> Um verso da *Odisseia*, descreve algumas das características e costumes de Polifemo: “Quando o Ciclope acabou de entupir a monstruosa barriga de carne humana e, por cima, bebeu leite de níveo sem mescla, dentro da côncava gruta deitou-se, no meio das reses”.<sup>237</sup>

Esses canibais selvagens e gigantesco também seriam representados, ainda que em menor escala, na arte europeia renascentista. Uma gravura localizada no *Dresden Kupferstich-Kabinett*, de autoria do pintor e gravador holandês conhecido pelo pseudônimo Hieronymus Bosch,<sup>238</sup> ilustra uma série de representações alegóricas fantásticas em torno do *Homem Árvore*, que se encontra no centro do quadro. No canto inferior esquerdo da referida ilustração, está a figura de uma gigante de corpo descarnado, que retorna de sua bem-sucedida caçada de carne humana. A criatura traz consigo uma presa na mão direita, enquanto outra agoniza pendurada em sua boca. Nota-se que a canibal foi minuciosamente desenhada como uma típica selvagem – tem o corpo quase inteiramente desnudo, longos cabelos encaracolados e está armada com o “tradicional” arco e flecha (ver a gigante no canto inferior esquerdo da Figura 12).<sup>239</sup>

---

236 HOMERO, op. cit., p. 156.

237 Ibidem, p. 161.

238 Francisco Cruz destaca que as características do desenho de Bosch são próprias do estilo grotesco que lhe foi peculiar, pois apresenta um mundo distanciado, inacabado, estranho e macabro, o fracasso da estética e das proporções naturais, em que as figuras assumem contornos indefinidos (CRUZ, 2007, p. 9).

239 Roja Mix (1992) chama a atenção para o fato de que o quadro de Bosch fora confeccionado entre os anos de 1510 a 1520, na fase tardia do artista, momento que coincide exatamente com os primeiros relatos de viagem ao Novo Mundo (ROJA MIX, 1992, p. 68).



**Figura 12** – Uma gigante canibal retorna de sua caçada de carne humana.



Fonte: *Dresden Kupferstich-Kabinett*. Desenho do canto inferior esquerdo da representação *O Homem Árvore*, de Hieronymus Bosch. Armário em placa de cobre produzido entre 1510 e 1520. Dimensões: 199 x 277 mm. Disponível em: <https://skd-online-collection.skd.museum/Details/Index/890892>. Acesso em: 06 de janeiro de 2021.

No contexto colonial do Novo Mundo, as narrativas sobre índios ferozes e canibais – gigantes ou quase gigantes –, vistos como hostis ou aliados, percorreram como vento o imaginário dos exploradores, viajantes e caçadores de fortuna. Especialmente no espaço geográfico circunscrito pela Bacia do Prata, diversos grupos étnico-linguísticos<sup>240</sup> viram-se envoltos pelo colonialismo perpetrado por portugueses e espanhóis que possuíam interesses religiosos, territoriais e econômicos nessa vasta região da América Meridional.<sup>241</sup> Assim, de acordo com Garcia (2011), a “divisão entre duas categorias de índios, geralmente traduzida em termos dicotômicos, amigos e inimigos, correspondiam às próprias necessidades do governo colonial”.<sup>242</sup>

240 Especialmente dos grupos indígenas que habitavam às margens do Rio Paraguai e seus afluentes, bem como às margens do Rio Paraná/Rio da Prata e seus afluentes.

241 SPOSITO, Fernanda. **Santos, heróis ou demônios? Sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai/ Rio da Prata, séculos XVI-XVII)**. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26032013-110436/en.php>. Acesso em: 06 de janeiro de 2021.

242 GARCIA, Elisa Frühauf. Identidades e Políticas Coloniais: guaranis, índios infiéis, portugueses e espanhóis no Rio da Prata, c. 1750-1800. **Anos 90**, v. 18, n. 34, p. 55-76, 2011, p. 56. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/view/26263/19720>. Acesso em: 06 de janeiro de 2021.

Uma das primeiras referências a esses índios platinos, encontramos na crônica intitulada *Historia General y Natural de Indias*, escrita na década de 1530, por Gonzalo Fernández de Oviedo. Ao mencionar genericamente os indígenas das proximidades do Rio da Prata, o cronista espanhol enfatiza que a “gente de aquella tierra son muy bien dispuestos é de mucho mayores estaturas comunmente que la gente española. Su mantenimiento es mahiz”.<sup>243</sup> Em outra passagem do texto, ao tratar especificamente do grupo Chaná, ou Chaná-Timbúes, a quem denomina pelo termo “*chanastinbus*”, Oviedo destaca que “son de alta estatura mas que los otros”.<sup>244</sup> Em diversos relatos quinhentistas, esses indígenas foram caracterizados pela estatura elevada e por serem essencialmente caçadores-coletores. O explorador e cronista Ulrich Schmidel, em sua obra intitulada *Viaje al Río de la Plata*, os descreve da seguinte forma:

esta gente llámase tiembus, se ponen en cada lado de la nariz una estrellita de piedrecillas blancas y celestes, los hombres son altos y bien formados, pero las mujeres, por el contrario, viejas y mozas, son horribles, porque se arañan la parte inferior de la cara que siempre está ensangrentada. Esta nación no come otra cosa, ni en su vida ha tenido otra comida, ni otro alimento que carne y pescado. Se calcula que esta nación es fuerte de 15.000 o más hombres.<sup>245</sup>

Uma gravura impressa em Nuremberg por Levinus Hulsius, em 1599, compõe a edição alemã do relato da viagem de Schmidel ao Rio da Prata, intitulada *Vierte Schiffart*. O desenho apresenta uma cena do cotidiano dos Chaná-Timbúes rio-platenses: no plano de fundo da imagem, vemos a representação do Rio Paraná, onde navegam mais de uma dezena de pequenas embarcações indígenas (*barquillas*), preparadas para o iminente combate; do lado oposto de uma aldeia, devidamente protegida, dois ameríndios estão em posição de peleja e se projetam na direção de uma fortaleza guarnecida por “cristãos” (espanhóis). No primeiro plano da imagem, um casal conversa, enquanto uma mãe segura sua criança e leva ao fogo o “típico” alimento da região, o pescado. Ao contrário do relato de Schmidel, não há diferenciação física entre os sexos, pois os três Chaná-Timbúes adultos, em destaque na cena, foram representados pelo artista com seus corpos robustos e membros avantajados. Os íncolas não estão vestidos com penas de aves, à semelhança de outros habitantes do Novo Mundo; o homem está totalmente desnudo e as mulheres, cobrem parcialmente o corpo com uma tanga de pano envolta na cintura (Figura 13).

---

243 FERNÁNDEZ OVIEDO, op. cit., p. 183.

244 Ibidem, p. 191.

245 SCHMIDEL, op. cit., 2003, p. 70.

**Figura 13** – Representação do cotidiano dos povos Chaná-Timbúes rio-platenses, descritos como indivíduos robustos e de grande estatura.



Fonte: *The Internet Archive*. Ilustração impressa na oficina do gravador belga Levinus Hulsius para compor os relatos da viagem de Ulrich Schimidl à região do Rio da Prata. Nuremberg: 1599, p. 13. Disponível em: [https://archive.org/details/vierteschiffartw00schm\\_1/page/13/mode/2up](https://archive.org/details/vierteschiffartw00schm_1/page/13/mode/2up). Acesso em: 07 de janeiro de 2021.

É interessante observar que, à medida que o século XVI avança, a noção de robustez e desmesura do índio adquire uma conotação cada vez mais negativa. Dessa forma, o imaginário europeu quinhentista, unia elementos físicos próprios do gigantismo – estatura, velocidade e força bruta, a substantivos considerados inferiores – canibalismo, selvageria, voracidade, nomadismo e primitivismo. Com efeito, as narrativas sobre índios gigantes ou quase gigantes, tornar-se-iam argumentos poderosos utilizados para endossar a guerra justa contra determinados grupos que rejeitavam de modo mais incisivo a exploração e dominação europeia em suas terras. Vencer essas criaturas dotadas de monstruosidades físicas e morais significava um ato de heroísmo, e simbolizava a luta do bem contra o mal, da civilização contra o primitivismo selvagem, da fé cristã contra as práticas vistas como pagãs.

Pero Hernández, em seus *Comentarios*, descreve os povos Agaces – grupo que habitava o Chaco às margens do Rio Paraguai, no século XVI, como “una gente muy crescida, de grandes cuerpos y miembros como gigantes”.<sup>246</sup> No imaginário desse cronista

246 CABEZA DE VACA, op. cit., p. 197-198.

espanhol, secretário de Cabeza de Vaca, os Agaces foram concebidos como homens valentes e afeiçoados à guerra, temidos por todos os demais índios rio-platenses por serem grandes traidores que “debajo de palabra de paz han hecho grandes estragos y muertes en otras gentes y aun en propios parientes suyos por hacerse señores de toda la tierra; de manera que no se confían de ellos”.<sup>247</sup> Andavam pelos rios em canoas feito “corsários”, perseguiram os guaranis que encontravam no caminho e os levavam cativos para açoitá-los na frente dos seus familiares. Tamanha crueldade, consistia em uma estratégia para exigir um futuro resgate, que deveria ser pago com muita comida: “Luego les traen muchos mantenimientos, hasta que les cargan las canoas”.<sup>248</sup>

A descrição dos Agaces como gigantes cruéis e traidores, verdadeiros glutões do Chaco, encontra explicação nos diversos embates travados entre indígenas e colonizadores pelo controle da região. Na primeira metade do século XVI, os soldados espanhóis sediados na província do Rio da Prata e do Paraguai, sob o comando do governador local empreenderam, sem sucesso, diversas campanhas militares contra esse grupo, na tentativa de submetê-lo ao controle da Coroa Espanhola. Pretendia-se, ainda, frear o avanço dos Agaces sobre os guaranis, até então “aliados” dos europeus. Mesmo após a morte de diversos combatentes, de ambos os lados, os chaquenos continuavam a resistir bravamente às tentativas de controle estrangeiro em suas terras. A insubordinação ao rei espanhol resultou em uma trágica sentença, levando mais de uma dezena de Agaces à pena de morte, enquanto outros tantos foram condenados à prisão. Segundo a sentença proferida pelo governador da província, os Agaces foram considerados os únicos “culpados por los robos y muertes que por toda la tierra habían hecho”.<sup>249</sup>

Os povos denominados genericamente de guaranis, habitantes de uma vasta região da América Meridional, estiveram entre os primeiros a formarem alianças com portugueses e espanhóis. A atuação dos padres pregadores, incumbidos da catequese e da disciplina, tanto em território português, quanto espanhol, facilitara os intercâmbios estabelecidos entre as duas partes.<sup>250</sup> Na literatura de viagem, esses indígenas eram representados como quase civilizados, estando em um plano intermediário entre os grupos considerados inimigos, e os próprios europeus. Para Fernanda Sposito (2012), seriam diversas as causas da preferência dos colonizadores por estabelecerem relações

---

247 Ibidem, p. 197-198.

248 Ibidem.

249 Ibidem, p. 234.

250 SPOSITO, op. cit., p. 14-15.

duradoras com esse grupo. Os espanhóis os tinham como “amigos”, fato que facilitou as alianças instituídas na província do Rio da Prata e do Paraguai. Além do mais, por constituírem uma grande população de agricultores, coletores e caçadores seminômades, espalhados por um amplo território, esses seriam direcionados para várias atividades braçais, especialmente para servir como mão de obra nas lavouras coloniais.<sup>251</sup>

Na segunda metade do século XVI, o cosmógrafo e cronista oficial das Índias, Juan López de Velasco, explicita seu imaginário acerca dos habitantes da Região do Prata. Em sua obra intitulada *Geografía y descripción universal de las Indias*, o escritor espanhol reduz a diversidade de grupos étnicos e linguísticos rio-platenses, a duas categorias distintas: os guaranis – grandes guerreiros, viviam da caça e da pesca, mas praticavam a agricultura e sua língua era a mais falada na província. Eram ainda muito fiéis e verdadeiros, não possuíam nenhum tipo de idolatria, visto que adoravam um “Deus que está no céu de nome Tupã”. Abominavam o pecado nefando (sodomia), e suas armas eram arcos e flechas; usavam plumagens e outros ornamentos em combate. Por outro lado, os povos denominados gandules – malvestidos e preguiçosos –, não praticavam a agricultura, vivendo exclusivamente da caça, da pesca e da guerra. Enquanto os guaranis eram da estatura dos espanhóis, conclui Velasco, os gandules eram morenos, esguios, possuíam grande força física e eram mais altos do que os europeus.<sup>252</sup>

No contexto quinhentista, encontramos referências a esses gigantes da Bacia do Prata, em pelos menos outros dois cronistas europeus. O frei dominicano Reginaldo de Lizárraga, autor de *Descripción Colonial*, relata que os chiriguanos de Potosí teriam sido indagados por um padre carmelita acerca do “vício bestial de comer carne humana”. Como resposta, disseram que, se eventualmente a comiam era assada, mas que a trinta léguas daquele local, havia outros índios denominados Tobas que a devoravam crua: “estos eran malos hombres, y no ellos, porque cuando van en el alcance, al indio que cogen, echándoselo al hombro y corriendo tras los enemigos, se lo van comiendo vivo a bocados; y que si queria, le llevarían a la tierra destes gigantes”.<sup>253</sup>

---

251 Ibidem, p. 74-75.

252 LÓPEZ DE VELASCO, Juan. **Geografía y descripción universal de las Indias**. Madrid: Establecimiento Topográfico de Fortanet, 1984, p. 555. Banco de La República Biblioteca Virtual. Disponível em: <https://babel.banrepcultural.org/digital/collection/p17054coll10/id/2414>. Acesso em: 19 de novembro de 2020.

253 LIZÁRRAGA, Reginaldo. **Descripción colonial (libro segundo)**. Online: Editorial del Cardo, 2006, p. 59-60. Disponível em: <https://www.biblioteca.org.ar/libros/130462.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

No ano de 1557, o cosmógrafo e frei francês André Thevet, em *Singularidades da França Antártica*, ao descrever o Rio da Prata e as regiões circunvizinhas, menciona a existência de “verdadeiros gigantes que só se alimentam de carne humana, assim como os canibais. Caminham com muita ligeireza e, quando correm, conseguem alcançar os mais velozes animais”.<sup>254</sup> De acordo com os relatos do cronista e religioso franciscano, tais ameríndios eram ainda extremamente selvagens e belicosos, pois travavam constantes e intermináveis guerras contra os espanhóis e outros indígenas catequizados que habitavam essa região (provavelmente guaranis). Podiam viver nada menos do que 150 anos, marca insuperável entre todos os selvagens do Novo Mundo, mas, embora fossem longevos, eram “dominados por um pecado mortal altamente ofensivo a Deus: o da luxúria” [homossexualidade].<sup>255</sup>

Conforme aponta Isabelle Combès (2013), práticas como canibalismo, incesto e sodomia eram fortemente condenadas e repelidas pela civilização cristã/europeia dos séculos XVI e XVII, sendo que tais atos, contribuíram diretamente para reforçar a imagem da barbárie e da selvageria do índio americano. No caso específico do canibalismo, “los propios caníbales solían acusar a otros de comer carne humana: pero invirtiendo sus propios valores, y condenando una práctica que no corresponde a sus propias normas”.<sup>256</sup> Como se pode notar, entre os chiriguanos do relato do frei dominicano Reginaldo de Lizárraga, houve uma intensa negação da antropofagia com a chegada dos colonizadores europeus.<sup>257</sup> Assim, projetá-la sobre certos povos estrangeiros, como os “Tobas gigantes”, consistia de um mecanismo interno de defesa diante das constantes acusações dos missionários católicos e dos governadores que atuavam nas diversas províncias da América Hispânica.

Em relação à descrição da sodomia dos gigantes índios rio-platenses pelo frei francês André Thevet, trata-se, para além do relato certamente fantasioso, de um provável problema de localização. Em meados do século XVI, as notícias sobre os gigantes sodomitas dos Andes já haviam chegado à Europa por intermédio de escritores como Agustín de Zárate e Pedro Cieza de León. Thevet, diferentemente de outros nomes citados

---

254 THEVET, op. cit., p. 180.

255 Ibidem.

256 COMBÈS, Isabelle. De luciferinos a canonizables: representaciones del canibalismo Chiriguano. *Boletín americanista*, n. 67, p. 127-141, 2013, p. 130. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5065989>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

257 Também entre os povos guaranis, Carlos Fausto observa que o “contato com o cristianismo missionário e a experiência colonial conduziram a uma crescente negação do canibalismo como fundamento do poder xamânico e da reprodução social, processo ao qual podemos dar o nome de ‘desjaguarificação’” (FAUSTO, 2005, p. 387).

anteriormente, não fizera incursões no interior do continente, atendo-se, como é sabido, a uma estadia de três meses na então França Antártica. Dessa forma, baseara-se essencialmente nos relatos de outros cronistas e, possivelmente se confundira ao atribuir o “pecado nefando” a determinados grupos que habitavam os afluentes do Rio da Prata. De todo modo, é necessário ressaltar que, no contexto colonial quinhentista, a homossexualidade era projetada pelo imaginário europeu não apenas sobre povos reais, como também imaginários, ou seja, sobre criaturas desmesuradas ou anômalas que habitavam em diferentes regiões das terras americanas.

O canibalismo do índio e o seu gigantismo, também estiveram presentes no imaginário literário/iconográfico e no espaço geográfico/colonial da designada América Portuguesa. Assim como nos territórios de colonização essencialmente espanhola, diversos grupos indígenas do litoral “brasileiro” e também dos “sertões” foram envolvidos pela conjuntura colonial europeia dos séculos XVI e XVII. Desse modo, o estereótipo de gigante, projetado sobre certos povos tidos como selvagens e canibais, resultou dos constantes enfrentamentos culturais e das acirradas disputas territoriais, quer seja dos próprios grupos indígenas, bem como desses em relação aos colonizadores. Com efeito, o gigantismo e o seu simbolismo, exerceram forte influência na construção da “imagem do índio”, tanto na divulgação da literatura de viagem, quanto no que diz respeito às representações iconográficas provenientes de diferentes matizes.

A partir da segunda metade do século XVI, os aimorés (Krenak),<sup>258</sup> ao marcarem forte oposição ao domínio português nas terras que, atualmente, compreendem o sul da Bahia e o norte do Espírito Santo, tornar-se-iam, na perspectiva do imaginário europeu, uma “nação” de homens e mulheres selvagens, terríveis canibais dotados de características próprias do gigantismo. O Padre José de Anchieta os denomina pelo termo *Guaimuré*, e faz a seguinte ressalva sobre os diferentes grupos humanos brasileiros: “muitas nações deles não comem carne humana e mostram-se muito amigos dos Portugueses (...). Só uma nação destes que chamam Guaimuré, que ao princípio foram amigos dos Portugueses, são agora crudelísimos inimigos”.<sup>259</sup> Em outra passagem, o

---

258 Segundo Paraíso (1992), a primeira denominação utilizada no século XVI pelos cronistas portugueses foi o termo Tapuio (Tapuia). Mais tarde, Aimoré, Ambaré, Guaimuré ou Embaré. No século XVII surgiram ainda outras definições: Guerén, Gren ou Kren. O termo Botocudo surgiria apenas no século XIX, expressão utilizada pelos colonizadores portugueses para designar estes indígenas por utilizarem grandes botoques labiais e auriculares (PARAÍSO, 1992, p. 77). Atualmente seus remanescentes se autodenominam pelo termo crenaques ou Krenak.

259 ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1933, p. 302.

religioso enfatiza: “Tem gente honrada, mas vive em aperto por ser muito infestada de uns que chamam Guaimurés, que são como selvagens e vivem nos desertos sem casas, como bichos, comem carne humana”.<sup>260</sup>

No imaginário dos cronistas portugueses, os povos aimorés foram estigmatizados como verdadeiras pragas das terras brasileiras, perigosas ervas daninhas que andavam sempre em bandos pelos matos à espreita para atacar os oponentes por traição. Eram necessariamente nômades, pois não tinham aldeias nem casas, dormindo como animais selvagens em folhas estendidas sobre o chão. Também não praticavam a agricultura, componente máximo do homem civilizado, e mantinham-se da caça e da coleta de frutos silvestres. Diferentemente dos outros índios que comiam a carne humana por vingança, esses a tinham por mantimento habitual, e ingeriam-na crua ou mal assada. Possuíam arcos e flechas grandíssimos, que acompanhavam a proporção dos seus corpos desmesurados, e eram atiradores habilidosos que jamais erravam o alvo. A voz rouca, arrancada com muita força da garganta, bem com a qualidade de grandes velocistas, denunciavam a condição de selvagens e o aspecto quase que animalesco.<sup>261</sup>

O português Gabriel Soares de Sousa, que chegou às terras americanas por volta de 1569, foi um dos maiores detratores desses indígenas durante o contexto colonial português na América. Na capitania da Bahia de todos os Santos, tornou-se um dos homens mais importantes da colônia, construindo um engenho de açúcar no rio Juquiçá, ao sul do Recôncavo Baiano, além de possuir diversas casas na cidade, inúmeros bois e escravos.<sup>262</sup> Em seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, o cronista não poupou críticas aos “bárbaros” *Aimorés*, acusando-os da destruição e do despovoamento das capitanias de Porto Seguro e Ilhéus onde, segundo seus relatos, teriam matado centenas de escravos e portugueses. Sobre a aparência e costumes desses íncolas, Soares de Sousa emite o seguinte relato: “Este gentio tem a cor do outro, mas são de maiores corpos e mais robustos e forçosos; não têm barbas nem cabelos mais no corpo que os da cabeça, porque os arrancam todos; pelejam com arco e flechas muito grandes”.<sup>263</sup>

Ao contrário dos demais indígenas do litoral brasileiro que falavam o Tupi, os aimorés, pertencentes ao tronco linguístico macro-jê, falavam uma língua

---

260 Ibidem, p. 417.

261 SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Editora Hedra, 2010, p. 74-75.

262 LUCIANE, Fernanda Trindade *Apud* SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Editora Hedra, 2010, p. 9.

263 SOUSA, op. cit., p. 74-75.



incompreensível para os portugueses. Esse fato, provavelmente, contribuiu em muito para impedir o estabelecimento de alianças duradouras e minimamente aceitáveis entre ambos os grupos. Outro cronista português, Pero de Magalhães Gândavo, em sua obra intitulada *Tratado da terra do Brasil*, reforça a narrativa de Gabriel Soares de Sousa acerca dos constantes embates desses indígenas contra portugueses e tupiniquins, destacando o “problema” da língua e colocando-os na categoria de quase gigantes: “Chamam-se aimorés, a língua deles é diferente dos outros índios, ninguém os entende, são eles tão altos e tão largos de corpo que quase parecem gigantes”.<sup>264</sup> Em seu tratado, o cronista português ainda destaca que:

são mui alvos, não têm parecer dos outros índios na terra nem têm casas nem povoações onde morem, vivem entre os matos como brutos animais; são mui forçosos em extremo, trazem uns arcos mui compridos e grossos conforme a suas forças e as frechas da mesma maneira. Estes índios têm feito muito dano aos moradores depois que vieram a esta costa e mortos alguns portugueses e escravos, porque são inimigos de toda gente. Não pelejam em campo nem têm ânimo para isso, põem-se entre o mato junto de algum caminho e tanto que passa alguém atiram-lhe ao coração ou a parte onde o matem e não despendem frecha que não na empreguem. Finalmente, que não têm rosto direito a ninguém, senão a traição fazem a sua. As mulheres trazem uns paus tostados com que pelejam. Estes índios não vivem senão pela frecha, seu mantimento é caça, bichos e carne humana, fazem fogo debaixo do chão por não serem sentidos nem saberem onde andam. Muitas terras viçosas estão perdidas junto desta capitania, as quais não são possuídas dos portugueses por causa destes índios. Não se pode achar remédio para os destruírem porque não têm morada certa, nem saem nunca dentre o mato: e assim quando cuidamos que vão fugindo ante quem os persegue, então ficam atrás escondidos e atiram aos que passam descuidados. Desta maneira matam alguma gente.<sup>265</sup>

A classificação dos aimorés como uma nação de gigantes, povoaria o imaginário europeu durante longo período da colonização portuguesa na América. No ano de 1663, o padre Simão de Vasconcelos, clérigo jesuíta que chegou ao Brasil ainda criança, tipifica em sua crônica os diferentes grupos indígenas que habitavam o território “brasileiro”. Dessa forma, os povos do tronco linguístico Tupi, entre os quais Tupiniquins e Tupinambás, habitantes do litoral, se enquadravam na categoria de povos civilizados e, como tais, se assemelhavam em costumes e aparência aos homens e mulheres europeus. Por outro lado, os povos aimorés eram terríveis selvagens, habitantes dos matos e dos sertões. Eram como gigantes, traziam um arco em uma das mãos e um enorme porrete na

264 GANDAVO, Pero Magalhães. **Tratado da terra do Brasil**: História da província de Santa Cruz. Brasília: Senado Federal, 2018, p. 41-42. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

265 Ibidem, p. 41-42.

outra – instrumento rudimentar que utilizavam para massacrar os adversários. Enquanto os primeiros se comunicavam corriqueiramente com os cristãos, os segundos rechaçavam toda e qualquer forma de diálogo.<sup>266</sup>

A análise dos diversos relatos dos cronistas quinhentistas e seiscentistas demonstra que, durante praticamente todo o período colonial, os Krenak foram incluídos na condição de um grande empecilho ao projeto colonialista português no litoral do Sudeste e do Nordeste do Brasil. De fato, esses “índios gigantes” não aceitaram pacificamente a ocupação de suas terras para a construção desenfreada de engenhos e a plantação de extensas áreas de cana-de-açúcar. No século XIX, com a intensificação da colonização portuguesa nas terras que atualmente compreendem os Estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo, esses seriam levados ao quase completo extermínio. A política indigenista oitocentista, sobre o pretexto de implementar o desenvolvimento nos sertões brasileiros, articulava um plano sistemático para frear a sua resistência e a luta ferrenha pela defesa do seu território.<sup>267</sup>

Ainda no decorrer do século XVI, outros grupos étnico-linguísticos do litoral brasileiro seriam descritos a partir do seu porte físico avantajado e de determinadas características típicas dos gigantes. O cosmógrafo André Thevet, durante o período em que esteve na França Antártica, teria sido testemunha ocular da existência de americanos que eram bem conformados e possuíam membros igualmente proporcionados. Eram, contudo, “pobres selvagens”, praticantes assíduos do nudismo, possuíam olhar aterrador, voz austera e uma linguagem seca, obscura e quase incompreensível. Embora propensos ao roubo, não davam a menor importância ao ouro ou à prata, minerais que desconheciam e, dotados de grande soberba, vangloriavam-se das vitórias e façanhas empreendidas contra as tribos inimigas.<sup>268</sup> Sobre a aparência física desses índios o religioso francês reforça que tinham olhos malfeitos, negros e vesgos, semelhantes ao das feras selvagens, mas que eram “altos, bem-dispostos, alegres e pouco propensos às doenças, a não ser quando são atingidos por flechas em combate”.<sup>269</sup>

---

266 VASCONCELOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil:** e do que obraram seus filhos n'esta parte do Novo mundo. Em que se trata da entrada da Companhia de Jesu nas partes do Brasil, dos fundamentos que n'ellas lançaram e continuaram seus religiosos, e algumas Noticias antecedentes, curiosas e necessarias das cousas d'aquelle estado. Volume Segundo Lisboa: AJ Fernandes Lopes, 1865. p. 302. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242811>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

267 PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. Repensando a política indigenista para os Botocudos no século XIX. **Revista de Antropologia**, p. 75-90, 1992, p. 81 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

268 THEVET, op. cit., p. 102.

269 Ibidem, p. 103.

Em sua *Viagem à Terra do Brasil*, obra publicada pela primeira vez no ano de 1578, o missionário e cronista francês Jean de Léry, quando esteve em terras “brasileiras”, descreveu um relato curioso sobre os índios Uetacá (Goitacá). Quando perseguidos pelos inimigos, não apenas escapavam da própria morte, como também pegavam animais silvestres na corrida. Além de grandes velocistas, eram índios ferozes e “diabólicos”, alimentavam-se da carne humana como se fossem cães e lobos famintos e falavam uma língua incompreensível. Para o religioso calvinista, somados, tais atributos tornavam esses indivíduos os mais cruéis índios americanos.<sup>270</sup> Desse modo, as características dos terríveis Uetacá só podiam ser comparadas com as de “certos habitantes da Flórida (...) tão fortes e ágeis que correm um dia inteiro sem parar e pegam veados na carreira; ou ainda os grandes gigantes que vivem no rio da Prata e são igualmente tão fortes e ágeis que agarram com as mãos os cabritos na corrida”.<sup>271</sup>

Os Uetacá foram inicialmente reticentes em estabelecer contato com os colonizadores europeus, ignorando a prática do escambo realizado por espanhóis, franceses e portugueses com os diversos grupos que habitavam o litoral brasileiro.<sup>272</sup> Esse fato motivara, provavelmente, as representações negativas de Léry e de outros cronistas quinhentistas acerca desse grupo étnico-linguístico, já que tal grupo se havia colocado como um entrave à colonização e dominação estrangeira naqueles territórios. Dessa forma, enquanto os inimigos Uetacá foram tidos como genuínos gigantes canibais, dotados de certas qualidades diabólicas, os “aliados” Tupinambás foram descritos como não sendo “maiores nem mais gordos do que os europeus (...), porém mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias, havendo entre eles muito poucos coxos, disformes, aleijados ou doentios”.<sup>273</sup>

Uma xilogravura que compõe a segunda edição da obra de Jean de Léry, publicada em Genebra no ano de 1594, com o título de *Historia navigationis em Brasiliam quae et America dicitur*, representa o perfil dos guerreiros Tupinambás do litoral brasileiro (Figura 14). Nota-se que o artista anônimo procurou ilustrá-los com corpo significativamente avantajado e os membros musculosos, acompanhando em pormenores a narrativa textual. Embora os Tupinambás não fossem inicialmente associados ao

---

270 LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Brasília: Biblioteca do Exército, 1961, p. 63. Disponível em: <http://fortalezas.org/midias/arquivos/1713.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

271 Ibidem, p. 64-65.

272 Ibidem.

273 Ibidem, p. 91.

gigantismo, podemos conjecturar a repercussão que tais imagens teriam causado no imaginário do observador europeu. Para esses, tão distantes do Novo Mundo e da sua natureza singular, Léry ainda complementa no texto: “Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes”.<sup>274</sup>

A construção da imagem Tupinambá em Léry segue a lógica dos cânones artísticos renascentistas de estética e beleza corporal: pose, forma, proporcionalidade. O ameríndio, desenhado de modo escultórico, era inserido em uma categoria universal, ou seja, a partir de um padrão anatômico ideologizado que permitia ao artífice corrigir as imperfeições da natureza.<sup>275</sup> De acordo com Bayona (2006), para esses artistas do Renascimento, “a beleza ideal não estava distanciada do mundo natural, mas encontrava-se dispersa nele; e o artista, com sua sensibilidade e intelecto, teria a capacidade de reunir e gerar a beleza ideal”.<sup>276</sup> Contudo, a representação do índio americano diferenciava-se, com efeito, da própria representação do homem europeu, pois, para Sanches: “Los dibujos de Léry y después de de Bry proyectaron claramente las imágenes colosales de los americanos en comparación con los puritanos, los indoamericanos eran grandes, bien formados y musculosos como si fueran héroes mitológicos”.<sup>277</sup>

Retomando a análise da cena dos guerreiros americanos em Léry, vemos a representação de três indivíduos Tupinambás: o primeiro, em destaque no plano principal da estampa e posicionado frontalmente, está segurando em sua mão direita o tacape, arma elementar de ataque. A mão esquerda, devidamente posta na altura da cintura, indica que o indígena ocupa uma posição de importância no grupo, mas também simboliza um gesto de nobreza ou orgulho.<sup>278</sup> O segundo guerreiro, perfilado lateralmente, está em posição de combate, conforme sugere o porte do arco e da flecha. Um terceiro indígena, estendido sobre o chão, fora evidentemente abatido durante o desenrolar da peleja. Os corpos, convenientemente alinhados, possuem uma simetria perfeita, superada em beleza, apenas pelo porte físico extremamente atlético dos combatentes e pela natureza idílica pisoteada pelos pés descalços dos homens americanos (Figura 14).

---

274 Ibidem, p. 97.

275 CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas. *História (São Paulo)*, v. 25, n. 2, p. 15-47, 2006, p. 17. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/his/v25n2/01.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

276 Ibidem, p. 23.

277 SANCHES, op. cit. 93.

278 CHICANGANA-BAYONA, op. cit., p. 29.

**Figura 14** – Perfil dos guerreiros indígenas do tronco linguístico Tupi do litoral brasileiro.



Fonte: *The Internet Archive*. *Viagem à Terra do Brasil* (1578), Jean de Léry. Genebra: 1594, p. 193. Para a edição latina do texto. Disponível em: [https://archive.org/details/gri\\_historianavi00lery/page/n251](https://archive.org/details/gri_historianavi00lery/page/n251). Acesso em: 09 de janeiro de 2021.

É interessante notar que, enquanto na literatura de viagem, isto é, crônicas, relações, diários e afins ocorre uma diferenciação quase radical entre índios gigantes ou semelhantes a gigantes e, desses com o “homem europeu”, na iconografia renascentista, em sua representação do fantástico e do maravilhoso americano, o belo e o feio, o normal e o monstruoso se confundem com muito mais frequência. Louise Bénat (2006) observou muito bem essa dupla atitude causada pela ocorrência do monstruoso no imaginário quinhentista: “La estética de lo monstruoso se construye con el espanto y la seducción, con el gusto por lo horrible y lo bello (...); en un caso lo monstruoso enseña y escenifica lo terrible, en otro lo transforma en una parcela más de la belleza del mundo y una huella más de la potencia del Gran Artífice”.<sup>279</sup>

Em *Les vrais portraits et vies des hommes ilustra grecz, latins et payens*, escrita por André Thevet e publicada em Paris no ano de 1584, o famoso pajé Tupinambá Cunhambebe aparece ilustrado como um gigante ferocíssimo. O indígena foi desenhado por um gravador anônimo, com um corpo extremamente robusto e musculoso, ao melhor estilo dos grandes heróis e deuses dos mitos gregos. A ilustração possui grande qualidade visual, e apresenta o índio como uma figura lendária e imponente, segurando com as mãos seu instrumento de poder e combate, o tacape. Penas de aves da terra cobrem a sua cabeça desmesurada e enfeitam as suas costas, enquanto três enormes pingentes feitos de pérolas ornamentam o seu rosto. Um colar, provavelmente fabricado de ostras, está apropriadamente envolto em seu pescoço desmedido (Figura 15).

No texto que inspirou a referida xilogravura, Thevet o descreve como *Quoniambec*, um homem de estatura gigantesca, corpo grandíssimo e dotado de extrema força corporal utilizada contra seus inimigos portugueses e indígenas.<sup>280</sup> Em *Singularidades*, crônica escrita no ano de 1557, o frade francês já fornecia ao seu leitor maiores detalhes do chefe Tupinambá, apontando-o como um voraz canibal dotado de grande soberba, apetite desenfreado e tipicamente grotesco: “o rei da qual estamos falando julga-se tão poderoso que não sabe falar outra coisa que não sejam suas façanhas, considerando excelsa glória e honra o fato de ter matado e devorado inúmeras pessoas, tantas e tantas que seu número chegaria a cinco mil”.<sup>281</sup>

---

279 BÉNAT, Louise. Los monstruos en la historiografía colonial. In: Stols, E., Thomas, W., y Verberckmoes, J., (eds.). **Naturalia, mirabilia & monstrosa en los imperios ibéricos: siglos XV-XIX**. Leuven: Leuven University Press, 2006, p. 240.

280 THEVET, André. **Les vrais portraits et vies des hommes ilustra grecz, latins et payens**. Paris: Par la vefue I. Kervert et Guillaume Chaudière, 1584, p. 662. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 16 de janeiro de 2021.

281 THEVET, op. cit., 1978, p. 176.

Figura 15 – Representação do pajé Cunhambebe como um voraz gigante devorador de carne humana.



Fonte: The Internet Archive. *Les vrais pourtraits et vies des hommes illustra grecz, latins et payens*. Por André Thevet. Vol. 3. Paris: Par la vesue I. Kervert et Guillaume Chaudière, 1584, p. 661. Disponível em: <https://archive.org/details/lesvraispourtrai03thev/page/n515/mode/2up>. Acesso em: 09 de janeiro de 2021.

Em meados do século XVI, a figura do chefe Tupinambá aparece associada a diversas narrativas igualmente lendárias.<sup>282</sup> O mercenário alemão Hans Staden, durante seu cativeiro entre os indígenas brasileiros, o denomina pelo termo *Konyan-Bébe*, “um grande homem, um grande tyrano para comer carne humana”.<sup>283</sup> O índico teria como enfeite uma enorme pedra verde atravessada nos lábios e uma espécie de “rosário” branco feito de conchas envolto no pescoço. O adereço media nada menos que 6 braças de comprimento (mais de 12 metros), certamente um indicativo da sua estatura desmesurada.<sup>284</sup> Staden relata uma passagem emblemática: ao questionar a irracionalidade do terrível canibal durante a degustação de uma perna que estava em uma cesta cheia de carne humana, Cunhambebe teria cravado acintosamente os dentes na presa, porém, não antes de proferir as seguintes palavras ao prisioneiro europeu: “*Jau ware sche (jauar e xé)*”, que quer dizer: sou um tigre, está gostoso!”<sup>285</sup>

Em outra de suas narrativas de viagens ao Novo Mundo, intitulada *Cosmographie Universelle*, publicada em Paris no ano de 1575, Thevet volta a descrever Cunhambebe, nos seguintes termos: “o mais terrível demônio de toda essa terra. Percorreu oitenta ou cem léguas para ver-nos face a face (...) era grande, forte, tinha pernas musculosas, media mais de dois metros e era o mais duro, cruel e temido dentre todos os reis das províncias vizinhas”.<sup>286</sup> O gigantesco ameríndio, que estava completamente nu, sentou, comeu e bebeu a comida dos franceses, demonstrando grande sabedoria nos assuntos sobre a imortalidade da alma e no tocante às melhores estratégias de guerra. Podia falar interruptamente durante duas horas, tinha voz forte, horripilante e terrível, capaz de superar em intensidade o som de uma grande trovoadas.<sup>287</sup>

Como não poderia faltar soberba a todo “bom” gigante, Cunhambebe gabou-se demasiadamente do seu tamanho, poder e força, bem como da quantidade de inimigos

282 Sérgio Milliet em nota a obra de Jean de Léry, destaca que Cunhambebe de fato obteve grande prestígio entre as tribos localizadas de Cabo Frio até Bertioga. Esse autor enfatiza ainda que são várias as variantes do seu nome entre os cronistas dos séculos XVI e XVII, *Quonian begue*, *Konian-Bébe*, *Guoniambec*, *Cunhambébe*, não havendo um consenso sobre o real significado dessas várias expressões. Cunhambebe morreu logo após a chegada de Villegagnon ao Brasil, entre 1554 a 1555. Após a morte do famoso chefe Tupinambá, outros indígenas ostentariam o seu nome (MILLIET *Apud* LÉRY, 1961, p. 33).

283 STADEN, HANS. **Hans Staden**: suas viagens e cativeiro entre os selvagens do Brasil. São Paulo: Typ. da Casa eclectica, 1900, p. 59. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4833>. Acesso em: 11 de janeiro de 2021.

284 Ibidem, p. 59-60.

285 Ibidem, p. 100.

286 THEVET, André *Apud* HEMMING, John. **Ouro vermelho**: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007, p. 193.

287 Ibidem, p. 193-194.



que havia devorado. De acordo com Thevet, sua força era suficiente para carregar sozinho um tonel de vinho nos braços. Em um feito hercúleo, realizado durante uma determinada batalha, o indígena arrancou com as próprias mãos dois canhões de uma nau portuguesa que estava ancorada, colocou-o nos ombros gigantescos, apontou-os na direção dos oponentes e deu ordens para que seus comandados o disparem sem parar. Ao avistar seus inimigos fugindo aterrorizados com o intenso barulho da artilharia, Cunhambebe divertia-se e dava boas gargalhadas.<sup>288</sup>

Em *Cosmographie Universelle*, editada na tipografia de Pierre l'Huillier em Paris, vemos a representação em detalhes da cena baseada no relato de Thevet. No centro da referida xilogravura, impressa nas cores preta e branca, Cunhambebe está devidamente posicionado enquanto segura dois grandes canhões que foram retirados de uma embarcação portuguesa. Em um gesto deveras emblemático, o índio gigantesco abandonara sua típica arma de combate, o tacape, que está caído no chão, para fazer uso da moderna arma de fogo utilizada pelos colonizadores portugueses. Um segundo ameríndio presente na ilustração, dispara os canhões na direção do oponente, ao passo que os demais integrantes do grupo, atiram flechas em uma tropa composta de índios rivais. Os indígenas foram desenhados totalmente desnudos, externando a musculatura e a robustez corporal. Apenas o chefe Tupinambá, que aparenta uma estatura ligeiramente maior, possui adereços de penas de aves nas costas e na cabeça, elementos que enfatizam a sua condição de beligerante “rei dos selvagens” (Figura 16).<sup>289</sup>

A representação de Cunhambebe no imaginário europeu quinhentista elucida a gama de significados da qual o estereótipo de gigante se revestiu em sua transposição para a conjuntura colonial do Novo Mundo. O terrível “devorador de portugueses”, conforme descreveu Thevet, personificaria, de certa forma, as ambições francesas em território “brasileiro”. Desde a chegada do oficial Nicolas Durand de Villegagnon e da fundação da denominada França Antártica em 1555, tamoios e tupinambás, liderados por Cunhambebe, formariam uma série de alianças com os novos invasores, facilitando o estabelecimento francês em território até então sobre o “domínio” de Portugal.<sup>290</sup>

---

288 Ibidem.

289 Jean de Léry, crítico contumaz de André Thevet, satiriza a figura de Cunhambebe ilustrada em *Cosmographie Universelle* nos seguintes termos: “para me combater [Thevet] deveria fazer ressuscitar *Quoniam begue* com suas duas peças de artilharia sobre os ombros nus, como ridiculamente o pintou em sua Cosmografia (imaginando que acreditassem que esse selvagem, sem temer o recuo das peças, assim pudesse atirar); pois, além da carga que ao rechaçá-lo aqui lhe fiz de passagem, vou assalta-o tão fortemente que lhe desmantelarei e reduzirei a zero essa soberba” (LÉRY, 1961, p. 33).

290 HEMMING, op. cit., p. 193-194.

**Figura 16** – Em *Cosmographie Universelle*, de André Thevet, Cunhambebe é retratado em combate contra seus inimigos.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Dotado de grande resistência e força física, o gigante podia manejar simultaneamente dois grandes canhões durante a peleja. Paris: Pierre l'Huillier, 1575. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b2000115n/f116.item.zoom#>. Acesso em: 11 de janeiro de 2021.

Uma vez construída a lenda em torno da personagem de Cunhambebe, sua imagem atravessaria o século, percorrendo, com efeito, o imaginário literário e iconográfico da Europa Moderna. Na obra intitulada *Monstrorum historia*, escrita por Ulissis Aldrovandi em 1642, o gravador francês Jean-Baptiste Coriolan desenhou sua *Icon Regis Quoniambec* (Representação do Rei Cunhambebe). O indígena é retratado como um dos grandes seres que deveriam habitar os espaços mais ignotos do globo terrestre: homens sem-cabeça, cinocéfalos, animais disformes, monstros marinhos, entre outros. O gigante, representando como um “peculiar” habitante das terras americanas, está parcialmente desnudo, sendo que apenas uma tanga de folhas cobre as suas partes íntimas. Ele segura o arco e a flecha com a mão direita, posicionando-se de modo imponente. Tatuagens de diferentes desenhos cobrem grande parte do seu corpo, enquanto um cocar de penas de aves ornamenta a sua cabeça (Figura 17).

Figura 17 – Icon Regis Quoniambec.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Gravura do livro titulado *Monstrorum historia*, de Ulisse Aldrovandi. Desenho do gravurista Jean-Baptiste Coriolan. Editora Bononiae, 1642, p. 108. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23006724/f65.item.r=Icon%20Regis%20quoniambec#>. Acesso em: 12 de janeiro de 2021.

A representação das lideranças indígenas como figuras de corpo gigantesco, não foi uma exclusividade do contexto colonial do mundo ibero-americano. Também nas áreas que compreendem a atual costa leste dos Estados Unidos da América, especialmente nos territórios da Flórida e da Virgínia, encontramos diversas referências textuais e pictóricas a esses índios gigantes ou quase gigantes. Por volta do ano de 1530, o explorador e conquistador espanhol Cabeza de Vaca esteve nas proximidades do rio Mississippi. Anos mais tarde, em sua narrativa de viagem intitulada *Naufrágios*, o cronista descreveria os índios da Flórida como exímios flecheiros, dotados de grande força, velocidade e estatura, ao ponto que observados de longe, eram semelhantes a gigantes.<sup>291</sup> Em 1557, o francês André Thevet, que jamais pisara seus pés naquela região, descreveu os índios da Flórida como “robustos, sanguinários e idólatras”.<sup>292</sup> E, finalmente, o missionário calvinista Jean de Léry destaca que esses indivíduos eram extremamente fortes e tão velozes que podiam para apanhar animais silvestres na corrida.<sup>293</sup>

Na edição francesa de *A briefe and true report of the new found land of Virginia*,<sup>294</sup> de Thomas Harriot, publicada em Frankfurt am Main em 1590, para compor a série *Grands Voyages*, Theodore de Bry desenhou diversas xilogravuras sobre o cotidiano, os costumes e as características dos habitantes da Virgínia. O gravador belga tomou como modelos uma série de aquarelas desenhadas pelo artista e explorador britânico John White. Assim, representou os indígenas da região com corpos e membros claramente superiores fisicamente aos dos europeus. Em uma estampa intitulada *des grands Seigneurs de Virgínia* (dos grandes senhores da Virgínia), vemos a encenação do encontro entre dois “chefes” locais imponentemente posicionados no centro de um grande campo de batalha. Os índios possuem corpos extremamente musculosos, proporcionados, parcialmente cobertos por uma manta fina de algodão, e ostentam seus habituais arco e flecha (Figura 18). Em uma segunda imagem, o artista ilustrou um terceiro chefe indígena devidamente trajado para a guerra, enfatizando as diversas marcas tatuadas em seu corpo avantajado. A posição das flechas na mão direita e do arco na mão esquerda, foi desenhada propositalmente de forma simétrica, de modo que pudessem sublinhar a perfeição corporal do guerreiro (Figura 19).

---

291 CABEZA DE VACA, op. cit., p. 24.

292 THEVET, op. cit., p. 240.

293 LÉRY, op. cit., p. 63.

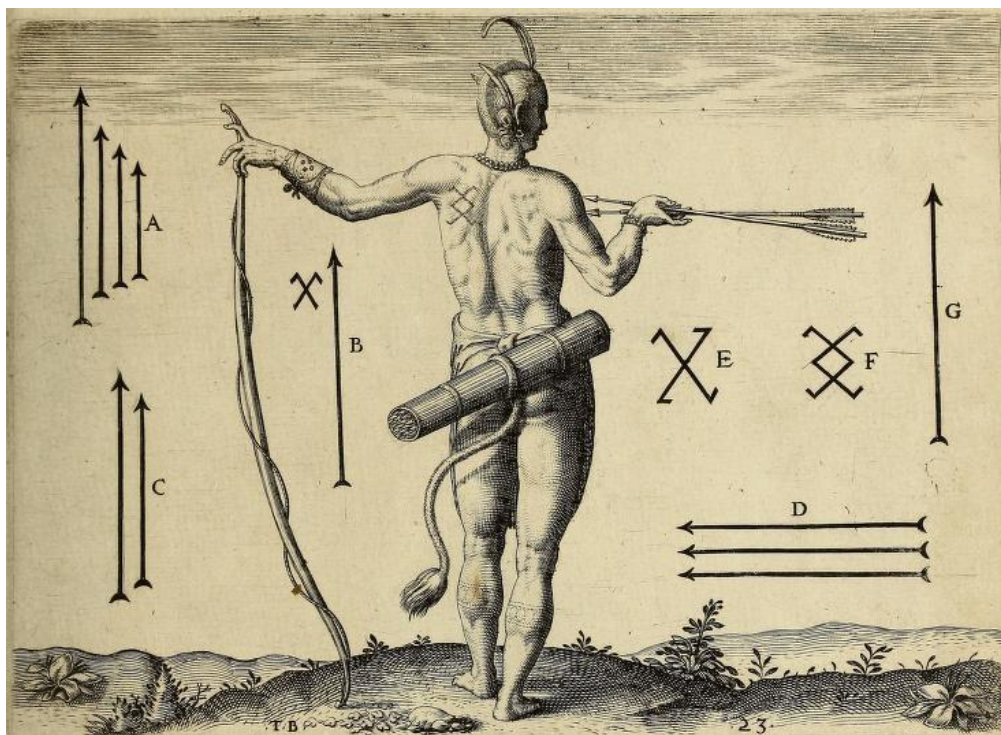
294 Título em francês: *Merueilleux et estrange rapport, toutesfois fidele, des commoditez qui se trouuent en Virginia, des facons des naturels habitans d'icelle, laquelle a esté nouvellement descouuerte par les Anglois que Mesire [sic] Richard Greinuile cheualier y mena en colônia lan.1585.*

**Figura 18** – Índios da Virgínia por Theodore de Bry.



Fonte: *The Internet Archive*. *A briefe and true report of the new found land of Virginia*. Thomas Harriot. Frankfurt am Main: Typis Ioannis Wecheli, 1590, p. 49. Baseado em John White. Disponível em: <https://archive.org/details/merueilleuxetest00harr/page/n49/mode/2up>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

**Figura 19** – Perfil de um chefe indígena da Virgínia.



Fonte: *The Internet Archive*. Gravura de Theodore De Bry para a obra intitulada *A briefe and true report of the new found land of Virginia*, de Thomas Harriot. Frankfurt am Main: Typis Ioannis Wecheli, 1590, p. 108. Disponível em: <https://archive.org/details/briefetruereport00harr/page/n107/mode/2up>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

No ano de 1624, o capitão inglês John Andrew Smith publicaria na cidade de Londres sua *The generall historie of Virginia New-England, and the Summer Isles*, obra que reunia uma série de acontecimentos nos territórios da então denominada Nova Inglaterra. O texto continha, além dos relatos de terceiros, informações das quais o marinheiro inglês teria sido testemunha ocular, inclusive o encontro com os fabulosos índios *Susquehannock*, descritos em seu livro como um povo de gigantes. Soldado, explorador, viajante e cartógrafo, Smith chegara à Virgínia no ano de 1607, decidido a explorar as atividades da pesca, do comércio de peles e estabelecer um assentamento. Após ser feito prisioneiro pelos indígenas, fora libertado pelos ingleses, vindo a assumir, posteriormente, a liderança no processo de colonização desse território. Sua *The generall historie of Virginia*, reunia informações relativas ao solo, aos habitantes, à fauna, à flora e ao clima da região costeira da Nova Inglaterra.<sup>295</sup>

Em sua narrativa de viagem, o capitão descreveu os *Susquehannock* como os habitantes mais estranhos de toda a Nova Inglaterra. Possuíam uma linguagem incompreensível, “não adoravam a Deus”, e suas vestimentas rudimentares eram produzidas a partir da pele de animais abundantes na região. Usavam como armas, clavas, arco e flechas adequados à sua grandeza, pois eram homens grandes e bem proporcionados de corpo. Dessa forma, os ingleses os tinham por genuínos gigantes: “Such great and well proportioned men are seldome seene, for they seemed like Giants to the English”.<sup>296</sup> Um jovem guerreiro *Susquehannock*, que teria vindo até uma embarcação inglesa, carregava em uma das mãos uma enorme clava, e na outra, uma flecha imensa com uma pedra lascada em formato de cristal em uma das extremidades. A panturrilha do índico media três quartos de jarda (cerca de 0.68 m) e, em igual proporção, eram o tamanho dos demais membros do seu corpo: “The calfe of whose leg was three quarters of a yard about, and all the rest of his limbes so answerable to that proportion, that he seemed the goodliest man we ever beheld.”<sup>297</sup>

---

295 SMITH, John. “A Description of New England (1616): An Online Electronic Text Edition” (1616). Editado por Paul Royster. **Electronic Texts in American Studies**. 4. Lincoln: Libraries at University of Nebraska, 2006. <https://digitalcommons.unl.edu/etas/4>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

296 SMITH, John. *The Generall Historie of Virginia, New-England, and the Summer Isles: With the Names of the Adventurers, Planters, and Governours from Their First Beginning, Ano: 1584. To This Present 1624. With the Proceedings of Those Severall Colonies and the Accidents That Befell Them in All Their Journyes and Discoveries. Also the Maps and Descriptions of All Those Countryes, Their Commodities, People, Government, Customes, and Religion Yet Knowne. Divided into Sixe Bookes. By Captaine Iohn Smith, Sometymes Governour in Those Countryes & Admirall of New England: Electronic Edition*. University Library, UNC-Chapel Hill: University of North Carolina at Chapel Hill, 2006, p. 24. Disponível em: <https://docsouth.unc.edu/southlit/smith/smith.html>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

297 Ibidem, p. 24-25.

Já na primeira edição de *The generall historie of Virginia*, publicada em Londres em 1624, John Smith desenhou o famoso guerreiro *Susquehannock* em um mapa que representa o território da Virgínia (Figura 20). O trabalho resultou de uma parceria que Smith estabeleceu com o habilidoso gravador inglês William Hole. Em destaque, no canto superior direito do mapa, vemos a representação do referido indivíduo *Susquehannock*. Tal como na descrição textual, o indígena está segurando em sua mão direita um enorme arco, enquanto na esquerda, segura uma rústica e longa clava feita de madeira. Suas vestes foram confeccionadas com a pele de animais, provavelmente de lobo, conforme indica a cabeça do animal colocado no colar envolto em seu pescoço. Em suas costas veem-se uma aljava repleta de flechas e uma presa abatida durante a caçada. A imagem fora desenhada a partir dos cânones artísticos de estética e forma recorrentes no período e, assim, o arco, a clava e o corpo do guerreiro, estão simetricamente alinhados. Aos pés do índio, a inscrição em inglês reforça o propósito do artista, que anotou: “Os Susquehannocks são pessoas gigantes e, portanto, estão vestidos”.<sup>298</sup>

Assim como no contexto ibero-americano, a representação de certos grupos indígenas da Virgínia como gigantes,<sup>299</sup> pode ser elucidada pela análise das circunstâncias que envolveram os exploradores europeus e o seu comprometimento com a empresa colonial em terras americanas. Quando explorava o rio Chickahominy a bordo de uma canoa em dezembro de 1607, John Smith foi emboscado por um grupo de 200 índios Powhatans. Ao ser ferido por uma flecha e atolar na lama fria do pântano, o capitão inglês finalmente se rendeu ao chefe Opechancanough.<sup>300</sup> O forasteiro estava amarrado em uma árvore e pronto para ser flechado, mas ao manusear uma bússola e surpreender os índios, teve sua vida poupada.<sup>301</sup> Após uma série de negociações frustradas entre indígenas e ingleses, Smith retornou e prendeu o chefe Powhatan, acusando-o de traição.<sup>302</sup> Tais acontecimentos, indicam que o capitão inglês certamente fantasiou sua narrativa, para que suas ações o colocassem como um herói, na proteção dos colonos que ocupavam a região. Enfrentar índios gigantes e ferozes, deveria engrandecer o seu êxito e, por tabela, justificar o posterior fracasso à frente da empresa colonial na América.

298 (Tradução nossa). Em inglês arcaico: “The Sasquesahanougs are a Gyant like people & thus atyred”.

299 Em um interessantíssimo estudo, após realizar uma avaliação osteométrica da estatura dos restos mortais dos índios que habitavam o sudeste dos Estados Unidos, Mehmet Yasar Iscan e Morton H. Kessel concluem que estes possuíam uma estatura média abaixo de 170 cm (ISCAN; KESSEL, 1997, p. 173).

300 SCHECHNER, Sara J. The adventures of Captain John Smith, Pocahontas, and a sundial. **The Compendium**, v. 14, n. 1, p. 19-24, 2007, p. 2. Disponível em: <https://ui.adsabs.harvard.edu>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

301 SMITH, op. cit., 2006, p. 47.

302 Ibidem, p. 79.

**Figura 20** – “Os Susquehannocks são pessoas gigantes e, portanto, estão vestidos”, diz o texto em inglês gravado aos pés do guerreiro Susquehanna.



Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division*, Washington, D.C. Mapa da Virgínia desenhado por John Smith com a colaboração de William Hole. Londres, 1624. Dimensão: 32 x 41 cm. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3880.ct000377/>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

Em uma nova edição de *The generall historie of Virginia*, publicada no ano de 1627, em Londres, o gravurista Robert Vaughan ilustrou sem ocultar detalhes as experiências e aventuras de John Smith entre os Powhatans de Pamaunkee no período em que os ingleses colonizavam o assentamento de Jamestown. No centro da imagem, nota-se um mapa da Baía de Chesapeake, desenhado pelo artista britânico a partir das descrições e pesquisas realizadas por Smith. O quadro contém ainda a narrativa imagética completa da prisão do capitão, ou seja, do momento da sua captura, da clemência concedida pelo chefe de Pamaunkee e do seu rápido retorno. Nota-se que o artista



desenhou o governante indígena muito superior fisicamente ao capturador europeu, tanto em estatura, quanto em robustez corporal, avigorando, dessa forma, tanto a narrativa textual, quanto a lenda construída acerca do representante Powhatan. Em duas das cenas que compõem o referido quadro, lê-se a seguinte legenda: “O capitão John Smith leva o rei de Pamaunkee prisioneiro em 1608” (Figura 21).

**Figura 21** – O capitão John Smith na presença dos índios da Virgínia.

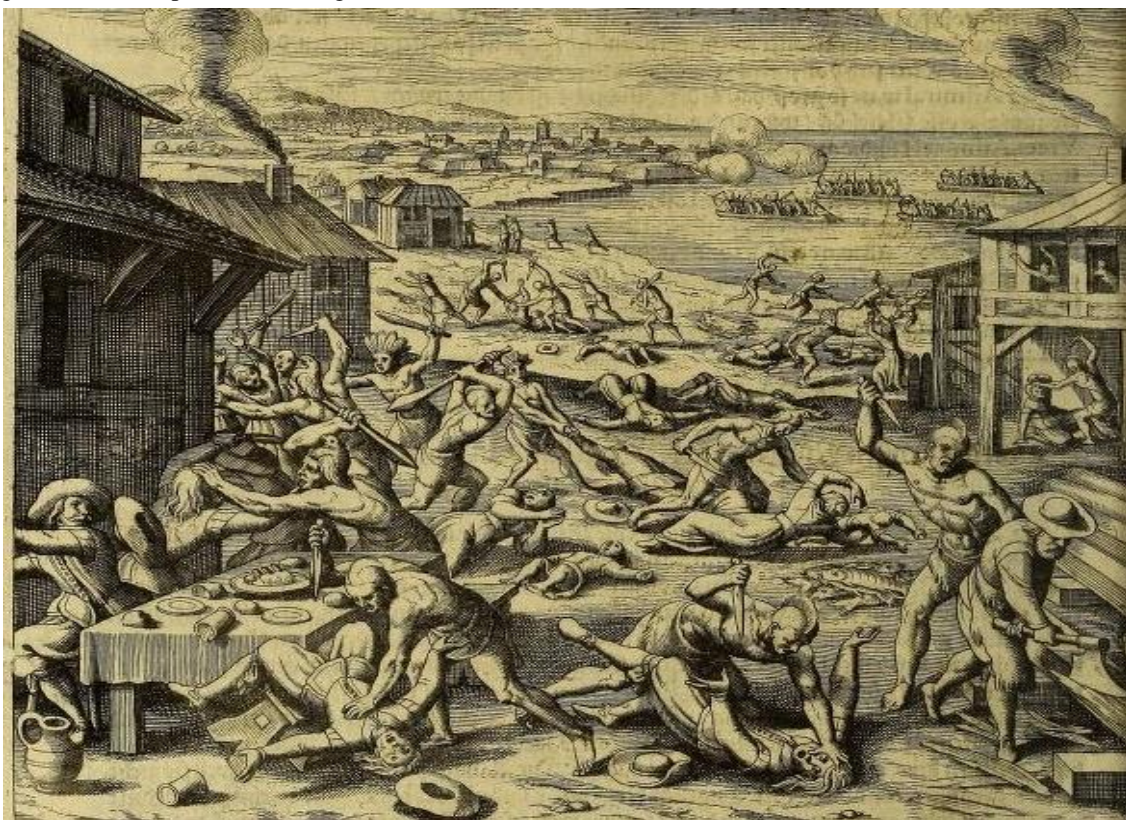


Fonte: *The Internet Archive*. Em duas das cenas é possível ler a seguinte legenda: “O capitão John Smith leva o rei de Pamaunkee prisioneiro”. *The generall historie of Virginia, New-England, and the Summer Isles*. Gravura de Robert Vaughan, 1627. Disponível em: [https://archive.org/details/nby\\_687022-2/Vaughan Adventures-of-Captain-Smith.jpg](https://archive.org/details/nby_687022-2/Vaughan_Adventures-of-Captain-Smith.jpg). Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

Nas grandes compilações de narrativas de viagens ao Novo Mundo, datadas, sobretudo, das primeiras décadas do século XVII, os artistas europeus representavam o cotidiano dos colonos e dos indígenas que habitavam os territórios de colonização inglesa na América do Norte. Em muitas dessas imagens, os ameríndios foram pintados em sua “docilidade”, praticando livremente seus rituais e costumes e estabelecendo relações amistosas com os colonizadores europeus. Não obstante, eram retratados como sujeitos

cruéis e traidores, bestas selvagens capazes de cometer as piores atrocidades. Em *Continuatio Americae*, de Matthäus Merian, obra publicada em Franckfurt am Main no ano de 1627 por Johann Israel e Johann Theodor de Bry, o observador europeu seiscentista poderia visualizar sem perigo, verdadeiros “monstros selvagens” com suas armas em ação, atacando à traição mulheres e crianças estabelecidos no acampamento de Jamestown.<sup>303</sup> Assim como nas demais figuras, os índios foram ilustrados com o corpo parcialmente desnudo, o porte físico visivelmente avantajado e uma estatura ligeiramente superior aos homens e mulheres europeus (Figura 22).

**Figura 22** – O ataque dos índios Powhatans à Jamestown (Virgínia) em 1622 foi representado pelos gravadores europeus como um grande massacre.



Fonte: *The Internet Archive*. Gravura desenhada para a obra *Continuatio Americae*, de Matthäus Merian, publicada em Franckfurt no ano de 1627, por Johann Israel e Johann Theodor de Bry. Disponível em: <https://archive.org/details/continuatioameri00theo/page/n17/mode/2up>. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.

303 O capitão inglês John Smith havia se retirado da Virgínia no ano de 1609. Contudo, em sua *The generall historie of Virginia New-England, and the Summer Isles*, descreveu o ataque como um grande massacre, em suas palavras um ato de pessoas “selvagens e brutais”: “Neither yet did these beasts spare those amongst the rest well knowne vnto them, from whom they had daily received many benefits, but spightfully also massacred them without any remorse or pitie; being in this more fell then Lions and Dragons, as Histories record, which haue preserued their Benefactors; such is the force of good deeds, though done to cruell beasts, to take humanitie vpon them, but these miscreants put on a more unnaturall brutishnesse then beasts, as by those instances may appeare” (SMITH, 2006, p. 144-145).

Na América dos séculos XVI e XVII, os diferentes clichês relacionados ao gigantismo do índio, tanto físicos quanto comportamentais, embora encontre suas raízes mais profundas no imaginário antigo e medieval, não podem ser compreendidos senão pela análise dos dilemas e interesses próprios do contexto colonial europeu. As ações de dominação e exploração por parte dos colonizadores e os processos de resistência indígena foram certamente determinantes para a criação e a difusão de inúmeros estereótipos de cunho essencialmente pejorativo. O índio do imaginário europeu era o selvagem, o bárbaro, o canibal e, em casos extremos, ao reunir todos esses atributos, era estereotipado como gigante. Assim, o gigantismo englobava todas as características “repulsivas” do ameríndio, traduzidas na representação textual e iconográfica de clichês pertinentes à sua moral e estética.

Na literatura de viagem – cartas, diários, crônicas e afins – ocorrera a manifestação mais acentuada e negativa da desmesura do índio. A grande maioria dos cronistas e viajantes europeus, procedentes das mais variadas nacionalidades, relacionaram diretamente o “gigantismo” dos americanos à barbárie, à selvageria, à monstrosidade e, conseqüentemente, ao paganismo. Dessa forma, os “índios gigantes ou quase gigantes” têm, via de regra, o seu corpo físico deformado, fora dos padrões “normais” da natureza, apresentando ainda aspectos demoníacos e que se assemelham aos das bestas selvagens – aparência, velocidade, força bruta. Moralmente, eram criaturas desprovidas de racionalidade, famintas, perturbadoras da ordem. Conforme bem analisa Roja Mix: “El gigantismo era además un signo de haberse apartado de la voluntad de Dios, la cual implicava mantenerse en la estatura justa con que había creado Adán y Eva. Toda desviación no era evolución sino degeneración”.<sup>304</sup>

Nas representações imagéticas, a desmesura se fundiu aos padrões de estética e beleza recorrentes na arte europeia renascentista. Com efeito, sua manifestação se ateuve à estatura avantajada e ao porte físico musculoso e robusto do ameríndio. Gravuristas como Theodore de Bry e Levinus Hulsius, dois dos maiores ilustradores dos povos americanos, procuraram denunciar em suas obras as atrocidades cometidas contra essas populações pelo Império Espanhol e pela Igreja Católica. Dessa forma, na representação desses artistas o gigantismo despiu-se de muitas de suas qualidades depreciativas, sendo a “imagem do índio” desenhada segundo critérios anatômicos universais e ideologizados, supostamente capazes de reunir a “beleza ideal”.<sup>305</sup>

---

304 ROJA MIX, 1993, op. cit., p. 149.

305 CHICANGANA-BAYONA, op. cit., p. 29.

## 2.5. Os gigantes patagões

A lenda dos gigantes patagões tem sua origem intrinsecamente ligada ao conturbado contexto histórico e geopolítico das disputas marítimas e territoriais europeias na América. Amparava-se na crença difundida pelo imaginário de diversos viajantes, exploradores e cronistas, de que o extremo sul do continente (na região que engloba a atual Patagônia argentina) seria inteiramente habitado por indígenas belicosos e selvagens, seminômades, comedores de carne crua e dotados de grande estatura, força física e velocidade. Foi um dos mitos mais longevos e recorrentes entre os muitos produzidos pela imaginação europeia nas terras do Novo Mundo, percorrendo, com relativa popularidade, os três primeiros séculos do processo de conquista, exploração e colonização estrangeira na América. Contudo, no presente tópico centralizaremos nosso enfoque temporal principalmente nos relatos e gravuras que foram constituídos no transcorrer do século XVI e princípios do XVII.<sup>306</sup>

Como apontado inicialmente, a difusão da “imagem patagã” na Era Moderna resultou, sobretudo, dos inúmeros relatos provenientes das expedições que atravessaram o Estreito de Magalhães, rumo às Ilhas das Especiarias situadas no Oceano Pacífico. Em linhas gerais, os viajantes e cronistas europeus, diretamente comprometidos com a empresa colonial, baseavam-se em descrições anteriores e, quando muito, adicionavam um ou outro elemento à lenda.<sup>307</sup> Para Flores de la Flor (2014), embora seja uma tarefa complexa precisar o real propósito contido nessas narrações, é possível conjecturar intencionalidades variadas. Ainda segundo a autora, a descrição de seres fabulosos que habitavam terras inóspitas e distantes, bastava para “engrandecer los periplos marítimos, probar que se había viajado – quien no había visto no había viajado – o dar cuenta de los hechos acontecidos, la crítica política a las coronas enemigas, la estrategia geopolítica en el contexto de la colonización”.<sup>308</sup>

---

306 Como será demonstrado ao longo do presente tópico, a grande maioria dos relatos e gravuras data dos séculos XVI e XVII. No princípio do século XVIII encontram-se alguns poucos relatos, indicando que o mito já havia perdido a regularidade notória em séculos anteriores. Quanto à produção cartográfica propriamente dita, em sua representação da denominada *Regio Gigantum* (Região dos Gigantes), abordaremos esse assunto no último capítulo da tese, uma vez que esses mapas são fontes históricas de natureza bastante específica e requerem um tratamento teórico/metodológico próprio.

307 FLORES DE LA FLOR, M. Alejandra. 2014. “Los relatos de viajes al Océano Pacífico: el Estrecho de Magallanes y la leyenda de los Patagones”, **Tiempos Modernos**, vol. 8, núm. 28, pp.1-28, p. 9. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/revhistoria/v25n1/0717-8832-revhistoria-25-01-161.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.

308 Ibidem, p. 10.

O primeiro propagador da lenda foi o cavaleiro e cronista italiano Antonio Pigafetta, autor de um diário de bordo que narrava os acontecimentos da primeira viagem de circum-navegação ao redor do globo (1519-1522). O cronista forneceu um relato detalhado da missão, que incluía a descrição de lugares, sua geografia, clima, fauna e flora, e informações de cunho etnográfico e linguístico sobre grupos humanos encontrados no trajeto do referido périplo.<sup>309</sup> Sua obra não tardaria a alcançar grande notoriedade na Europa, tendo a primeira edição completa publicada em Veneza em 1524,<sup>310</sup> com o título de *Primer viaje en torno del globo*.<sup>311</sup> Um ano antes, contudo, o autor belga Maximiliano da Transilvânia, publicaria na cidade de Colônia sua *De Molluci Insulis*, narrativa em formato de carta que reunia informações da viagem coletadas pelo escritor, após entrevistar os poucos sobreviventes da nau *Victoria* – única das cinco embarcações que retornou à Espanha com o término da campanha.<sup>312</sup>

Na primeira metade do século XVI, surgem diversas narrativas do enfrentamento entre europeus e patagões nas proximidades do Estreito de Magalhães. Pedro Mártir de Anglería, cronista e membro do *Consejo de Indias* faz referências ao mito em sua obra intitulada *Décadas del Nuevo Mundo* (1530). Três anos depois, o espanhol Francisco López de Gómara, eclesiástico e cronista da conquista espanhola do México, em *Historia general de las Indias* (1533), menciona brevemente os patagões, advertindo no texto que seu único objetivo era o entretenimento dos seus leitores.<sup>313</sup> Ainda na década de 1530, temos importante descrição dessa lenda nas páginas de *La Historia General y Natural de Indias*, obra escrita pelo cronista oficial, Gonzalo Fernández de Oviedo. Em sua *Historia General*, o escritor espanhol fornece ao seu leitor a primeira hipótese para a origem do termo Patagão.<sup>314</sup> No início da segunda metade desse mesmo século, o frei e cosmógrafo francês André Thevet, em *Singularidades da França Antártica* (1557), situa a *Terra dos Gigantes* entre o Rio da Prata e o Estreito de Magalhães.<sup>315</sup>

---

309 MAGASICH-AIROLA; DE BEER, op. cit., p. 262.

310 O manuscrito original se perdeu, no entanto, um segundo relato da viagem escrito pelo cronista permaneceu em quatro versões escritas à mão, sendo uma em italiano e três em francês. A versão em francês é considerada a mais completa dos quatro manuscritos e encontra-se disponível na biblioteca da Universidade de Yale. Informações disponíveis no site da Biblioteca Digital Mundial. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/3082/>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2021. No presente trabalho, optamos por utilizar a tradução para o português de Jurandir Soares dos Santos (2019), da editora L&PM POCKET.

311 FLORES DE LA FLOR, op. cit., p. 10.

312 DREYER-EIMBCKE, Oswald. **O descobrimento da Terra: história e histórias da aventura cartográfica**. São Paulo: Melhoramentos, 1992, p. 140-141.

313 FLORES DE LA FLOR, op. cit., p. 11.

314 FERNÁNDEZ OVIEDO, op. cit., p. 42.

315 THEVET, op. cit., p. 183-184.

Com o acirramento das disputas marítimas e territoriais no extremo sul da América, surgiram diversas outras narrativas que tinham em comum o fato de envolverem os índios fueguinos diretamente no centro dos interesses coloniais europeus nessa região. Assim, o Estreito de Magalhães, outrora visitado exclusivamente por espanhóis, receberia incursões constantes de marinheiros enviados por coroas inimigas, sobretudo holandeses e ingleses. Algumas das narrativas mais conhecidas desse contexto surgiram da viagem de circum-navegação ao redor do mundo, realizada sob o comando do corsário inglês Francis Drake, que aportou no Estreito em 1577 (Por seu desempenho, Isabel I da Inglaterra condecorou Drake como cavaleiro em 1581). Três marinheiros que acompanhavam Drake foram responsáveis por noticiar o encontro dos europeus com índios gigantescos e belicosos: o padre capelão Francis Fletcher; o pirata português Nuno da Silva e o corsário John Drake, sobrinho de Francis Drake.<sup>316</sup> Outro corsário a serviço da Inglaterra, Thomas Cavendish, aportaria na região em 1587.<sup>317</sup>

Ao final do século XVI, precisamente no ano de 1599, duas expedições holandesas estiveram no Estreito, sendo a primeira delas sob o comando do capitão Sebald de Weert e, a segunda, aos encargos do navegador Olivier van Noort, primeiro holandês a circum-navegar a Terra. Assim como ocorrera com espanhóis e ingleses, os cronistas holandeses não hesitaram em relatar o encontro nada amistoso com populações inteiras de indígenas selvagens, dotados de grande estatura, força bruta e velocidade.<sup>318</sup> Rapidamente, os relatos de Sebald de Weert e Olivier van Noort, inspirariam os artistas e editores europeus na representação dos homens e mulheres fueguinos que habitavam o Estreito de Magalhães e as áreas adjacentes. Um dos maiores exemplos dessas reproduções iconográficas encontramos em diversas gravuras que foram publicadas em 1602 na *Oficina De Bry* para compor a obra intitulada *Americae Nona & Postrema*, parte da série de narrativas de viagem ao Novo Mundo, *Grands Voyages*, iniciada pelo editor e gravurista belga, Theodore de Bry. Igualmente na literatura de viagem, as imagens procuravam destacar os “civilizados” europeus e suas incursões pelas terras dos gigantescos e “selvagens” homens patagônicos.

---

316 Nesse ínterim, o marinheiro e cronista espanhol Pedro Sarmiento de Gamboa realizou duas expedições ao Estreito, entre os anos de 1579-1580 e 1581-1586. Os acontecimentos dessas duas campanhas, que objetivavam expulsar os invasores ingleses, podem ser encontrados na obra intitulada *Viage al Estrecho de Magallanes por el Capitán Pedro Sarmiento de Gamboa*.

317 FLORES DE LA FLOR, op. cit., p. 12.

318 Em nosso estudo utilizamos as transcrições dos relatos das expedições de Sebald de Weert e Olivier van Noort realizadas pelo tradutor e escritor escocês Robert Kerr no século XIX: KERR, Robert: **A general History and Collection of voyages and travels...** Londres: [s.n.], 1824. (Online). Disponível em: <http://www.gutenberg.org>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

### 2.5.1. A origem da lenda

No dia 10 de agosto de 1519, uma flotilha composta de 5 caravelas, batizadas com os nomes de *San Antonio*, *Concepción*, *Santiago*, *Victoria* e *Trinidad*, levando a bordo uma tripulação de 237 marinheiros, zarpava de Sevilha após uma comemorativa descarga de artilharia. As naus soltaram a vela do traquete e desceram pelo rio Guadalquivir, passando pelas cercanias de San Juan de Aznalfarache. Iniciava-se, assim, a primeira viagem de circum-navegação ao redor do globo.<sup>319</sup> O périplo que durou três anos, contornou o extremo sul do continente americano, atravessou o Pacífico em direção às Filipinas e retornou a Sanlúcar de Barrameda em setembro de 1522 (ver o trajeto no mapa da Figura 23). Uma das expedições mais importantes do contexto das Grandes Navegações, respondia diretamente às aspirações políticas, econômicas e territoriais do poderoso Império Espanhol do princípio do século XVI.

O comando da expedição coube ao experiente navegador e explorador português, Fernão de Magalhães, que assumiu a esquadilha com a insígnia de capitão-geral sob as ordens do então rei da Espanha e imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Carlos V.<sup>320</sup> Magalhães nasceu na cidade do Porto por volta do ano de 1470. Realizou diversas viagens às Índias Orientais, participando de expedições militares em Goa, em Malaca e nas Molucas. Após o fracasso de uma campanha na África, que o deixou coxo para o resto da vida, o marinheiro optou por abdicar da nacionalidade portuguesa em favor da Coroa de Castela. Em março de 1518, foi entrevistado pessoalmente por Carlos V e sua mãe, Dona Joana, firmando um acordo para realizar sua futura missão, cuja organização demandaria um ano e meio de preparação.<sup>321</sup>

Magalhães não apenas convenceu o Cardeal Cisneros, o primeiro-ministro de Carlos V de que, devido à forma esférica da Terra era possível chegar as Ilhas das Especiarias seguindo direção contrária à dos portugueses, que navegavam pelo Cabo da Boa Esperança, como também que essa região do Globo Terrestre pertencia à Espanha pela linha demarcatória estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas.<sup>322</sup> Dreyer-Eimbcke

---

319 Embora, conforme encontramos no início do relato de Pigafetta, a partida da flotilha da Europa se efetivasse somente em 20 de setembro, em Sanlúcar, Tenerife, enquanto a esquadilha ainda recebia os últimos homens, navios e provisões (PIGAFETTA, 2019, p. 51).

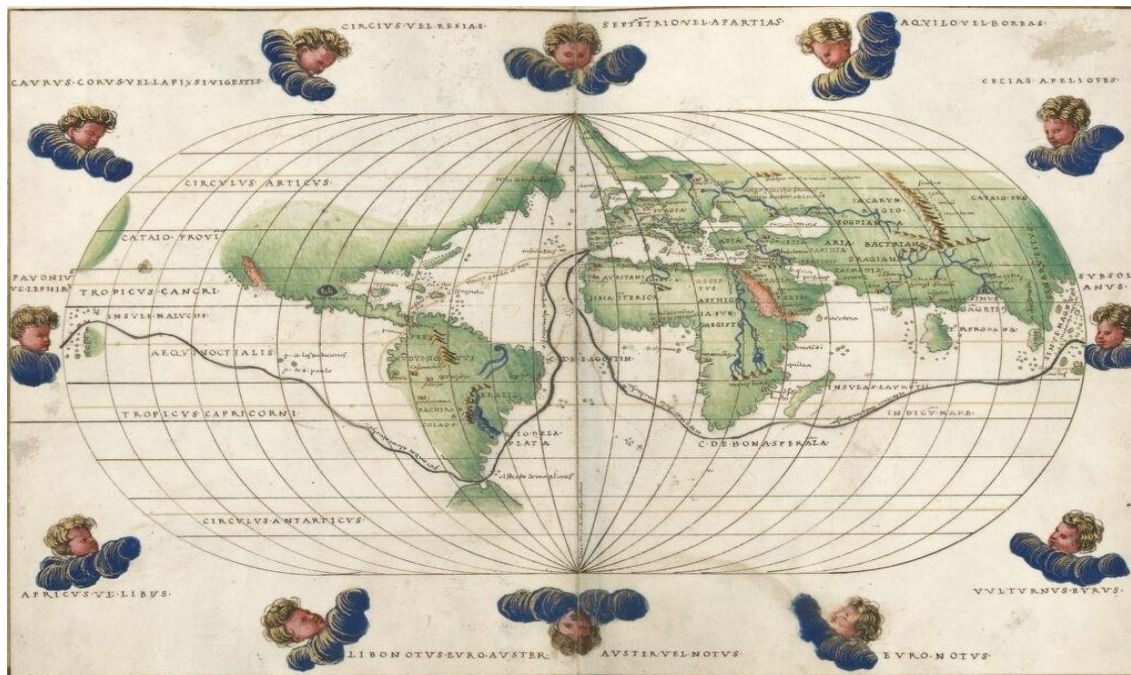
320 PIGAFETTA, op. cit., p. 50.

321 AMORETTI, Carlos. Introdução. In: PIGAFETTA, Antonio. **A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães**. Tradução de Jurandir Soares dos Santos. 2ª ed. – Porto Alegre: L&PM, 2019, p. 40-41

322 Ibidem, p. 21.

(1992) observa que: “O monarca concordou com a expedição sob a condição de que Magalhães encontrasse pelo menos seis ilhas ricas em matérias-primas. Como prêmio, aguardavam-no o título de governador, o direito de andar armado em público e uma vigésima parte dos lucros do empreendimento”.<sup>323</sup>

**Figura 23** – Mapa portulano que ilustra a rota da primeira viagem de circum-navegação ao redor do mundo.



Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division*, Washington, D.C. O mapa contém, ainda, o traçado de um percurso que seguia da Espanha para o Vice-Reino do Peru. A peça faz parte de um atlas portulano de 9 cartas desenhado por Battista Agnese no ano de 1544. Dimensões: 21 x 29 cm. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3200m.gct00001/?sp=14&r=-0.436,-0.017,1.89,0.775,0>. Acesso em: 16 de abril de 2019.

Vale destacar brevemente o contexto do mercantilismo europeu no início da Era Moderna, momento em que duas nações economicamente ascendentes e igualmente ambiciosas, Espanha e Portugal, almejavam abocanhar as benesses do lucrativo comércio das especiarias. Desde o século XV, os italianos detinham quase que exclusivamente o controle comercial desses produtos com o oriente. Os lucros eram vultosos, mas os riscos igualmente elevados, consequências dos altos custos logísticos e dos diversos perigos encontrados nos mares e desertos. Basicamente, havia duas rotas de transporte: depois de serem retirados de certas ilhas próximas à linha do Equador para as Índias, os condimentos seguiam de camelo até às margens do rio Nilo.<sup>324</sup>

323 DREYER-EIMBCKE, op. cit., 1992, p. 140.

324 AMORETTI, op. cit., p. 9-10.



Uma vez conduzidos em embarcações pelo Nilo, as mercadorias finalmente seguiam seu trajeto pelo Mediterrâneo rumo às principais cidades italianas. Todavia, após o embargo árabe do Golfo Árabe, os mercadores tiveram que recorrer a uma rota alternativa pelo Golfo Pérsico. Assim, os artigos passaram a serem movidos pelos rios Eufrates, Indo e Oxus e, dali enviados para as cidades portuárias indianas. Após o transporte pelo Mar Negro ou pelo Mar Cáspio prosseguiram até o Mediterrâneo, finalmente chegando às mãos dos negociantes italianos.<sup>325</sup> Partindo de uma análise conjuntural, o historiador italiano Carlos Amoretti (2019) observa o contexto histórico em que surgiram diversos projetos para solucionar esses inúmeros obstáculos:

O afã do lucro e o desejo de diminuir as dificuldades e riscos fizeram surgir diversos projetos para encontrar meios de proporcionar as mercadorias das Índias em primeira mão. Isto aconteceu na época do renascimento das letras e quando a arte da imprensa, recém-inventada, começava a espalhar as luzes que os antigos nos transmitiam a respeito da navegação e da figura da Terra. Sabia-se que alguns navegantes fenícios, saindo do Mar Vermelho, haviam entrado no Mediterrâneo, com o mesmo navio, pelo Estreito de Gibraltar. Por conseguinte, se conjecturava que do Oceano Atlântico, navegando para Leste, se poderia chegar por mar à desembocadura do Mar Vermelho e chegar às ilhas dos condimentos. Sabia-se, além disso, sem dúvida alguma, que os antigos haviam conhecido a esfericidade da Terra (...). Os viajantes que, seguindo as pegadas de Marco Polo, haviam percorrido todas as costas da Ásia, certificaram-se de que a Terra formava uma curvatura.<sup>326</sup>

As *Quatro Viagens* realizadas por Cristóvão Colombo ao Novo Mundo, contribuíram para reforçar a ideia da existência de novas terras localizadas a oeste do Globo Terrestre, ao mesmo tempo que se acirraram as disputas marítimas e territoriais entre Portugal e Espanha. Dessa forma, a expedição comandada por Magalhães, deveria dar conta da existência desses novos territórios, averiguando se havia uma possível passagem interoceânica localizada no extremo sul da massa continental americana que pudesse encurtar o trajeto até às ditas Ilhas das Especiarias (Molucas). Para realizar tamanha façanha o capitão português deveria superar pelo menos dois grandes desafios: a Coroa de Castela forneceu um apoio bastante limitado – uma tripulação pouco experiente e cinco embarcações muito velhas. Além disso, conforme destacam Jorge Magasich-Airola e Jean-Marc De Beer (2000), “uma desagradável hipótese pesava sobre esse plano: ignorava-se se a América terminava no Sul ou se ela se prolongava em um mítico continente austral, batizado de *Terra australis incognita*”.<sup>327</sup>

---

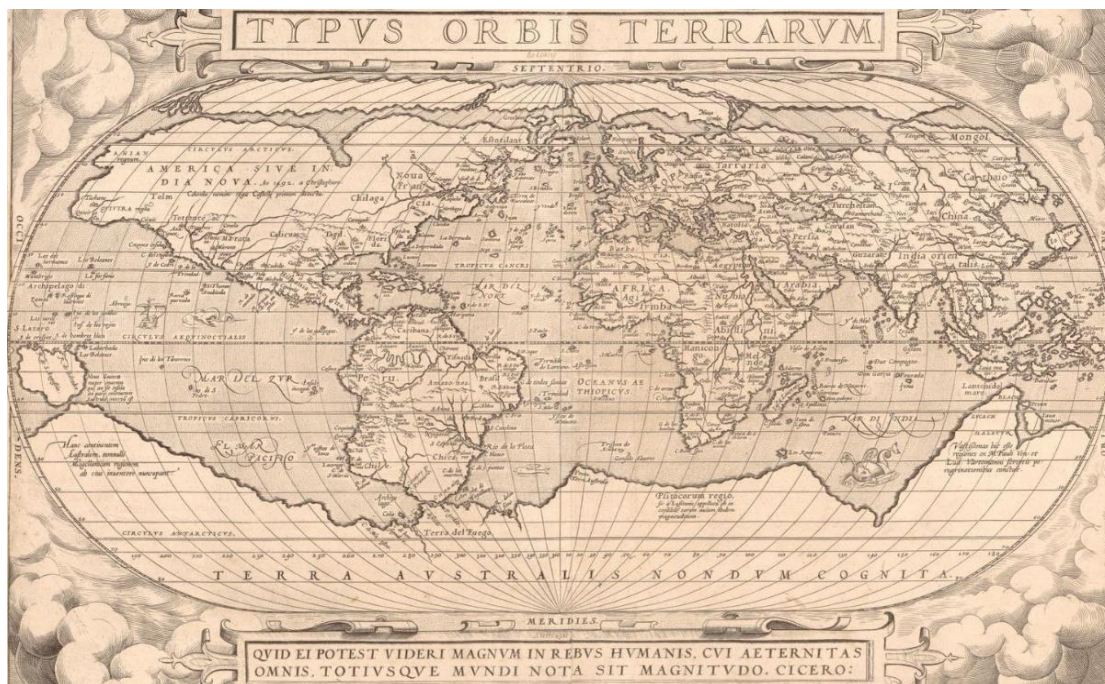
325 Ibidem, p. 9-10.

326 Ibidem, p. 11.

327 MAGASICH-AIROLA; DE BEER, op. cit., p. 261.

O imaginário sobre a *Terra Australis* remontava ao mundo antigo, e se amparava, sobretudo, no pressuposto da esfericidade da Terra. Dessa forma, o globo deveria dividir-se em dois polos antagônicos: o primeiro seria o continente Boreal, devidamente conhecido e representado nos mapas tradicionais. O segundo, tratava-se, portanto, de uma grande porção localizada na extremidade sul da esfera terrestre, habitada por indivíduos que tinham os pés contrários, os antípodos.<sup>328</sup> Na edição latina do atlas do cartógrafo brabantino Abraham Ortelius, o *Theatrum Orbis Terrarum* (Teatro do Globo Terrestre), publicado na Antuérpia em 1579, encontra-se um mapa do mundo intitulado *Typvs Orbis Terrarvm*, representando o que deveria ser esse mítico Continente Austral. Nele, podemos ver que a lendária porção continental se estenderia por toda a vastidão do Pacífico, indo do extremo sul da América do Sul até o sul da Nova Guiné, e o seu tamanho equivaleria a uma área territorial muito superior às das Américas (Figura 24).<sup>329</sup>

**Figura 24** – A mítica área imaginária denominada de *Terra Australis* representada em *Typvs Orbis Terrarvm*.



Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division*. Abraham Ortelius, 1579. Dimensões: 25 x 50 cm. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3200.ct007008/?r=-0.541,0.109,2.082,0.786,0>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

328 DREYER-EIMBCKE, op. cit., p. 117.

329 Tinley Kimble (2005) destaca que o cristianismo e sua forte influência na Idade Média provocou em variados graus de intensidade, um recrudescimento das teorias defensoras de uma cosmografia plana da Terra. Assim, a ideia de um Continente Austral retornaria, com efeito, somente a partir da exploração marítima europeia dos séculos XV e XVI, povoando com apreço a imaginação dos cartógrafos renascentistas (KIMBLE, 2005).

Não seria nenhum exagero afirmar que os viajantes que fizeram parte da primeira viagem de circum-navegação ao redor do mundo, sob o comando do capitão Magalhães, tivessem esbarrado na imensidão do Novo Mundo, um espaço geográfico revelado por etapas. As “novas” terras situadas a oeste do globo, proporcionavam aos conquistadores, exploradores e aventureiros europeus o doce saber da novidade, além da intrigante possibilidade do encontro com o exótico e o maravilhoso. Guillermo Giucci (1992), ao analisar o contexto dessas descobertas no século XVI, destaca que: “A América passou por um período de revelação geográfica. Os descobrimentos foram explorações fragmentárias (...) resultado do avanço de hostes conquistadoras que de maneira tosca iam encaixando as peças de um gigantesco quebra-cabeça continental”.<sup>330</sup>

Antonio Pigafetta, o cronista responsável por descrever os acontecimentos da famosa expedição de circum-navegação, nasceu em Vicenza por volta de 1491. De origem nobre, combateu ainda em sua juventude, Soliman, o Magnífico, quando prestava seus serviços à Ordem dos Cavaleiros de São João de Rodes. Chegou à Espanha no ano de 1519, seguindo ao monsenhor um certo Francisco Chiericato, embaixador de Roma junto ao rei Carlos V. Logo na sequência, foi recrutado pela *Casa de Contratación*, embarcando como excedente a bordo da nau *Trinidad*, uma das cinco embarcações que formavam a esquadilha de Magalhães.<sup>331</sup> No prefácio da sua obra publicada em Paris no ano de 1525, após o sumiço do primeiro manuscrito, encontramos em primeira pessoa os apontamentos dos fatores que motivaram o Cavaleiro de Rodes a prosseguir a bordo da excursão, descrevendo-a amiúde:

Como há pessoas cuja curiosidade não seria satisfeita ouvindo simplesmente contar coisas que vi e as penas sofridas na longa e perigosa expedição que vou descrever, senão que queriam saber também como cheguei a superá-las, dando fé a tal empreendimento se não soubessem os mínimos detalhes, foi que resolvi expor em poucas palavras a origem de minha viagem e os meios que possibilitaram sua realização. No ano de 1519, estava eu na Espanha, na corte de Carlos V, rei dos Romanos, com o monsenhor Chiericato, então protonotário apostólico e predicador do papa Leão X, de santa memória, que por seus méritos foi elevado à dignidade de bispo e príncipe de Teramo. Pelos livros que havia lido e pelas conversações que tive com os sábios que frequentavam a casa do prelado, soube que navegando pelo oceano se viam coisas maravilhosas. Assim, me determinei assegurar por meus próprios olhos a veracidade de tudo que contavam para, por minha vez, contar a outros minhas viagens, tanto para entretê-los e ser-lhes útil como para tornar-me um homem que passasse para a posteridade.<sup>332</sup>

---

330 GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 12.

331 MAGASICH-AIROLA; DE BEER, op. cit., p. 262.

332 Ibidem, p. 44.

Quais foram os livros lidos por Pigafetta às vésperas da sua viagem à América? Qual o teor das conversas com os estudiosos na casa do prelado? Responder tais indagações é certamente uma tarefa complexa. Podemos conjecturar, contudo, que essas leituras possivelmente alimentaram sua imaginação acerca da natureza do Novo Mundo. Assim sendo, nota-se que as coisas maravilhosas que deveriam ser encontradas além-mar, provinham de uma longa tradição enraizada no pensamento medieval/renascentista, para onde o imaginário acerca do insólito e do maravilhoso convergia, superando os limites da “mera fabulação”.<sup>333</sup> No contexto dos descobrimentos, comenta Giucci, “maravilhoso se movimenta, fluidamente, entre a realidade e o mito, apropriando-se de ambos. Mais que se alinhar com uma ou com o outro, funde ambas as categorias: é uma forma de narrar e de absorver imagens”.<sup>334</sup>

O périplo comandado por Magalhães costeou o litoral “brasileiro” em dezembro de 1519. Em terra, Pigafetta anota as características dos habitantes da região; narra o encontro com homens negros, completamente desnudados, sujos e sem pelos no corpo (Tupinambás).<sup>335</sup> Em dado momento da viagem, ainda na costa do atual Brasil, os marinheiros espanhóis teriam avistado índios gigantes e canibais, apenas um prelúdio do que deveria ser encontrado mais ao sul do novo continente. Depois de contornar a costa do Atlântico, a esquadilha aportou na Baía de San Julián (atual Patagônia Argentina), no dia 19 de maio de 1520. Como o inverno se aproximava, os tripulantes optaram por estabelecer um acampamento, permanecendo no local por um período de dois meses, sem avistar nenhum habitante da região. Foi quando menos esperavam, relata Pigafetta, que um ameríndio gigantesco se apresentou diante dos europeus, dançando, cantando e fazendo gestos. O cronista italiano descreveu o insólito episódio, bem como as características do gigante, em detalhes:

Transcorreram dois meses sem que víssemos nenhum habitante do país. Um dia, quando menos esperávamos, um homem de figura gigantesca se apresentou ante nós. Estava sobre a areia, quase nu, e cantava e dançava ao mesmo tempo, jogando poeira sobre a cabeça. O capitão enviou à terra um de nossos marinheiros, com ordem de fazer os mesmos gestos em sinal de paz e amizade, o que foi muito bem compreendido pelo gigante, que se deixou conduzir a uma pequena ilha, onde o capitão havia descido. Eu me encontrava ali com muitos outros. Deu mostras de grande estranheza ao ver-nos e levantando o dedo queria dizer que acreditava que nós havíamos descido do céu. Este homem era tão grande que nossas cabeças chegavam apenas até à sua cintura. De porte formoso, seu rosto era largo e pintado de vermelho,

---

333 GIUCCI, op. cit., p. 13-14.

334 Ibidem, p. 14.

335 PIGAFETTA, op. cit., p. 54.

exceto os olhos, que eram rodeados por um círculo amarelo e dois traços em forma de coração nas bochechas. Seus cabelos, escassos, pareciam branqueados por algum pó. Seu vestido, ou melhor dito, seu manto, era feito de peles muito bem costuradas, de um animal que abunda no país [guanaco] (...). Calçava uma espécie de sapato feito com a mesma pele. Tinha na mão esquerda um arco curto e maciço, cuja corda era feita do intestino de tartaruga. Na outra mão empunhava várias flechas pequenas, feitas de bambu, tendo num extremo plumas, como as nossas, e na outra, em lugar de ferro, uma ponteira de um material vitrificado branco e preto. Deste mesmo material fazem instrumentos para cortar lenha. O capitão-geral [Magalhães] mandou dar-lhe de comer e beber e, entre outras bugigangas, presenteou-o com um espelho grande de aço. O gigante, que não tinha a menor ideia deste utensílio e que, sem dúvida, via pela primeira vez a sua figura, retrocedeu tão assustado que derrubou quatro de nossos homens que o rodeavam. Depois de receber mais alguns presentes, como pentes e contas de vidro, retornou à terra [os europeus havia conduzido o índola à uma ilha], acompanhado por quatro homens bem armados.<sup>336</sup>

Em seu diário, Pigafetta anotou em pormenores os primeiros contatos dos europeus com os patagões, além dos seus costumes, crenças, forma de organização social, aparência e outras características físicas. Na maior parte do tempo, os índolas andavam totalmente nus e desarmados, organizavam-se em filas para dançar e cantar e apontavam o dedo indicador para o alto, dando a entender que os forasteiros teriam vindo do céu. A comida oferecida aos intrusos consistia de uma espécie de pó branco que serviam em certos vasilhames de argila. O cronista da expedição faz questão de destacar que, ao contrário dos homens, as mulheres não eram tão gigantescas, porém, mais robustas. As patagãs possuíam seios desnudos que mediam mais de um pé de comprimento (aproximadamente 30 cm), andavam com seus corpos pintados e cobriam apenas suas partes íntimas com uma pele delgada. Enquanto os homens sustentavam exclusivamente o peso dos seus arcos e flechas, suas mulheres levavam todo o restante da carga nos ombros, “como se estas fossem mulas de carga”.<sup>337</sup>

Seis dias após avistarem os primeiros moradores nas proximidades da Baía de San Julián, os marinheiros da expedição de Magalhães teriam encontrado um gigante solitário. Esse índola “era maior e melhor formado que os outros. Tinha também os modos mais suaves, mas dançava e saltava tão alto e com tanta força, que seus pés se distanciavam várias polegadas da areia”.<sup>338</sup> Os espanhóis logo fizeram amizade com o ameríndola, ensinaram a pronunciar o nome de Jesus, a rezar o Pai-nosso e o batizaram

---

336 Ibidem, p. 58-59.

337 Ibidem, p. 59-60.

338 Ibidem, p. 61.

com o nome de João. Na sequência, deram a ele inúmeros presentes, entre os quais, uma camisa, uma calça, uma jaqueta, um gorro, um espelho e diversas outras bugigangas.<sup>339</sup> O ritual, bem como a natureza dos objetos oferecidos ao indígena, são elementos dotados de forte simbolismo, pois demonstram claramente quais eram as pretensões dos colonizadores europeus para com os patagões: a transformação do “primitivismo selvagem” em civilidade, apreço e conversão à fé cristã.

Em meados de 1520, os marinheiros sob o comando do capitão português utilizam o seguinte ardil para capturar dois desses brutamontes: encheram suas mãos com muitas facas, espelhos e objetos de vidro. Na sequência, os astutos espanhóis lhes ofereceram duas grandes correntes de ferro que deveriam ser presas aos tornozelos, uma vez que suas mãos estavam sobrecarregadas com grandes quantidades de bugigangas. Dessa forma, quando menos perceberam, os ingênuos patagões estavam totalmente acorrentados e, furiosos, clamavam pelo seu demônio principal (*Setebos*).<sup>340</sup> Ao narrar a religiosidade patagã, Pigafetta destaca ainda a existência de outros demônios menores, denominados *Chelele*, que se assemelhavam, em sua aparência, aos próprios indígenas fueguinos.<sup>341</sup> Conforme observa Flores (2014), a demonização da religiosidade patagã, deveria servir de fato para reforçar o estereótipo de selvagens e justificar toda forma de dominação e colonização cometida contra os americanos.<sup>342</sup>

Em sua narrativa, Pigafetta relata diversas passagens curiosas acerca dos índios da Terra do Fogo. Segundo consta no texto, os patagões eram extremamente velozes, sendo que, quando perseguidos, corriam em ziguezague até atingir a velocidade de um cavalo em disparada. Assim, escapavam ilesos dos disparos das modernas armas de fogo utilizadas pelos soldados espanhóis. Quando tinham enfermidades estomacais, introduziam uma flecha na garganta até que esta atingisse a profundidade do estômago. O ato provocava o vômito nos doentes, que expeliam uma matéria verde mesclada com sangue. Quando sentiam dores na cabeça ou em outra parte do corpo faziam uma incisão no local, extraindo o sangue para o alívio delas. No quesito aparência, usavam os cabelos levemente longos, cortados em forma de auréola e envoltos em uma corda de algodão. Eram glutões, pois “comiam, cada um, um cesto de biscoitos por dia; devoravam os ratos crus, sem tirar a pele, e tomavam meio balde de água de um só trago”.<sup>343</sup>

---

339 Ibidem.

340 Ibidem, p. 61-62.

341 Ibidem, p. 63.

342 FLORES DE LA FLOR, op. cit., p. 18.

343 PIGAFETTA, op. cit., p. 63-64.

Em julho de 1520 alguns marinheiros fizeram um complô contra o capitão da expedição. No mesmo período, a nau *Santiago* naufragava nas proximidades do Estreito e o piloto Esteban Gómez,<sup>344</sup> inimigo contumaz de Magalhães, optou por abandonar a esquadra, levando consigo a caravela *San Antonio*, que içou velas com um dos “gigantes” a bordo. O íncola teria chegado à Espanha não fosse o fato de morrer ao aproximar-se do calor extremo da linha equinocial. Por um período de 2 meses, os sobreviventes da *Santiago* e os demais marinheiros seriam castigados pelo frio, pela fome e por uma grande tempestade.<sup>345</sup> Finalmente, em novembro do mesmo ano, a flotilha cruzaria a famosa passagem interoceânica denominada inicialmente de Estreito dos Patagões.<sup>346</sup> Um segundo indígena que seguia a bordo da nau capitânia (*Victoria*), era entretido por Pigafetta que, valendo-se da linguagem gestual, elaborou um pequeno vocabulário contendo 83 palavras e o nome de determinados objetos. Antes de perecer de uma enfermidade, conclui o cronista, o patagão “pediu a cruz, a beijou e nos rogou que o batizássemos, o que fizemos, dando-lhe o nome de Paulo”.<sup>347</sup>

Não restam dúvidas de que os relatos redigidos pelo cronista italiano em seu famoso diário de viagem inauguraram a lenda dos patagões no imaginário quinhentista, definindo, por tabela, muitos dos estereótipos que seriam projetados e difundidos pela alteridade europeia sobre os indígenas fueguinos: estatura desmesurada, voracidade, força física e velocidade sobre-humanas, aparência incomum, vestimentas e instrumentos de caça e de combate rudimentares e o hábito de comer carne crua. Em um rico estudo etno-histórico, Mariela Rodríguez e Walter Delrio (2000) analisam os povos atualmente denominados de Tehuelches,<sup>348</sup> grupo etnolinguístico sobre o qual se criou o mito. Assim, de acordo com esses autores, esses “Tehuelches” do século XVI eram formados por

---

344 Pigafetta observa que inicialmente Gómez teria sido escolhido para comandar a expedição. No entanto, com a chegada de Magalhães, o espanhol teve que se contentar apenas com a “posição subalterna de piloto. Porém, o que mais o irritava era estar sob as ordens de um Português” (PIGAFETTA, 2019, p. 68).

345 PIGAFETTA, op. cit., p. 64-65.

346 Segundo Pigafetta esse foi o primeiro nome atribuído ao Estreito, que só receberia o nome de Magalhães anos mais tarde. Em seu relato o cronista descreveu suas impressões sobre o local: “Demos o nome de Estreito dos Patagões a este canal de ligação que para a esquerda só volta para sudeste. As terras que o ladeiam são baixas e a cada meia légua se encontra um porto seguro, com água excelente, madeira de cedro, sardinhas e mariscos em abundância. Encontramos também ervas, algumas amargas, porém outras plenamente comestíveis” (PIGAFETTA, 2019, p. 69-70).

347 PIGAFETTA, op. cit., p. 70.

348 Nome genérico atribuído aos grupos indígenas habitantes das pampas do sul do Chile e da Argentina. O nome *tehuelche*, que deriva da língua mapuche teria sua origem em *mapudungun* e, queria dizer, “gente arisca e bravia”, ou ainda, “gente da terra árida” (RODRÍGUEZ; DELRIO, 2000, p. 6).

sociedades relativamente diferenciadas entre si, mas que, em linhas gerais, se caracterizavam por serem seminômades e caçadores-coletores.<sup>349</sup>

A obra de Pigafetta, compreendida em sua totalidade, nos leva a supor que foram diversos os fatores que influenciaram o cronista na elaboração de uma retórica fantástica em torno da figura dos grupos humanos que habitavam a Terra do Fogo. Os próprios acontecimentos que cercaram a primeira viagem ao redor do globo certamente devem constar entre suas motivações principais. Assim como em outras viagens marítimas empreendidas no transcorrer do século XVI, a flotilha que zarpou de Sevilha, em 1519, enfrentaria diversos percalços: complôs, deserções, mortandades, naufragos, frio, fome e tempestades. Desse modo, é possível conjecturar que as inúmeras perdas humanas e materiais tenham “moldado” a narrativa pigafetiana, que objetivava o engrandecimento pessoal e coletivo em torno da referida missão e preparava uma justificativa plausível para um possível fracasso dos expedicionários.<sup>350</sup>

Segundo o que descreveu Pigafetta, teria sido Magalhães o primeiro a nominar os índios fueguinos de “patagões”, embora sobre esse fato, o cronista não apresente maiores explicações em seu diário. Talvez, por essa razão, tenha surgido, ao longo do tempo, uma série de hipóteses na tentativa de justificar a origem do termo, algumas das quais exageradamente estapafúrdias. Duas teses provenientes do contexto colonial quinhentista merecem destaque, uma vez que contribuíram para forjar a crença difundida até os dias atuais de que o nome “patagão” provém de “Pata” (pés). No ano de 1535, o cronista espanhol Gonzalo Fernández de Oviedo, afirma em sua obra intitulada *Historia General Natural de Indias*, que o nome havia sido atribuído pelos cristãos (espanhóis) pelo fato de que esses indígenas possuíam pés tão grandes que seguiam em tamanho a proporção dos seus corpos.<sup>351</sup> Hipótese semelhante é a defendida pelo eclesiástico e cronista oficial López de Gómara em sua crônica denominada *Historia general de las Indias* (1533), para quem a origem desse etnônimo teria relação direta com uma suposta deformidade que esses indígenas possuíam em seus pés.<sup>352</sup>

---

349 RODRÍGUEZ, Mariela; DELRIO, Walter; GOBERNACIÓN DE SANTA CRUZ. Los tehuelches. Un paseo etnohistórico. **El gran libro de la Provincia de Santa Cruz**, p. 428-460, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 04 de março de 2021.

350 No retorno do périplo em 8 de setembro de 1522, apenas a nau *Victória* lançou âncora em Salucar de Barrameda, trazendo a bordo dezoito sobreviventes dos 237 homens que haviam saído da Espanha em 1519. O próprio Magalhães fora morto nas Filipinas, sendo substituído na missão pelo marinheiro espanhol Juan Sebastián Elcano. Apesar das enormes perdas materiais e humanas, o lucro obtido com as especiarias transportadas nos porões da *Victória* cobriu todos os custos da expedição (MAGASICH-AIROLA; DE BEER, 2000, p. 268).

351 FERNÁNDEZ OVIEDO, op. cit., p. 42.

352 LÓPEZ DE GÓMARA, 2003, op. cit., p. 310.



Conforme apontam Magasich-Airola e De Beer, essa forma gramatical e sua relação com “grandes patas”, segundo o que conjecturava os cronistas espanhóis quinhentistas, não corresponde ao castelhano, a língua da maioria dos marinheiros da expedição, nem ao português, a língua materna de Magalhães e, tampouco, ao italiano, a língua de Pigafetta.<sup>353</sup> Esse equívoco, contudo, atravessaria os séculos, sendo difundido tanto pelos diversos cronistas europeus, quanto por estudiosos da lenda. No século XVIII, o *Diccionario de Autoridades* (1726-1739) da Real Academia Española, fornece ao leitor a seguinte definição sobre o significado da palavra: “PATAGON. s. m. Lo mismo que Parón (...) Son tan altos, que los Españoles en su presencia parecen pigméos, y llamronlos patagones, por sus grandes pies”.<sup>354</sup> Por sua vez, no *Diccionario general etimológico de la lengua española*, publicado no ano de 1889, o termo *Patagón* se resume a caracterizar o “individuo de las tribus salvajes que ocupan la extremidade Sur del continente americano hasta la orilla Norte del estrecho de Magallanes. Se ha dicho de los patagones que son de estatura desmesurada”.<sup>355</sup>

Em 1952, a filóloga argentina María Rosa Lida lançaria luz à questão ao elaborar a tese mais aceita no meio acadêmico sobre a origem do vocábulo. De acordo com Lida, ao nominar os índios fueguinos, Magalhães teria se inspirado na verdade em um romance de cavalaria espanhola de grande popularidade no início do século XVI, intitulado *Primaleón*.<sup>356</sup> Na dita novela, publicada pela primeira vez na cidade de Salamanca, no ano de 1512, Primaleón, o herói principal da trama, navega até uma ilha habitada por um povo avarento e cruel, cuja dieta era feita a base de carne crua e os vestidos tecidos da pele de animais. No centro da ilhota habitava uma criatura monstruosa, denominada o “Grande Patagão”. O ser possuía cabeça de cachorro, orelhas gigantescas, dentes compridos e pontiagudos, pés semelhantes aos de cervo e emitia terríveis gritos. A esses atributos vinham somar-se outros, pois o monstrengo era extremamente veloz, inteligente e tinha bom gosto para as mulheres. Após uma árdua batalha, o cavaleiro fere e captura o monstro, oferecendo-o como presente ao rei da Polônia.<sup>357</sup>

353 MAGASICH-AIROLA; DE BEER, op. cit., p. 266-267.

354 Real Academia Española. **Diccionario de Autoridades**. Tomo V. Edição online. 1737. Disponível em: <https://webf1.rae.es/DA.html>. Acesso em: 14 de março de 2021.

355 ECHEGARAY, Eduardo de; GARCÍA, Roque. **Diccionario general etimológico de la lengua española**. Tomo Cuarto. Madrid: José María Faguineto editor; Álvares Hemanos impressores, 1889, p. 45. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariogener04cheuoft/page/2/mode/2up>. Acesso em: 14 de março de 2021.

356 GONZÁLEZ, Javier Roberto. El nombre de la Patagonia: historia y ficción. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile. Instituto de Letras. **Centro de Estudios de Literatura Chilena**, 2019, p. 7. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/10072>. Acesso em: 14 de março de 2021.

357 MAGASICH-AIROLA; DE BEER, op. cit., p. 266-267.

Ao analisar as origens novelescas do nome *Patagônia*, González (2019) aponta diversas analogias físicas e morais entre o personagem gigantesco do romance de cavalaria espanhola e os patagões da Baía de San Julián: Isolamento, tamanho, feiura, velocidade, armas, vestimentas, dieta, selvageria, medicina própria, ferocidade e conduta para com as mulheres.<sup>358</sup> Tais simetrias certamente indicam a extensão da influência das novelas cavaleirescas no imaginário dos viajantes, exploradores e cronistas europeus nas primeiras décadas da colonização e exploração da América. Para Heloisa Costa Milton (2000) esses romances de cavalaria atuaram como “provedores de imaginação e elevaram à esfera mítica a figura do guerreiro merecedor de fama, fortuna e nobreza por seu esforço individual, resultado da conjunção de valores tais como honra, romantismo, coragem, exaltação mística, ambição e paixão pela aventura”.<sup>359</sup>

Flores (2014) compara as semelhanças existentes nos ideais presentes nos romances de cavalaria e nas ações das empresas colonizadoras que atuavam no Novo Mundo. Em ambos os casos, encontra-se a figura principal de um “cavaleiro” que parte na direção do ignoto, cercado de mistérios, gigantes e outras criaturas lendárias. O herói procura, a qualquer custo, cumprir sua missão por meio do esforço pessoal e da virtude. Enquanto as personagens das novelas têm a incumbência de promover a paz e a justiça, defendendo os oprimidos, os exploradores e colonizadores europeus se encarregam da tarefa de enfrentar a selvagem e exótica natureza americana, civilizando os indígenas e convertendo-os ao cristianismo.<sup>360</sup> Ainda de acordo com Flores: “Esta misión se aprecia de manera clara en el relato de Antonio Pigafetta y su encuentro con los patagones. El noble italiano contaba en él cómo Magallanes intentó el secuestro de dos gigantes con el fin de llevarlos a la península y civilizarlos”.<sup>361</sup>

No quarto livro da série *Grands Voyages*, intitulado *Americae Pars Quarta*, de Theodor de Bry, uma xilogravura representa o imaginário cavaleiresco e salvacionista que vigorou no contexto quinhentista.<sup>362</sup> A imagem, impressa em Frankfurt no ano de 1594, retrata as dificuldades e intempéries encontradas pela ação colonizadora nos mares

---

358 GONZÁLEZ, op. cit.

359 MILTON, Heloisa Costa. Narrativa e imaginário na América Espanhola. **ITINERÁRIOS–Revista de Literatura**, Araraquara, nº. 15/16, p. 151-161, 2000, p. 159. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/>. Acesso em: 16 de março de 2021.

360 FLORES DE LA FLOR, op. cit., p. 7.

361 Ibidem, p.

362 Ressalta-se que Theodore de Bry tomou como modelo uma imagem datada de 1589, de autoria do desenhista holandês Johannes Stradanus (JIMÉNEZ, 2010, p. 97).

do Novo Mundo, apresentando o capitão Magalhães devidamente caracterizado como um típico herói e cavaleiro medieval (Figura 25).<sup>363</sup>

Nota-se que essa alegoria é composta de uma combinação simultânea de imagens, que se conectam a determinadas ideias abstratas e personificadas. Assim, deuses, heróis, monstros marinhos e demais seres mitológicos, transfiguram-se, simbolizando o heroísmo da conquista, a predominância da civilização frente à barbárie, a difusão da fé cristã, os perigos do oceano e o apego dos artistas renascentistas aos ingredientes da tradição clássica. Conforme destaca Jiménez (2010), os gravadores europeus, no afã de representar o estranho mundo americano utilizaram-se largamente das figuras e dos símbolos da Antiguidade e do Renascimento.<sup>364</sup>

No centro da referida gravura está Magalhães, segurando uma espada na mão direita e um astrolábio na esquerda. A primeira simboliza o poder imperial, enquanto o segundo, a modernidade colonizadora. Ao lado da embarcação ostentando um grande mastro e poderosos canhões, vemos a representação de diversas personagens mitológicas: um pássaro Rock que carrega um elefante preso em suas garras, uma sereia que segura sua própria cauda, além de outros monstros e seres fabulosos. À esquerda do almirante e, pairando sobre o oceano, encontra-se o deus Apolo, ao passo que à sua direita, pode-se notar claramente um patagão inserindo uma seta na garganta para provocar o vômito e curar as enfermidades do estômago, tal como nas descrições de Pigafetta.

Ao analisar o simbolismo dessa última cena, Roja Mix faz a seguinte ponderação: “El patagón que traga la flecha (...), evoca la barbarie, en contraposición con el Apolo que representaba el aspecto racional y civilizado de la naturaleza humana”.<sup>365</sup> Ainda para Roja Mix, a alegoria de Magalhães comporta uma série de sentidos emblemáticos, que vão desde a ideia salvacionista e religiosa, assegurada pelo sucesso da missão civilizadora, até a construção da imagem do patagão como símbolo da barbárie do Novo Mundo, noutros termos: “hay una legitimación de la empresa de conquista, de la hegemonia de España y de Europa (...) presenta em primer lugar los símbolos del pecado y la bárbarie que habitam este mundo nuevo; y logo legitima su acción y los derechos del descubridor y del conquistador”.<sup>366</sup>

---

363 JIMÉNEZ, Alfredo Bueno. La representación gráfica de seres fabulosos en el «Nuevo Mundo» por el Taller de Bry. **Cuadernos de arte de la Universidad de Granada**, v. 41, p. 93-110, 2010. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/caug/article/view/1679>. Acesso em: 16 de março de 2021.

364 Ibidem, p. 95.

365 ROJA MIX, op. cit., p. 148.

366 Ibidem.

**Figura 25** – O Mar de Magalhães.



Fonte: *The Internet Archive*. A gravura representa o capitão português como um cavaleiro que conquista os oceanos repletos de monstros. *Americae Pars Quarta*, Theodor de Bry. Frankfurt, 1594, p. 38. Disponível em: [https://archive.org/details/americaeparsquar00benz\\_0/page/n37](https://archive.org/details/americaeparsquar00benz_0/page/n37). Acesso em: 21 de abril de 2020.

### 2.5.2. A repercussão da lenda

As notícias sobre o famoso encontro dos marinheiros da primeira viagem ao redor do globo com os gigantes indígenas que habitavam o Estreito de Magalhães e suas adjacências repercutiram rapidamente no imaginário dos viajantes e cronistas quinhentistas. Com efeito, esses primeiros “divulgadores” do mito foram fundamentais na construção de um *corpus* narrativo textual, responsável por alimentar e fortificar uma das lendas mais prolíferas e duradouras entre aquelas trasladadas pela imaginação europeia para as terras do Novo Mundo. Ao comentar sobre a difusão desses inúmeros relatos que mencionavam os índios fueguinos e suas principais características físicas e culturais, Flores (2014) destaca que em sua maioria, “se solían hacer hincapié en una serie de detalles tales como la apariencia física, el lenguaje, la religión, la moralidad, el tipo de gobierno, la vestimenta, la cultura material, la alimentación y la manera de ingerirlo, el armamento y la forma de hacer la guerra, etc.”<sup>367</sup>

<sup>367</sup> FLORES DE LA FLOR, op. cit., p. 14.

Os resultados da expedição de Magalhães e as informações fornecidas a Carlos V por Juan Sebastián Elcano – marinheiro que terminou a missão iniciada pelo capitão português –, motivaram a coroa espanhola na reivindicação das Ilhas Molucas, exigidas a partir da execução do Tratado de Tordesilhas. Assim, em 1526, uma segunda viagem exploratória de bandeira espanhola, sob o comando do frei e navegador castelhano García Jofre de Loaísa aportaria no Estreito de Magalhães antes de içar velas em direção ao Pacífico.<sup>368</sup> Os detalhes da campanha, entre os quais o encontro dos europeus com os patagões foram descritos por Oviedo em sua já mencionada *Historia General y Natural de Indias* (1535). De acordo com o cronista, os índios fueguinos encontrados por Loaísa mediam 13 palmos de altura (mais de 2,80 m), de modo que os espanhóis em pé, “no llegan con las cabeças á sus miembros vergonzosos”.<sup>369</sup> Eram tão fortes e velozes quanto cavalos, se alimentavam basicamente de carne crua, andavam totalmente nus e eram grandes flecheiros. Em razão do corpo exagerado, “bebian los gigantes con un cuero que cabia mas de una cántara de agua, é aun dos arrobas ó mas: y avia hombres daquellos patagones que bebian el cuero, lleno tres veçes”.<sup>370</sup>

Em meados do século XVI, os cronistas, viajantes e exploradores europeus já haviam assimilado a crença de que extremo sul da América seria habitado por uma “raça” de indígenas selvagens e desmesurados. Em 1557, Thevet situa a então denominada Terra dos Gigantes na vastidão circunscrita entre o Rio da Prata e o Estreito de Magalhães, fazendo a seguinte observação: “Esta região é habitada por uns indígenas possantes, os chamados *patagões*, verdadeiros gigantes por sua alta estatura e robusta compleição física.”<sup>371</sup> Ao comentar as façanhas da primeira viagem ao redor do globo, o cronista francês descreve em tom heroico a tentativa de Magalhães em capturar um desses patagões. Conforme consta em *Singularidades*, o íncola era extremante robusto e media 12 palmos de altura, sendo necessária a mobilização de vinte e cinco homens para acorrentar as mãos e pés do brutamonte a uma das embarcações.<sup>372</sup>

A partir da segunda metade do século XVI, a posição estratégica do Estreito despertaria a ambição das principais potências marítimas europeias, especialmente Inglaterra e Holanda. Em 1577, o capitão inglês e vice-almirante da Inglaterra, Francis Drake, aportou na passagem interoceânica enquanto realizava uma viagem de circum-

---

368 Ibidem, p. 11.

369 FERNÁNDEZ OVIEDO, op. cit., p. 40.

370 Ibidem, p. 41.

371 THEVET, op. cit., p. 183.

372 Ibidem.

navegação ao redor do globo – a primeira após o famoso périplo de Magalhães/Elcano (1519-1521). Sua flotilha contava com cinco navios e uma tripulação de 160 homens, objetivando o descobrimento de novos territórios e rotas marítimas, além de aproveitar a ocasião para atacar as embarcações espanholas que encontrassem durante o percurso. Acredita-se que o próprio Drake teria escrito um diário de bordo que foi apresentado à Rainha Elizabeth I, porém, este provavelmente se perdeu no tempo. Desse modo, as informações sobre a empreitada foram passadas adiante através dos relatos de outros marinheiros que estavam a bordo das embarcações.<sup>373</sup>

A crônica mais conhecida dessa expedição foi a redigida pelo padre capelão Francis Fletcher, que acompanhou Francis Drake e forneceu um relato detalhado da viagem. Em sua obra intitulada *The World Encompassed by Sir Francis Drake*, escrita em sua volta à Inglaterra, o religioso afirma que no dia 20 de junho de 1577, os ingleses liderados por Drake teriam sido recebidos por dois homens no porto da Baía de San Julián. De acordo com Fletcher os ameríngos haviam sido nominados de patagões por Magalhães em virtude da sua enorme estatura e da força desproporcional que possuíam.<sup>374</sup> Em relação ao gigantismo dos indígenas, o religioso nos fornece uma opinião curiosamente contraditória: “Magalhães não estava completamente enganado (..), pois geralmente diferem do tipo comum de homens, tanto em estatura, quanto em força do corpo, como também no horror de suas vozes. Mas, ainda assim, eles não eram nada monstruosos ou gigantescos como foram relatados”.<sup>375</sup>

Um segundo relato da viagem de Drake pode ser obtido por intermédio da declaração que foi dada para o Vice-Rei da Nova Espanha, em 20 de maio de 1579, por Nuno da Silva, piloto e pirata português aprisionado pelo capitão inglês na Ilha de Santiago (Cabo Verde). Drake acreditava que Nuno da Silva poderia ajudá-lo com sua vasta experiência no cumprimento da missão: chegar até o Pacífico após contornar o continente americano através do Estreito de Magalhães.<sup>376</sup> Segundo consta no testemunho

---

373 Essas informações foram obtidas no site da Biblioteca Digital Mundial, onde se encontra uma cópia digital com as anotações do Mestre Francis Fletcher, o padre da expedição. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/624/>. Acesso em: 21 de julho de 2020.

374 FLETCHER, Francis. **The world encompassed by sir Francis Drake, being his next voyage to that to Nombre de Dios**. London: Hakluyt society, 1854, p. 58. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 21 de julho de 2020.

375 Tradução nossa. Em inglês: “Magellane was not altogether deceiued in naming them (...), for they generally differ from the common sort of men, both in stature, bignes, and strength of body, as also in the hideousnesse of their voice; but yet they are nothing so monstrous or giantlike as they were reported” (FLETCHER, 1854, p. 60).

376 PROCÓPIO, Eliabe; GONÇALVES, Rosineide Lima. EDIÇÃO E ESTUDO LINGUÍSTICO DO RELATO DE NUNO DA SILVA (1579). **HISPANISTA** – Vol XVIII– nº 68 – Enero – Febrero - Marzo

do marinheiro português, ao desembarcar na referida passagem, “la tierra estava poblada de yndios cubiertos de pieles y con sus arcos y q los vestidos les llegavan hasta las rodillas (...) era gente bien dispuesta y alta”.<sup>377</sup>

Um terceiro e último relato da famosa expedição de Francis Drake, forneceu seu sobrinho e também corsário, John Drake, que havia participado da empreitada de seu tio na incursão pelas terras sob a bandeira espanhola ao sul do continente. No ano de 1582, John embarcou em uma pequena esquadilha formada na Inglaterra para uma segunda viagem, cujo objetivo principal era estabelecer comércio com a China. No período em que estiveram na costa brasileira, os comandantes dos navios que formavam a flotilha decidiram se separar, e John optou por fazer um trajeto pelo Rio da Prata para um iminente abastecimento. No entanto, sua embarcação naufragou na foz desse rio e ele e seus companheiros foram feitos prisioneiros pelos índios charruas.<sup>378</sup>

Passado pouco mais de um ano, o corsário e outros dois marinheiros conseguiram escapar do cativo e fugir a bordo de uma canoa, cruzar o rio e chegar até Buenos Aires, onde foram interrogados pelo conquistador Dom Alonso de Vera e Aragón. Na sequência, foram levados para Assunção e, finalmente, para Lima. Em 1587, os prisioneiros foram novamente interrogados pelo licenciado da Inquisição Espanhola em Lima, Dom Antonio Gutiérrez de Ulloa. Durante o inquérito, John se viu forçado a fornecer detalhes não apenas de sua viagem pelo Rio da Prata mas, sobretudo, da incursão de seu tio pelas terras espanholas 10 anos antes.<sup>379</sup> Em sua declaração perante o tribunal de Lima, o inquirido descreveu os acontecimentos da expedição de Drake durante a viagem ao Pacífico pelo Estreito de Magalhães, bem como a estadia no porto de San Julián e o encontro com os gigantescos patagões. Segundo o depoimento:

Dijo que desde la Bahía de Lobos que está a cuarenta y ocho grados fueron al Puerto de San Julián que está en cuarenta y nueve grados, y le llamó así Magallanes, según consta de la carta, y es puerto despoblado y peligroso al entrar por unos bajos que tiene, y después allá dentro es muy bueno; (...) habían estado en este puerto mes y medio, y yendo el capitán Francisco [Francis] y otros, en un batel bajando el Puerto, que era grande, en busca de agua y no hallándola parecieron en tierra tres gigantes mozos [jovens], que los dos traían arcos y flechas y otro venía

---

de 2017, p. 2. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/550.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2020.

377 Cortesia da The Kraus Collection of Sir Francis Drake. Manuscrito disponível em: <http://memory.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=rbdk&fileName=d001/rbdkd001.db&recNum=20>. Acesso em: 25 de julho de 2020.

378 Consultamos a declaração de Juan Drake diante da Inquisição em Lima em um fragmento do manuscrito que se encontra no seguinte endereço eletrônico: <https://patlibros.org/djd/intro-esp.php?lan=esp>. Acesso em: 26 de julho de 2020.

379 Ibidem.

sin armas, que era mozo muchacho [joven] y estuvieron hablando por señas con ellos (...); y habiendo llegado allí un gigante viejo habló a los otros gigantes, como enojado, y azotaba un perro pequeño que traía consigo, para que mordiese al capitán (...) y el capitán Francisco dio un arcabuzazo a uno de los dichos gigantes, del que le vieron caer muerto y con esto se retiraron al navio”.<sup>380</sup>

Ao analisar as narrações oriundas da expedição de Drake, Flores (2013) enfatiza que a manutenção da lenda dos patagões dependeu quase exclusivamente da opinião de autores que, por algum motivo, se encontravam diretamente comprometidos com o projeto colonizador na América. O padre Fletcher, por exemplo, era o responsável por realizar os misteres litúrgicos da viagem, sendo que, provavelmente, teve a intenção de produzir uma narrativa que valorizasse seus serviços e o papel do seu capitão. Por outro lado, o português Nuno da Silva, tendo sido forçadamente levado a participar da campanha, era um corsário assim como Drake. Seu relato devia fazer transparecer as aventuras do périplo e os atos heroicos enfrentados pelos marinheiros na travessia do perigoso Estreito. Finalmente, John, o sobrinho de Drake, após ser levado preso e interrogado pela Inquisição Espanhola, teria motivos de sobra para enaltecer os atos de seu tio e até mesmo ludibriar os inquisidores, contando uma boa história digna dos melhores romances de cavalaria tão em voga no período.<sup>381</sup>

As investidas do corsário inglês causaram enormes prejuízos às colônias hispânicas estabelecidas em diversos pontos estratégicos do Atlântico Sul e, por conseguinte, motivaram a coroa espanhola na organização de uma expedição para o melhor reconhecimento da região, dos seus recursos econômicos, além de estabelecer relações mais amistosas com os índios fueguinos. Pretendia-se, também, fundar novas colônias no Estreito e fortificá-lo em pontos específicos, para assim defender a navegabilidade dos navios espanhóis que rumavam na direção das Ilhas das Especiarias e na costa oeste da América do Sul.<sup>382</sup> A personagem selecionada para liderar esse empreendimento foi o navegador e escritor espanhol Pedro Sarmiento de Gamboa, que realizou duas expedições à região, entre os anos de 1579-1580 e 1581-1586.

Em 11 de novembro de 1579, Sarmiento partiu do porto de Callao, no Peru, a bordo da nau capitânia *Nuestra Señora de la Esperanza*, sendo que uma segunda

---

380 Consultamos a declaração de Juan Drake diante da Inquisição em Lima em um fragmento do manuscrito que se encontra no seguinte endereço eletrônico: <https://patlibros.org/djd/doc-new.php?lan=esp>. Acesso em: 26 de julho de 2020.

381 FLORES DE LA FLOR, M.A. Un mito del Estrecho de Magallanes. En: El mar en la historia y en la cultura (A. Gullón Abao, A. Morgado García, J.J. Rodríguez Moreno, Eds.). Universidad de Cádiz, 2013, 63-77, p. 8. Disponível em: <https://rodin.uca.es/handle/10498/16053>. Acesso em: 22 de março de 2021.

382 FLORES DE LA FLOR, op. cit., p. 12.



embarcação, a *San Francisco*, acompanhava a viagem comandada pelo marinheiro Juan de Villalobos. Em 21 de janeiro de 1580, as naus se separaram por ocasião de uma forte tormenta. Enquanto a *San Francisco* rumou em direção ao porto de Valdivia, a embarcação de Sarmiento aportou no mesmo dia no Estreito de Magalhães. Já na segunda viagem, o navegador desembarcou com cerca de 300 homens na margem nordeste do Estreito, precisamente em 5 de fevereiro de 1584, onde fundou o primeiro forte do território, denominado *Nombre de Jesus*. Em 25 de março do mesmo ano, o espanhol fundaria um segundo forte na costa leste (atual Península de Brunswick, na patagônia chilena), batizando-o com o nome do rei Dom Felipe II.<sup>383</sup>

Os investimentos maciços nos arredores dessa passagem interoceânica, demonstram a sua importância estratégica na defesa da colonização espanhola na América do Sul e, sobretudo, para o bom funcionamento da rota de comércio marítimo que dele dependia para contornar o continente e prosseguir na direção do Oceano Pacífico. O historiador Amílcar D’Avila de Mello (2005), ao tratar das circunstâncias da primeira viagem de Sarmiento ao Novo Mundo em 1580, bem como da relevância desse estreito, destaca que este “era o calcanhar-de-aquiles do gigantesco Império Espanhol. E para povoar, fortificar e cartografar a região do Estreito, o vice-rei enviou dois navios, sendo que o comando estava a cargo de Sarmiento de Gamboa”.<sup>384</sup> Ainda por ocasião da primeira viagem, Sarmiento havido recebido instruções muito específicas do Vice-Rei do Peru, que o alertara de que sua missão nesses territórios era fazer com que “los enemigos de Nuestra Sancta Fie Cactólica no los ocupen, como se podria esperar, poniendo en peligro lo que en ellos se há ganado”.<sup>385</sup>

O diário detalhado da viagem realizada pelo expedicionário espanhol, denominado *Relación i derrotero del viage i descubrimiento del estrecho de la Madre de Dios, antes llamado de Magallanes*, seria publicado na íntegra no ano de 1768, por Bernardo de Iriarte, com o título de *Viage al Estrecho de Magallanes por el Capitán Pedro Sarmiento de Gamboa*.<sup>386</sup> Em um compêndio que Bartolomé Leonardo de

---

383 Informações retiradas de - Pedro Sarmiento de Gamboa. Memoria Chilena, Biblioteca Nacional de Chile. **Online**. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-94467.html>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

384 MELLO, Amílcar D’Avila de. **Expedições:** Santa Catarina na era dos descobrimentos geográficos. Florianópolis: Expressão, 2005, p. 492.

385 Consultamos o trecho da *Relación y derrotero del Viage y descubrimiento del Estrecho de la Madre de Dios, antes llamado de Magallanes* que está disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000023489&page=1>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

386 Informações retiradas de - Pedro Sarmiento de Gamboa. Memoria Chilena, Biblioteca Nacional de Chile. **Online**. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-94467.html>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

Argensolar fez da relação de Sarmiento em sua *Historia de las Malucas* em 1609, e que compõe o texto publicado em 1768, encontram-se informações sobre o embate dos espanhóis contra os ingleses e também contra índios corpulentos que eram semelhantes aos antigos gigantes gregos, além de serem extremamente velozes.<sup>387</sup> Em um trecho do texto, em que os marinheiros europeus teriam prendido um enorme patagão, lê-se que: “El Indio preso (...) les parecio Ciclope. Consta por otras, que tiene cada uno de estos mas de tres varas de alto, y á esta proporcion son anchos y robustos”.<sup>388</sup> Em outra passagem da mesma crônica, encontramos que esses indivíduos eram tão rápidos que não podiam ser alcançados por uma bala de arcabuz.<sup>389</sup>

A expedição de Gamboa ao Estreito de Magalhães acabou por terminar em um enorme fracasso. Em 24 de maio de 1584, quando retornava do povoado de *Rey Don Felipe* para *Nombre de Jesús*, uma tempestade lançou sua embarcação na direção do Atlântico, forçando os marinheiros a aportarem no Rio de Janeiro depois de muitos dias de fome. Sarmiento tentou mandar um navio com alimentos e outras provisões para os colonos que haviam ficado no local, porém não obteve sucesso. Em 1586, quando tentava retornar à Espanha, foi feito prisioneiro pelo corsário inglês, Sir Walter Raleigh, que o levou até a presença da rainha Elizabeth I. Libertado nesse mesmo ano, foi preso novamente por huguenotes em Bordéus.<sup>390</sup> Solto em agosto de 1590, após o resgate de seis mil escudos e quatro garanhões de raça, foi preso novamente e condenado pelo Rei Felipe II. Na Espanha, Sarmiento solicitou ajuda aos habitantes da colônia, mas a maioria já havia morrido. Ainda em 1587, quando estava preso na França pelos huguenotes, o Estreito fora visitado pelo corsário inglês Thomas Cavendish, que o encontrou em total estado de abandono e morte. Diante de tal situação, Cavendish já havia mudado o nome do forte de *Rey Don Felipe*, para *Port Famine* ou *Puerto del Hambre*.<sup>391</sup>

Thomas Cavendish foi o corsário e almirante responsável por comandar a terceira viagem ao redor do mundo, realizada entre os anos de 1586 e 1588. Nascido em Trimley, no condado de Suffolk, no ano de 1560, era filho de uma família tradicional e

---

387 SARMIENTO DE GAMBOA, Pedro. **Viage al Estrecho de Magallanes por el Capitán Pedro Sarmiento de Gamboa en los años de 1579 y 1580:** y noticia de la expedicion que después hizo para poblarle. Madrid: Impr. Real de la Gazeta, 1768, p. 56. Cortesia da coleção da Biblioteca Nacional de Chile. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-8387.html>. Acesso em 27 de maio de 2020.

388 Ibidem.

389 Ibidem, p. 57.

390 FABRICIO, Edison Lucas; SOUZA, Evandro André. Entre a Terra e o Mar: Pedro Sarmiento de Gamboa, Navegante e Caballero da Galícia. In: SOUZA, Evandro André. **A Ilha de Santa Catarina no século das Grandes navegações.** Fpolis: Insular/Uniasselvi, 2013, p. 359-360.

391 Ibidem, p. 361.

abastada. Quando atingiu a maioria, vendeu parte de suas fazendas e acompanhou o marinheiro Sir Richard Greenville, comandando um de seus navios em uma viagem à Virgínia, no ano de 1585. De volta à Inglaterra, vendeu o restante de suas propriedades para fazer os preparativos do seu novo e mais ambicioso empreendimento.<sup>392</sup> Assim, Cavendish içou velas em Plymouth, em 21 de julho de 1586, a bordo da embarcação denominada *Desire*. Chegou à “Patagônia” em 27 de novembro daquele mesmo ano, onde encontrou um porto e o batizou de *Port Desire* (atual *Puerto Deseado*) em homenagem à sua nau capitânia. Em 9 de janeiro de 1587, sua expedição chegou à fortaleza espanhola que estava abandonada, após os infortúnios ocorridos com Gamboa (a *Ciudad del Rey Felipe*). Ali, os ingleses encontram diversos equipamentos espanhóis soterrados, incluindo baluartes, carruagens e canhões.<sup>393</sup>

Conforme consta na narrativa da viagem de Cavendish, provavelmente redigida pelo capitão Jonathan Harris, os ingleses teriam sido atacados ainda quando estiveram em *Port Desire*, por um grupo de patagões “rudes e selvagens”, que feriram os forasteiros ao atirar setas de flechas feitas de juncos e que possuíam pontas de pedras afiadas. De acordo com o escritor e tradutor escocês Robert Kerr (1824), em sua obra intitulada *A general History and Collection of Voyages and Travels*, o relato deixado pelo cronista da expedição liderada por Cavendish apresenta gigantes cujas marcas dos pés mediam nada menos que 18 polegadas de comprimento (cerca de 45 cm).<sup>394</sup>

As sucessivas investidas inglesas no Estreito, bem como o malogro espanhol em defender suas terras dos invasores, acabaram por despertar o interesse de outra grande potência marítima do final do século XVI, a Holanda, interessada, na ampliação de suas possessões territoriais e no descobrimento de novas rotas comerciais. O momento era extremamente oportuno, pois coincidia com a consolidação da independência dessa nação em relação à Espanha, declarada formalmente em 26 de julho de 1581, e cujo embate principal girava exatamente no desejo holandês de expandir seu império marítimo e econômico.<sup>395</sup> Yves Javet (1943) destaca a importância que a passagem interoceânica tinha para os navegantes holandeses dos séculos XVI e XVII, uma vez que era “una vía

---

392 KERR, Robert: **A general History and Collection of voyages and travels: Voyage of Sir Thomas Candish round the World, in 1586-1588.** Londres: 1824. Vol X. Cap. III. Section 1. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/13130/13130-h/13130-h.htm#chapter4-4>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

393 Ibidem, Cap. III. Section 1.

394 Ibidem, Cap. III. Section 1.

395 MARTINIC BEROS, Mateo. Los holandeses en las Islas de los Pingüinos (1599-1615). *Magallania*, v. 40, n. 2, p. 7-22, 2012, p. 13. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/506/50625399001.pdf>. Acesso em: 29 de julho de 2020.

de paso hacia las Molucas, islas que eran en aquella época el centro de las ambiciones y de las miras de las potencias europeas. Pero esta ruta permitía también el acceso a las costas occidentales de la América española”.<sup>396</sup>

Assim, em 27 de junho de 1598, partia do porto de Goeree uma das primeiras expedições holandesas decididas a chegar às Molucas realizando a travessia do Estreito de Magalhães. A empresa era financiada por dois grandes comerciantes holandeses e compunha-se de uma flotilha de cinco embarcações de diferentes tonelagens: a nau capitânia, batizada de *Esperança*, pesava 500 toneladas e carregava 130 homens a bordo, comandados pelo almirante James Mahu; o navio *Amor* ou *Caridade*, com 300 toneladas e 110 homens, era conduzido pelo vice-almirante, Simon de Cordes; a nave denominada *Fé*, de 300 toneladas e 120 homens, era liderada pelo capitão Gerard van Beuningen; a *Fidelidade*, pesando 220 toneladas e com 86 marinheiros a bordo era comandada pelo capitão Gerard van Beuningen. Finalmente, a embarcação de nome *Boa Maré*, com 150 toneladas e 112 homens, era conduzida pelo capitão Sebald de Weert. Robert Kerr observa que, além da tripulação, essas embarcações traziam a bordo as provisões necessárias para uma viagem marítima de longa duração – canhões, armas de pequeno porte, munições, dinheiro e todo tipo de mercadorias.<sup>397</sup>

A expedição atravessou o Atlântico em janeiro de 1599, chegando às proximidades do Rio da Prata no dia 12 de março do mesmo ano. Na noite do dia 6 de abril, as naus entraram no Estreito de Magalhães. De acordo com os relatos do capitão Seebald de Weert, no dia 7 de maio de 1599 o vice-almirante da flotilha foi pegar leões-marinhos em uma ilha localizada próxima ao lado norte do Estreito. Chegando à referida ilhota, o comandante teria avistado sete canoas repletas de selvagens que possuíam cor avermelhada e cabelos compridos, e mediam entre dez e onze pés de altura (mais de 3 metros).<sup>398</sup> Segundo ainda consta na narrativa, ao ver as embarcações holandesas, os gigantes atiraram pedras sobre elas para impedir o iminente desembarque dos estrangeiros. Diante da situação desvantajosa, o vice-almirante ordenou que os soldados atirassem na direção dos oponentes, matando quatro ou cinco desses selvagens desmesurados. Assustados, os demais recuaram e fugiram pela praia, arrancando árvores com as mãos e atirando-as na direção dos invasores.<sup>399</sup>

---

396 JAVET, Yves. Los primeros holandeses en el estrecho de Magallanes. **Boletín de la Academia Chilena de la Historia**, v. 10, p. 43, 1943, p. 43.

397 KERR, Robert, op. cit., Cap. IV. Section 1.

398 Ibidem, Section 2.

399 Ibidem.

No dia 26 do mesmo mês e ano, quando os marinheiros desceram dos navios para procurar raízes e ervas da terra, foram atacados novamente pelos ameríncolas, que mataram três holandeses e depois os rasgaram em pedaços. Outros dois tripulantes da embarcação, que ficaram gravemente feridos, foram resgatados ainda com vida pelo almirante da flotilha. As características desses indivíduos, de acordo com as descrições do citado relato, eram as seguintes: andavam completamente nus, sendo que apenas um deles possuía uma pele de leão-marinho nos ombros. Utilizavam como armas de combate grandes dardos de madeira amarrados às flechas com tripas de leão-marinho, que atiravam com grande força para poder penetrar na carne dos seus adversários.<sup>400</sup>

Durante o período em que estiveram nas redondezas do Estreito, os holandeses enfrentaram diversos incidentes: o ataque dos indígenas, a fome, os nevoeiros, os ventos e as tempestades. Durante uma segunda passagem pelo canal, em 10 de novembro de 1599, os marinheiros desceram dos navios para procurar alimento, como de costume. Em terra, encontraram uma mulher patagã de média estatura, cor avermelhada, barriga grande, cabelos cortados e acompanhada de seus dois filhos.<sup>401</sup> A ameríndia possuía como enfeite uma concha de caracóis e uma pele de foca nos ombros, que ia até o pescoço e o envolvia, sendo amarrada com um cordão feito de tripas. Tinha calcanhares muito compridos, pernas tortas, boca larga, seios longos e caídos e se alimentava de carne crua. Em um episódio grotesco, os europeus deram a ela um pássaro que encontraram nas canoas, ao que ela arrancou as penas, abriu-o com uma concha, puxou suas entranhas, deitou o fígado no fogo por um curto espaço de tempo e o comeu quase cru. A moela e o restante do pássaro, a indígena comera sem levar ao fogo e alimentou do mesmo modo as duas crianças para o espanto e riso dos forasteiros.<sup>402</sup>

Essas características “patagãs” seriam reproduzidas com afinco pelos artistas e gravuristas europeus do final do século XVI e princípios do XVII, conforme podemos observar em duas xilogravuras publicadas em Frankfurt am Main no ano de 1602, na *Oficina de Bry*. As imagens foram inseridas especialmente para compor a obra *Americae Nona & Postrema Pars*, parte da coleção de relatos das Índias Ocidentais inaugurada por Theodore de Bry, intitulada *Grands Voyages*. Com qualidade visual impressionante, que preza pela riqueza de detalhes, os desenhos representam as emblemáticas cenas em que

---

400 Ibidem.

401 Ibidem, Section 3.

402 Ibidem.

os marinheiros holandeses da expedição de Weert acharam-se, por diversas vezes, na presença de patagões gigantescos e selvagens nas proximidades do Estreito.

A primeira gravura, a lâmina VIII de *Americae Nona & Postrema Pars*, encena o exato momento em que “os holandeses avistaram homens grandes e portentosos em uma ilha no Estreito de Magalhães”. No plano de fundo da imagem, encontram-se as cinco embarcações holandesas que faziam parte da expedição que pretendia atravessar a passagem e chegar às Molucas. Próximas à praia da ilhota, localizam-se justamente as setes canoas repletas de gigantes, tal como descrito pelo cronista da viagem. No plano intermediário, os marinheiros de uma pequena embarcação holandesa atiram com seus arcabuzes na direção de uma canoa com quatro patagões que estão armados com grandes lanças. No primeiro plano do desenho, os gigantes agarram as árvores para arrancá-las e lançá-las sobre os seus oponentes (Figura 26). Os patagões da cena foram pintados com estatura e porte físico claramente desmesurados, tal como na representação dos deuses, seres e heróis mitológicos da arte clássica/renascentista. Observa-se ainda que, à semelhança dos gigantes da mitologia clássica, os indivíduos da gravura possuem cabelos e barbas igualmente espessos e compridos.

A segunda gravura (lâmina IX) que compõe a sequência narrativa de *Americae Nona & Postrema Pars*, foi desenhada para retratar o momento em que os holandeses teriam avistado a mãe indígena alimentando seus dois filhos com pedaços de carne crua. O ato é assistido com espanto pelos marinheiros, evocando o primitivismo e a selvageria da patagã. Tais atributos são reforçados pela ausência de vestimentas e a existência de pequenas distorções em suas pernas, tal como nos primatas antropoides, segundo o que descreve o próprio relato do périplo de Weert (Figura 27). É interessante observar que, embora a mulher apresente maior estatura e robustez em seu corpo, quando comparada aos europeus da cena, ainda assim não fora representada nos mesmos padrões estéticos dos indivíduos da imagem anterior. Sobre essa questão, vale ressaltar que, na literatura de viagem e também na iconografia europeia, o gigantismo dos americanos, em diferentes contextos temporais e espaciais do Novo Mundo, esteve quase sempre associado à masculinidade. Essas discrepâncias encontram-se tanto nas descrições dos gigantes sodomitas, quanto nos relatos sobre os índios rio-platenses. No próprio diário da primeira viagem ao redor do mundo, Pigafetta já havia destacado: “As mulheres não são tão grandes como os homens, mas, em compensação, são mais gordas”.<sup>403</sup>

---

403 PIGAFETTA, op. cit., p. 60.

**Figura 26** – Os gigantes tentam impedir o desembarque dos marinheiros holandeses.



Fonte: *The Internet Archive*. Retirado das páginas de *Americae Nona & Postrema Pars*. Frankfurt: Oficina De Bry, 1602, p. 506. Disponível em: <https://archive.org/details/americapost00theo/page/n505>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

**Fig. 27.** Uma mãe patagã alimenta suas crianças com pedaços de carne crua.



Fonte: *The Internet Archive*. Retirado das páginas de *Americae Nona & Postrema Pars*. Frankfurt: Oficina De Bry, 1602, p. 508. Disponível em: <https://archive.org/details/americapost00theo/page/n507>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

No final do século XVI e princípios do XVII, outros navegadores holandeses cruzaram as águas do Estreito de Magalhães. Em todas as narrativas que resultam dessas campanhas, encontram-se descrições do encontro nada amistoso entre colonizadores e exploradores europeus e os gigantescos índios fueguinos. O navegador Olivier van Noort, primeiro holandês a circum-navegar a terra, aportaria na região cerca de um mês depois do seu compatriota Seebald de Weert. Ali, segundo o que apontou Robert Kerr, os forasteiros teriam avistado homens corpulentos e de grande estatura, que tinham o corpo pintado e carregavam como armas, arcos curtos e flechas de pontas de pedras. Ao aventurar-se pelo interior das terras próximas à passagem, três europeus teriam morrido após cair em uma emboscada patagã.<sup>404</sup>

Em muitas ocasiões, essas complexas expedições marítimas, que consumiam vultosas somas de dinheiro e numeroso capital humano podiam ser obras de homens “solitários”, que ambicionavam entrar no lucrativo negócio das especiarias orientais. Esse fora o caso do rico comerciante holandês Isaac Le Maire, que se opunha às proibições dos Estados Gerais das Províncias Unidas dos Países Baixos e as determinações de que somente a Companhia Holandesa das Índias Orientais estava autorizada tanto a navegar para o leste e negociar para além do Cabo da Boa Esperança, quanto para oeste, atravessando o Estreito de Magalhães.<sup>405</sup> Para realizar tamanha empreitada, Le Maire aliou-se ao experiente navegador William Cornelison Schouten de Horn, notável pelo seu amplo conhecimento no comércio com as Índias.<sup>406</sup>

Os exploradores zarparam do porto holandês de Texel, em junho de 1615, a bordo dos navios *Eendracht* e o *Horn* e, no início de dezembro do mesmo ano, aportaram em *Port Desire* (atual *Puerto Deseado*, Argentina). No dia 11 desse mês, depois de avistarem uma rica vida marinha composta de pinguins, leões marinhos e outros animais, os marinheiros teriam descoberto, nas proximidades de uma grande colina, pequenos montes de pedras que eram verdadeiros cemitérios, onde alegam ter encontrado ossos humanos de onze pés de comprimento (mais de 3 metros).<sup>407</sup> Em um mapa produzido em Amsterdã, no ano de 1622, desenhado para uma tradução francesa de *Historia general de los hechos de los Castellano*, do cronista espanhol Antonio de Herrera, vemos a representação da cena descrita pelos holandeses (Figura 28). No primeiro plano da

---

404 KERR, Robert, op. cit., Cap. IV. Section 1.

405 Ibidem, Cap. VI. Introduction.

406 Ibidem, Cap. VI. Section 1.

407 Ibidem.



imagem, cinco marinheiros se ocupam de matar leões marinhos com sua lanças, machados e facas, enquanto outros cinco, no centro do mapa, escavam um cemitério em um monte próximo a um riacho. No meio dos soldados encontra-se um grande esqueleto humano, sendo que um dos indivíduos segura uma cabeça gigantesca. A letra H, posicionada atrás do monte, indica uma sepultura de homens que mediam entre dez e onze pés de comprimento, conforme reforça a inscrição: "Les Sepultures des patagons, fur le fomment, des rochers, dedans lesquelles furent trouvés desos 10 a 11 pienes ".

**Figura 28** – A letra H no centro do mapa do Estreito de Magalhães indica uma sepultura com ossos patagônicos que mediam de 10 a 11 pés de comprimento.



Fonte: *World Digital Library; Library of Congress*. Elaborado a partir dos relatos da Expedição de Schouten e Le Maire em 1616. Amsterdã: 1622. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/3971/>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

Conforme indica a análise das fontes textuais e iconográficas utilizadas no presente estudo, a lenda dos patagões povoou largamente o imaginário europeu que vigorou no século XVI e princípios do XVII, momento que coincidiu, como já explicitado, com as acirradas disputas marítimas e territoriais na América. Durante parte do século XVIII, o Século das Luzes, o mito cairia relativamente no esquecimento, mas, ao final desse mesmo período, ganharia sobrevida nos relatos de marinheiros franceses e ingleses que aportaram nas terras do Estreito.<sup>408</sup> Em linhas gerais, os viajantes e cronistas europeus apresentarão informações acerca dos índios fueguinos muito semelhantes às que fornecera Pigafetta no diário da primeira viagem ao redor do globo, destacando a aparência, a estatura, a alimentação, a velocidade, as vestimentas, o uso de armas e as relações pouco amistosas para com os invasores.

Um último suspiro da lenda viria das páginas do diário de viagem do navegador inglês John Byron, publicado pela primeira vez no ano de 1767, com o título de *The Narrative of the Honourable John Byron*. Byron havia realizado sua própria viagem ao redor do Mundo entre 1764 e 1766, a bordo da fragata batizada de HMS Dolphin. Um verdadeiro sucesso de público, vendeu milhares de exemplares e rendeu diversas edições em vários idiomas. No texto, o cronista descrevia o encontro com patagões de estatura “tan extraordinaria, que aun sentados asi, venian á ser casi tan altos como el Comandante en pie”.<sup>409</sup> Os índios de porte mediano, mediam entre 8 a 9 pés de altura e vestiam-se de roupas feitas da pele de guanaco.<sup>410</sup> Em uma ilustração que compõe o frontispício da edição inglesa da obra publicada em Londres em 1788, os marinheiros ingleses repetem o mesmo gesto dos espanhóis da expedição de 1520, oferecendo diversos presentes ao patagões que os recebem maravilhados (Figura 29).<sup>411</sup>

Ao final do século XVIII, o mito do gigantismo fueguino, o mais duradouro e recorrente na literatura de viagem e iconografia sobre a América, acusava claros sinais de esgotamento. O esvanecimento da lenda coincidia com o extermínio sistemático dos índios Tehuelches, dizimados pelas doenças trazidas pelos colonizadores e pela ocupação

---

408 MAGASICH-AIROLA; DE BEER, op. cit., p. 272.

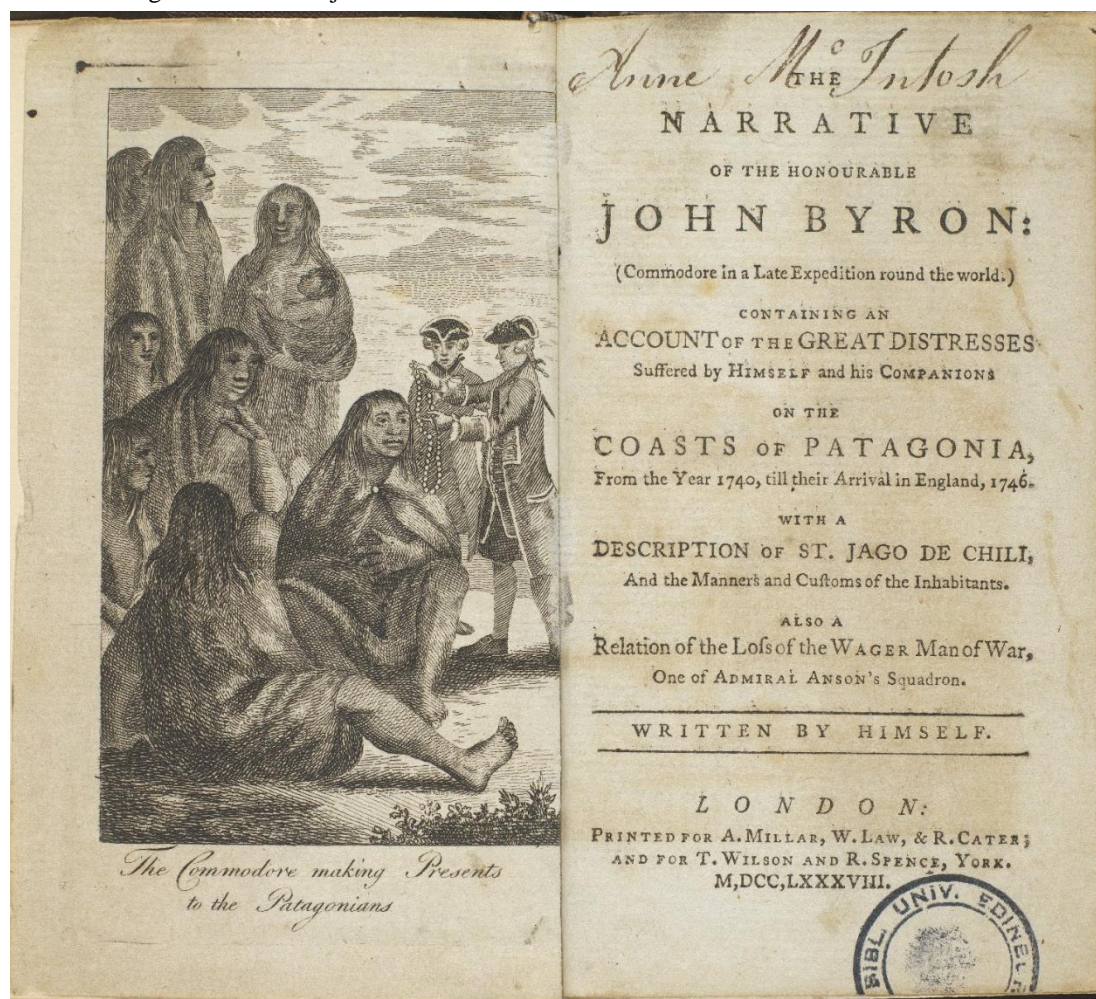
409 BYRON, John. **Viage del Comandante Byron alrededor del mundo**. Madrid: En Casa de Francisco Mariano Nipho, 1769, p. 81. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-7803.html>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

410 Ibidem.

411 Na primeira edição do diário publicada no ano de 1767, uma gravura representa um casal de patagões com seu filho na presença de um soldado europeu. A imagem corrobora as descrições de Pigafetta acerca da estatura do homem patagão, que na ocasião da expedição que circum-navegou o globo, descrevera as seguintes palavras ao ver o primeiro índio fueguino: “Este homem era tão grande que nossas cabeças chegavam apenas até à sua cintura” (PIGAFETTA, 2019, p. 58).

desordenada das pampas patagônicas.<sup>412</sup> Além disso, o melhor conhecimento geográfico e etnográfico da Patagônia acabaria por impor a “verdade científica” sobre as características dos diferentes grupos humanos que habitavam esse imenso território ao sul do continente.<sup>413</sup> Sobre essa questão Gustavo Vasco (2004) ressalta que: “Este proceso de desmitificación se apoya en un recorrido paralelo: la crecida de una corriente científica preocupada por hacer mediciones antropométricas precisas”.<sup>414</sup>

**Figura 29** – Um grupo de soldados ingleses oferecem diversos presentes aos patagões que habitavam o Estreito de Magalhães e suas adjacências.



Fonte: Coleção de imagens da *The University of Edinburgh*. O ato representado na ilustração se assemelha às descrições encontradas no diário de Pigafetta sobre o encontro entre Magalhães e os índios fueguinos. Frontispício de *The Narrative of the Honourable John Byron*. Edição publicada em Londres, no ano de 1788. Disponível em: <https://images.is.ed.ac.uk/>. Acesso em 24 de março de 2021.

412 MAGASICH-AIROLA; DE BEER, op. cit., p. 272.

413 MARTINIC BEROS, Mateo. **Los aonikenk. Historia y cultura**. Punta Arenas: Impresos Vanic LTDA, 1995, p. 42.

414 VASCO, Gustavo. Regio gigantum. **Historia crítica**, n. 28, pág. 229-244, 2004, p. 233. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-16172004000200011](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-16172004000200011). Acesso em: 24 de março de 2021.

O assunto acerca da lenda dos patagões não se esgota, por ora, no presente estudo. No último capítulo da tese abordaremos a difusão da cartografia moderna e sua contribuição na definição do espaço geográfico denominado *Regio Gigantum* – topônimo recorrente nos mapas e cartas geográficas provenientes do imaginário cartográfico que vigorou no transcorrer dos séculos XVI e XVII. Com relação à difusão do mito nas crônicas quinhentistas e seiscentistas, analisadas neste tópico, vale reforçar como os patagões/tehuelches, “reais” ou “imaginários”, foram forçadamente envolvidos pela conjuntura geopolítica das constantes disputas marítimas e territoriais europeias na América do Sul, à época das viagens exploratórias além-mar.

Com efeito, as narrativas sobre o encontro dos europeus com indígenas selvagens e desmesurados cumpriam parte dos propósitos da colonização europeia no Novo Mundo. Esses relatos podiam ser utilizados tanto para justificar o fracasso de muitas dessas expedições exploratórias, quanto para enaltecer a missão e a figura do “conquistador”, caracterizado como um típico cavaleiro que desbravava os mares e oceanos destruindo os monstros e propagando o projeto civilizatório cristão. No caso específico da representação textual dos grupos humanos que habitavam o extremo sul da América, tais narrativas podiam muito bem desempenhar a tarefa de intimidar e afugentar os viajantes e exploradores das coroas inimigas, na tentativa de impedir que pudessem realizar a travessia do Estreito de Magalhães.

Além do mais, segundo o que afirma Louise Bénat, a figura do patagão se confundia com a do *homo agrestis* ou *sylvaticus*,<sup>415</sup> cujas raízes mais profundas atravessam os milênios e se confundem com os grandes dilemas da cultura ocidental.<sup>416</sup> Assim como no mito do homem selvagem, os patagões da lenda viviam no campo como bestas selvagens, habitando geralmente lugares de difícil acesso, montanhas e cavernas e não possuíam qualquer forma de organização social. Eram ainda dotados de extrema força física e velocidade, apresentavam estatura desmesurada e se alimentavam essencialmente de carne crua, à semelhança dos animais silvestres. Conforme observa Klaas Woortmann (2004), a extensão do selvagem e do monstruoso para o Novo Mundo fazia parte do processo de domesticação do *Outro*: “Conquistar era uma obra pia; destruir os monstros era um ato de purificação, de restauração da ordem”.<sup>417</sup>

---

415 BÉNAT, op. cit.

416 BARTRA, Roger. **El Salvaje en el espejo**. México: Ediciones Era, 1992, p. 8.

417 WOORTMANN, Klaas. **O selvagem e o novo mundo: ameríndios, humanismo e escatologia**. Brasília: Editora UnB, 2004, p. 90.

### CAPÍTULO 3

Soprou, nesse instante, um pouco de vento, e as grandes asas principais a mover-se. Ao que revidou Dom Quixote: – Ainda que movais mais braços que os do gigante Briaréu, haveis de pagar-me. Encomendou-se de todo o coração à sua senhora Dulcineia, pedindo-lhe que o socorresse em tal transe; e, bem protegido pelo escudo, com a lança em riste, arremeteu a todo galope de Rocinante e investiu contra o primeiro moinho que se lhe deparou. Batendo-lhe com a lança na asa, girou-a o vento com tanta fúria, que se partiu a arma em pedaços, arrastando após si o cavalo e o cavaleiro, que, todo machucado, foi rolando pelo campo. Acudiu-lhe Sancho Pança, pondo o asno a correr o mais que podia, e, ao acercar-se do amo, viu que não podia mover-se: tal foi o golpe que sofreu com o Rocinante. – Valha-me Deus! Exclamou Sancho. – Não disse à vosmecê que visse bem o que fazia, que aquilo eram apenas moinhos de vento e não podia ignorar senão quem levasse outros tantos na cabeça? – Cala-te, amigo Sancho – retorquiu Dom Quixote – as coisas da guerra, mais do que as outras, estão sujeitas a contínua mudança; tanto mais que penso, e esta é a verdade, que aquele sábio Fristão, que me roubou o aposento e os livros, transformou estes gigantes em moinhos para me privar da glória de vencê-los. (CERVANTES, 2016, p. 135).

### REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS DA *REGIO GIGANTUM*

### 3.1. Considerações iniciais: da cartografia imaginária

Em diversos mapas, produzidos no transcorrer dos séculos XVI e XVII, a região geográfica hoje conhecida como Patagônia seria, primeiramente, demarcada como *Gigantũ régio* e *Regio Gigantum* (Região dos Gigantes), ou ainda, *Tierra de Patagones* (Terra de Patagões).<sup>418</sup> Como veremos ao longo do presente capítulo, essas e outras definições utilizadas pelos cartógrafos europeus eram equivalentes, pois indicavam que o extremo sul da América seria habitado por populações inteiras de homens e mulheres selvagens, comedores de carne crua, extremamente fortes e velozes e de estatura desmesurada – os patagões, conforme os teria denominado Magalhães, ao cruzar o Estreito em sua viagem de circum-navegação ao redor do mundo.

A *Regio Gigantum* – um dos termos mais recorrentes, foi um “mito geográfico” relativamente sedentário<sup>419</sup>, porém, persistente e longo, pois não foi apenas o primeiro lugar fabuloso a ser registrado pelos mapas da América quinhentista, como também o último. Ainda na segunda metade do século XVII, quando os grandes mitos oriundos do imaginário europeu que foram trasladados para o Novo Mundo já haviam desaparecido da cartografia, encontram-se fartos registros dessa mítica região. Assim, cartógrafos e cosmógrafos das mais diferentes escolas e estilos, bem como de contextos espaciais e cronológicos distintos, puderam concordar em diferentes graus de intensidade, sobre as “características” da “Patagônia” e dos seus lendários habitantes.

Isso posto, pretendemos analisar no presente capítulo, as diversas formas e estilos utilizados pelos cartógrafos europeus para representar essa fabulosa Terra de Gigantes, situada nos confins da América. Para tal, separamos um conjunto de mapas que foram impressos no período situado entre a segunda metade século XVI, até meados do XVII. Como veremos, o maior conhecimento geográfico das terras do Novo Mundo, possibilitado pelas diversas expedições de exploração e pelas constantes inovações científicas e tecnológicas da Cartografia Moderna, não impediu que esse mito sobrevivesse por mais de um século, sendo de longe o mais recorrente e duradouro na pujante cartografia europeia, no que diz respeito à sua representação do espaço geográfico e dos diferentes grupos humanos de diversas regiões do Novo Mundo.

---

418 Utilizamos o termo *Regio Gigantum* tanto pela sua ocorrência nos mapas e cartas náuticas quanto para fins de padronização. Vale ressaltar ainda outras nomenclaturas recorrentes na cartografia quinhentista e seiscentista, entre os quais: *Patagonum Regio*, *Chica Regio*, ou apenas *Patagonum*.

419 Sedentário no sentido que tinha uma localização geográfica definida.

Vale ressaltar, que utilizamos o termo cartografia imaginária, em nosso estudo, para aludir ao modelo cartográfico que vigorou no contexto colonial do Novo Mundo, no qual o real e o fictício se entrelaçam na representação dos espaços e dos povos que neles habitam. Suas raízes remontam à tradição dos mapas medievais, que deslocavam o monstruoso e o maravilhoso para além dos limites fronteiros conhecidos pelo Velho Mundo. Esse modelo cartográfico inseria toda sorte de monstros ou criaturas fabulosas – gigantes, amazonas, acéfalos, e outros, no interior da América, produzindo verdadeiros mitos que deixariam marcas duradouras na geografia do continente. Alguns dos exemplos mais emblemáticos, além da *Regio Gigantum*, foram as lendas do Reino das Amazonas, do *Eldorado* e do Rei Branco.<sup>420</sup>

O século XVI foi, provavelmente, o ápice da denominada Idade de Ouro da cartografia moderna. Conforme destaca Jeremy Black (2005), desde a invenção da prensa móvel por Gutemberg, a produção de mapas e globos terrestres experimentou uma extraordinária revolução na Europa, uma vez que esses artefatos eram confeccionados em um espaço de tempo cada vez menor. Esse notável avanço foi possível porque, não só a imprensa havia facilitado a troca de informações, como também o processo de revisão cartográfica. Assim, esses mapas tornaram-se acessíveis a um público maior, e um negócio relevante no lucrativo mercado editorial.<sup>421</sup>

É preciso levar em consideração, que os cartógrafos quinhentistas, em sua maioria, não participavam das viagens exploratórias à América. Assim, representaram um mundo do qual não tinham sido testemunhas oculares.<sup>422</sup> Sobre essa questão, Dreyer-Eimbcke (1992) destaca que: “O século XVI representa para a cartografia do Novo Mundo uma época de erros e confusões. Afirmações precipitadas são revogadas mais tarde. Os relatos não são devidamente examinados. A concorrência desesperada produz um tipo de propaganda que não respeita limites”.<sup>423</sup> De todo modo, esses mapas apresentavam informações geográficas consistentes e bastante aceitáveis para o período, tornando-se, assim, os primeiros referenciais utilizados pelos europeus para empreender a conquista das novas terras e oceanos.

---

420 É interessante observar que, enquanto a lenda dos patagões foi responsável por dar origem a toponímia do extremo sul da América do Sul (Patagônia), o mito das amazonas, que vigorou no mesmo contexto, fincou suas marcas na toponímia do extremo norte do subcontinente (Amazônia). Nota-se que, em ambos os casos, esses mitos repercutiram em regiões de difícil acesso e natureza peculiares.

421 BLACK, Jeremy. **Mapas e História: Construindo imagens do passado**. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 23-24.

422 DREYER-EIMBCKE, op. cit., 1992, p. 19.

423 Ibidem, p. 160.

Brian Harley (2009), um dos principais representantes da Nova História da Cartografia, pondera que muitas das distorções do conteúdo presente nos mapas eram intencionais, prestando-se a fins essencialmente políticos e ideológicos. Essas “deformidades” podiam ser impostas tanto pela burocracia do Estado quanto pelas regras do mercado. Consequentemente, o conteúdo dos gráficos e as projeções eram alterados, as escalas manipuladas e os traços e a topografia aumentados ou deslocados.<sup>424</sup> Assim sendo, os mapas auxiliavam no controle do espaço e, por tabela, ajudavam na consolidação do poder dos Estados imperiais.<sup>425</sup> Ainda para Harley (2009):

Da mesma forma que os canhões e os navios de guerra, os mapas foram as armas do imperialismo. Na medida em que os mapas serviram para promover a política colonial e onde os territórios foram reivindicados no papel antes de ser efetivamente ocupados, os mapas anteciparam o império. Os geômetras marchavam ao lado dos soldados, elaborando primeiro os mapas para as missões de reconhecimento, depois com informações gerais, antes de fazê-los instrumento de pacificação, civilização e de exploração dessas colônias. Mas isto vai muito além da demarcação de fronteiras para submeter política e militarmente as populações. Os mapas prestam-se a legitimar a realidade da conquista e do império. Eles contribuem para criar mitos que ajudam a manter o *status quo* territorial. Como instrumentos de comunicação de uma mensagem imperial, eles fornecem um complemento à retórica dos discursos, dos jornais e dos textos escritos, ou aos contos e canções populares que exaltam as virtudes do império.<sup>426</sup>

Na Europa da Era Moderna, via de regra, os mapas foram utilizados como uma extensão do poder imperial. Em linhas gerais, os gráficos provenientes das mais diferentes nacionalidades, contêm brasões reais, insígnias e bandeiras, que reivindicam a posse das terras conquistadas e até mesmo as áreas territoriais nunca antes alcançadas. Para atingir seus propósitos, as principais potências coloniais contavam com instituições especializadas na produção de mapas, globos terrestres e outros instrumentos cartográficos, além da colaboração dos principais artífices do período. Por sua vez, ainda no âmbito da ideologização dos mapas para fins políticos, a representação de grupos humanos como criaturas monstruosas dotadas de qualidades físicas e morais negativas, deveria legitimar e justificar a conquista, dominação e exploração desses territórios. No caso específico do Estreito de Magalhães, a divulgação da lenda dos patagões esteve permeada pelas disputas marítimas na região ao longo dos séculos XVI e XVII, conforme procuramos demonstrar no capítulo anterior.

---

424 HARLEY, J. Brian. Mapas, saber e poder. In: **Confins Revista Franco-brasileira de Geografia**, n. 5. (jan./jun. 2009), p. 9-10. Disponível em <http://confins.revues.org/5724>. Acesso em 01 de agosto de 2021.

425 Ibidem, p. 4.

426 Ibidem, p. 5.



É importante destacar que, a inclusão das figuras de grupos humanos monstruosos e outros seres mitológicos na superfície das cartas do contexto quinhentista e seiscentista, não obedeciam unicamente a critérios norteados pela objetividade. O cartógrafo, enquanto ser plural e social, desempenhava um papel relevante na construção do imaginário cartográfico. Como bem analisou Frank Lestringant (2009), a cosmografia renascentista tinha profunda aversão ao vazio, um princípio bastante utilizado pela escola francesa localizada em Dieppe. Dessa forma, o artífice da Era Moderna ambicionava preencher arbitrariamente todos os espaços vazios, as lacunas e as esferas, emprestando toda a sua imaginação a serviço da confecção desses mapas.<sup>427</sup> Ainda de acordo com Lestringant: “Um mapa, nessa época, não pode comportar buracos (é verdade que tem bordas), salvo para mascará-lo com uma moldura ou pela imagem de criaturas fabulosas”.<sup>428</sup> Nota-se, contudo, que mesmo essa “imaginação cartográfica”, em toda a sua plenitude e subjetividade, respeitava certos limites, inserindo o fabuloso e o monstruoso em lugares muito bem definidos e pré-fixados.

Analisar a produção de mapas no contexto da colonização europeia na América, é penetrar em um universo com escolas cartográficas que apresentam diferenças estilísticas importantes em seus modelos de representação. A escola portuguesa de cartografia, por exemplo, nascera das escolas catalã e italiana da Idade Média. Assim, conforme observou Jaime Cortesão (1965), era resultado das experiências oceânicas, tendo um papel relevante na formação dos modelos cartográficos que surgiram em outras nações da Europa ao longo do século XVI.<sup>429</sup> A escola holandesa, em sua essência, era fruto da iniciativa particular, e caracterizava-se, sobretudo, pela inclusão de grandes quantidades de alegorias e figuras decorativas nas bordas e interiores das cartas. Por sua vez, a francesa, era produto da iniciativa do Estado, prezava pela objetividade e contava com a colaboração das maiores instituições científicas da França e o subsídio da Coroa.<sup>430</sup> Na Espanha, a Casa de Contratação de Sevilha, instituição fundada pela Rainha Dona Isabel de Castela e pelo Rei Dom Fernando II de Aragão, em 1503, ditava os termos do denominado Padrão Real, que deveria ser instituído nos mapas oficiais.<sup>431</sup>

---

427 LESTRINGANT, Frank. **A oficina do cosmógrafo: ou a imagem do mundo no Renascimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 198.

428 Ibidem.

429 CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1965, p. 77.

430 Ibidem, p. 106-107.

431 MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografía americana: la Casa de la Contratación de Sevilla, el Real y Supremo Consejo de Indias y la Academia de Matemáticas de Felipe II.

Os estudos desenvolvidos nas últimas décadas no âmbito da Cartografia Histórica renovaram o campo e o fazer historiográfico, elevando os mapas ao estatuto de documentos indispensáveis para a compreensão dos fatos históricos. Assim, compreende-se que as representações cartográficas podem expressar tanto quanto os documentos escritos, o imaginário mental, econômico, cultural, político e religioso de uma determinada sociedade. Como bem assinala Harley (2005), os mapas são fontes conhecidas dos historiadores, porém mal compreendidas, sendo quase sempre situadas em uma categoria inferior à da própria palavra escrita.<sup>432</sup> Dessa forma, todo mapa é também a representação do mundo real, ao mesmo tempo em que são imagens que carregam signos, intenções, consequências e valores socioculturais.<sup>433</sup> Isso posto, Harley propõe que esses documentos devem ser interpretados e ponderados dentro de uma conjuntura histórica que leve em consideração três aspectos principais: o contexto do cartógrafo, o contexto de outros mapas e o contexto da sociedade.<sup>434</sup>

Na primeira etapa da análise, o contexto do cartógrafo, como proposto por Harley, o mapa, assim como qualquer outro documento escrito ou pictórico, deve ser situado em seu próprio tempo e lugar: “Es necesario entender que el contexto es un conjunto complejo de fuerzas interactivas, un diálogo con el texto, dentro del cual resulta fundamental para la estrategia interpretativa”.<sup>435</sup> A produção de um mapa é uma tarefa complexa, que envolve o trabalho de diversos autores para além do cartógrafo propriamente dito – topógrafo, editor, gravador e afins. Qual a intenção do cartógrafo e qual o seu local de produção são algumas das indagações que devem ser ponderadas na etapa inicial da abordagem de determinado gráfico. Um exemplo que encontramos na presente pesquisa diz respeito à fabricação dos artefatos datados dos séculos XVI e XVII; enquanto algumas cartas geográficas resultaram da iniciativa individual, como no caso da cartografia holandesa, diversas outras foram produzidas em instituições oficiais burocratizadas, com propósitos imperialistas muito bem definidos. Nesse último caso, enquadram-se os mapas confeccionados pelos cartógrafos da Casa da Contratação de Sevilha, instituição oficial da Coroa Espanhola, citada anteriormente (caso particular do mapa de Diego Gutiérrez, impresso em 1562, entre outros).

---

**Revista de Índias**, v. 70, n. 250, p. 715-748, 2010, p. 721. Disponível em: <https://core.ac.uk>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

432 HARLEY, op. cit., 2005, p. 59.

433 Ibidem, p. 60-62.

434 Ibidem, p. 72.

435 Ibidem, p. 64.

Na segunda categoria de análise cartográfica, o contexto de outros mapas, deve-se conjecturar sobre a relação que um gráfico estabelece com outros exemplares. Como destaca Harley: “Ningún mapa está herméticamente cerrado en sí mismo, ni puede responder a todas las preguntas que despierta”.<sup>436</sup> Deste modo, deve-se se indagar sobre as semelhanças entre os artefatos produzidos pelo mesmo cartógrafo, pela mesma produtora, ou ainda sobre as afinidades que determinado objeto estabelece com outros do mesmo gênero. Em suma, uma carta possui certos conteúdos, estilos, figuras, formas e traçados, que podem estar ou não em sintonia com outras que foram produzidas no mesmo período ou até mesmo em épocas anteriores. Isso geralmente ocorre tanto com peças fabricadas em uma mesma escola de cartografia, quanto entre aquelas produzidas por uma mesma oficina de cartógrafos. Nos séculos XVI e XVII, por exemplo, era bastante comum que a produção de artefatos cartográficos – mapas e globos terrestres, ficassem sob o encargo de uma mesma família de artesãos durante gerações – situação das tradicionais casas editoriais holandesas Hondius e Blaeu.<sup>437</sup>

A terceira etapa, o contexto da sociedade, diz respeito à estrutura mais ampla, da qual o cartógrafo participa na condição de indivíduo e artista. Assim, é importante que o historiador estabeleça conexões entre o sujeito produtor de mapas e a sociedade de que ele faz parte. Quais os motivos que levaram à confecção de um gráfico, o que ele almeja representar em suas linhas, figuras e traçados, qual o público que pretende atingir, são algumas questões fundamentais para a compreensão do contexto social. Conforme observa Harley: “Los mapas no son la sociedad exterior, son parte de ella, son elementos constitutivos dentro del mundo en general. El historiador pretende leer toda esa red de interrelaciones que van hacia adentro y hacia afuera del documento del mapa”.<sup>438</sup> Como já temos assinalado, na conjuntura colonial europeia na América – das viagens exploratórias e das incursões pelo interior do continente – os mapas e as cartas náuticas tornaram-se importantes instrumentos de projeção do poder imperial, sendo durante muito tempo os primeiros documentos utilizados para “comprovar” a posse das terras recém-conquistadas além-mar. Assim, compreender o contexto social em que esses artefatos cartográficos foram produzidos, suas intencionalidades e significados, constituem os principais propósitos desse estudo.

---

436 Ibidem, p. 64.

437 LANGER, Protasio Paulo. Representações e apropriações dos topônimos/etnônimos indígenas numa carta geográfica do século XVII. *História Unisinos*, v. 19, n. 1, p. 43-58, 2015, p. 45. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5798/579866785001.pdf>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

438 Ibidem, p. 72.

### 3.2. As primeiras representações do Estreito de Magalhães

Conforme destacamos no capítulo anterior, os acontecimentos da primeira viagem ao redor do mundo, inclusive o encontro dos europeus com os patagões que habitavam o extremo sul da América, foram divulgados na Europa, pela primeira vez, por intermédio de um livro, publicado na cidade de Colônia, em 1523, intitulado *De Molluci Insulis*. O relato foi escrito em formato de carta pelo autor belga Maximiliano da Transilvânia, após entrevistar os poucos sobreviventes da nau *Victoria* (única das cinco embarcações que retornou do périplo iniciado por Magalhães, morto nas Filipinas antes do término da excursão). O primeiro texto autêntico de Pigafetta, o escrivão oficial da expedição, seria publicado apenas em 1525, em língua francesa.<sup>439</sup> Como também demonstramos, essas e outras narrativas que se sucederam ao longo do século XVI e princípios do XVII, contribuíram para criar um *corpus* literário significativo acerca do mito dos patagões. Via de regra, os viajantes e cronistas europeus descreviam as mesmas características dos índios fueguinos – força, velocidade, estatura e vestimenta, embora acrescentassem, um ou outro ingrediente à lenda.

O “descobrimento” do Estreito por Magalhães, no ano de 1520, constituiu-se um marco importante para as pretensões imperiais da Espanha nas primeiras décadas do século XVI. Além de ser uma rota alternativa para se chegar às Ilhas das Especiarias (Molucas), percorrendo um trajeto contrário ao dos portugueses, o Estreito se apresentava como um caminho mais curto até as colônias localizadas na costa oeste da América do Sul. Por sua posição estratégica, a Coroa temia que a passagem interoceânica fosse pleiteada pelas nações inimigas, especialmente pelos vizinhos portugueses, já devidamente posicionados no Atlântico Sul. Uma das estratégias utilizadas pelos espanhóis, para garantir o controle da região, foi documentá-la valendo-se dos inúmeros relatos dos viajantes e exploradores e de uma farta cartografia. Como ressalta Martinic (2020), esses documentos “fueron vistos como piezas de alto valor y determinantes, los últimos en particular – planos y mapas –, para la argumentación con que debería defenderse el reclamo para probar que la situación geográfica de aquellas codiciadas tierras, al parecer, las dejaba del lado español”.<sup>440</sup>

---

439 DREYER-EIMBCKE, op. cit., 140-141.

440 MARTINIC, Mateo. La imagen cartográfica del Estrecho de Magallanes en las dos primeras décadas que siguieron a su descubrimiento. **Magallania (Punta Arenas)**, v. 48, n. ESPECIAL, p. 61-77, 2020, p. 62. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo>. Acesso em: 04 de agosto de 2021.

Os primeiros anos que sucederam a expedição de Magalhães ao Novo Mundo foram fundamentais para a construção da imagem da “Patagônia”. Para representar a nova região, inserindo-a nos planos e mapas tradicionais, os cartógrafos europeus valiam-se dos relatos provenientes das inúmeras expedições exploratórias empreendidas no sul do continente. Essas incursões objetivavam demarcar a presença do império espanhol e garantir a posse das terras recém-conquistadas. Cada informação recebida das novas missões de reconhecimento, abria a possibilidade para uma representação mais fidedigna do espaço, corrigindo-se as proporções, a topografia, as linhas e os acidentes litorais. Os primeiros relatos dos viajantes e cronistas procuravam apresentar uma visão positiva do local. Os mapas, por sua vez, continham representações relativamente precisas, atendo-se a cartografar o relevo, o litoral acidentado e os principais pontos da passagem interoceânica. Pigafetta, o primeiro europeu a descrever as características do Estreito, faz as seguintes observações em seu diário de bordo:

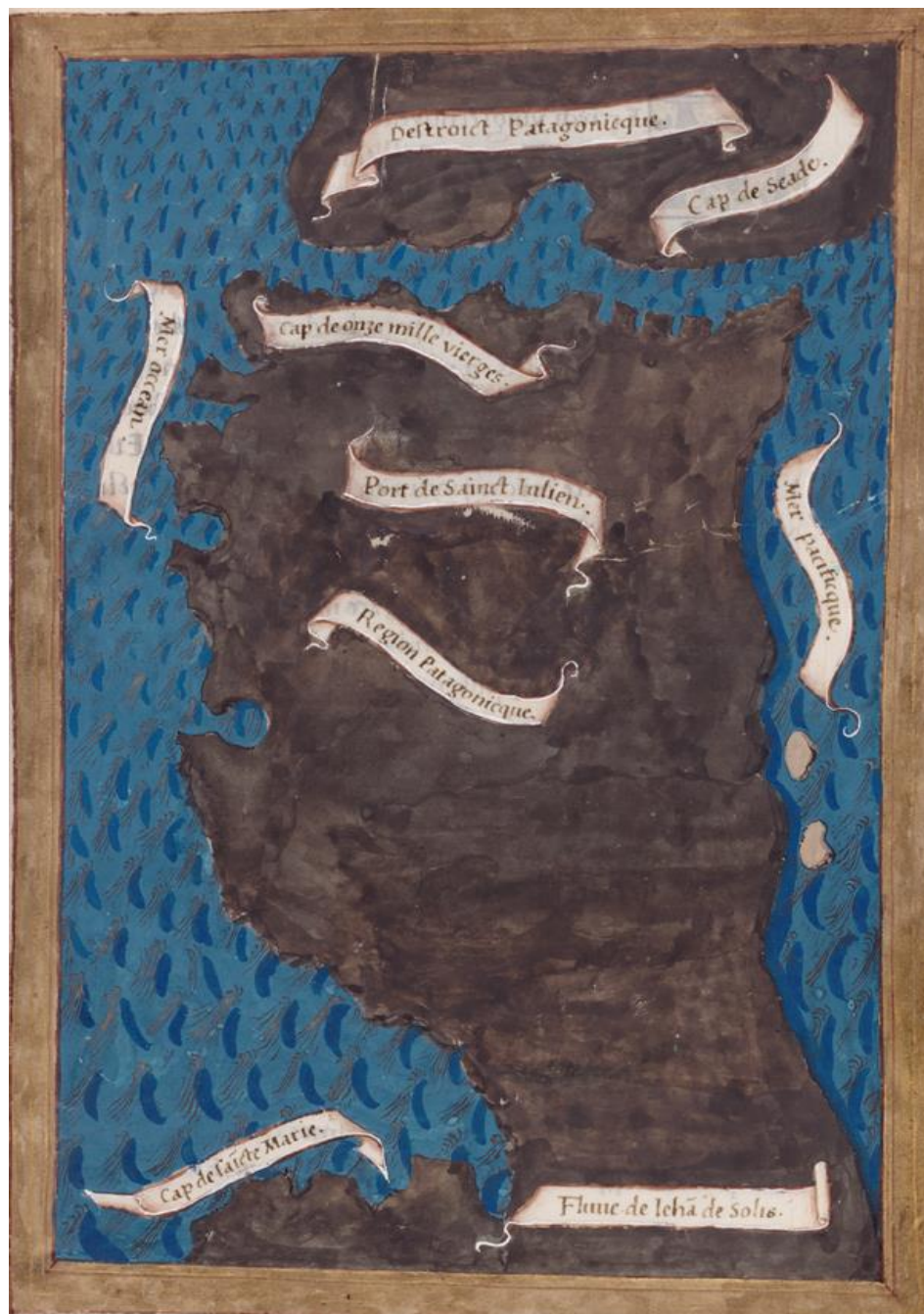
Demos o nome de Estreito dos Patagões a este canal de ligação que para a esquerda só volta para sudeste. As terras que o ladeiam são baixas e a cada meia légua se encontra um porto seguro, com água excelente, madeira de cedro, sardinhas e mariscos em abundância. Encontramos também ervas, algumas amargas, porém outras plenamente comestíveis, sobretudo uma espécie de aipo doce que cresce junto às fontes, o qual comíamos na falta de melhores alimentos. Enfim, acredito que não exista no mundo um estreito melhor do que este.<sup>441</sup>

Na citação acima, nota-se que o marinheiro apresenta uma descrição positiva do então denominado Estreito dos Patagões, enaltecendo as terras, a água, a fauna, a flora e a posição estratégica. Suas intenções parecem bastantes claras, já que o cronista italiano deveria convencer as principais autoridades da Espanha que o tinham contratado para anotar os pormenores da viagem. Na edição do seu diário, publicado em francês no ano de 1525, localiza-se umas das primeiras representações cartográficas do lugar. No mapa, atribuído ao próprio Pigafetta, vemos que a lenda dos patagões já aparece diretamente associada à toponímia da Terra do Fogo: ao norte da passagem encontra-se inscrito o termo Estreito Patagônico, enquanto ao sul, surge o topônimo Região Patagônica. Curiosamente, com exceção da toponímia, não existe qualquer outra referência ao gigantismo dos índios fueguinos, possivelmente porque o cartógrafo se ateu à representação física do lugar em detrimento da ilustração dos diferentes grupos humanos que habitavam o referido espaço (Figura 30).

---

441 PIGAFETTA, op. cit., p. 69-70.

**Figura 30** – Mapa representando o “Estreito Patagônico” (Estreito de Magalhães).



Fonte: World Digital Library; Library of Congress. Antonio Pigafetta, *Journal of Magellan's Voyage*. Publicado na edição francesa de 1525. Disponível em: <https://www.wdl.org/en/item/3082/>. Acesso em: 04 de agosto de 2021.

Um segundo mapa entre os pioneiros na representação das terras “recém-descobertas” pela expedição de Magalhães, intitula-se *Totius orbis descriptio*. A peça faz parte de um planisfério desenhado por volta de 1524, pelo cartógrafo florentino João Vespúcio que, em 1523, tivera contato com diário da primeira volta ao redor do mundo, a partir de uma cópia que Carlos V obtivera de Pigafetta. Vespúcio era sobrinho do explorador Américo Vespúcio, com quem prestou serviço à Espanha na Casa de

Contratação de Sevilha. Após a morte de seu tio, foi nomeado para sucedê-lo no cargo de piloto-chefe do governo da Espanha. Suas atribuições incluíam certificar os pilotos, suas cartas e os instrumentos de navegação. Na condição de piloto prático, Vespúcio realizou diversas viagens às possessões espanholas nas Américas. Uma versão do mapa, publicada no ano de 1526, após a morte do cartógrafo italiano, incluía diversas novidades iconográficas, além de descrições sobre as viagens exploratórias e as expedições de descobrimentos. Provavelmente, tais acréscimos na carta foram implementados para atender às diretrizes do mapa mestre espanhol conhecido como Padrão Real, peça secreta de posse da Casa de Contratação.<sup>442</sup>

Fundada em 1503 pelos Reis Católicos – a Rainha Dona Isabel de Castela e o Rei Dom Fernando II de Aragão, a Casa de Contratação de Sevilha, constituía-se de uma autoridade administrativa organizada e burocratizada. Conduzida por altos funcionários a serviço da Coroa, sua principal atribuição era a de administrar os negócios da empresa colonial no Novo Mundo.<sup>443</sup> Antonio Sánchez Martínez (2010), em um artigo onde analisou essa instituição oficial, observa que ao longo da consolidação da colonização espanhola na América, a Casa converteu-se em um dos primeiros grandes centros europeus especializados em ciência náutica, cosmográfica e cartográfica.<sup>444</sup> Ainda segundo o que destaca Sánchez Martínez:

A partir de 1508, con la creación del puesto de Piloto Mayor y la confección de un mapa modelo llamado Padrón Real, la Casa se convirtió en la dependencia administrativa de la Monarquía facultada para producir representaciones cartográficas de los descubrimientos españoles, en un lugar reproductor de imágenes, de modelos visuales que mostraban cómo era el mundo visto desde la Península Ibérica, em definitiva, la imagen oficial del mundo. En tanto que empresa oficial, la Casa orientó sus esfuerzos hacia el levantamiento de cartas náuticas que hicieran navegable el Océano Atlántico y que permitieran abrazar América con un solo golpe de vista.<sup>445</sup>

Apresentar um longo histórico dessa empresa oficial espanhola fugiria do propósito principal do presente estudo. No entanto, interessa-nos perceber que a construção das “Imagens da América” deveu-se, antes de tudo, a questões essencialmente de cunho ideológico. Tais artefatos cartográficos eram minuciosamente planejados pelos Estados europeus para produzir representações que justificassem o processo de

---

442 VESPUCCI, Juan. **Map of the World**. [S.l.]: [s.n.], 1526. The Hispanic Society of America. A Collection in Context: Media Center for Art History at Columbia University. Disponível em: <https://learn.columbia.edu/projects>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

443 MARTÍNEZ, op. cit., p. 721.

444 Ibidem, p. 723.

445 Ibidem, p. 724.

colonização e exploração dos povos americanos em diferentes pontos do novo continente. Um modelo do Padrão Real, deveria seguir a bordo das embarcações espanholas encarregadas das incursões exploratórias e ditar as regras visuais que deveriam ser utilizadas pelos cartógrafos que estavam a serviço da Casa de Contratação. Como bem observou Gruzinski (2006), desde que Cristóvão Colombo cruzou o outro lado do Atlântico, presenciou-se uma verdadeira “guerra de imagens” que, por serem um dos produtos máximos da cultura europeia ao lado da imprensa, tiveram papel efetivo na conquista e colonização do Novo Mundo.<sup>446</sup>

Retomando a análise do planisfério de Vespúcio, vale destacar algumas características que o compõem. Construído como uma carta de modelo portulano, a peça possui rosas de compasso e linhas de rumo em toda a sua superfície. A Europa, a África, a Ásia e algumas partes da América – incluindo as costas da Flórida, Nova Espanha, América Central e norte da América do Sul, aparecem como as regiões mais conhecidas, como indica a presença da farta toponímia. Uma grande rosa dos ventos, posicionada no Pacífico e na Nova Espanha, indica a influência da ornamentação cartográfica portuguesa nas primeiras décadas do século XVI. O brasão imperial de Carlos V, inserido acima da América do Norte, bem com as bandeiras de Castela e Leão, presentes em diversos lugares do continente, reforçam a amplitude do poder imperial.<sup>447</sup>

A América do Sul, por sua vez, apresenta uma configuração bastante desproporcionada, já que sua região norte se alonga demasiadamente na direção da América Central. O restante do subcontinente, se estreita na mesma proporção, do centro ao sul. Uma vegetação estranha, escassa e homogênea, cobre todo o território, habitado por povos também muito semelhantes entre si, conforme indica a pigmentação da pele e as vestimentas. No extremo sul do continente, é possível localizar o estreito descoberto por Magalhães, rigorosamente demarcado por uma bandeira de Castela e Leão. Acima da dita bandeira, um europeu e um ameríndio de “estatura padrão”, estão em posição de combate. Como podemos perceber, essa carta pioneira não faz nenhuma referência iconográfica ou toponímica à famosa Região dos Gigantes. Apesar disso, o patagão da ilustração, apresenta ter vestimentas e aparência diferentes dos demais indígenas presentes no referido mapa (Figura 31).

---

446 GRUZINSKI, op. cit., 2006, p. 14-15.

447 VESPUCCI, op. cit.



**Figura 31** – Fragmento do planisfério de João Vespúcio, publicado em 1526.



Fonte: *Media Center for Art History at Columbia University*. Mapa do Estreito de Magalhães. Dimensões: 85 x 262 cm. Disponível em: <https://projects.mcah.columbia.edu/hispanic/monographs/vespucci-map.php>. Acesso em: 19 de junho de 2020.

Três anos após a impressão da segunda versão do mapa-múndi de Vespúcio, o português Diogo Ribeiro, cosmógrafo real a serviço da Espanha, publicou um dos primeiros planisférios a incorporar os dados da expedição de Fernão de Magalhães. Sobre essa personagem, apontada como uma das maiores autoridades na produção de mapas em seu tempo, desconhecem-se a data e o local de seu nascimento. Sabe-se, porém, que serviu como piloto de navios no início do século XVI, e foi capitão das armadas dos exploradores Vasco da Gama e Alfonso de Albuquerque.<sup>448</sup>

No ano de 1518, Ribeiro assumiu o encargo de cosmógrafo a serviço do Imperador Carlos V, na Casa de Contratação, onde participou da elaboração dos mapas da expedição de Magalhães/Elcano. Em 1523, foi nomeado cosmógrafo real, tornando-se apto para fazer cartas, astrolábios e outros instrumentos náuticos. Em 1527, encarregou-se de atualizar o Padrão Real que, como já foi explicitado, estabelecia as diretrizes na confecção dos mapas e cartas de navegação utilizados pelos exploradores e pilotos que prestavam serviço para a Coroa espanhola.<sup>449</sup> Em 1529, na Casa de Contratação em Sevilha, Ribeiro desenhou sua *Carta Universal*, obra que exibiu uma rica iconografia, além de diversos topônimos nos quatro continentes conhecidos. Nas bordas superiores e inferiores do referido mapa, encontra-se o título bastante extenso e elucidativo, que apresenta o documento cartográfico nos seguintes termos:

448 OREJA, Miguel Ángel Castillo. América en la cartografía del siglo XVI (1500-1556) (II). **Quiroga: Revista de Patrimonio Iberoamericano**, n. 14, p. 65-71, 2018, p. 59. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>. Acesso em: 22 de junho de 2020.

449 Ibidem.

Carta uniuersal en que se contiene todo lo que del mundo se ha descubierto hasta agora: la qual se diuide en dos partes conforme a la capitulacion que hizieron los catholicos Reyes de España et el Rey Don Juan de Portugual en Tordesillas. Año de 1494. Hizola Diego Ribero cosmographo de Su magestad, año de 1529, e[n] Seuilla.

Conforme consta na inscrição, o objetivo da carta era o de atualizar as terras “recém-descobertas”, revisando os limites territoriais da Coroa espanhola a partir dos perímetros estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas, no ano de 1494. Por outro lado, o texto demonstra a ambição do cosmógrafo quinhentista em retratar e descrever todos os espaços possíveis do mundo conhecido e até mesmo as terras ignotas. Aliados, esses dois princípios parecem reger a produção cartográfica das primeiras décadas da colonização e exploração espanhola na América. Nesse mesmo período, observa-se uma verdadeira corrida na produção de artefatos cartográficos, sendo que cada exemplar contém revisões e correções recentes, nos termos do Padrão Real. Com êxito, um mapa com esse desenho por Ribeiro, constitui-se de um dos primeiros e principais instrumentos de legitimação da posse das terras “descobertas”.

Em relação à América, esse mapa de 1529 apresenta, como um todo, uma configuração relativamente precisa. As exceções ficam por conta da América do Norte, em que apenas a costa leste aparece mapeada, bem como parte da América do Sul, na sua costa centro-leste, que carece de maiores informações. Diversas embarcações que cercam o continente, indicam as principais expedições de exploração e descobrimento que partiram em direção ao Novo Mundo. Chama a atenção a variedade iconográfica presente nos diversos espaços do gravado. Quatro anjos assopradores estão estrategicamente posicionados nos “quatro cantos” do planisfério, simbolizando provavelmente, os perigos dos oceanos – o vento e as correntes marítimas. Além disso, foram desenhados monumentos, cidades, povos, rios, montanhas e florestas.

A presença de vários símbolos e instrumentos cartográficos, entre os quais a rosa dos ventos e o astrolábio, indicam a preocupação com a qualidade técnica da carta. A fauna, uma das figuras mais recorrentes, reúne desde animais exóticos, passando por espécies registradas fora de seu habitat natural, até bestas imaginárias, como um dragão situado no noroeste da América do Sul. Nessa porção meridional da América, foram registrados pouco mais de uma centena de topônimos, dos quais cinco desses se destacam pelo tamanho e formato da epígrafe: *Castilla de Oro*, *Peru*, *Tiera Brasilis*, *Tiera de Solis* e *Tiera de Patagones* (Figura 32). Tais inscrições demonstram a rapidez com que as informações sobre as expedições exploratórias eram incorporadas na cartografia oficial

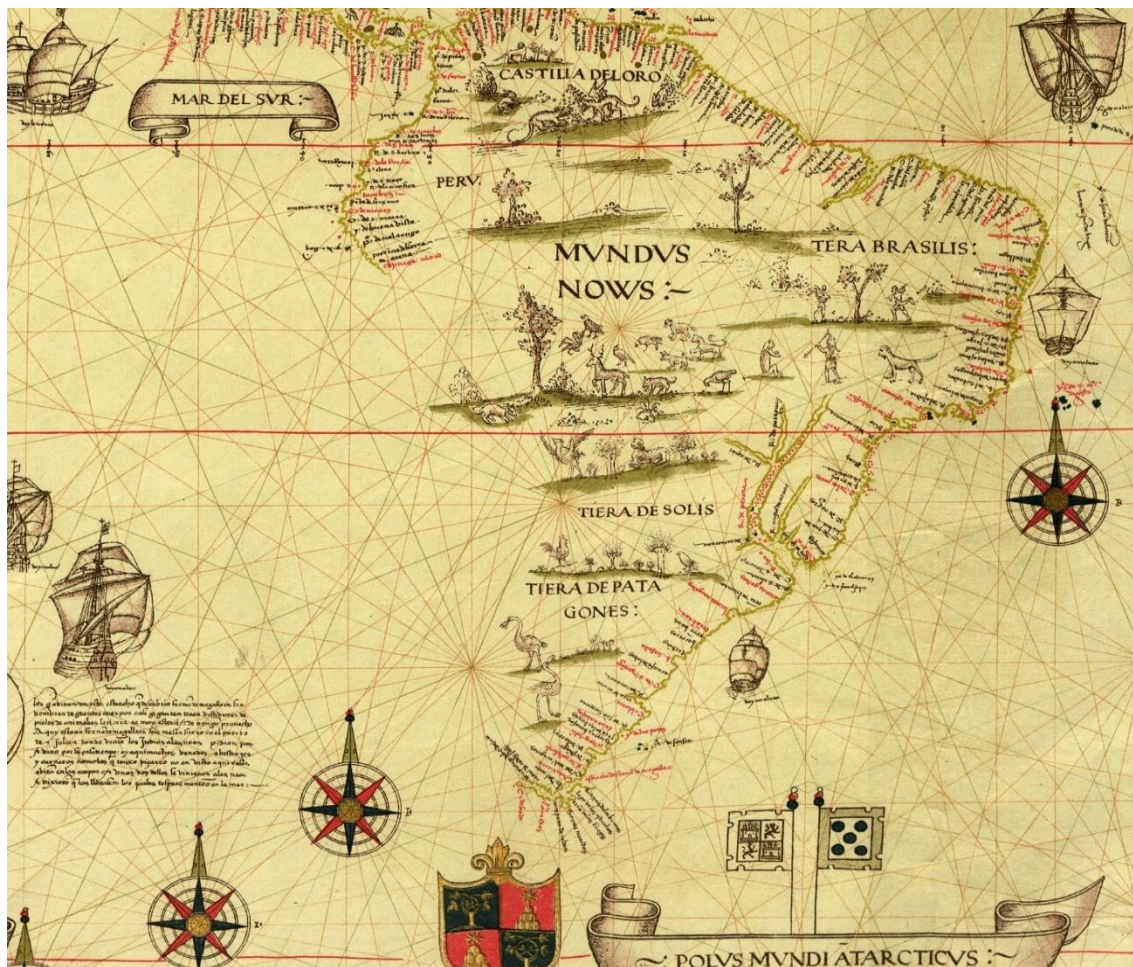
dos grandes impérios coloniais. Não obstante, esses mapas iam, gradualmente, contribuindo de forma decisiva para a consolidação espacial e nominal das principais regiões territoriais do continente americano.

A referência à Terra dos Patagões, como uma das cinco grandes regiões da América do Sul é algo que surpreende nesse mapa. Ela está localizada logo abaixo da Terra de Solis, batizada assim em homenagem ao navegador “descobridor” do Rio da Prata. Ao lado da dita terra, encontram-se algumas escassas figuras de árvores e animais, além de topônimos de rios e lugares. Mais ao Sul, situa-se já ilustrada a passagem interoceânica descoberta por Magalhães. Uma inscrição em castelhano, estampada sobre o Pacífico, logo abaixo de uma exuberante embarcação, anuncia as características da terra, dos animais e dos habitantes do Estreito, bem como alguns fatos que ocorreram durante a estadia do capitão português quando lá esteve em seu périplo ao redor do mundo. O seguinte texto encontra-se gravado na carta:

Los que habitan en este estrecho que descubrió Fernando de Magallanes son hombres de grandes cuerpos, casi gigantes. Traen vestiduras de pieles de animales. La tierra es muy estéril y de ningún provecho. Aquí estuvo Fernando de Magallanes seis meses surto en el Puerto de San Julián, donde venían los indios a las naos. Pedían pan y vino por su pasatiempo. Hay aquí muchos venados, avestruces y carneros, como los que trajo Pizarro. No han visto aquí casas, habitan en los campos. Unos dos de ellos se vinieron a las naos y dijeron que los llevasen, los cuales después murieron en la mar.

A epígrafe, inscrita no relevo do mapa de Ribeiro, está entre as primeiras referências ao gigantismo dos indígenas fueguinos na cartografia quinhentista. O autor da peça descreveu os habitantes do Estreito de modo semelhante aos indivíduos dos relatos de Pigafetta – homens corpulentos, parecidos com gigantes e que se vestiam com roupas confeccionada com a pele de animais. Além das roupas rudimentares, os patagões foram mencionados como seminômades que não possuíam casas e habitavam os campos. O texto da *Carta Universal*, apresenta uma visão claramente negativa da natureza física do espaço, descrito como uma terra infértil e sem proveito. Essas características pejorativas possivelmente se explicam pelas dificuldades encontradas pelos próprios espanhóis em realizar a travessia do canal. Desde a expedição de Magalhães, diversos navios de bandeira hispânica haviam naufragado em suas águas. Por outro lado, é também provável que, difamar o Estreito, tenha sido uma estratégia empregada pelos cronistas e cartógrafos a serviço da Espanha para intimidar e afugentar os navegadores das coroas inimigas em suas constantes tentativas de aportar no local.

**Figura 32** – Nesse mapa da América do Sul vemos a inscrição “Terra de Patagões”.



Fonte: *Biblioteca Digital Real Academia de la Historia*. Fragmento retirado do mapa-múndi do cartógrafo Diogo Ribeiro, intitulado: “Carta universal contendo tudo o que foi descoberto no mundo até agora”. Reprodução fac-símile do mapa manuscrito de 1529 preservado na Biblioteca Apostólica do Vaticano. Dimensões: 58 x 140 cm. Disponível em: <https://bibliotecadigital.rah.es/es/consulta/registro.do?id=61150>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

Outra carta que está entre as pioneiras na representação do Estreito de Magalhães é o moderno mapa-múndi de Oronce Finé, um dos primeiros estudiosos franceses a entrar para o ofício da cartografia. Esse mapa, impresso possivelmente em Paris, em 1531, foi desenhado na forma de coração duplo, e recebeu o nome de *Nova, et integra vniversi orbis descriptio*.<sup>450</sup> Sua projeção se baseia nos modelos do matemático alemão Johannes Werner e do seu sucessor Bernardus Sylvanus, um cartógrafo pouco conhecido que desenhou um mapa-múndi no ano de 1511.<sup>451</sup>

450 FINEUS, Orontius. *Nova, et integra vniversi orbis descriptio*. Paris? [s.n.], 1531. Library of Congress, Washington, D.C. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3200.ct001393/>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

451 DREYER-EIMBCKE, Oswald. Primer mapa impreso del Estrecho de Magallanes. In: *Anales del Instituto de la Patagonia*. Punta Arenas (Chile), Vol. 12, 1981. Disponível em: <http://bibliotecadigital.umag.cl/>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

Em relação ao formato de *Nova, et integra vniversi orbis descriptio*, propriamente dito, vale ressaltar que ambas as partes do desenho são similares e cordiformes, e são limitadas pelo equador e pelo grau 270 de latitude. Uma fina borda circula e ornamenta o mapa, onde podemos ver a representação de diversos anjos e monstros.<sup>452</sup> No gráfico que representa a América do Sul, ainda não é possível encontrar referências diretas à Terra dos Gigantes, porém, um topônimo indica a localização do *Mare Magallanicum*, situado a ocidente do Estreito. Um segundo topônimo, designa a célebre *Baia de San Julian*, local do encontro de Magalhães com os primeiros gigantes patagões, conforme descreveu Pigafetta (Figura 33).<sup>453</sup>

Finé era médico e matemático, considerado por muitos estudiosos um dos maiores cartógrafos independentes na Era de Ouro da cartografia europeia. Esse último fato chama a atenção, já que, em tese, sua peça não deveria ter sido produzida para atender a nenhum modelo cartográfico ou projeto imperial específico. Entretanto, conforme adverte Dreyer-Eimbcke (1981), sua crença era a de que não existia um *Novus Orbis*, pois as terras descobertas a oeste do globo terrestre deveriam ser, na verdade, uma das muitas partes do Velho Mundo. Por conseguinte, na representação gráfica do seu planisfério, as Américas Central e do Norte se interligam à Ásia, comportando-se como um grande apêndice. Desse modo, apenas no Estreito de Magalhães, no extremo sul do desenho, se apresenta uma descontinuidade, impedindo que a “América” forme um todo coeso em relação aos demais continentes.<sup>454</sup>

Apesar do erro geográfico, o mapa de Finé se destaca pela ausência de fantasias ou alegorias decorativas em seu interior, sem a inclusão de monstros ou lugares fabulosos, com exceção dos anjos e monstros que enfeitam suas bordas, como mencionado anteriormente. A representação dos continentes se restringe a apresentar a topografia e alguns poucos topônimos. Cortesão (1965), que se ocupou de analisar as diferentes escolas cartográficas europeias desse período, enfatiza que a cartografia francesa foi obra de homens que ambicionavam a verdade científica e o avanço da ciência. Assim, o historiador destaca que, “as cartas francesas ostentaram – é a palavra – com frequência, grandes espaços vazios na figuração dos continentes, para assinalar assim seu desconhecimento dos dados reais e seu estrito zelo pela exatidão”.<sup>455</sup>

---

452 Ibidem.

453 PIGAFETTA, op. cit., p. 58-59.

454 DREYER-EIMBCKE, op. cit. 41.

455 CORTESÃO, op. cit., p. 106-107.

**Figura 33** – Fragmento do mapa-múndi do matemático Oronce Finé, inspirado nas projeções de Ptolomeu.



Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division Washington, D.C.* Paris: 1531. Dimensões: 29 x 42 cm. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc/gmd/g3200.ct001393>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

Os primeiros cartógrafos que representaram o Estreito de Magalhães e o extremo sul da América procuraram fazer uma descrição precisa do espaço, apresentando informações importantes tanto para os navegadores quanto para os registros documentais da Coroa. Como demonstraremos adiante, o mito da *Regio Gigantum* e a representação iconográfica dos patagões como um povo de gigantes, cresceram vertiginosamente nos mapas e cartas náuticas, a partir da segunda metade do século XVI. O momento coincide com o acirramento das disputas marítimas e territoriais no Atlântico Sul, e com o surgimento dos inúmeros relatos dos viajantes e exploradores europeus sobre o encontro com populações de índios belicosos, selvagens e de estatura desmesurada.

Em linhas gerais, os produtores de mapas valiam-se das narrativas escritas para representar as áreas “recém-descobertas” no Novo Mundo. Entretanto, no contexto da Era de Ouro da cartografia europeia, as cópias deliberadas de outras cartas tornaram-se cada vez mais frequentes. Assim, reproduzia-se o mesmo gráfico em sua forma e conteúdo, incrementado alguns elementos estilísticos que não alteravam a peça em sua totalidade. Em relação à Região dos Gigantes, cresceram significativamente as representações da figura do “patagão”, posicionado nos mapas ou cartas no espaço geográfico circunscrito pelo Rio do Prata e o Estreito de Magalhães. Via de regra, os índios fueguinos foram retratados a partir dos estereotípicos difundidos pelos cronistas quinhentistas, destacando-se, assim, todos os atributos próprios do gigantismo.

### 3.3. As primeiras representações da *Regio Gigantum*

Uma das primeiras referências ao gigantismo dos patagões na toponímia da cartografia europeia da Era Moderna encontramos no Mapa-Múndi de Projeção Cordiforme Dupla, desenhado no ano de 1538, por aquele que é, para muitos estudiosos, o maior cartógrafo do seu tempo: Gerardus Mercator. Sobre essa controversa personagem, Dreyer-Eimbcke (1992) observa que: “Seus contemporâneos e posteriores viam nele o novo Ptolomeu de seu século e um reformador da geografia. Ele está também entre aquelas figuras mais controvertidas do século XVI que conseguiram sobreviver aos torvelinhos da Reforma e Contra-Reforma”.<sup>456</sup>

Gerhard Kremer, ou Mercator<sup>457</sup> nasceu em 05 de março de 1512, em Rupelmonde, na região de Flandres (atual Bélgica). Seus pais eram agricultores originários do ducado alemão de Julich e estavam hospedados em Rupelmonde por ocasião de seu nascimento.<sup>458</sup> Aos dezoito anos de idade, Mercator entrou para Universidade de Lovaina, onde estudou filosofia e projetou uma obra de cosmografia. Sua formação nessa universidade foi decisiva na elaboração dos seus métodos cartográficos, uma vez que contou com a influência de renomados professores, entre os quais o monge franciscano Francisus Monachus, fabricante dos primeiros globos terrestres dos Países Baixos e o cartógrafo Jacob van Deventer, que trabalhou para o rei espanhol Felipe II. Foi ainda assistente de Rainer Gemma Frisius, médico, cartógrafo e fabricante de instrumentos matemáticos que inovou o sistema de coordenadas cartográficas, o método de triangulação e o georreferenciamento.<sup>459</sup>

Em 1534, Mercator estabeleceu residência na cidade de Antuérpia, dedicando-se ao desenho e à gravação de mapas, até finalmente ter sua própria oficina e tornar-se um mestre gravador.<sup>460</sup> Entre os anos de 1536 e 1537, trabalhou com o mestre impressor

---

456 DREYER-EIMBCKE, op. cit., p. 36.

457 Em seu artigo, Leonardo Arantes (2014) observa que são encontradas na literatura sete versões de seu nome, sendo as três primeiras germânicas e as quatro últimas latinizadas: *Kremer*, *Krämer*, *Kaufmann*, *Mercator*, *Mecatorem*, *Mercatore*, *Mercatoris*. As raízes etimológicas remontam aos verbos germânicos *krämen* e *kaufen*, bem como ao verbo latino *mercari*, que significa mercador, negociante, vendedor, comerciante (ARANTES, 2014, p. 23).

458 DREYER-EIMBCKE, op. cit., p. 36.

459 ARANTES, Leonardo. Visão de Mundo (Weltanschauung), Imagem de Mundo (Weltbild) e Concepção de Mundo (Weltauffassung) em Gerhard Mercator. **Revista Continentes**, n. 4, p. 22-47, 2014, p. 25. Disponível em: <http://www.tiagomarinio.com/continentes/index.php/continentes>. Acesso em: 14 de junho de 2020.

460 DOMINGO, Mariano Cuesta. La imagen del Nuevo Mundo en Mercator. El trazado de mapas hasta 1569. **Revista complutense de historia de América**, v. 39, p. 257-270, 2013, p. 259. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RCHA>. Acesso em: 14 de junho de 2020.

Gaspar van der Heyden, na produção de um globo terrestre e um globo celeste e, concomitantemente, produziu um mapa histórico da Palestina. No ano de 1538, lançou seu primeiro Mapa-Múndi em duas folhas, peça que mais tarde receberia o nome de *Orbis Imago* e, no qual, podiam ser observados os hemisférios Norte e Sul da Terra e suas respectivas coordenadas geográficas.<sup>461</sup>

O mapa de Mercator, inspirado no Mapa-Múndi de Oronce Finé, trazia a novidade de ser o primeiro modelo a representar a América em sua totalidade.<sup>462</sup> A parte que ilustra o novo continente traz consigo diversas referências toponímicas: a Terra da Flórida, a Nova Espanha e as grandes ilhas do mar do Caribe – Cuba, Hispaniola e Jamaica. Na América do Sul, encontra-se já inscrita a terra denominada “Brasil”, bem como a região onde mais tarde seria localizado o Vice-Reino Peru. No extremo sul da massa continental americana, a Região dos Gigantes, ocupa um espaço territorial imenso e indefinido, designado *Gigantũ regio*, situado na área circunscrita pelo Rio da Prata e o Estreito de Magalhães. Como podemos perceber em *Orbis Imago*, a mítica região se encontra ainda isolada nos confins do Novo Mundo, isto é, não se avizinha com quaisquer nomes de rios, montanhas, povos ou cidades (Figura 34).

Assim, uma questão que merece destaque no Mapa-Múndi do cosmógrafo holandês é o fato de a *Gigantũ regio* ser, na ocasião, a única terra fictícia localizada nos espaços incógnitos do Novo Mundo. Portanto, não aparecem quaisquer referências a outros mitos famosos que ataçaram a imaginação dos cartógrafos europeus no contexto quinhentista, entre os quais podemos citar o “País das Amazonas” e a fabulosa cidade do *Eldorado*. Diferente do mito dos gigantes americanos, tanto o tema das amazonas, quanto da lendária *Eldorado*, estiveram diretamente associados à descoberta de enormes quantidades de riquezas ou tesouros fabulosos.<sup>463</sup> A título de exemplo, o *Novo Mapa da Maravilhosa, Grande e Rica Terra da Guiana*, impresso pelo cartógrafo holandês Jodocus Hondius, contempla a diversidade de lugares e de criaturas fabulosas que podiam ser “encontradas” na representação da América do Sul, no apagar das luzes do século XVI. Na referida carta, datada de 1598, vemos a localização das guerreiras amazonas e da esplêndida *Eldorado*. Nota-se, ainda, que ao lado de uma amazona encontra-se a figura fantasmagórica de um acéfalo ou *Ewaipanoma* (Figura 35).

---

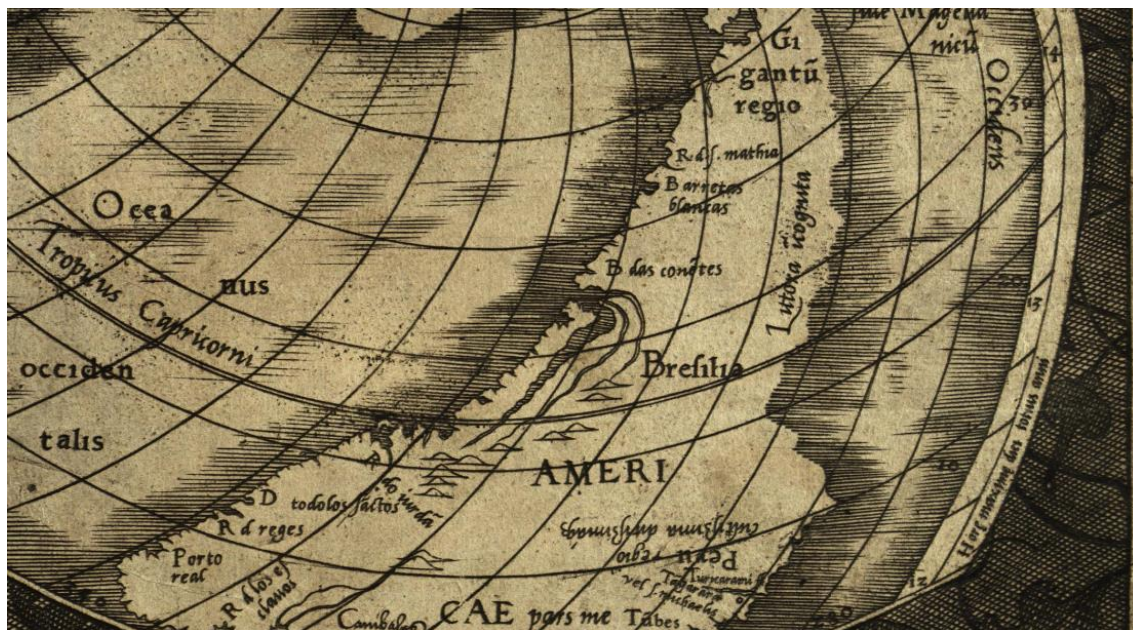
461 ARANTES, op. cit., p. 27.

462 GUEDES, Max Justo. **A cartografia impressa do Brasil: os 100 mapas mais influentes/1506-1922**. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2012, p. 44.

463 HOLANDA, Sérgio Buarque de: **Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 77.



**Figura 34** – O território conhecido como “Região dos Gigantes” aparece registrado pela primeira vez em 1538, no Mapa-Múndi em Projeção Cordiforme Dupla de autoria do cartógrafo Gerardus Mercator.



Fonte: World Digital Library; Library of Congress. 1538. Dimensões: 46 x 61 centímetros (mapa integral). Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/6766/>. Acesso em: 04 de junho de 2020.

**Figura 35** – Nesse mapa do norte da América do Sul, impresso em 1598, pelo cartógrafo holandês Jodocus Hondius, vemos que os gigantes já não estavam sós, pois outros seres fabulosos e lugares míticos povoavam o imaginário europeu acerca do Novo Mundo.



Fonte: World Digital Library; Library of Congress. Amsterdã: 1598. Dimensões: 36.5 x 52 cm. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/165/#q=amazones&qia=pt>. Acesso em: 15 de junho de 2020.

O termo *Regio Gigantum*, propriamente dito, um dos mais recorrentes na cartografia da Era Moderna em sua representação da “Patagônia”, surge pela primeira vez em uma carta intitulada *Novae Insulae, XVII – Nova Tabula*, peça impressa em blocos de madeira pelo cosmógrafo e matemático alemão Sebastian Münster (Figura 36). O artefato cartográfico, desenhado na cidade de Basileia, no ano de 1540, foi publicado pela primeira vez no livro intitulado *Geographia universalis vetus et nova*, uma reedição realizada por Münster da *Geographia* de Cláudio Ptolomeu. O impresso continha comentários e mapas atualizados, que reuniam os novos conhecimentos cartográficos e também incluíam as terras “recém-descobertas” do Novo Mundo.<sup>464</sup> Em sua borda superior o mapa traz o seguinte título em latim – *Novae Insulae, XVII – Nova Tabula*. Ilustra as três partes da América interligadas e em sua totalidade, representando as terras continentais, desde *Francisca*, no extremo norte, até *Fretum Magaliani* (Estreito de Magalhães), ao sul. Apresenta o *Oceanus occidentalis* e o *Mare pacificum*, ambos repletos de ilhas e, no caso do segundo, acrescenta-se ainda a impressionante figura de um navio, provavelmente a nau *Victoria*, que cruzou com o capitão Magalhães o famoso Estreito onde habitavam os índios patagões.

Um texto impresso em latim, em *Geographia universalis vetus et nova*, e que precede a representação gráfica de *Novae Insulae*, faz diversas referências às viagens de Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio e ao descobrimento das novas terras. São mencionados nomes de lugares conhecidos, tais como: Terra Flórida, Cuba, Ilha de São Domingos, Francisca e Dominica, topônimos esses, também gravados no relevo do mapa. De acordo com a representação cartográfica do mapa, a região equatorial, seria a terra dos canibais – homens cruéis e devoradores de carne humana.<sup>465</sup> Um ilustração inserida na região da costa nordeste do “Brasil” não deixa dúvidas para o espectador; nela vemos a inscrição *Canibali*; abaixo, vê-se uma grande fogueira assando os membros decepados de um corpo humano. Por sua vez, no território circunscrito pelo estuário do Rio da Prata e pelo Estreito de Magalhães, encontra-se localizada a fabulosa *Regio Gigantum* – um espaço ainda inóspito e geograficamente indefinido, assim como também fora representado no Mapa-Múndi de Mercator.

---

464 HORCH, Rosemarie Erika. Quais as fontes para os mapas das *Novae insulae* de Sebastian Munster? **Revista da Universidade de Coimbra**. Coimbra. 34, 1988, 85-103, p. 86.

465 PTOLOMAEI, Claudii, [MUNSTERUS, Sebastianus]. **Geographia Universalis, vetus et nova, completectens**. Basileae: Henricum Petrum, 1540, p. 337. Cortesia do *The Internet Archive*: Disponível em: [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_nYGntfTw8egC/page/n401/mode/2up](https://archive.org/details/bub_gb_nYGntfTw8egC/page/n401/mode/2up). Acesso em: 06 de junho de 2020.

**Figura 36** – Para os cartógrafos do século XVI, a *Regio Gigantum* deveria estar localizada entre o Rio da Prata e o Estreito de Magalhães, conforme podemos ver neste moderno mapa da América intitulado *Novae Insulae, XVII – Nova Tabula*, de Sebastian Münster.



Fonte: *Doria*. Atlaksen toimittanut Sebastian Münster. Basileia: 1540. Dimensões: 25,4 x 34,2 cm. Disponível em: <https://www.doria.fi/handle/10024/84483>. Acesso em: 04 de junho de 2020.

Erika Horch (1988), em um minucioso estudo, onde analisa o processo de produção, bem como as fontes utilizadas por Münster na confecção de *Novae Insulae*, faz as seguintes observações sobre essa carta:

O primeiro estágio do mapa das América na edição da *Geographia* de Claudius Ptolemaeus, de 1540, apresenta um contorno curioso, como já tivemos oportunidade de observar. Embora Münster apresente uma massa terrestre unida de Norte a Sul, demonstrando, assim, que se tinha absoluta certeza das dimensões continentais deste Novo Mundo, insiste em chamá-lo de “*Novae Insulae*” no título. Mesmo assim, seus contornos ainda apresentam uma mistura que muito tem de fantasioso, se comparados aos fatos reais e concretos das descobertas realizadas. Por outro lado, Münster, como que numa visão profética, antevê a passagem ao Norte do continente para o Oceano Pacífico. É que Colombo estava convicto de ter chegado às Índias; e as ilhas que tinha descoberto apenas se antepunham a uma extensão da península de Malaca, estando assim bastante próximo das lendárias riquezas do Oriente.<sup>466</sup>

466 HORCH, op. cit., p. 92.

Apesar da representação gráfica bastante desfigurada, *Novae Insulae* teve o mérito de ser o primeiro mapa individual impresso das terras americanas. Nele, a América aparece claramente separada dos demais continentes e interligada de norte a sul.<sup>467</sup> A título de exemplo, nas cartas pioneiras do cartógrafo alemão Martin Waldssemüller, a *Universalis Cosmographia*, datada de 1507,<sup>468</sup> bem como na *Carta Marina Navigatoria Portugallen*, de 1516,<sup>469</sup> o novo continente, já batizado de América, apresenta a porção meridional desproporcionalmente maior se comparada ao restante da massa continental e, no caso da primeira carta, levemente separada das partes central e norte.<sup>470</sup>

Sebastian Münster, o autor de *Novae Insulae*, nasceu em Ingelheim, na Alemanha, provavelmente no ano de 1488. Detentor de uma sólida formação humanista, estudou matemática, geografia, astrologia, teologia, hebraico e grego. Chegou a editar uma bíblia hebraica e traduziu diversas obras gramaticais do hebraico para o latim. Em Tübingen, aprendeu as técnicas mais refinadas da cartografia, e teve contato com os escritos geográficos de Ptolomeu, conhecimentos que seriam preciosos em sua incursão ao mundo da cosmografia e na elaboração de seus futuros mapas. Após anos de estudos, foi chamado para lecionar hebraico na Universidade de Heidelberg, onde ocupou ainda as cadeiras de matemática e geografia.<sup>471</sup>

Em 1529, Münster decide abandonar o catolicismo, convertendo-se ao protestantismo. Em função desse último acontecimento, mudou-se em 1530 para a cidade de Basiléia, onde vivera os anos mais produtivos de sua carreira, publicando inúmeros trabalhos de filologia, matemática, astronomia e cosmografia. Após contrair matrimônio, tornou-se enteado de um proeminente tipógrafo, Henrique Petri,<sup>472</sup> um dos mais

---

467 DREYER-EIMBCKE, op. cit., p.161.

468 Martin Waldssemüller foi um importante humanista e cartógrafo alemão. Estudou na Universidade de Freiburg e foi clérigo na Diocese de Constança. Desde o princípio de seus estudos teve grande interesse na cartografia das terras do Novo Mundo e, em 1507 publicou o mapa-múndi intitulado *Universalis cosmografia*, com cerca mil cópias produzidas. O mapa de Waldssemüller teve grande impacto na produção cartográfica do início do século XVI, uma vez que apresentava um novo modelo de projeção, tanto em estilo, quanto em escala. Além disso, foi o primeiro mapa a nominar as terras “recém-descobertas” de América, como já sabido, uma homenagem do cartógrafo alemão ao navegador Américo Vespúcio (GUEDES, 2012, p. 28).

469 A *Carta Marina Navigatoria Portugallen*, impressa em 1516, também de autoria de Waldssemüller, abrange Europa, Ásia, África e parte da América. A carta é formada por 12 folhas gravadas em madeira, cada uma medindo 45 x 62 cm (GUEDES, 2012, p. 38).

470 Outras cartas pioneiras apresentam uma América bastante desfigurada e incompleta, entre as quais podemos citar as seguintes: *O Planisfério Contarini – Roselli* (1506), do gravador e cartógrafo florentino Francesco Roselli; a *Universalior Cogniti Orbis Tabula* (1508), do astrônomo e cartógrafo holandês Johannes Ruysch e, *La Carta Universale Della Terra Ferma* (1534), obra do cartógrafo espanhol Nuno Garcia de Torreño.

471 HORCH, op. cit., p. 87-88.

472 Após ser elevado à nobreza pelo imperador Carlos V, passou a chamar-se Henric-Petri (HORCH, 1988, p. 89).

importantes impressores de Basiléia, que publicou muito dos trabalhos de Münster. Faleceu em 1552, vítima de uma epidemia.<sup>473</sup>

A edição de Münster da *Geographia* de Ptolomeu reunia um total de 48 mapas de xilogravuras impressas em folha dupla. Trazia informações até então desconhecidas dos estudiosos da cartografia sobre os quatro continentes: África, Europa, Ásia e América. Os dados inseridos no trabalho foram obtidos, sobretudo, a partir da compilação da obra ptolomaica e de notas recebidas do seus correspondentes, já que Münster jamais estivera em outro continente.<sup>474</sup> A publicação de 1540, surpreendentemente, foi um enorme sucesso, justificando cinco novas edições impressas nos anos seguintes.<sup>475</sup>

A partir das denominações geográficas encontradas em *Novae Insulae*, Horch identifica as principais obras que, possivelmente, serviram de fontes e orientaram sua produção: o livro de Marco Polo, os diários das quatro viagens de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo, as *Cartas* de Hernán Cortéz e os relatos de Antonio Pigafetta sobre a primeira viagem de circum-navegação ao redor do globo terrestre. Para a autora, as provas do conhecimento de Münster da expedição de Magalhães, seriam as referências a *Regio Gigantum*, ao *Fretum Magaliani* e ao *Mare pacificum*, topônimos que constam no próprio relato de Pigafetta, publicado em 1525.<sup>476</sup>

Dreyer-Eimbcke (1992) destaca a dependência da geografia e da cartografia moderna em relação aos relatos desses viajantes. Na maioria das vezes, esses intermediários eram a única base de apoio para os cartógrafos na produção de seus mapas, e matéria-prima para a criação e a difusão do imaginário fantástico.<sup>477</sup> Nesse mesmo sentido, Jeremy Black (2005) complementa que, no século XVI:

Os mapas eram cada vez mais publicados como parte de textos. Em ampla escala, essa mudança era devida ao impacto do humanismo e, especificadamente, à ênfase que era colocada em interpretações literais em vez de alegóricas da escritura e dos clássicos e também na precisão e clareza do texto. Os mapas históricos eram um aspecto de novo textualismo da Renascença. A maioria dos mapas não refletia diretamente o novo conhecimento cartográfico produzido pelo início da época de exploração europeia.<sup>478</sup>

---

473 Ibidem, p. 87-88.

474 CORRÊA-MARTINS, Francisco José. Exemplos de representações e informações do território da colônia do Brasil na cartografia impressa nos séculos XVI e XVII. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**, v. 26, 2017, p. 46.

475 As edições foram publicadas nos seguintes anos: 1540, 1542, 1545, 1547 e 1552. Ressalta-se que o mapa aparece ainda em outra famosa obra de Münster, intitulada *Cosmographia*, trabalho cuja produção durou dezoito anos e teve um total de 36 edições, traduzidas para o latim, o francês, o italiano e o tcheco (HORCH, 1988, p. 88).

476 HORCH, op. cit., p. 95.

477 DREYER-EIMBCKE, op. cit., p. 23.

478 BLACK, op. cit., 24-25.

Se os cartógrafos demoraram a inserir os novos horizontes produzidos pelas viagens exploratórias ao Novo Mundo, também é verdade que tardaram em transferir o imaginário fantástico, outrora localizado nos confins do mundo oriental. Essa foi uma mudança lenta e gradual, que não sincronizava diretamente com as descrições encontradas nos textos dos primeiros viajantes e exploradores. Assim, enquanto os *Diários* de Cristóvão Colombo e as *Cartas* de Américo Vesúcio já anunciavam seres anômalos e lugares fabulosos, os mapas só o fariam no final da primeira metade do século XVI. Esse processo refletia a enorme dependência dos cartógrafos em relação às fontes textuais, conforme já foi dito e, sobretudo, ao modelo cartográfico “ptolomaico” que projetava o fabuloso e o monstruoso nas fronteiras do Oriente.

Dreyer-Eimbcke observa que no início da Era Moderna, houve um forte renascimento da *Geographia* de Ptolomeu. Contribuíram para essa retomada, as Grandes Navegações, o método de reprodução xilográfica e a invenção da tipografia por Johannes Gutemberg. Essas inovações tiveram grande impacto no surgimento de novidades cartográficas, pois tornavam o processo de produção de mapas muito mais rápido e preciso.<sup>479</sup> Do mesmo modo, Tinley Kimble (2005) reforça que:

Ptolomeu estava gozando de uma considerável popularidade nas últimas décadas do século XV. Não que ele fosse um nome novo para os estudantes da geografia medieval. Desde o século XII (a tradução do *Almagesto* por Gerard de Cremona data de 1175), as traduções latinas de seus trabalhos matemáticos e astrológicos começaram a aparecer com uma enorme rapidez.<sup>480</sup>

Contudo, é necessário considerar que a *Geographia* era uma compilação que derivava de séculos de traduções e revisões. O próprio Ptolomeu, matemático e geógrafo nascido em Alexandria, teria sido responsável apenas pela autoria de algumas partes do manuscrito, uma vez que diversos outros agentes inseriram no documento seus próprios mapas e anotações.<sup>481</sup> Sobre essa questão, o historiador Paulo Miceli (2012), observa que, independentemente das incertezas que envolvem a produção da obra ptolomaica, essa teve papel relevante na representação do mundo ao final do século XV. Resulta de sua influência, sobretudo, a representação da teratologia medieval, constituída nos mapas pela recorrente aparição de monstros e animais fabulosos.<sup>482</sup>

---

479 DREYER-EIMBCKE, op. cit., p. 101.

480 KIMBLE, op. cit., p. 264.

481 MICELI, Paulo. **O desenho do Brasil no teatro do mundo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, p. 38-40.

482 Ibidem, p. 42-43.

### 3.4. O Mapa-Múndi de Sebastião Caboto e a Carta de Lopo Homem

Como dito anteriormente, a transposição da geografia do fantástico para a América foi um processo que ocorreu gradualmente. Klaas Woortmann (2004) ressalta que, à época das viagens exploratórias, “o fantástico era sempre deslocado para o mais longínquo, depois que as terras descobertas se tornaram mais familiares. Repetia-se o modelo de pensamento dos antigos e do Medievalo”.<sup>483</sup> Sobre esse fenômeno de movimentação do fantástico, Roja Mix (1993) complementa que, o “descobrimento” da América no século XVI, “significó un enorme trasvasijamiento del imaginario europeo en las nuevas tierras descubiertas (...). De esta forma, se produce un enorme desplazamiento geográfico del fantástico medieval, un resurgimiento del fantástico clásico e incluso un fantástico originário”.<sup>484</sup>

Um dos primeiros documentos da Cartografia Moderna a retratar o deslocamento geográfico dos seres fabulosos e monstruosos do Oriente para as terras americanas, é o Mapa-Múndi desenhado em 1544, pelo cartógrafo e explorador italiano, Sebastião Caboto (Figura 37). No impresso, vemos que a *Regio Gigantum* já não se encontra totalmente isolada, pois as guerreiras amazonas entrariam definitivamente para a galeria dos mitos definidores da toponímia da América do Sul. Caboto foi uma das personagens mais emblemáticas da era das grandes incursões marítimas e terrestres que seguiram em direção ao Novo Mundo. Era filho de João Caboto, mais conhecido como John Cabot, na versão inglesa do nome, uma importante figura das explorações inglesas no Atlântico Norte. É provável que, Sebastião Caboto, tenha nascido em Veneza entre os anos de 1479 e 1484, e sido educado na Inglaterra quando seu pai servia à Coroa desse reino. Passados alguns anos, foi requisitado ao serviço de Castela e, após a morte de João Dias de Solis, assumiu o cargo de piloto-mor da Casa de Contratação de Sevilha.<sup>485</sup>

Em 3 de abril de 1526, participou de uma campanha que partiu de Sanlúcar de Barrameda, cruzou a capitania de Santa Catarina e chegou até o Rio de Solis, mais tarde batizado de Rio da Prata. A expedição comandada por Caboto tinha objetivo muito semelhante àquele realizado por Magalhães, entre os anos 1519-1521, pois deveria contornar a América do Sul pelo estreito recém-descoberto (Estreito de Magalhães) e

---

483 WOORTMANN, op. cit., 2004, p. 71.

484 ROJA MIX, op. cit., 1993, p. 127.

485 GUEDES, op. cit., p. 50.

prosseguir viagem até as ilhas de Tarsis, Ofir, Molucas, Cataio e Cipango, regiões requisitadas pela Coroa espanhola por meio do Tratado de Tordesilhas estabelecido com Portugal, em 1494.<sup>486</sup> A experiência e os conhecimentos adquiridos durante a expedição, ajudaram o cartógrafo na realização de um desenho relativamente preciso do mencionado planisfério, contribuindo, por tabela, para que desse significativo destaque na representação da América Meridional (América do Sul). A produção do mapa teve início no ano de 1541, sendo impresso, provavelmente, em 1544.<sup>487</sup> Vale ressaltar que, atualmente, existe apenas uma versão impressa da carta, localizada no acervo físico da Biblioteca Nacional da França.

O exemplar é composto de quatro folhas e duas tiras reunidas e, mede, em sua totalidade, 220 x 125 cm. Contém, ainda, duas tábulas ((TABVLA PRIMA e TABVLA SECVNDA), com descrições históricas e geográficas em castelhano e latim das principais regiões do Globo, das expedições realizadas ao Novo Mundo, dos lugares fabulosos, das enormes quantidades de riquezas e dos diferentes grupos humanos que podiam ser encontrados nas áreas mais remotas, incluindo aqueles detentores de anomalias e malformações congênitas.<sup>488</sup> Começando pela tábula 2, que descreve as terras do Oriente, encontram-se alusões a monstros com aparência humana – possuidores de orelhas tão grandes que podiam cobrir todo o corpo. Homens que não possuíam articulações nos joelhos e tampouco nos pés, e que viviam sob os domínios do Grande Cã. Humanoides selvagens que habitavam as montanhas e florestas, além dos Trogloditas, gente negra que andava totalmente desnuda. De acordo com o autor da carta, todas essas informações podiam ser comprovadas, a partir da leitura das obras dos grandes estudiosos antigos e medievais, Plínio, Marco Polo e Ptolomeu. As diversas gravuras inseridas no relevo da peça, reforçam a presença desses seres monstruosos.<sup>489</sup>

---

486 TORIBIO MEDINA, José. **El veneciano Sebastián Caboto, al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje á las Molucas por el estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila**. Santiago – Chile: Imprenta y Encuadernación Universitaria, 1908, p. 320. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 17 de junho de 2020.

487 RABELO, Lucas Montalvão. O rio Amazonas no mapa-múndi (1544) de Sebastião Caboto: primeiras representações cartográficas após a expedição de Francisco de Orellana (1541-1542), p. 72. In: MACIEL, Elisângela et al. **Nas curvas do tempo: história e historiografia na Amazônia em debate** (vol. 1). Manaus (AM): Editora UEA, 2019. 217 p. Disponível em: <https://www.academia.edu/>. Acesso em: 18 de junho de 2020.

488 CABOT, Sébastien. **Tabula Prima do Mappemonde**. [S.l.]: [s.n.], 1544. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55011003p/f1.item.zoom>. Acesso em: 18 de junho de 2020.

489 Ibidem.



A tábula 1, do referido planisfério, apresenta as terras a oeste do globo terrestre, “descobertas” pelo explorador genovês Cristóvão Colombo a mando dos reis católicos, conforme aponta a inscrição: "El almirante Dom Christoual Colombo Colon de nacion ginouez se ofrescio a los Catholicos Reyes, de gloriosa memoria, que descubriera las islas y tierra firme delas Indias, porel occidente".<sup>490</sup> O texto faz diversas referências a lugares reais e imaginários: a Ilha Espanhola aparece como terra de muito ouro e açúcar; São Domingos se destaca por ser uma cidade maravilhosa, onde a Fé Católica havia penetrado e os reis governavam a todos com muita justiça e retidão; na Cidade do México também havia muito ouro, prata, toda sorte de pedras preciosas, seda muito boa e algodão. Entre os diversos lugares e seres imaginários, sobressaem-se os seguintes: homens selvagens, carentes de pão e vinho, gente má e salteadora e outros seres monstruosos, cuja aparência de homem se mesclava com a de porco e grunhiam como tais. Nas cercanias do Rio da Prata, existiam serras de onde se retiravam infinitíssimas quantidades de ouro e prata e que eram rodeadas por homens com cabeça de cachorro e outros indivíduos com as partes abaixo dos joelhos semelhantes às de avestruz.<sup>491</sup>

**Figura 37** – O Mapa-Múndi do cartógrafo italiano Sebastião Caboto, contém descrições em latim e espanhol das diferentes criaturas monstruosas que deveriam habitar as fronteiras do mundo conhecido.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Paris? 1544. Carta. Dimensões: 220 x 125 cm. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55011003p/f1.item.zoom>. Acesso em: 16 de junho de 2020.

490 CABOT, 1554, Tabvla Prima.

491 Ibidem.

As descrições contidas no relevo do Mapa-Múndi de Caboto, reforçam a dependência dos cartógrafos quinhentistas em relação aos relatos dos primeiros viajantes e exploradores. Demonstrem, ainda, como o cartógrafo veneziano estava atento às notícias das expedições exploratórias que adentravam o novo continente e difundiam a crença em enormes quantidades de riquezas em ouro e prata, cercadas por monstros cruéis e povos selvagens. Dessa forma, o flanco direito do mapa anuncia, em tom heroico, as façanhas realizadas por personagens importantes no processo de exploração e dominação europeia na América, entre as quais, Cristóvão Colombo, Hernán Cortés, Francisco Pizarro e Fernão de Magalhães.

Além das diversas inscrições que “apresentam” a América, a carta de Caboto exibe uma inédita iconografia sobre o continente, ao ilustrar diversos povos e lugares, reais e imaginários. Na região da Nova Espanha, abaixo da figura de dois indivíduos que conversam entre si, uma inscrição anuncia “a terra descoberta por Hernán Cortes”. No entanto, a maior ocorrência iconográfica encontra-se na região central da América do Sul, no território do atual Brasil. Nesse espaço, vemos a figura dos diversos povos que deveriam habitar essas terras: três indivíduos que trabalham, foram representados com a pele escura e o corpo quase totalmente desnudo; outro, que traja uma veste comprida e listrada de vermelho, possui longas barbas. Alguns animais, rios, árvores e montanhas complementam a escassa paisagem.

Ao norte do subcontinente, está presente uma das primeiras representações cartográficas do Rio das Amazonas, sendo também a primeira a desenhar o referido rio no formato de uma serpente.<sup>492</sup> Curiosamente, às margens do grande rio, saltam aos olhos a presença de belos castelos medievais, quatro no total, indicando um profundo desconhecimento do autor da carta dos aspectos demográficos da região. Abaixo da ilustração do rio “serpenteado”, dois soldados espanhóis – portando armaduras, elmos, escudo e espada, travam um intenso combate contra duas guerreiras amazonas – de vestidos compridos, longos cabelos e armadas de arco e flecha (Figura 38).

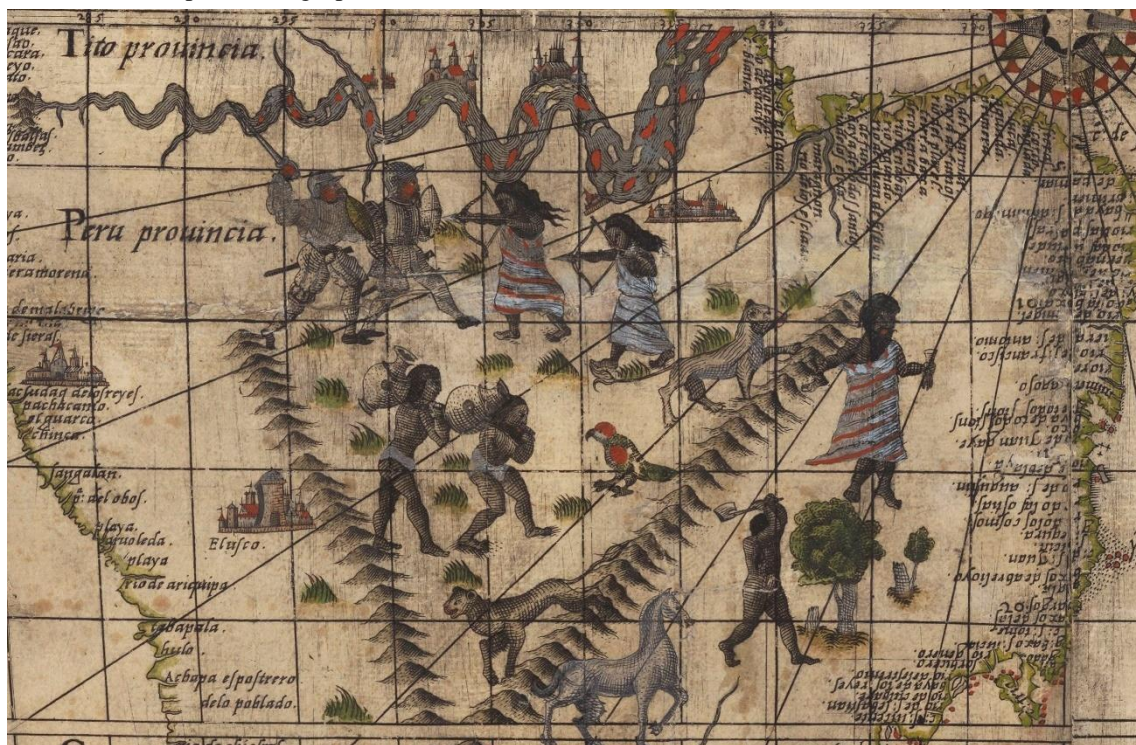
Vale lembrar que esse mapa fora confeccionado logo após a expedição do explorador espanhol Francisco de Orellana, no ano de 1542. Na ocasião, relatada em detalhes pelo frade dominicano Gaspar de Carvajal, o capitão Orellana costeou o “Grande

---

492 RABELO, Lucas Montalvão. **A representação do rio ‘das’ amazonas na cartografia quinhentista: entre a tradição e a experiência.** 2015. 232 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015, p. 125. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4500>. Acesso em: 17 de junho de 2020.

Rio” acompanhado de 60 soldados, onde teriam combatido as amazonas em plena floresta.<sup>493</sup> Segundo o que descreveu o religioso espanhol: “Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios”.<sup>494</sup> Como se vê, as ilustrações do mapa apresentam diversas discrepâncias em muitos dos aspectos das guerreiras enfrentadas por Orellana, principalmente nos quesitos aparência e vestimentas.

**Figura 38** – Nesse fragmento retirado do Mapa-Múndi de Sebastião Caboto, vemos o embate travado entre os soldados europeus e um grupo de amazonas.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Paris? 1544. Fragmento extraído do Mapa-Múndi de Sebastião Caboto. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55011003p/f1.item.zoom>. Acesso em: 16 de junho de 2020.

Embora o objetivo principal do presente estudo não seja analisar esse mito grego em sua transposição ao Novo Mundo, é válido justificar nossa breve menção a ele, no Mapa-Múndi de 1544. Como já dissemos, em diversos mapas quinhentistas, dois mitos emblemáticos definirão as fronteiras e os espaços situados nas extremidades da América Meridional: ao Norte, as amazonas, ao Sul, os gigantes. Ambos se constituíram temas

493 OLIVEIRA, A. R. As Amazonas do Novo Mundo: Análise das Fontes Literárias e Iconográficas dos Séculos XVI E XVII. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 17, ano XVII, n. 1, Jan/Jun de 2020, p. 6. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). Acesso em: 12 de agosto de 2021.

494 CARVAJAL, op. cit., p. 61-62.

duradouros, que depois de percorrerem as diversas regiões do continente, estabeleceram morada em seus espaços mais ignotos.

Assim, a carta de Caboto localiza a Região dos Gigantes no extremo da costa sudoeste da América do Sul. Na imagem estampada, quase que totalmente fora da porção continental, encontra-se um indivíduo robusto, embora não existam muitos indicativos que apontem sua real estatura. O ameríndio está segurando uma espécie de porrete na mão direita e um escudo na mão esquerda. Suas vestimentas são muito semelhantes às dos demais indivíduos que aparecem desenhados no planisfério – longos vestidos azuis com listras finas e vermelhas. Às costas do solitário gigante, encontra-se uma vasta cadeia de montanhas, provavelmente os Andes, que se estende até o centro do continente, onde forma uma bifurcação. O Estreito de Magalhães aparece no mapa acompanhado do registro de duas dezenas de topônimos (Figura 39). Essa é, possivelmente, uma das primeiras ilustrações dos patagões relatados por Pigafetta, embora, apresente diferenças substanciais: aparência, vestimentas, armamentos e outras mais. De fato, só é possível identificá-lo como tal, quando se lê o texto em latim e espanhol presente na Tábula 1 da carta, que anuncia ao espectador a natureza dos homens encontrados no Estreito:

Este estreito de todos os santos descobriu Fernão de Magalhães, capitão que ordenou fazer a S. c. c. m. do Imperador Dom Carlos, o Rei e nosso senhor para o descobrimento das ilhas Maluco. Há nesse estreito homens de tão grande estatura que parecem gigantes, é terra muito deserta, e se vestem [os gigantes] da pele de animais.<sup>495</sup>

É interessante que, embora o cartógrafo tenha representado os diferentes povos que habitavam o Globo, não tenha ilustrado os habitantes da Europa, que só surgem no gráfico quando em combate com as amazonas. Outro elemento de destaque é a cor utilizada para representar os diferentes grupos humanos: todos têm pele escura, com exceção dos soldados que combatem as amazonas americanas (espanhóis). Além disso, vestem-se de modo semelhante, com roupas longas e listradas, a exemplo do patagão. É provável que o desenhista tenha pretendido apenas diferenciá-los dos europeus, ou almejado facilitar o trabalho de gravação com a padronização das estampas. Vale destacar que o veneziano fora um dos poucos cartógrafos que estiveram no Novo Mundo e, conseqüentemente, contatou seus diferentes povos e culturas.

---

495 Tradução nossa. Nesse caso optamos pela tradução para facilitar a leitura. Em espanhol: “Este estrecho de todos los santos descubrió Hernando de Magallanes, Capitán que mando hazer la S. c. c. m. del Imperator Dom Carlos y Rey nuestro señor para el descubrimiento de las islas Maluco. Ay eneste estrecho hombres de tan grande estatura que parecen Gigantes, es tierra muy desierta, y visten se de pieles de animales” (CABOT, 1544, Tabvla Prima).

**Figura 39** – Nesse fragmento extraído do Mapa-Múndi de Sebastião Caboto, vemos um gigante patagão vestindo uma longa túnica e segurando uma espécie de porrete e um escudo.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Paris? 1544. Fragmento extraído do Mapa-Múndi de Caboto. Trata-se de uma das primeiras representações dos patagões na moderna cartografia quinhentista. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55011003p/f1.item.zoom>. Acesso em: 16 de junho de 2020.

Uma análise do planisfério de 1544 indica que, além da influência ideológica da Casa da Contratação em Sevilha, o cartógrafo italiano teria se baseado em exemplares encontrados na escola de cartografia de Dieppe, na França.<sup>496</sup> No entanto, a tábula 2 do mapa, nos fornece outras pistas, pois revela que ele também teria se inspirado no modelo cartográfico de Ptolomeu, no relato dos modernos descobridores, tanto espanhóis, quanto portugueses e em seu próprio pai. As seguintes descrições, as encontramos gravadas no flanco esquerdo da carta:

Sebastião Caboto, capitão e piloto maior da S. c. c. m. Do Imperador Dom Carlos quinto deste nome, o Rei nosso senhor, fez esta extensa figura em plano, segundo o ano do nascimento do nosso salvador Jesus Cristo, o ano de 1544, tirada por graus de latitude e longitude com seus ventos como carta de marcar, imitando em parte a Ptolomeu, e em parte aos modernos descobridores, tanto espanhóis como portugueses, e em parte ao seu pai e pelos descobrimentos.<sup>497</sup>

496 RABELO, op. cit., 2015, p. 75.

497 Tradução nossa. Nesse caso optamos pela tradução para facilitar a leitura. Em espanhol: “Sebastian Caboto capitán, y piloto mayor dela S.c.c.m. del Imperador don Carlos quinto deste nombre, y Rey nuestro sennor hizo esta figura extensa en plano, anno del nascim° de nosso[?] salvador Jesu Christo de M.D.XL IIII. annos, tirada por grados de latitud y longitud com sus vientos[?] como carta de marcar, imitando en

Cortesão (1965) observou certas similaridades decorativas entre a representação da América do Sul no Mapa-Múndi e a da carta náutica atribuída aos cartógrafos portugueses Lopo Homem e Pedro e Jorge Reinel e ao miniaturista, também português, António de Holanda. Entre as principais semelhanças, estariam a inclusão de figuras alusivas, que cobrem os espaços vazios do continente, a representação de figuras humanas, como o índios cortando as árvores de pau-brasil e a variedade de desenhos de animais, sobretudo, o papagaio, elementos que reforçariam essa tese, segundo Cortesão.<sup>498</sup> O referido mapa pertence ao *Atlas Miller*, adquirido no século XIX, para compor o acervo da Biblioteca Nacional da França.

O Atlas, como um todo, compõe-se de um conjunto de 8 cartas, distribuídas em 6 folhas soltas de pergaminhos, pintadas em verso e anverso, onde podemos observar o agrupamento das seguintes regiões do Globo Terrestre: o Oceano Atlântico Central com os Açores; o Nordeste do Oceano Atlântico e o Norte da Europa; o Oceano Índico Meridional, com a Insulíndia à esquerda e Madagascar à direita; o Oceano Índico Setentrional, com a Arábia e a Índia; o Mar da China, com as Molucas; o Magnus Sinus (Golfo da Tailândia e do mar do Sul da China); o Sudoeste do Oceano Atlântico, com a inclusão do Brasil; o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico Setentrional.<sup>499</sup>

No presente estudo, concentraremos nossa análise na carta que representa o Sudoeste do Oceano Atlântico e a denominada *Terra Brasilis* (Figura 40). Nesse mapa, que ilustra a parte oriental da América do Sul vemos surgir, com relativa perfeição, o traçado que vai desde as duas grandes fendas do Rio Amazonas, até a extensa abertura do estuário do Rio da Prata, sendo essa última acrescida de parte significativa das terras que se seguem ao sul da massa continental. O traçado da costa brasileira é sobreposto por uma rica toponímia, sendo possível identificar mais de uma centena de referências espaciais. Uma farta e colorida iconografia, preenche os diversos espaços vazios do vasto território. No topo da peça, uma inscrição em latim apresenta “a região do grande Brasil”, nos seguintes termos:

Esta é a carta da região do grande Brasil, a qual toca, pela parte ocidental, com as Antilhas do Rei de Castela. Porém, eles são uma nação de cor parda, selvagem e muito bárbara, que se alimenta de carne humana. Eles usam com muita habilidade o arco e a flecha. Aqui há

---

parte al Ptolomeu, y en parte a los modernos descubridores, asi Espannoles como Portugueses, y parte por su padre, y por el descubierto” (CABOT, 1554, *Tabvla Secvnda*).

498 CORTESÃO, op. cit., 324.

499 Os mapas estão localizados no verso e anverso do manuscrito, conforme a sequência da versão digital encontrada na Biblioteca Digital Mundial. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/18561/>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

papagaio de várias cores, outras inúmeras aves, são encontradas muitas feras monstruosas, muitas espécies de macaco, e cresce a árvore chamada Brasil, boa para tingir vestes de cor vermelha.<sup>500</sup>

Os inúmeros desenhos presentes no espaço geográfico da *Terra Brasilis*, reforçam o anúncio da carta: um grupo de quatro indígenas trabalha no processo de extração do pau-brasil – derrubam a árvore com o machado, organizam os feixes e os levam até as proximidades do litoral. Outros três indígenas, dois em pé e um sentado, demonstram um olhar atento de quem vistoria o trabalho de seus subordinados. Curiosamente, os indivíduos que se ocupam da preparação da madeira, têm os seus corpos totalmente desnudos, enquanto os demais carregam arco e flecha e ostentam saias e cocares confeccionados com penas coloridas. A carta apresenta, ainda, uma infinidade de ilustrações de animais, como macacos, onças, araras, papagaios e outras aves das mais variadas cores, que acompanham a paisagem de uma floresta já bastante destruída pela retirada da madeira de tinta vermelha. Como não poderia faltar, a galeria dos seres fantásticos ou monstruosos é representada por uma criatura esverdeada semelhante a um dragão, que lança sua chama na direção dos ameríncolas.

Duas bandeiras portuguesas, uma localizada no Norte, próxima as aberturas do Amazonas, e outra no Sul, abaixo do estuário do Rio da Prata, reivindicam a soberania portuguesa sobre um território muito maior do que fora estabelecido com a Espanha pelo Tratado de Tordesilhas. Sete caravelas, devidamente posicionadas em diversos pontos do Oceano Atlântico, protegem o território marítimo português dos prováveis invasores. Várias rosas dos ventos espalhadas pela superfície da carta, além da inclusão de linhas de rumo, reforçam a tradição estabelecida pelos mapas portulanos que foram produzidos no século final do século XV e princípios do XVI.

Logo abaixo do estuário do Rio da Prata, deslocada de seu espaço territorial costumeiro, situa-se a Terra dos Gigantes, conforme indica a presença de um indivíduo gigantesco que se encontra ajoelhado e apoiando ambas as mãos sobre o solo. Sua estatura desmesurada, pode ser comprovada, tanto quando confrontamos a proporção do seu corpo em relação às árvores em sua proximidade, como na comparação com os demais indígenas espalhados pelo território da *Terra Brasilis*. Vemos que, não somente esse

---

500 Tradução nossa: Em latim: "Tabula hec regionis magni brasilis est, et ad partem occidentalem Antiliis castelle regis obtinet. Gens vero eius negrescentis coloris fera et immanissima carnibus humanis vescitur. Hec eadem gens arcu et sagittis egregie utitur. Hic psytaci versicolores alie que innumere aves fereque monstruose et scymiarum plura genera reperiuntur plurimaque arbor nascitur que brasil nuncupata vestibis purpureo colore tingendis opportuna censetur" (CORTESÃO, 1965, p, 293).

ameríndio possui maior estatura, como também aparenta maior robustez em seu corpo (Figura 41). Suas vestes também apresentam diferenças acentuadas, pois embora ele ostente um grande cocar de penas coloridas (azul, vermelho e amarelo), seu corpo está praticamente desnudo, coberto apenas na altura da cintura por uma espécie de tanga de pano. Apesar de o mapa apresentar uma leve rasura na altura do rosto do gigante, provocada provavelmente pela ação do tempo, é possível perceber que ele possui longos cabelos e barbas – essa última, uma característica corriqueira adicionada na representação dos homens patagões pela arte europeia renascentista.<sup>501</sup>

**Figura 40** – Representação da *Terra Brasilis* e do estuário do Rio da Prata.

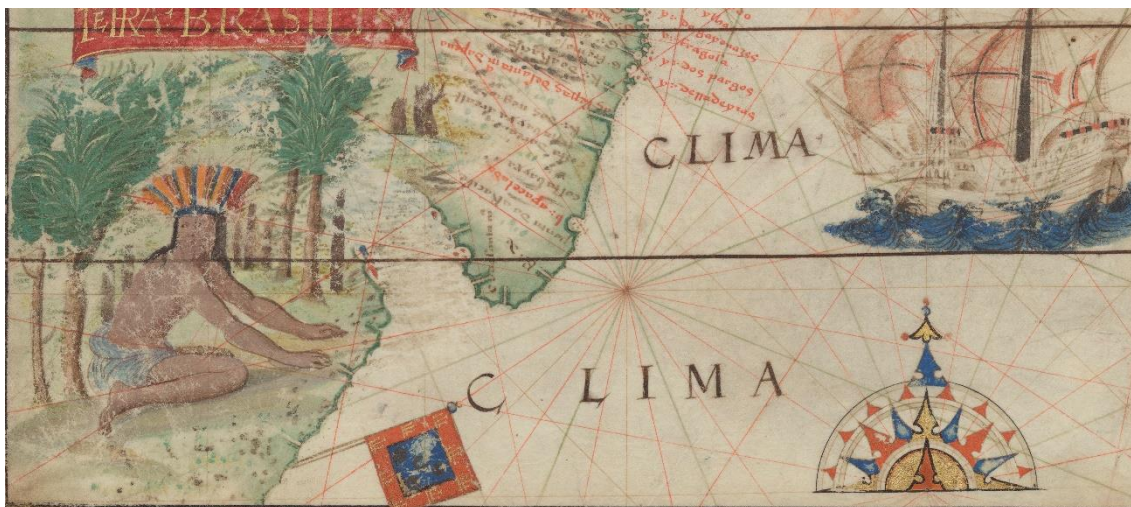


Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Lopo Homem/Pedro Reinel/ Jorge Reinel (cartógrafos). Desenhos do miniaturista António de Holanda. O mapa faz parte de um Atlas composto de um conjunto de 8 cartas, distribuídas em 6 folhas soltas de pergaminhos, pintadas em verso e averso, que apresentam as diferentes regiões do Globo Terrestre. Lançado provavelmente em data posterior à 1521. Dimensões: 42 x 59 cm. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002607s/f1.item.r=Atlas%20Miller.zoom>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

<sup>501</sup> Como bem aponta Flores, a representação dos patagões com barbas, pela arte europeia renascentista, era de fato um grande equívoco, pois não só esses, como também todos os indígenas do continente não possuíam essa característica (FLORES DE LA FLOR, 2014, p. 21).



**Figura 41** – Nesse fragmento retirado da carta que representa a *Terra Brasilis*, um indígena de tamanho desmesurado, encontra-se ajoelhado na região situada abaixo do estuário do Rio da Prata.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Fragmento extraído do mapa da *Terra Brasilis* de Lopo Homem/Pedro Reinel/ Jorge Reinel. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40887479k>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

Não restam dúvidas que essa carta portulana, com enorme riqueza iconográfica e abundante quantidade de topônimos, além da representação de traçados e contornos bastante precisos, constitui um importante documento histórico e cartográfico, especialmente para o estudo dos primeiros anos da colonização portuguesa na América. Entretanto, conforme o propósito do presente estudo, o de analisar o mapa e o seu contexto de produção, bem como sua relação com outros mapas do período, faz-se necessário e oportuno tecer algumas considerações que envolvem sua autoria e, principalmente, a data de sua publicação.

Desde 1897, ano que o mapa chegou à Biblioteca Nacional da França, adquirido diretamente do bibliotecário que legou seu nome, Emmanuel Miller, surgiram debates e teorias acerca de sua real datação. Alguns estudiosos apontavam para um intervalo de tempo situado entre 1515 e 1525. Contudo, em 1930, um Mapa-Múndi datado de 1519 e assinado por Lopo Homem, foi posto à venda na cidade de Londres. Após muitas controvérsias, uma conferência que reunia geógrafos, historiadores, cartógrafos e outros peritos, passou a examinar as relações desse exemplar com o *Atlas Miller*, à época, sem datação.<sup>502</sup> Ao término da conferência, chegou-se à seguinte conclusão: a carta vendida em Londres, fazia parte do planisfério e, portanto, ambos datavam de 1519 e haviam sido produzidos pelo mesmo cartógrafo: Lopo Homem.<sup>503</sup>

502 CORTESÃO, op. cit., p. 288-289.

503 Ibidem, p. 290.

Cortesão, que fez parte da conferência de estudiosos que analisaram os dois manuscritos, diante da descoberta, chegou até mesmo a formular uma nova tese para a colonização portuguesa no território do “Brasil”. Para ele, a abundância de topônimos na carta, contracenava com o silêncio de outros documentos escritos no período colonial, indicando que a metrópole portuguesa havia ocupado desde muito cedo as terras brasileiras.<sup>504</sup> Dessa forma, o historiador português, questiona uma tal “tese do descaso dos 30 primeiros anos”, segundo ele, uma hipótese defendida pelos pesquisadores brasileiros que, sustentavam que, somente diante da iminência das invasões francesas no litoral, a Corte resolvera colonizar o Brasil, de fato.<sup>505</sup>

Não pretendemos aqui prosseguir com esse debate, cujo desfecho certamente merece um trabalho à parte por sua complexidade. Porém, temos um motivo bastante específico para supor que o mapa analisado não tenha sido produzido no ano de 1519. Conforme já apontamos, o périplo que culminou na primeira viagem ao redor do mundo, iniciada por Magalhães e concluída por Elcano, retornou à Europa apenas em 8 de setembro de 1522, quando a nau *Victoria* aportou em Salucar de Barrameda, Espanha.<sup>506</sup> Os primeiros relatos dessa viagem, que inauguraram a lenda dos patagões, foram divulgados pela primeira vez em 1523, no livro de Maximiliano da Transilvânia, que entrevistou alguns dos sobreviventes da *Victoria*. O primeiro texto autêntico de Pigafetta, o cronista oficial da expedição, seria publicado somente em 1525, em Paris.<sup>507</sup>

Assim sendo, tendo em vista o desenho do gigante, inserido no mapa de Lopo Homem e posicionado abaixo do estuário do Rio da Prata, bem como as tradicionais divergências que envolvem a datação do planisfério, acreditamos que esse tenha sido desenhado, provavelmente, em uma data posterior ao ano de 1522. Somam-se, ainda, os diversos mapas em que os índios patagões aparecem semelhantemente ilustrados, ou seja, com porte físico avantajado e posicionado na parte sul do continente. De outro modo, teríamos que afirmar que o indivíduo da gravura não apresenta uma estatura desmesurada, mas esse não parece ser o caso, segundo o que já tivemos a oportunidade de apontar. Independentemente do imbróglio, é seguro afirmar que a carta, que ilustra a *Terra Brasilis* e as áreas adjacentes, está entre as pioneiras na representação dos gigantescos patagões e, por conseguinte, da mítica *Regio Gigantum*.

---

504 CORTESÃO, op. cit., p. 271.

505 Ibidem.

506 MAGASICH-AIROLA; DE BEER, op. cit., p. 268.

507 DREYER-EIMBCKE, op. cit., p. 140-141.

### 3.5. O mapa de Diego Gutiérrez

As décadas seguintes ao périplo realizado por Magalhães foram determinantes na divulgação e no desenvolvimento da lenda dos patagões. Diversos cronistas, entre os quais, Pedro Mártir de Anglería (1530), López de Gómara (1533), Gonzalo Fernández de Oviedo (1533) e André Thevet (1557), não apenas reproduziram as descrições de Pigafetta, como também inseriram o mito no contexto geopolítico das disputas marítimas, travadas no extremo sul da América. O Mapa-Múndi de Sebastião Caboto e a Carta de Lopo Homem, foram pioneiros na representação do patagão, estereotipado a partir do porte físico desmesurado, dos costumes selvagens e das vestimentas rudimentares. Com base nos relatos dos viajantes e exploradores, os cartógrafos procuravam inserir um número cada vez maior de informações em suas cartas, adicionando nomenclaturas de vilarejos, de grupos humanos específicos, ou mesmo de rios, montanhas e outros acidentes geográficos. Conseqüentemente, a partir da segunda metade do século XVI, a *Regio Gigantum* entra, definitivamente, para a galeria dos grandes mitos da Cartografia Moderna, adquirindo, com efeito, contornos relativamente precisos.

No mapa do hemisfério ocidental, intitulado *Americae sive qvartae orbis partis nova et exactissima descriptio*, publicado no ano de 1562, a América está representada como a *Quarta Parte do Mundo* (Figura 42). Impresso originalmente em seis folhas, na cidade de Antuérpia, essa carta resultou de uma parceria estabelecida entre o espanhol Diego Gutiérrez, cosmógrafo oficial da Casa de Contratação de Sevilha, e o pintor e gravador flamengo, Hieronymus Cock. Uma inscrição em latim, inserida do topo da carta, destaca que a América teria permanecido desconhecida pelos geógrafos, caso não tivesse sido descoberta por Américo Vespúcio: “Esta quarta parte do mundo permaneceu desconhecida para todos os geógrafos até o ano de 1497, quando foi descoberta por Américo Vespúcio, servindo o rei de Castela”.<sup>508</sup> Medindo 83 por 86 centímetros, o mapa ilustra a costa leste da América do Norte, as totalidades das Américas Central e do Sul e partes das costas da Europa e da África. Cobre uma área demarcada entre 0° e 115° de longitude, a oeste de Greenwich, e 57° norte e 70° de latitude sul, incluindo a linha do Equador e os Trópicos de Câncer e Capricórnio.<sup>509</sup>

508 Tradução nossa. Em latim conforme consta no mapa: “Quarta her orbis pars geographis omnibus usque in annum 1497 incognita permanis, quo tempore illo Regis Castelle [ab] Americo Vespucio”.

509 HÉBERT, John R. **The 1562 Map of America**. Washington, DC: Library of Congress, 1999. Disponível em: <https://www.loc.gov/rr/hispanic/frontiers/gutierrz.html>. Acesso em: 14 de agosto de 2021.

Figura 42 – *Americae sive quartae orbis partis nova et exactissima descriptio.*



Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division*. Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock. Antuérpia: 1562. Dimensões: 83 x 86 cm. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc/gmd/g3290.ct000342>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.

De acordo com John R. Hébert (1999), a *América* de Diego Gutiérrez foi o maior mapa espanhol do continente até o século XVIII. Atualmente, existem apenas duas cópias impressas da peça, uma localizada na Biblioteca do Congresso (Washington, DC) e a outra na Biblioteca Britânica (Londres). Contém uma das primeiras referências à Califórnia, e incluiu lugares como Potosí, Cidade do México, Flórida, Peru, Brasil e Patagônia.<sup>510</sup> Na América do Sul, destacam-se a representação serpenteada do Rio Amazonas e uma projeção claramente exagerada do estuário do Rio da Prata. Do Canadá à Terra do Fogo, a carta delimitava o Império Espanhol e anunciava para as nações rivais, suas ambições na *Quarta Parte do Mundo*.

<sup>510</sup> Ibidem.

Diego Gutiérrez, o “autor” da carta, era filho do notável cartógrafo homônimo, Diego Gutiérrez – dono de uma empresa que fabricava mapas e outros artefatos cartográficos em Sevilha, e que prestava serviços para a Casa de Contratação para pilotos e navegadores responsáveis pelas viagens exploratórias ao Novo Mundo. Em 22 de outubro de 1554, Diego Gutiérrez (filho), foi nomeado cosmógrafo oficial da Casa, após a morte de seu pai, em janeiro de 1554 – cargo que ocuparia até 1569. Por sua notável capacidade de fabricar instrumentos náuticos e cartas de marear, Gutiérrez recebia da instituição um salário de aproximadamente 6.000 maravedis.<sup>511</sup> Uma inscrição, localizada na borda superior direita do mapa, reconhece o artífice espanhol como cosmógrafo oficial da Casa, na época do reinado de Filipe II da Espanha.

Para a produção do seu mapa da América, Gutiérrez contou com a participação de Hieronymus Cock, um ilustre pintor e gravador flamengo. Filho de uma tradicional família de pintores, Cock nasceu em Antuérpia, provavelmente no ano de 1510. Em 1545, foi admitido na Guilda de São Lucas, como pintor e mestre. Entre 1546 e 1548, foi estudar em Roma, onde recebeu a influência de artistas e gravadores renomados como Antonio Salamanca e Antonio Lafrery. De volta à cidade de Antuérpia, em 1548, fundou a loja *Aux quatre vents* (Casa dos Quatro Ventos), uma das principais editoras europeias desse período.<sup>512</sup> Vale destacar que, nesse contexto, a Antuérpia havia se tornado o principal centro de produção de gravuras, mapas e livros dos Países Baixos. Era, também, o principal polo comercial da Europa, o entreposto das especiarias orientais trazidas pelos portugueses e, conseqüentemente, um grande centro cultural no continente. A posição geográfica privilegiada e a hegemonia como potência marítima, foram alguns dos fatores que favoreceram o incremento de uma sofisticada cartografia.<sup>513</sup>

As transformações empreendidas pelos mestres flamengos resultaram em novos modelos e deram novos propósitos para se produzir mapas, agora, mais atrativos a um público ávido por novidades. Sobre o movimento de transformação cartográfica no qual os Países Baixos tomaram primazia, Cortesão destaca que: “Multiplicaram-se as alegorias e as cartelas decorativas. E com o objetivo mercantil de fazer dos atlas obras de arte, aplicou-se o estilo de vida flamengo, principalmente pelo que respeita ao tipo de vivenda, à representação dos mais variados povos em todo o mundo”.<sup>514</sup> A tradição holandesa

---

511 Ibidem.

512 Ibidem.

513 CORTESÃO, op. cit., 96.

514 Ibidem, p. 100-101.

implementada por Cock na carta, pode ser facilmente percebida pela vasta ornamentação que compõe o relevo do gravado, que apresenta uma América rodeada de embarcações de guerra e repleta de alegorias de deuses, anjos, monstros, sereias e outras figuras mitológicas. No interior do continente, principalmente na América do Sul, localizam-se, ainda, diversas figuras de animais, montanhas, rios e povoados. Por sua vez, a Região do Brasil, assim denominada, destaca-se pela forte presença do canibalismo. A Região dos Gigantes, assunto que retomaremos adiante, se sobressai pelas novidades de estilo e forma imprimidos pelo artista, dando um tom totalmente diferenciado, em relação às demais imagens analisadas ao longo deste capítulo.

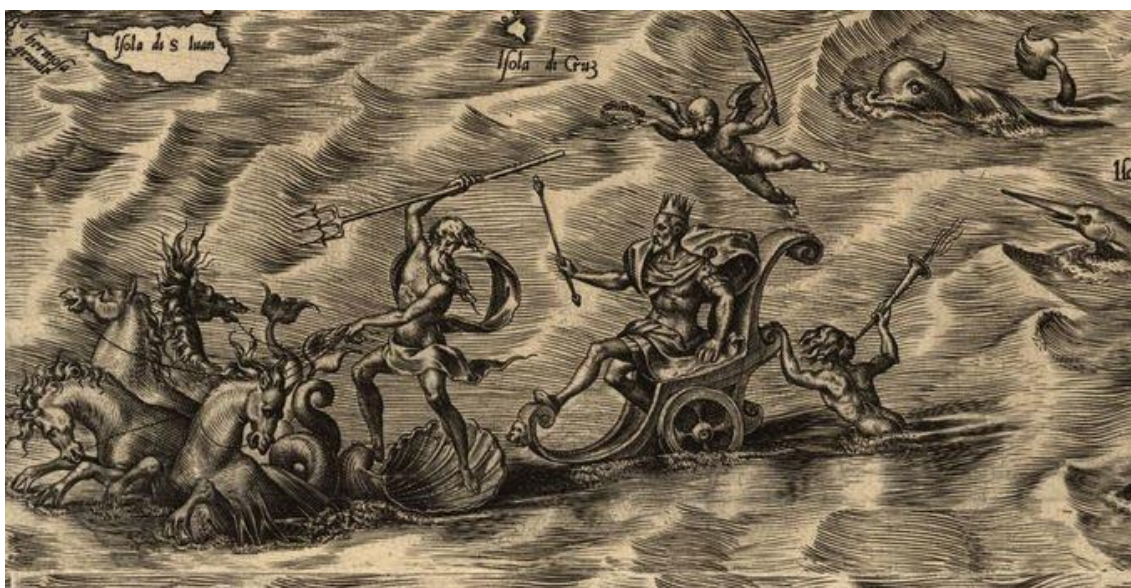
As mudanças historiográficas das últimas décadas, bem como da noção de documento, felizmente, permitem-nos ultrapassar a ideia de que esses mapas não possam ser vistos como fontes indispensáveis na compreensão do processo histórico. As imagens desses impressos, embora tenham sido inseridas como figuras ornamentais, carregam consigo toda uma carga simbólica, que revelam muito das motivações e dos interesses que permearam sua produção, nos séculos XVI e XVII. Conforme demonstraremos, essas alegorias estão intrinsicamente interligadas, de modo que não podem ser descartadas para uma leitura “completa” das fontes cartográficas.

Assim, durante a análise do mito dos gigantes no mapa de 1562, duas outras alegorias despertaram nossa atenção pela riqueza semântica e iconográfica. A primeira, localizada no Atlântico Norte, nos arredores das Bermudas, mostra o deus Poseidon empunhando o tridente, enquanto conduz uma carruagem de conchas puxada por quatro hipocampos – seres da mitologia grega semelhantes a cavalos-marinhos. Emblematicamente, atrás do deus dos mares, está a figura de um rei imponente devidamente trajado – com uma coroa sobre a cabeça, a indumentária real e um grande cetro na mão direita. Acima desse rei, encontra-se um anjo cristão, que o sobrevoa durante a travessia do Atlântico. É difícil imaginar que essa última cena não seja uma clara alusão ao rei Felipe II da Espanha, representado na imagem como um grande senhor e mestre dos oceanos e mares (Figura 43).

A respeito das pretensões políticas do mapa, é importante destacar que, provavelmente, ele tenha sido produzido em caráter oficial para o governo da Espanha, a pedido de Antoine Perrenot de Granvelle – negociador do famoso Tratado de Cateau Cambresis, firmado em 1559, e que encerrava quase trinta anos de guerra na Europa Ocidental. Esse tratado refletiu diretamente na produção da carta de Gutiérrez, uma vez que firmava um acordo entre Espanha e França pelo casamento de Isabel de Valois, filha

de Henrique II, rei da França, com Filipe II, no ano de 1559. No topo da carta, posicionados no centro da América do Norte, a reunião dos brasões da Espanha e da França, reforçam a legitimidade do pacto.<sup>515</sup> Ainda sobre as ambições territoriais dos espanhóis na América, Hébert observa que: “Através do mapa, a Espanha proclamou para as nações da Europa Ocidental seu território americano, delineando claramente sua esfera de controle, não em graus, mas com o surgimento de uma linha muito ampla para o Trópico de Câncer, claramente desenhada no mapa”.<sup>516</sup>

**Figura 43** – Nessa alegoria do mapa de Diego Gutiérrez, vemos o rei Felipe II da Espanha representado como o “senhor dos oceanos”.



Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division*. Fragmento do mapa de Diego Gutiérrez. A imagem reforça o tom das disputas territoriais entre as grandes potências do século XVI. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g3290.ct000342>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.

A segunda alegoria desenhada por Cock está estrategicamente posicionada no extremo Atlântico Sul, curiosamente ao lado do Estreito de Magalhães. Ilustra um homem sentado sobre um terrível monstro dos oceanos, enquanto segura o brasão de Portugal. Contrariando as características apresentadas na figura anterior, o indivíduo dessa segunda imagem está com o corpo totalmente desnudo, possui longas barbas e tem a “aparência” de um gigante (Figura 44). A representação de Portugal, como um voraz gigante dos mares, não é de modo algum desprovida de sentido, pois reflete muito bem o contexto histórico da segunda metade do século XVI, ou seja, das disputas entre as grandes

515 HÉBERT, op. cit.

516 Tradução nossa. Em inglês: “Through the map, Spain proclaimed to the nations of Western Europe its American territory, clearly outlining its sphere of control, not by degrees, but with the appearance of a very broad line for the Tropic of Cancer clearly drawn on the map”. (HÉBERT, 1999).

potências coloniais no Novo Mundo. Como já tivemos a oportunidade de elucidar ao longo deste estudo, o gigantismo denota toda uma gama de significados negativos: primitivismo, selvageria, crueldade, nudez, voracidade, ambição e ganância.

**Figura 44** – Nessa representação alegórica, Portugal é um gigante que reivindica a soberania marítima sobre o extremo Atlântico Sul.



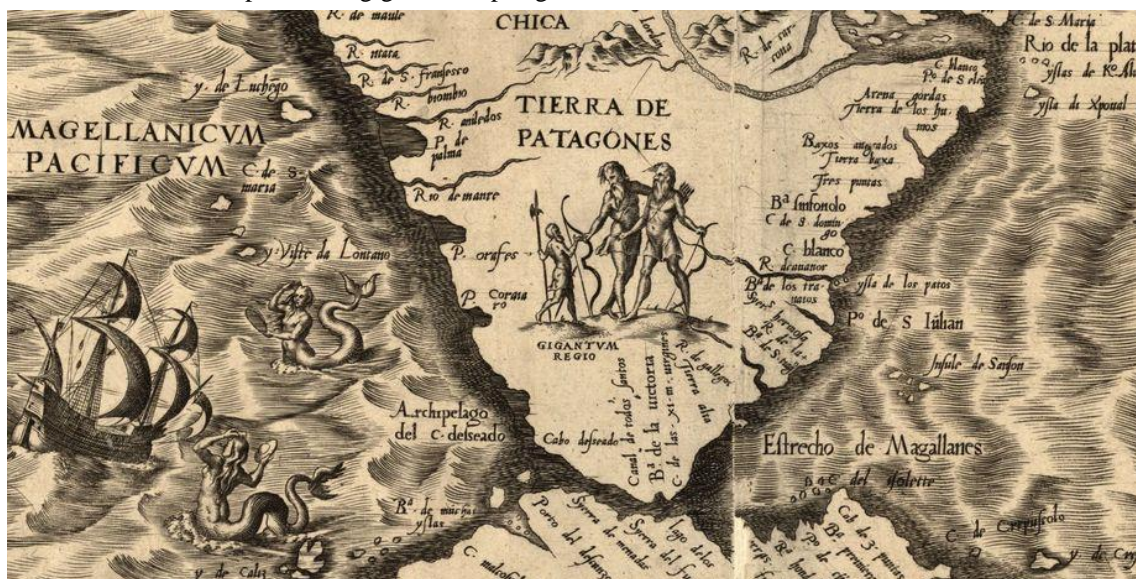
Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division*. Fragmento do mapa de Diego Gutiérrez. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g3290.ct000342>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.

No mapa de Gutiérrez, um soldado devidamente trajado, localizado no extremo sul do continente, confirma a presença espanhola na lendária Região dos Gigantes, ao estabelecer contato com dois patagões claramente de porte gigantesco. Na imagem, vemos que os indígenas foram desenhados com longas barbas e o corpo parcamente vestido, já que tangas de pano cobrem apenas a partir da altura da cintura (Figura 45). Suas armas rudimentares – o arco e a flecha, contrastam com a sofisticação das armas do europeu – uma lança e uma espada. Acima dos gigantes, encontra-se a inscrição – *Tierra de Patagones* e, abaixo – *Gigantum Regio*. Essa gravura provavelmente está entre as primeiras a representar a estatura dos patagões de acordo com o “padrão” estabelecido por Pigafetta que, ao ver um desses indivíduos, afirmou: “Este homem era tão grande que nossas cabeças chegavam apenas até à sua cintura”.<sup>517</sup>

<sup>517</sup> PIGAFETTA, op. cit., p. 58-59.



**Figura 45** – *Gigantum Regio*. Nesse fragmento do mapa da América de Diego Gutiérrez, vemos o encontro entre um soldado europeu e dois gigantes patagões.



Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division*. Fragmento do mapa de Diego Gutiérrez. A Representação da *Gigantum Regio* ou *Tierra de Patagones* foi recorrente na cartografia moderna. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g3290.ct000342>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.

### 3.6. A *Regio Gigantum* a partir do final do século XVI

Na passagem do século XVI para o XVII, a *Regio Gigantum*, vivera o seu apogeu nas representações cartográficas. Esse processo ocorrera ao mesmo tempo que o Estreito descoberto por Magalhães, situado em uma posição estratégica, despertara a cobiça das principais potências marítimas europeias. Assim, foram diversas as expedições que partiram do velho continente com o objetivo de fincar as bandeiras nacionais nesse mundo ignoto, cercado de perigo reais e também imaginários. Esses mapas quinhentistas e seiscentistas, portadores de grande riqueza iconográfica, ambicionavam não apenas representar o espaço geográfico situado na extremidade sul do continente, por meio de topônimos e os etnônimos, como também as particularidades dos diversos povos que habitavam suas terras. Elemento farto, as inscrições em latim, que acompanham as bordas desses impressos, anunciavam uma terra inóspita e perigosa, habitada por homens desmesurados, selvagens e cruéis. É de se imaginar o impacto que essas gravuras causaram na alteridade europeia, em uma época na qual foram as únicas formas visuais disponíveis sobre o Novo Mundo e os seus primeiros habitantes.

Em uma belíssima carta de autor anônimo, intitulada, *Americae Tabula Nova*,<sup>518</sup> datada de 1600, um texto em latim inserido sobre a porção territorial da mítica *Terra Australis*, anuncia ao espectador europeu as características das terras do Estreito, do clima, além do perfil dos seus habitantes. A inscrição também faz referências à Terra do Fogo e à campanha do corsário e almirante inglês, Thomas Cavendish, que esteve nessa região nas últimas décadas do século XVI. O texto descreve grupos humanos de diferentes particularidades, estabelecendo um paralelo entre a natureza perigosa e inóspita do local – gélida e ventosa, e as qualidades dos seus moradores –, homens maus, de grande estatura e que se alimentavam de carne crua e podre:

Os habitantes do Estreito de Magalhães são de grande estatura ao norte, certamente exígua ao sul, aqueles (do Norte) bravos (magnânimos), estes (do Sul) homens maus e perniciosos apenas ao aspecto, alimentam-se de carne crua, fétida e podre. Os campos amenos de ambos os lados, os rios que deságuam no Estreito de água mais graciosa, as selvas de madeira perfumada, e é grande a abundância de animais, com cujas peles os homens se vestem. Thomas Caundish (Cavendish) entrando no Estreito no meio do verão ainda que com grande frio experimentou ventos contrários, e o navegou não sem grande perigo. A Terra do Fogo, assim chamada por Magalhães, [quod] onde atravessava o Estreito não viu nunca nenhum mortal, mas em particular do lado esquerdo viu à noite uma multidão imensa de fogos.<sup>519</sup>

Em *Americae Tabula Nova*, a Terra dos Gigantes encontra-se nomeada pelos seguintes etnônimos: *Patagonum Regio* e *Chica Regio*. Ao lado das inscrições, vemos a figura de um patagão gigantesco que está sentando sobre uma grande pedra enquanto coloca uma flecha na própria garganta. O íncola é assistido atentamente por um soldado europeu, que está em pé segurando uma lança com a mão direita (fig. 46). Acima dos indivíduos, uma inscrição em latim adverte que essa região é habitada por homens altíssimos, que têm o costume de inserir uma seta na boca descendo-a até a profundidade do estômago, de acordo com diversos testemunhos, reforça o texto. Tal prática, que chamou a atenção dos cartógrafos quinhentistas e seiscentistas, conforme indica sua

518 Essa carta datada de 1600 mede 146 por 105 cm e atualmente encontra-se disponível para consulta no acervo digital da Biblioteca Nacional da França. Em um conjunto composto por oito folhas, a peça, em sua totalidade, apresenta as principais regiões do Novo Mundo.

519 Tradução de Bruno Oliveira Maroneze. No original em latim: “Magellanicí Freti accolæ á Septentrione proceræ, á Meridie vero exiguæ magnitudinis sunt, illi magnanimes, hi mali perniciosique specie solummodo homines, vescuntur carne cruda, putida et putrida. Campi utrinque ameni, fluvij elegantioris aquæ in Fretum irrumpentes, sylvæ ligni odoriferi, magnaue copia animalium est, quorum pellibus homines vestiuntur Thomas Caundish fretum ingrediens immensum frigus etiam media æstate, adversis ventis expertus est, idque non sine magno periculo navigavit. Tiera del Fogo ita a Magellano dicta, quod ubi fretum lustrabat nullos unquam mortales conspexerit, sed a sinistro maximé latere ignium multitudinem viderit noctu maximam” (MAPA ANÔNIMO, 1600, BNF).

presença frequente em diversos mapas, foi descrita primeiramente por Pigafetta, quando fez estadia no Estreito durante a expedição comandada por Magalhães e anotou o costume dos ameríncolas em seu diário de bordo:

Mesmo sendo selvagens, esses índios desenvolveram uma espécie de medicina. Quando estão doentes do estômago, por exemplo, em vez de tomarem um purgante, como nós, eles introduzem uma flecha na boca, o mais que podem, para provocar o vômito, expelindo uma matéria verde mesclada com sangue. A cor verde provém de um tipo de caldo de que se alimentam.<sup>520</sup>

Simbolicamente, o ato patagão de meter a seta na própria garganta, representa a selvageria e o primitivismo dos índios fueguinos, elementos que contracenam com a civilidade do observador europeu, que se encontra perplexo diante do gesto. A representação visual dessa cena, apresenta outros componentes iconográficos que, por sua vez, comportam uma gama de significados emblemáticos: nota-se que, o patagão, não apenas possui maior estatura que o estrangeiro, mas tem o corpo demasiadamente robusto, evocando o pecado da glotonaria, característica própria dos gigantes. Além disso, o indígena tem o corpo totalmente coberto de pelos, denotando uma associação entre o fenômeno do gigantismo e o mito do homem selvagem – peludo, bárbaro, desmesurado, comedor de carne crua e habitante das áreas inóspitas e remotas.

Do findar do século XVI, até o final da primeira metade do XVII, os mapas dos cartógrafos europeus se comportavam como uma verdadeira vitrine, onde todas as “espécies” humanas do *Orbe Terrarum* podiam ser contempladas e admiradas. Esses indivíduos eram exibidos como espécimes exóticas, sendo estereotipados a partir de suas anomalias físicas ou morais. No topo de *Americae Tabula Nova*, podemos ver a representação dos diferentes povos que, segundo o imaginário europeu, deveriam habitar os espaços remotos do Novo Mundo. A lista das “nações” excêntricas e monstruosas era extensa, e incluía, além de índios selvagens e canibais, indivíduos acéfalos e os gigantes habitantes do Estreito de Magalhães (Figura 47).

Uma grande novidade que encontramos na representação de *Americae Tabula Nova* é a ilustre presença do topônimo Montanhas de Gigantes, situada entre rios, lagos, serras e baías. Esse detalhe é extremamente relevante, pois, não apenas demonstra a incorporação do mito à toponímia, como também sua contribuição na definição do espaço geográfico do extremo sul do continente americano. É interessante como as diversas lendas de gigantes, difundidas em contextos espaciais e cronológicos distintos,

---

520 PIGAFETTA, op. cit., p. 63.

estabelecem uma relação direta com a geografia dos lugares onde são originadas. Esse fenômeno foi observado por Bakhtin (1987), ao analisar o corpo gigantesco e burlesco na Idade Média e as fontes utilizadas por Rabelais. Como bem ressaltou, até hoje, existem na França diversas rochas, pedras e monumentos que trazem o nome de Gargantua e das diferentes partes do seu corpo. Em todos os casos, o gigantismo remete aos elementos da natureza e à sua desmesura – os rios, os firmamentos, as rochas, as montanhas, e outros. Nesse sentido, segundo o que ainda enfatiza Bakhtin, “a lenda encontra sempre um ponto de apoio concreto no relevo regional, encontra na natureza o corpo desmembrado do gigante, espalhado ou amassado”.<sup>521</sup>

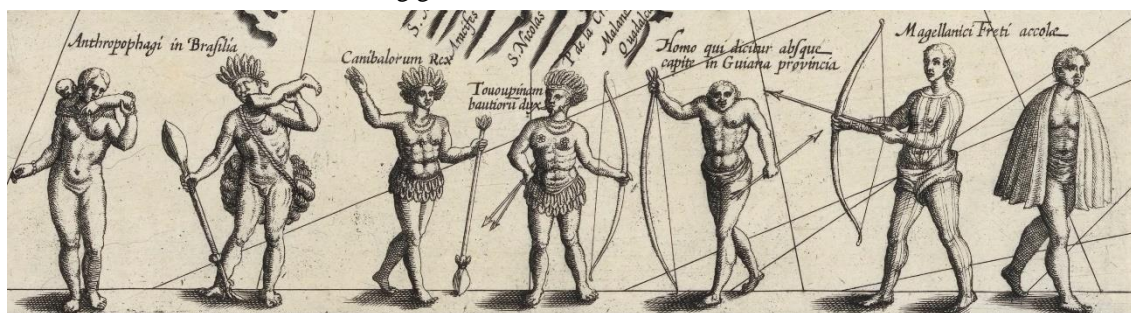
**Figura 46** – Nesse mapa, intitulado *Americae Tabula Nova*, o patagão insere uma seta na garganta diante de um soldado europeu.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. A presença do topônimo, “Montanha de Gigantes”, indica a influência do mito na geografia desse território. Publicado em 1600. Dimensões: 146 x 105 cm. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200207z/f7.item.zoom>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

521 BAKTIN, op. cit., 1987, p. 299-300.

**Figura 47** – Entre os diversos povos da América, segundo o imaginário dos cartógrafos europeus, encontravam-se canibais, acéfalos e gigantes.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Fragmento retirado de *Americae Tabula Nova*. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200207z/f7.item.zoom>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

O topônimo Montanha de Gigantes, acompanhado da representação da mítica Terra dos Patagões, surge novamente em um mapa da América Meridional, gravado para compor a *Vierte Schiffart* (Quarta Viagem) – relato da excursão do soldado bávaro Ulrich Schmidel ao Brasil e ao Rio da Prata, no período situado entre 1534 e 1554. Essa obra foi editada inúmeras vezes no final do século XVI e início do XVII, na oficina do famoso gravador e impressor belga, Levinus Hulsius.

Levinus Hulsius, também conhecido como Levin Hulsius, descendente de uma família abastada, nasceu no ano de 1546, na cidade portuária de Gante, no Noroeste da atual Bélgica. Desde muito cedo, ingressou no seminário da universidade de seu país, instituição onde se dedicou amplamente ao estudo das Letras e da Matemática. Nesse mesmo período, tornou-se um grande defensor do protestantismo e da reforma da igreja, mas por ocasião desse último acontecimento, e após um decreto do rei espanhol que determinava o acatamento dos princípios do catolicismo, fixou residência na cidade alemã de Frankfurt Am Main. Em 1590, mudou-se, finalmente, para Nuremberg, cidade onde obteria grande sucesso como editor, impressor, lexicógrafo e fabricante e comerciante de instrumentos matemáticos e de astronomia.<sup>522</sup>

Hulsius publicou diversas obras nos campos da matemática, da astronomia, da história e da geografia. Como lexicógrafo e linguista, publicou ainda enciclopédias e dicionários em diferentes idiomas e reeditou textos famosos da antiguidade sobre a vida dos imperadores romanos.<sup>523</sup> O *Vierte Schiffart*, era a quarta parte de uma coleção de 26 livros de viagens e travessias ao redor do mundo, denominada, originalmente, *Sammlung von 26 Schiffahrter in Verschiedene Fremde Lände*, impressa nas cidades de Nuremberg,

522 BUENO JIMÉNEZ, Alfredo. *Hispanoamérica en el imaginario gráfico de los europeos*. Granada: Editorial de la Universidad de Granada, 2014, p. 56.

523 Ibidem, p. 57-58.

Frankfurt Am Main e Hanover, entre os anos de 1598 e 1660.<sup>524</sup> O livro sétimo, o *Sechster Theil*, impresso em Nuremberg, no ano de 1603 e reeditado em Frankfurt Am Main, entre 1618 e 1626, divide-se em quatro partes e contém os relatos das viagens de circum-navegação ao redor do mundo realizadas por Fernão de Magalhães/Juan Sebastián Elcano, Francis Drake e Thomas Cavendish.<sup>525</sup> Sobre esse livro, trataremos dele adiante, já que possui um segundo mapa das terras ao redor do Estreito de Magalhães, bem como a representação dos seus habitantes.

O primeiro mapa gravado por Hulsius e que analisaremos neste estudo, acompanha a segunda edição da *Vierte Schiffart*, publicada em Nuremberg no ano de 1602, e hoje faz parte da coleção da Divisão de Geografia e Mapas da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Denominado, *Nova e exacta delineando Americae partis avstralis*, apresenta as regiões onde se localizam o Brasil, o Caribe, a Guiana, Castilia del Oro, Antilhas, Peru, Chile, Rio da Prata, Patagônia e Estreito de Magalhães, conforme o complemento do título gravado no topo da carta e escrito em latim.<sup>526</sup> Essa peça, composta de duas folhas que medem em sua totalidade 46 por 32 cm, foi desenhada para dar destaque na representação da América Meridional, embora acrescente, em seu traçado, parte significativa da porção central do continente e um pedaço da mítica *Terra Australis*, no extremo sul do Globo Terrestre.

A grande quantidade de topônimos e etnônimos, presentes por toda a costa da América do Sul, demonstra um avanço significativo do conhecimento geográfico em relação aos mapas anteriores. No entanto, o interior do continente ainda se encontra parcamente representado, problema solucionado pelo gravador com a inclusão de figuras de animais, rios, montanhas, cidades inexistentes e seres imaginários (as amazonas e os acéfalos). Na folha inferior da referida carta, os topônimos *Patagonum* e *Chica Regio*, comumente utilizados para identificar a “Patagônia”, são acompanhados por um desenho muito semelhante àquele encontrado no mapa datado de 1600: um imenso patagão, parcamente vestido e sentado sobre uma pedra, engole uma seta diante de um soldado europeu (Figura 48). No canto inferior direito do impresso, o texto em latim reforça essa prática e a estatura dos patagões: “Na região de Chica, na direção da costa de San Julián a Magalhães (no ano de 1520, quando atravessou este Estreito) apareceram homens de

---

524 Ibidem, p. 59.

525 Ibidem, p. 61.

526 HULSIUS, Levinus. **Nova e exacta delineando Americae partis avstralis**. Nuremberg: Leüinüm Hülsium, 1602. Library of Congress Geography and Map Division, Washington, D.C. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g5200.rb000009>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

grandíssima estatura, de 10 pés de comprimento”.<sup>527</sup> A Sudoeste do impresso, a inscrição *Montaña de Gigantes*, está situada entre a *Baia de Nuestra Signora de Boala* e a *Sierra Nevada Coronadas*.

Figura 48 – A representação da “Patagônia” em um mapa parcial da América do Sul.



Fonte: *Library of Congress Geography and Map Division*, Washington, D.C. Levinus Hulsius. Nuremberg: 1602. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g5200.rb000009>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

Eissmann (2006) destaca que as referências a essa emblemática *Montanha de Gigantes*, encontradas tanto na carta de autor anônimo (1600), quanto no mapa de Hulsius (1602), surgem ainda com frequência em diversas outras representações cartográficas da zona patagônica de Chiloé continental. Esses mapas estão situados, cronologicamente, no período que vai do final do século XVI até o fim do século XVIII.<sup>528</sup> Na carta *Delineatio Omnium partium tatus australis*, de 1596, do explorador e mercador holandês Jan van Huygen van Lynschoten, encontra-se denominada como *Montaña de Gigantes*. No mapa da América, datada de 1606, o cartógrafo e gravador flamengo Jodocus Hondius, registra o termo *Mont di Gigantes*, situando-o a noroeste da Ilha de S. Tiago (Ilha Grande de Chiloé). Em *Americae Nova Descriptio* (1652), o gravador flamengo Pieter van den Keere, localiza o *Mont di Gigantes*, a noroeste da Ilha de S. Tiago. Por fim, no mapa do

527 Tradução de Bruno Oliveira Maroneze. No original em latim: “In Chica regione, ad littora S. Juliani, Magellano (an. 1520. quando Fretum hoc perlustravit) homines apparuere proceræ magnitudinis, 10. pedes longi”. (HULSIUS, 1602).

528 EISSMANN, Rafael Videla. *Crónica de la Montaña de Melimoyu*. Santiago: (Online), 2006. Disponível em: <http://www.alertaaustral.cl/>. Acesso em: 08 de julho de 2020.

matemático e cartógrafo italiano, Giovanni Marie Cassini, denominado, *Il Cili con le contrade vicine ed il paese del Patagoni* (1798), aparece o topônimo *el Vulcano de los Gigantes*, situado a sudoeste da ilha *Madre de Dios* (Ilha Grande de Chiloé), em frente ao arquipélago de Toledo.<sup>529</sup>

Todavia, a origem desse topônimo é, provavelmente, o mapa da América Meridional intitulado, *Brasilia et Peruvia*, publicado pela primeira vez em Antuérpia, no ano de 1593, pelo cartógrafo, editor e gravador belga, Cornelis de Jode. Cornelis nasceu na cidade de Antuérpia, e era filho do também cartógrafo Gerard de Jode. Esse cartógrafo estudou ciências na Universidade de Douai, na França, retornando mais tarde à Antuérpia para ingressar na Guilda de São Lucas, famoso estabelecimento de pintores e gravadores da Europa Moderna. Seu pai morreu em 1591, deixando um atlas incompleto, que seria complementado e publicado por Cornelis, em 1593, com o título de *Speculum Orbis Terrae*, da qual fazia parte o referido mapa da América do Sul, *Brasilia et Peruvia*.<sup>530</sup>

Uma reedição desse mapa, datada de 1680, encontra-se disponível para consulta no acervo online da Biblioteca Nacional da França, onde podemos ver a manutenção dos topônimos e a iconografia do mapa original. A famosa montanha, aparece registrada como *Montanna de gigantes*, situada em frente ao Arquipélago de Chiloé. Ao Norte da inscrição, situa-se ainda o *R. de Gigantes* e, ao Sul, com uma grafia diferente, o *R. de Gigãte*. Para não deixar dúvidas do que se trata, um texto inserido em latim no relevo da carta adverte: “Aqui habitam os gigantes patagões”.<sup>531</sup> Abaixo do anúncio, e ao lado dos topônimos, dois ameríngos de elevada estatura, com os corpos praticamente desnudos, seguram o arco e o tacaço (Figura 49).

Para Eissmann, é possível que essa *Montanha dos Gigantes* seja, de fato, o monte vulcânico de Melimoyu, no Chile, uma vez que a área geográfica apontada nesses mapas, coincide exatamente com a sua localização – o limite continental de Chiloé, estabelecido em frente da Ilha Grande. Sobre essa cadeia vulcânica – Melimoyu –, paira, uma série de narrativas fantasiosas, as quais associam sua natureza inóspita, desmesurada, gélida e rochosa, a determinadas lendas e superstições.<sup>532</sup> É importante ressaltar, que a partir do final do século XIX, precisamente após o topônimo encontrado no mapa de Giovanni

---

529 Ibidem.

530 GUEDES, op. cit., p. 82.

531 Tradução nossa. No original: "Hie habitāt gigantes patagones" (BNF, 1680).

532 EISSMANN, op. cit.



Marie Cassini, em 1798, parece não haver mais registros cartográficos ou textuais que associem essa emblemática montanha e seu vulcão à “morada” dos gigantes patagões.

**Figura 49** – Nesse fragmento do mapa intitulado *Brasilia et Peruvia*, vemos a incorporação da lenda dos gigantes patagões ao nome de rios e montanhas.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Reedição do mapa de Cornelis de Jode. 1680. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40595768z>. Acesso em: 08 de julho de 2020.

Nas representações cartográficas da Era Moderna, a *Regio Gigantum* aparece como um enorme vazio demográfico, totalmente desprovido de vilarejos e fortificações. A ausência desses elementos, reforça a ideia de uma terra inóspita, habitada por homens e mulheres extremamente selvagens, essencialmente nômades e caçadores-coletores. Em alguns desses mapas, sobretudo os que datam do final do século XVI, vemos que os patagões podiam possuir perfis variados, e habitavam não apenas a tradicional “Patagônia” continental, como parte da mítica *Terra Australis*. É o que apresenta um segundo mapa produzido por Hulsius, intitulado *Deliniatio Freti Magellanici*. Impresso pela primeira vez em Nuremberg, em 1603, foi desenhado especialmente para compor o *Sechster Theil*, e engloba a “Região Patagônica”, compreendida pelo Estreito de Magalhães e a Terra do Fogo. Como mencionado anteriormente, o *Sechster Theil* contemplava os relatos das quatro famosas expedições de circum-navegação ao redor do globo, realizadas por Magalhães/Elcano, Francis Drake, Thomas Cavendish e Olivier Van Noort, em diferentes momentos do século XVI.<sup>533</sup>

533 BUENO JIMÉNEZ, op. cit., 2014, p. 61.

Na representação cartográfica de *Deliniatio Freti Magellanici*, três indígenas gigantescos encontram-se ilustrados ao norte do Estreito: na parte mais alta do mapa, o desenhista repetiu a famosa imagem do patagão engolindo uma seta na presença do soldado europeu. Abaixo da referida cena, e no canto esquerdo do impresso, uma índia patagã, posicionada imponentemente, caminha sobre a terra cobrindo o corpo com uma espécie de manta tecida de algodão. No lado oposto da gigante, localiza-se outro ameríndio, com uma das mãos na cintura e a outra segurando o arco. Ele ostenta barba espessa, longos cabelos, um cocar de penas e uma tanga do mesmo material que cobre parcialmente a sua cintura (Figura 50).

À margem norte da passagem interoceânica, localiza-se ainda uma cidadela rodeada de grandes muros e guarnecida por diversos soldados, que portam indumentárias europeias típicas de combate. Acima da muralha fortificada, uma inscrição indica o ano de fundação, 1582 e o nome do forte em latim, *Philippopolis*, (*Ciudad del Rey Don Felipe* ou *Puerto del Hambre*), fundada pelos espanhóis, na verdade, no ano de 1584, para proteger o Estreito de Magalhães de piratas ingleses e outros navios invasores<sup>534</sup> (Segundo o que apontamos no capítulo anterior, a cidade foi fundada pelo explorador e marinheiro espanhol, Pedro Sarmiento de Gamboa).

Ao sul do Estreito, na Terra do Fogo, uma mãe patagã alimenta o seu filho com um pedaço de carne crua, tal como descreveu Pigafetta ao afirmar: “alimentam-se basicamente de carne crua”.<sup>535</sup> Essa mesma cena, também foi apontada no relato do capitão holandês Sebald de Weert, quando esteve no Estreito, no final do século XVI, e ilustrada na *Oficina de Bry*. Nota-se que a indígena, desenhada em *Deliniatio Freti Magellanici*, possuiu a parte frontal do corpo totalmente despida, uma vez que uma manta fabricada de pele de animais cobre exclusivamente as suas costas. O mesmo ocorre com a figura do patagão que segura uma lança comprida e tem uma das mãos na cintura, posicionado no canto inferior direito do mapa – ele tem, também, um cobertor de pelos sobre as costas e a parte frontal do corpo inteiramente desnudada. No centro inferior da imagem, no meio dos dois ameríndios adultos, está a criança patagã recebendo o alimento da mãe – com semblante alegre e sem qualquer tipo de vestimentas no corpo.

---

534 Aqui há, claramente, um equívoco do autor do mapa, uma vez que o forte foi fundado em 1584, pelo explorador espanhol, Pedro Sarmiento de Gamboa.

535 PIGAFETTA, op. cit., p. 64.

**Figura 50** – Esse mapa representa a “Região Patagônica” e os seus habitantes.



Fonte: *The Internet Archive*. Desenhado por Hulsius para os relatos das viagens realizadas por Fernão de Magalhães/Juan Sebastián Elcano, Francis Drake, Thomas Cavendish e Olivier Van Noort. Nuremberg: 1603. Disponível em: <https://archive.org/details/sechstetheilkurt00huls/page/24/mode/2up>. Acesso em: 15 de julho de 2020.

Em *Deliniatio Freti Magellanici*, chama a atenção, além de uma *Regio Gigantum* bastante ampla, a diversidade de povos representados, que se diferenciam entre si pela aparência, vestimentas, porte físico e o manuseio de variados instrumentos de caça e de combate. Os habitantes da porção continental apresentam características mais próximas dos patagões descritos pelos primeiros viajantes e cronistas quinhentistas: o uso do arco e flecha, a prática de engolir a seta para curar as enfermidades estomacais e os longos seios das patagãs. As características das mulheres do Estreito, assemelham-se às dos relatos de Pigafetta, que havia feito as seguintes observações em seu diário de viagem: “Suas tetas desnudas têm mais de um pé de comprimento (aproximadamente 30 cm).

Andam pintadas e vestidas do mesmo modo que seus maridos, porém cobrem suas partes naturais com uma pele delgada”.<sup>536</sup>

Por outro lado, os indivíduos da *Terra Australis*, aparentam ter traços mais europeizados em relação aos seus vizinhos, como se pode notar pelo estilo do cabelo, a existência de longas barbas (embora esse seja um traço comum aos anteriores), a aparência e a principal arma de guerra – uma lança gigantesca que não tem nada de indígena. Além disso, observa-se, uma diferença significativa na representação corpórea, sendo que os que habitam a margem sul do Estreito, apresentam padrões mais próximos do estilo encontrado na arte renascentista europeia: corpo avantajado, definido e vigoroso. Como demonstra Kalil (2008), o conceito iconográfico hulsiano se deve, em boa medida, tanto em forma, quanto em conteúdo, à forte influência da série *Grands Voyages*, obra iniciada por Theodore de Bry e que teve grande impacto no público de leitores, editores e gravadores do final do século XVI e princípios do XVII.<sup>537</sup>

Na edição impressa na *Oficina de Bry*, em Frankfurt am Main, no ano de 1602, intitulada *Americae Nona & Postrema Pars* – compilado que reunia entre outras obras famosas, os relatos da viagem de circum-navegação ao redor do globo realizada pelo navegador e explorador holandês Olivier Van Noort, vemos as figuras em que Hulsius certamente se baseara para desenhar o seu *Deliniatio Freti Magellanici* e representar os habitantes da “Região Patagônica”.

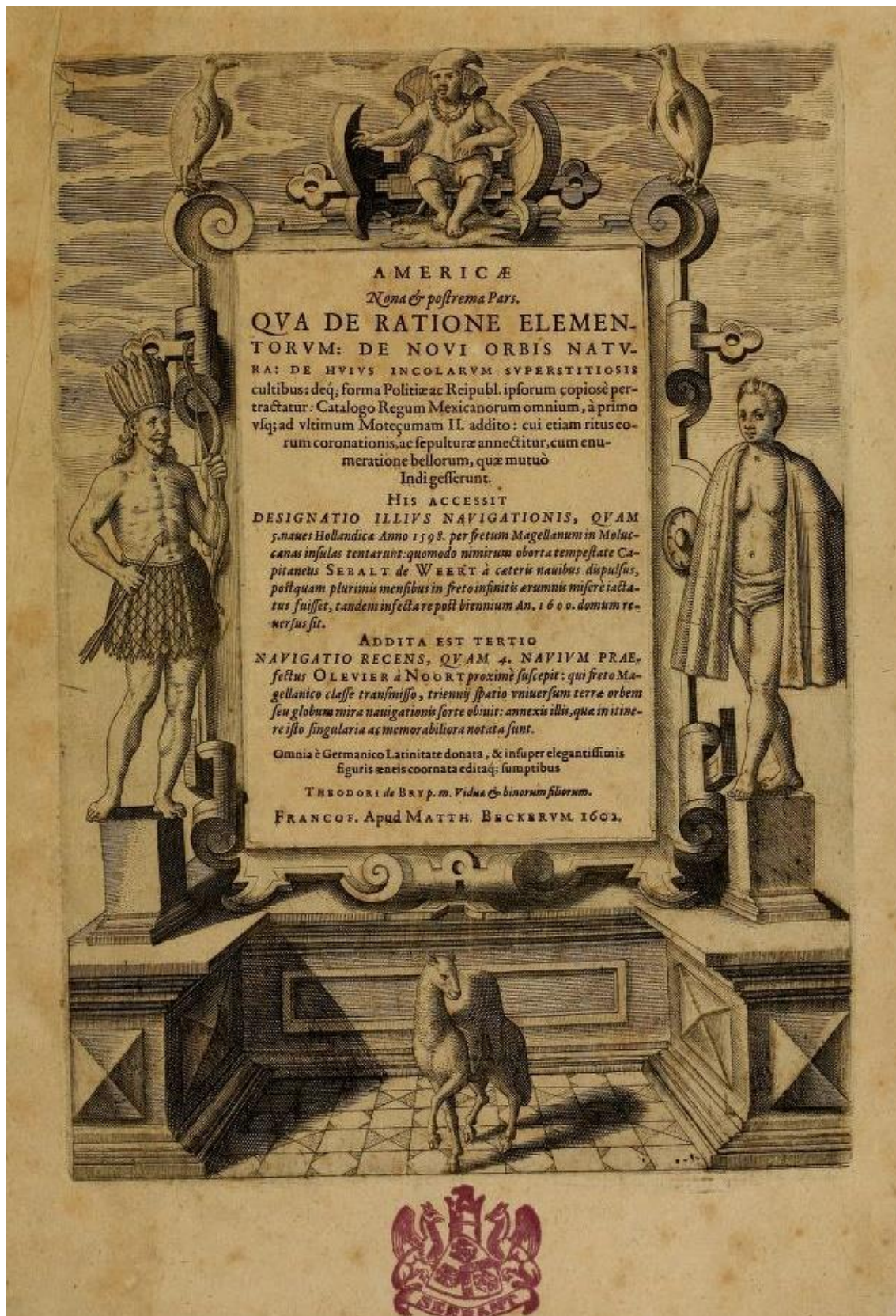
Embora *Americae Nona & Postrema Pars* também contemple a história mexicana, através da *Historia Natural y Moral de las Indias* de José de Acosta, é, todavia, um casal de índios patagões que convida o leitor a folhear as “páginas” insólitas do Novo Mundo. Na área central do frontispício do impresso, um texto em latim anuncia a aventura do capitão holandês Sebald de Weert que, ao partir da Holanda, em 1598, enfrentou tempestades, ventos adversos e nevoeiros durante a travessia do Estreito de Magalhães. Do lado esquerdo da legenda e, em pé sobre um pedestal, encontra-se uma mulher patagã, com o corpo frontal parcialmente desnudo e uma longa manta envolvendo as suas costas. No lado oposto da coluna, um homem fueguino, ostenta arco e flecha, barba postiça, cocar e tanga de penas (Figura 51). Nota-se que as figuras são semelhantes, em todos os aspectos, às ilustrações que estampam o mapa de Hulsius.

---

536 Ibidem, p. 60.

537 KALIL, L.G.A. **A conquista do Prata**: análise da crônica de Ulrich Schmidel. 2008. 191 f., SP. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, SP, p. 138-139.

Figura 51 – Um casal de patagões representados no frontispício de *Americae Nona & Postrema Pars*.



Fonte: *The Internet Archive*. Impresso por Johann Theodor e Johann Israel de Bry. Frankfurt am Main: 1602. Disponível em: <https://archive.org/details/americanapostre00acos/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 16 de julho de 2020.

A representação iconográfica de duas categorias de patagões, tal como aparecem em *Deliniatio Freti Magellanici* (1603) e em outras cartas dos séculos XVI e XVII, não encontra referências precisas nos relatos de viagem ou nas crônicas do período. Nas fontes textuais, as descrições, de cunho mais genérico, concentram-se nos seguintes aspectos: o uso do arco e da flecha, a estatura descomunal, os costumes selvagens e as vestimentas rudimentares. Assim, a diferenciação corporal, parece responder muito mais às convenções renascentistas de forma e estética.

De todo modo, essa foi uma das tendências seguidas pelos cartógrafos flamengos do século XVII, como podemos ver em *America, Quarta Pars Orbis*, mapa impresso em 1669, pelo desenhista, cartógrafo, gravador e editor, Claes Janszoon Visscher. Visscher foi também um grande revendedor de mapas e chapas antigas nos Países Baixos. Suas peças caracterizavam-se pela quase completa ausência de alegorias de heróis, deuses ou monstros em seus interiores, em detrimento do excesso de figuras ornamentais, com grande apelo estético e inseridas em suas extremidades. Havia uma preocupação com a precisão e a cientificidade dos traçados, sem, contudo, abandonar por completo as características artísticas típicas das cartas holandesas (Figura 52).

**Figura 52** – Nesse mapa moderno do cartógrafo, desenhista e gravador holandês, Claes Jansz Visscher, a América é representada como a “Quarta Parte do Mundo”.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Data de edição: 1669. Dimensões: 139 x 94 cm. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200220t/f9.item.zoom>. Acesso em: 29 de junho de 2020.

Na parte que representa a América do Sul, encontra-se uma *Regio Gigantum* isolada, pois os outros grandes mitos que estimularam a imaginação europeia sobre as terras e os povos do Novo Mundo, haviam desaparecido das representações cartográficas. Abaixo do Rio da Prata, o etnônimo *Patagones* é parcialmente ocultado pela presença de dois soldados europeus, conforme indica a indumentária: fardamento militar, espada e lança. Na frente dos forasteiros, estão posicionados três indivíduos de estatura descomunal: o gigante da esquerda cobre parcialmente o corpo com uma tanga de penas e segura um arco com a mão direita. O cocar enfeitado com plumas, a posição levemente inclinada para a direita e o braço estendido segurando o arco, indica que é um senhor e governante dessa região. Com a mão esquerda, o patagão agarra uma seta e abraça uma patagã, concomitantemente. No centro da cena, a gigante tem a parte frontal do corpo completamente desnuda, sendo que uma manta de pele de animais está colocada em suas costas. Com a cabeça levemente inclinada para a esquerda, ela observa outro gigante que segura uma lança e se veste parcialmente. O texto em latim, inserido abaixo dos ameríngos, adverte que os habitantes dessa região eram bárbaros e podiam medir até 9 pés de estatura (cerca de 2,70 metros) (Figura 53).

Na borda inferior da peça estão ilustradas algumas das principais cidades da América colonial: Havana, Potosí, Cuzco, Rio de Janeiro, entre outras. Nas laterais, encontram-se representados os diversos habitantes do continente: os indígenas da Flórida, da Virgínia, do México, do Brasil e do Peru. Para completar a galeria dos povos americanos, dois quadros foram inseridos no flanco direito do mapa: o primeiro, ilustra o famoso patagão do saio e do cocar de penas, acompanhado de uma mulher de longos seios, tanga de pano e manta de algodão. Abaixo dos indivíduos está o título – *Icones Patagonum, ad Fretum Magall.* O segundo quadro ilustra um casal de gigantes com duas crianças, onde todos apresentam maior nudez em seus corpos que os anteriores. Por sua vez, os gigantinhos se alimentam de carne crua (Figura 54).

Acompanhando a característica cada vez mais ornamental, a geografia do fantástico, que insere o insólito nas fronteiras do mundo “conhecido”, vai desaparecendo por completo dos mapas e das cartas ao fim do século XVII e início do XVIII e, assim, a Região dos Gigantes, o último reduto de seres fabulosos na América, finalmente desaparece das representações cartográficas. O esvanecimento do mito, coincide com o aprimoramento das técnicas de representação do espaço e com o melhor conhecimento da geografia do extremo sul da América.

**Figura 53** – A representação da “Região dos Gigantes” e dos índios patagões nesse fragmento do mapa da América de Claes Jansz Visscher.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Vemos na representação que o mito dos patagões se mantivera vivo no imaginário dos cartógrafos europeus ainda na segunda metade do século XVII. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200220t/f9.item.zoom>. Acesso em: 29 de junho de 2020.

**Figura 54** – Os mapas e cartas geográficas datados do final do século XVI e da segunda metade do XVII, representavam patagões de diferentes perfis e características.



Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*. Fragmento retirado do mapa da América de Claes Jansz Visscher, publicado no ano de 1669. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200220t/f9.item.zoom>. Acesso em: 29 de junho de 2020.



Segundo o que analisamos no presente capítulo, ao contrário de outros grandes temas clássicos que foram transportados para a América pelo imaginário europeu, a *Regio Gigantum*, por sua vez, tem um espaço muito bem definido e pré-estabelecido nos mapas europeus. Provavelmente, isso ocorrera porque, ao contrário de outros mitos difundidos exclusivamente pelas fontes textuais este, contou com grande colaboração das mentes mais brilhantes da Era de Ouro da cartografia europeia – demasiadamente, corporativista e inflexível às mudanças mais bruscas das linhas, das fronteiras e dos traçados. Além disso, como demonstramos, a difusão desses mitos, em muitos casos, atendia a critérios políticos e ideológicos, que visavam à manutenção da exploração e dominação estrangeira sobre grupos étnicos específicos.

Mais do que qualquer outra região do Novo Mundo, a Patagônia foi o terreno mais propício para a propagação dos diferentes estereótipos relacionados ao gigantismo dos povos americanos. Nessa terra “estéril” e de “nenhum proveito”, entrecortada, gélida, ventosa e perigosa, conforme narram diversos cronistas quinhentistas e seiscentistas e, como também apresentam os textos inseridos nas cartas náuticas, o imaginário pode estabelecer uma simetria perfeita, entre o corpo gigantesco – monstruoso e áspero, e a natureza física americana, no caso patagônica –, inóspita, selvagem, montanhosa e desmesurada, como concebida pelo olhar europeu do referido período. Nesses recantos do continente foram muitos os dons quixotes que propagandearam o encontro com homens selvagens, cruéis e quase tão gigantescos quanto moinhos de vento!

Dito isso, vale ressaltar que esse mito não foi, de modo algum, alheio ao contexto histórico da colonização, dominação e exploração europeia na América: assim sendo, por um lado, refletiu o imaginário acerca da índole dos povos americanos, representados como sendo bárbaros, monstruosos, selvagens e inferiores; por outro lado, esteve diretamente entrelaçado ao expansionismo territorial e marítimo europeu, uma vez que, a partir da expedição comandada por Fernão de Magalhães e da descoberta do Estreito pelos exploradores, a serviço da Espanha, em 1520, essa região ignota, por sua posição estratégica, se tornara alvo das constantes disputas coloniais entre as principais potências imperiais dos séculos XVI e XVII.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta foi analisar os diferentes mitos de gigantes e a natureza do corpo gigantesco, no imaginário colonial vigente no Novo Mundo nos séculos XVI e XVII. Para tal, valemo-nos da abordagem tanto da denominada Literatura de Viagem, quanto da iconografia produzida no referido período. Os mapas históricos, analisados no último capítulo da tese, foram compreendidos enquanto fontes visuais, uma vez que contêm representações sobre povos reais e imaginários que habitavam ou deveriam habitar as diversas regiões da América. A confrontação entre o texto e a imagem foi imprescindível para elucidarmos o tema do gigantismo e sua associação aos indígenas americanos, já que, muitas vezes, ambos possuem discrepâncias relevantes para o entendimento das circunstâncias que levaram à sua produção e divulgação.

As áreas de colonização espanhola foram extremamente férteis para a difusão dos mitos ligados ao gigantismo. Nos Andes Centrais, as lendas de gigantes faziam parte da tradição oral dos povos quéchuas, que relatavam a existência de indivíduos desmesurados e cruéis que teriam navegado o Pacífico para habitar o Cabo de Santa Helena (no atual Equador), em tempos remotos. Devemos as fontes para o estudo dessas narrativas, principalmente, à transcrição da oralidade indígena pelos cronistas que descreveram os acontecimentos da colonização no antigo Vice-Reino do Peru. Autores como Agustín de Zárate, Pedro Cieza de León, Inca Garcilaso de la Vega, Pedro Simón e Gutiérrez de Santa Clara, foram os responsáveis por anotar as narrativas quéchuas, adaptando-as e transformando-as em fábulas moralistas.

Um exemplo da resignificação dos mitos indígenas ocorreu na associação do gigantismo à *Gigantomaquia* e à sodomia, dois temas que são próprios do pensamento clássico/renascentista e da tradição judaico/cristã, respectivamente. Na transcrição dos relatos indígenas, os cronistas fizeram adaptações significativas, inserindo personagens como Deus, o Diabo e o Arcanjo Miguel. No caso das gravuras do castigo dos gigantes sodomitas, desenhadas para as edições de *Crónica del Peru*, de Cieza de León, notamos, claramente, a transformação de um tema clássico (*Gigantomaquia*), em uma temática essencialmente cristã e moralista (sodomia). Entendemos que, no caso das narrativas do contexto andino, também os indígenas se valeram de ingredientes do imaginário ocidental, ao fazer uso do sobrenatural cristão na tentativa de adaptar-se diante dos enfrentamentos resultantes da dominação espanhola nos Andes.

Na Mesoamérica, no contexto histórico e geográfico onde, atualmente, se localiza o México, as lendas de gigantes faziam parte do imaginário e da cosmogonia dos povos nahuas. De acordo com a tradição oral e os antigos códices mexicanos, criaturas humanoides, desmesuradas e de grande força física, denominados *Quinametzin*, teriam habitado o Vale do México nas eras primordiais do mundo. Após a Conquista do México, em 1521, essas narrativas foram transcritas, em larga escala, pelos cronistas espanhóis, sobretudo por padres franciscanos e dominicanos que chegaram à Nova Espanha para atuar na catequese e nos diversos colégios coloniais.

Assim como nos Andes Centrais, indígenas e colonizadores fomentaram um pensamento mestiço. Os primeiros, na tentativa de responder à desestruturação social gerada pela conquista, absorveram elementos do imaginário cristão – crenças, divindades e imagens. Por sua vez, os segundos, procuravam inserir os mitos mexicanos no contexto dos acontecimentos apontados nas *Sagradas Escrituras*. Dessa forma, para sacerdotes como Andrés de Olmos, Toribio de Benavente Motolín, Juan de Torquemada, Benavente Motolín e Diego Durán, os *Quinametzin* eram os mesmos gigantes descritos na Bíblia, em passagens do Antigo Testamento, no período anterior e posterior ao dilúvio. Para os nahuas, o gigantismo evocava uma era primordial, em que os primeiros homens foram criados pelos deuses e pereceram após a ocorrência de um grande cataclismo. Os religiosos hispânicos, não tardaram em associar a temporalidade indígena ao tempo cristão, e os gigantes mesoamericanos, aos indivíduos colossais e pecadores que teriam habitado o mundo nos momentos iniciais da criação.

Além dos mitos provenientes do período pré-hispânico, redefinidos no contexto colonial espanhol quinhentista e seiscentista, os diferentes estereótipos relacionados ao gigantismo, enraizados na tradição clássica e medieval, povoaram fartamente o imaginário da literatura de viagem e da iconografia dos séculos XVI e XVII. Segundo o que constatamos na presente tese, a noção de gigantismo era utilizada pelo imaginário europeu para classificar diferentes grupos étnico-linguísticos em civilizados, bárbaros e selvagens. Assim sendo, esse clichê comportava uma gama de significados pejorativos, uma vez que era lançado sobre indígenas não catequizados, que falavam uma língua incompreensível para os colonizadores e que, acima de tudo, faziam forte oposição à dominação e exploração estrangeira em seus territórios. Práticas como o nomadismo, o canibalismo e a sodomia (homossexualidade) reforçavam o gigantismo e, consequentemente, os atributos negativos dos índolas.

Na vasta região que compreende o Rio Paraná/Rio da Prata e seus afluentes, os cronistas espanhóis, na sua maioria envolvidos diretamente com a empresa colonial no Novo Mundo, atribuíram o gigantismo e suas múltiplas conotações pejorativas, a diversos grupos humanos considerados marginais. A rigor, esse chavão era utilizado sobre povos não aldeados, cujas tentativas de controle pela Coroa Espanhola resultaram em constantes fracassos – como no caso específico dos agaces, que habitavam a então província do Rio da Prata e do Paraguai. Enquanto os guaranis aldeados foram apresentados como semelhantes física e culturalmente aos espanhóis, seja pela “conversão” ao cristianismo ou pela língua “acessível”, os próprios agaces, os chaná-timbúes, os gandules, os chiriguanos e outras etnias “marginais” foram relatadas como sendo constituídas de bárbaros, sanguinários e “gigantes” ou “quase gigantes”.

Na América Portuguesa, conforme demonstramos, os aimorés (atuais Krenak) foram uma das etnias mais estereotipadas com as características decorrentes do gigantismo. Cronistas como o padre José de Anchieta, o dono de engenho Gabriel Soares de Sousa e o escritor Pero de Magalhães Gândavo, estigmatizaram esses indígenas que habitavam o sul da Bahia e o norte do Espírito Santo, nos séculos XVI e XVII, como uma genuína nação de gigantes. Assim como nos casos anteriores, as descrições desses indivíduos como gigantes ou quase gigantes, correspondiam aos embates próprios da colonização lusa nesses territórios. Paralelamente à associação ao barbarismo, à brutalidade e à desmesura dos índios, os portugueses reclamavam dos constantes ataques aos engenhos, além da destruição das plantações de cana-de-açúcar e da morte de diversos colonos que ocupavam esses territórios.

Uma das figuras mais emblemáticas do gigantismo dos indígenas brasileiros é a que retrata o tupinambá Cunhambebe. André Thevet o descreveu como um gigante canibal ferocíssimo e de apetite desmedido, uma vez que teria devorado nada menos do que cinco mil indivíduos. Hans Staden, que teria estado na presença do índio, durante o cativeiro, também o apresenta como um grande tirano e devorador de carne humana. Na presente pesquisa, constatamos que sua representação esteve permeada pelas disputas territoriais no litoral “brasileiro”, uma vez que o Cunhambebe “real” se aliara aos franceses contra o domínio português, quando da chegada de Villegagnon e da fundação da França Antártica, no ano de 1555. Contrariando o estereótipo corrente na literatura de viagem, na iconografia, os artistas europeus representaram o ameríndio dando uma tonalidade claramente positiva, desenhando-o com membros musculosos, nos melhores padrões da estética renascentista.

Em relação às discrepâncias entre o textual e o iconográfico, vale tecer algumas considerações. Enquanto os cronistas ressaltavam os aspectos negativos da suposta desmesura do índio, um ser bestial e monstruoso, os gravuristas os desenhavam de modo a sublinhar uma representação positiva. Em nosso entendimento, essa dissintonia ocorreria por dois motivos principais. O primeiro, pelo fato de os artistas ilustrarem os povos americanos, a partir de critérios anatômicos universais e ideologizados. O segundo, encontra resposta no contexto político e religioso da segunda metade do século XVI, momento de grande divulgação das gravuras. Artistas protestantes, como Theodore de Bry e Levinus Hulsius, pretendiam denunciar as atrocidades da Igreja Católica no Novo Mundo. Consequentemente, procuraram ilustrar os ameríndios como um ser dotado de razão e humanidade. Assim, o gigantismo presente nas “imagens da América”, notabilizou-se pela estética e robustez corporal, despidendo-se de certos estereótipos pejorativos presentes na literatura de viagem.

Na costa leste do atual Estados Unidos da América, o capitão da Marinha Real Britânica, John Andrew Smith, no princípio do século XVII, descrevia os grupos indígenas do território da Virgínia como sendo extremamente belicosos, cruéis e do tamanho de gigantes. Assim como nas áreas de colonização espanhola e portuguesa, o estereótipo atribuído às populações indígenas, elucidava os embates travados contra os colonizadores ingleses. O próprio John Smith havia sido feito prisioneiro pelos Powhatans, durante uma tentativa de estabelecer colônia na Nova Inglaterra. Após escapar da prisão e retornar ao local, levava preso o chefe Opechancanough, acusando-o de grave traição. Em uma edição da crônica do capitão inglês, denominada *The generall historie of Virginia*, impressa em 1627, o gravurista Robert Vaughan desenhou o índio acintosamente superior em estatura aos ingleses, reforçando, com efeito, a crença de que os americanos seriam fisicamente gigantes.

A lenda de gigante mais prolífera no Novo Mundo teve origem no contexto geopolítico das disputas marítimas e territoriais que ocorreram no extremo sul do continente, após a primeira viagem de circum-navegação ao redor do globo (1519-1521), comandada por Fernão de Magalhães e descrita em pormenores por Antonio Pigafetta. Como procuramos demonstrar, a atribuição do gigantismo aos índios tehuelches, notabilizou-se pela mescla de fatores distintos: da alusão aos temas clássicos sobre os gigantes e o homem selvagem; da referência aos romances de cavalaria, onde as personagens gigantes eram figuras recorrentes, e das circunstâncias próprias da expedição, que resultara em imensas perdas humanas e materiais – tempestades,

naufrágios, mortes e deserções. Após as descrições de Pigafetta, os povos fueguinos que habitavam o Estreito de Magalhães e as áreas adjacentes, seriam estereotipados a partir das seguintes características físicas e comportamentais: isolamento, estatura, feiura, velocidade, indumentárias, dieta, selvageria e ferocidade.

A lenda dos patagões seria aludida com frequência pelos viajantes e exploradores europeus, principalmente a partir da segunda metade do século XVI, momento em que o Estreito, sob a bandeira espanhola, atraía a cobiça de navegadores de nacionalidades diversas, especialmente ingleses, holandeses e franceses que pretendiam chegar até as Ilhas das Especiarias. Durante a pesquisa, concluímos que as narrativas, que noticiavam os embates dos colonizadores contra populações de índios gigantescos e selvagens, serviam como uma estratégia para afugentar os marinheiros das coroas inimigas. Constituíam, ainda, subterfúgios ardilosos para justificar o fracasso dos agentes coloniais na tentativa de explorar e estabelecer colônias no Estreito, projeto que, quase sempre, esbarrava nas peculiaridades geográficas da passagem e na resistência dos íncolas. Em caso de incursões bem-sucedidas, esses relatos procuravam exaltar a figura do conquistador, representando-o como um típico herói, que desbravava os mares e oceanos e levava a civilização para um mundo desconhecido e selvagem.

Paralelamente aos relatos escritos, os cartógrafos e gravadores europeus ilustravam a *Regio Gigantum*, situando-a, na maioria das vezes, entre o Rio da Prata e o Estreito de Magalhães. Os textos e as imagens inseridos nas cartas geográficas, anunciavam-na como uma terra estéril, gélida, ventosa e perigosa, propícia para o desenvolvimento de homens de estatura desmesurada e de costumes selvagens. De acordo com o que procuramos demonstrar no terceiro capítulo da tese, a *Regio Gigantum* foi o primeiro e último mito difundido na representação gráfica da América, aparecendo com relativa frequência, desde as primeiras décadas do século XVI, até o final do XVII. Compreendemos que as representações cartográficas, assim como a literatura de viagem, revelam o contexto histórico das disputas marítimas e territoriais que ocorreram no extremo sul da América. Com efeito, contribuíram para forjar, alimentar e propagar o imaginário acerca do gigantismo dos povos fueguinos, demonstrando como, invariavelmente, os diferentes mitos de gigantes, foram adaptados aos dilemas e interesses próprios da conjuntura colonial no Novo Mundo.

## GRAVURAS E MAPAS

AGNESE, Battista. **Atlas portolano de 9 gráficos e um mapa do mundo, etc. Dedicado a Hieronymus Ruffault, abade de St. Vaast.** [S.l.]: [s.n.], 1544. Library of Congress. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3200m.gct00001/?sp=14&r=-0.436,-0.017,1.89,0.775,0>. Acesso em: 16 de abril de 2019.

ALDROVANDI, Ulisse; CORIOLAN, Jean-Baptiste. **Monstrorum Historia: Dents de Géants.** [S.l.]: Bononiae, 1642. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23006724/f27.item.zoom>. Acesso em: 03 de novembro de 2019.

ALDROVANDI, Ulisse; CORIOLAN, Jean-Baptiste. **Monstrorum Historia: Icon Regis Quoniambec.** [S.l.]: Bononiae, 1642. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23006724/f65.item.r=Icon%20Regis%20quoniambec#>. Acesso em: 12 de janeiro de 2021.

ANÔNIMO. **Americae tabula nova multis-locis tam ex terrestri perigunatione quam recentiori ou navigatione ab exploratissimis naucleris emendata et multo quamantea exactior edita.** [S.l.]: [s.n.], 1600 Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200207z/f7.item.zoom>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

BOSCH, Hieronymus. **Phantastisch-allegorische Darstellungen mit einem Baummenschen.** [S.l.]: [s.n.], 1510-1520. Dresden Kupferstich-Kabinett. Disponível em: <https://skd-online-collection.skd.museum/Details/Index/890892>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

BOTTICELLI, Sandro. **Inferno, canto 15:** Divina Comédia ilustrada de Sandro Botticelli. [S.l.]: [s.n.], 1485. Acervo digital da Biblioteca Apostólica Vaticana. Disponível em: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Reg.lat.1896.pt.A](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1896.pt.A). Acesso em: 04 de agosto de 2020.

BOTTICELLI, Sandro. **O Mapa do Inferno:** Divina Comédia ilustrada de Sandro Botticelli. [S.l.]: [s.n.], 1485. Acervo digital da Biblioteca Apostólica Vaticana. Disponível em: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Reg.lat.1896.pt.A](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1896.pt.A). Acesso em: 04 de agosto de 2020.

BYRON, John. **The Narrative of the Honourable John Byron.** The Comodore making presents to the Patagonians. London: [s.n.], 1788. University of Edinburgh. Disponível em: <https://images.is.ed.ac.uk/luna/servlet/detail/UoEgal~5~5~64004~103853:TheNarrative-of-the-Honourable-Jo>. Acesso em 24 de maio de 2020.

CABOT, Sébastien. [Mappemonde / par Sébastien Cabot en guise de titre, une inscription bilingue dont le texte latin est le suivant], **Présentant dans son quart sud-ouest in hac protens in planum figura continetur totus terre glodus, insule Portus, flumina Sinus Syrtus Et Brevia Que Hatenus A Neotericis Adaperta Sunt...**

[S.l.]: [s.n.], 1544. Bibliothèque Nationale de France, département Cartes et plans. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55011003p/f1.item.zoom>. Acesso em: 16 de junho de 2020.

DE BRY, Theodore; HARRIOT, Thomas. **A briefe and true report of the new found land of Virginia**. Frankfurt am Main: Typis Ioannis Wecheli, 1590. The Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/merueilleuxetest00harr/page/n49/mode/2up>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

DE BRY, Johann Israel; THEODORE, Johann. **Americae Pars Decima: Quomodo in Gigantum insula cum Hispanis fuis exceptus fuerit Vesputius**. Oppenheim: [s.n.], 1619. The Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

DE BRY, Johann Israel; THEODORE, Johann. **Americae Nona & Postrema Pars: Fretum Magellanicum**. Frankfurt: Beckerum, 1602. The Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/americanonapost00theo/page/n505/mode/2up>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

DE BRY, Theodore. **Americae Pars Quarta: Inuentio Maris Magallacini**. Frankfurt: Typis Ioannis Feyrabend, impensis, 1594. The Internet Archive. Disponível em: [https://archive.org/details/americaparsquar00benz\\_0/page/n51/mode/2up](https://archive.org/details/americaparsquar00benz_0/page/n51/mode/2up). Acesso em: 21 de abril de 2020.

DE BRY, Theodore. **Der ander Theyl, der newlich erfundenen Landtschafft Americae**. Frankfurt am Main: [s.n.], 1591. The Internet Archive. Disponível em: [https://archive.org/details/derandertheylder00lemo\\_0/page/n77/mode/2up](https://archive.org/details/derandertheylder00lemo_0/page/n77/mode/2up). Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

FINEUS, Orontius. **Nova, et integra vniversi orbis descriptio**. Paris? [s.n.], 1531. Library of Congress. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3200.ct001393/>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

GUTIÉRREZ, Diego; COCK, Hieronymus. **Americae sive qvartae orbis partis nova et exactissima descriptio**. Antuérpia: [s.n.], 1562. Library of Congress Geography and Map Division, Washington, D.C. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g3290.ct000342>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.

HERRERA, Antonio de; LE MAIRE, Jacob; SCHOUTEN, Willen Corneliszoon. **Mapa do Estreito de Magalhães Elaborado pela Expedição de Schouten e Le Maire em 1616**. Amsterdã: Chez Emanuel Colin de Thovoyon, 1616. World Digital Library; Library of Congress. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/3971/>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

HOLE, William; SMITH, John. **Virgínia**. Londres: [s.n.], 1624. Library of Congress. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3880.ct000377/>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.



HOMEM, Lopo; REINEL, Pedro; REINEL, Jorge. **Atlas nautique du Monde, dit atlas Miller**: Océan Atlantique Sud-Ouest avec le Brésil. [S.l.]: [s.n.], 1519? Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

HONDIUS, Jodocus. **Nieuwe caerte van het wonderbaer ende goudrycke Landt Guiana**. Amsterdã: [s.n.], 1598. World Digital Library; Library of Congress. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/165/#q=amazones&qla=pt>. Acesso em: 15 de junho de 2020.

HULSIUS, Levinus. **Nova e exacta delineando Americae partis avstralis**. Nuremberg: Leūinūm Hūlsiūm, 1602. Library of Congress Geography and Map Division, Washington, D.C. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g5200.rb000009>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

HULSIUS, Levinus. **Sechster Theil, kurtze, warhafftige Relation vnnnd Beschreibung der wunderbarsten vier Schiffarhten, so jemals verricht worden. Als nem[m]lich...** Frankfurt: Impensis collectoris, 1603. The Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/sechstetheilkurt00huls/page/24/mode/2up>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

HULSIUS, Levinus. **Vierte Schiffart. Warhafftige Historien einer wunderbaren Schiffart, welche Ulrich Schmidel von Straubing, von Anno 1534**. Nuremberg: Impensis Levini Hulsij, 1599. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 07 de janeiro de 2021.

JODE, Cornelis de. **Brasilia et Peruvia**. [S.l.]: [s.n.], 1680. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40595768z>. Acesso em: 08 de julho de 2020.

LÉRY, Jean. **Historia navigationis in Brasiliam quae et America dicitvr: qua describitvr avthoris navigatio, quaeque in mari vidit memoriae prodenda, Villagagnonis in America gesta: Brasiliensium victus & mores, à nostris admodum alieni, cum eorum linguae dialogo: animalia etiam, arbores atque herbae, reliquaue singularia & nobis penitus incógnita**. Genebra: Muller & Co., 1594. The Internet Archive. Disponível em: [https://archive.org/details/gri\\_historianavi00lery/page/n25](https://archive.org/details/gri_historianavi00lery/page/n25). Acesso em: 09 de janeiro de 2021.

LOUBAT, J. Florimond; RÍOS, Pedro de los. **II manoscritto messicano vaticano 3738, detto il Codice Rios**. Roma: Biblioteca apostolica vaticana, 1900. The Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/manoscrittomess00loub/page/n55>.

MERCATOR, Gerardus. **World Map on Double Cordiform Projection**. Lovaina: [s.n.], 1538. World Digital Library. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/6766/>. Acesso em: 04 de junho de 2020.

MERIAN, Matthäus. **Continuatio Americae**. Franckfurt am Main: Gedruckt bey Caspar Rötzel, in Verlegung Matthei Merian, 1627. The Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/continuatioameri00theo/page/n17/mode/2up>. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.

MERIAN, Matthäus; GOTTFRIED, Johann Ludwig. **Historia Antipodum**. Frankfurt am Main: Bey denen Merianuschen Erben, 1655. The Internet Archive: Disponível em: [https://archive.org/details/neweweltvndameri00gott\\_0/page/52](https://archive.org/details/neweweltvndameri00gott_0/page/52). Acesso em: 28 de outubro de 2019.

MONTESDOCA, Martin; CIEZA DE LEÓN, Pedro de. **Crónica del Peru**. Sevilla: En casa de Martin de Montesdoca, 1553. The Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/partepriemeradela00ciez/page/n153>. Acesso em: 04 de outubro de 2019.

MÜNSTER, Sebastian. **Geographia universalis, vetus et nova, complectens Claudii Ptolemaei Alexandrini enarrationis libros VIII**. Basileia: [s.n.], 1540. Doria. Disponível em: <https://www.doria.fi/handle/10024/84483>. Acesso em: 04 de junho de 2020.

ORTELIUS, Abraham. **Typvs orbis terrarvm**. Antuérpia: [s.n.], 1579. Library of Congress. Disponível em: <https://lccn.loc.gov/2017585794>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

PIGAFETTA, Antonio. **Journal of Magellan's Voyage**. Paris: Yale University Library, 1907. World Digital Library. Disponível em: <https://www.wdl.org/en/item/3082/>. Acesso em: 04 de agosto de 2021.

RIBEIRO, Diogo. **Carta uniuersal en que se contiene todo lo que del mundo se ha descubierto fasta agora**: la qual se diuide en dos partes conforme a la capitulacion que hizieron los catholicos Reyes de España et el Rey Don Juan de Portugal en Tordesillas. Año de 1494. Sevilla: [s.n.], 1529. Biblioteca Digital Real Academia de la Historia. Disponível em: <https://bibliotecadigital.rah.es/es/consulta/registro.do?id=61150>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

SAHAGÚN, Bernardino. **Historia General de las cosas de Nueva España: O Códice Florentino**. Libro duodecimo. De la conquista mexicana. México: [s.n.], 1577. World Digital Library. Disponível em <https://www.wdl.org/pt/item/10623/>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

STEELSIO, Juan; CIEZA DE LEÓN, Pedro de. **Crónica del Peru**. Antuérpia: Em casa de Juan Steelsio, 1554. The Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

THEVET, André. **Cosmographie Universelle**. Paris: Pierre l'Huillier, 1575. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark>. Acesso em: 11 de janeiro de 2021.

THEVET, André. **Les vrais pourtraits et vies des hommes ilustra grecz, latins et payens**. Paris: Par la vefue I. Kervert et Guillaume Chaudière, 1584. The Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/>. Acesso em: 09 de janeiro de 2021.

VAGA, Perino de. **Fall of the Giants, Jupiter in the clouds overhead striking the Giants with lightning**. [S.l.]: [s.n.], 1539-1549. The Metropolitan Museum of Art.

Disponível em: <https://images.metmuseum.org/CRDImages/dp/original/DP836849.jpg>. Acesso em: 27 de outubro de 2019.

VAUGHAN, Robert. **A Description of Part of the Adventures of Capt. Smith in Virginia**. Londres: [s.n.], 1627. The Internet Archive. Disponível em: [https://archive.org/details/nby\\_687022-2/Vaughan\\_Adventures-of-Captain-Smith.jpg](https://archive.org/details/nby_687022-2/Vaughan_Adventures-of-Captain-Smith.jpg). Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

VESPUCCI, Juan. **Map of the World**. [S.l.]: [s.n.], 1526. The Hispanic Society of America. A Collection in Context: Media Center for Art History at Columbia University. Disponível em: <https://learn.columbia.edu/projects>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

VISSCHER, Claes Jansz. **America, quarta pars orbis (quam plerunque novum orbem appellitand) primo ...** [S.l.]: [s.n.], 1669. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200220t/f9.item.zoom>. Acesso em: 29 de junho de 2020.

## FONTES

ACOSTA, Josef de. **Historia Natural y Moral de las Indias**. Edición crítica de Fermín del Pino-Díaz. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008. Disponível em: <http://www.fondazioneintorcetta.info/>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

ALVA IXTLILXÓCHITL, Fernando de. **Obras históricas de don Fernando de Alva Ixtlilxochitl: Historia chichimeca**. [S.l.]: Oficina tip. de la Secretaria de fomento, 1892.

ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1933.

BENAVENTE DE MOTOLINÍA, Toribio de. **Historia de los indios de la Nueva España**. Madrid: Real Academia Española, 2014. Disponível em: <https://www.fundacionaquae.org>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

BYRON, John. **Viage del Comandante Byron alrededor del mundo**. Madrid: En Casa de Francisco Mariano Nipho, 1769. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. **Naufragios y Comentarios, 1542**. Madrid: Editados por Calpe/Gráficas Reunidas, S. A. 1922. [www.HistoriaDelNuevoMundo.com](http://www.HistoriaDelNuevoMundo.com). Acesso em: 04 de janeiro de 2021.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Belém: NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, [s.d.]. Disponível em: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br>. Acesso em: 18 de novembro de 2020.

CARVAJAL, Gaspar de; ACUÑA, Cristobal; ROJAS, Alonso de. **Descobrimientos do rio das Amazonas**. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Brasiliana, 1941. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/287/1/203%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

CIEZA DE LEÓN, Pedro de. **Crónica del Peru: El señorío de los incas**. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005. Disponível em: <https://biblioteca.org.ar/>. Acesso em: 01 de outubro de 2019.

COLOMBO, Cristóvão, 1450-1506. **Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento/Cristóvão Colombo**. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2013.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México: Oficina tipográfica de la Secretaría de fomento, 1904. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

DURÁN, Frei Diego. **Historia de las Indias de Nueva España e islas de la tierra firme por el Padre Fray Diego Duran**. Tomo I. Notas de de José F. Ramirez. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1867. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

DURÁN, Frei Diego. **Historia de las Indias de Nueva España e islas de la tierra firme por el Padre Fray Diego Duran**. Tomo II. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1880. Disponível em: <https://archive.org/details/historiadelasind02dur/page/n4/mode/2up>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

FERNÁNDEZ OVIEDO, Gonzalo. **La Historia General y Natural de Indias**. Parte II - Tomo I. Madrid: La Real Academia de la Historia, 1852. Disponível em: <http://www.historiadelnuevomundo.com/>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

FLETCHER, Francis. **The world encompassed by sir Francis Drake, being his next voyage to that to Nombre de Dios**. London: Hakluyt society, 1854. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 21 de julho de 2020.

GANDAVO, Pero Magalhães. **Tratado da terra do Brasil: História da província de Santa Cruz**. Brasília: Senado Federal, 2018. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

GUTIÉRREZ DE SANTA CLARA, Pedro. **Historia de las guerras civiles del Peru (1544-1548) y de otros sucesos de la Indias**. Tomo Tercero. Madrid: Libreria General de Victoriano Suarez, 1905, p. 566-567. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Brasília: Biblioteca do Exército, 1961. Disponível em: <http://fortalezas.org>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

LIZÁRRAGA, Reginaldo. **Descripción colonial (libro segundo)**. Online: Editorial del Cardo, 2006. Disponível em: <https://www.biblioteca.org.ar/libros/130462.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. **Historia General de las Indias**. [S.l.]: Editorial del cardo, 2003. Disponível em: <https://www.biblioteca.org.ar/libros/92761.pdf>. Acesso em: 21 de setembro de 2019.

LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia de la Conquista de México*. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2007. Disponível em: <https://biblioteca.org>. Acesso em: 03 de dezembro de 2019.

LÓPEZ DE VELASCO, Juan. **Geografía y descripción universal de las Indias**. Madrid: Establecimiento Topográfico de Fortanet, 1984. Disponível em: <https://babel.banrepcultural.org/digital/collection/p17054coll10/id/2414>. Acesso em: 19 de novembro de 2020.

MARTIRE D'ANGHIERA, Pietro. **Décadas del Nuevo Mundo**. Valladolid: Editorial MAXTOR, 2012.

MENDIETA, Gerónimo de. **Historia eclesiástica indiana**. México: Antigua librería, 1870, p. 96. Disponível em: <http://cdigital.dgb.uanl.mx>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

MOLINA, Alonso de. **Vocabulario en la lengua castellana y mexicana**. México: Em casa de Antonio de Espínola, 1571.

MUÑOZ CAMARGO, Diego. **Historia de Tlaxcala**. Publicada y anotada por Alfredo Chavero. México: Oficina Tipográfica de la Secretaría de Fomento, 1892. Disponível em: <https://archive.org/details/historiadetlaxc00chavgoog/page/n6>. Acesso em: 26 de setembro de 2019.

OLMOS, André? *Historia de los mexicanos por sus Pinturas*. In: ICAZBALCETA, Joaquín García (org.). **Varias relaciones antiguas**. México: Dirección General de Bibliotecas, 1891. Disponível em: <https://mexicana.cultura.gob.mx/es/repositorio>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

PIGAFETTA, Antonio. **A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães**. Tradução de Jurandir Soares dos Santos. 2ª ed. – Porto Alegre: L&PM, 2019.

SAHAGÚN, Bernardino. **Historia General de las cosas de Nueva España. Tomo III**. 1540. México: Imprenta del Ciudadano Alejandro Valdés, calle de Santo Domingo, y esquina de Iacuba. 1830. Disponível em: <http://www.HistoriaDelNuevoMundo.com>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

SAHAGÚN, Bernardino. **Historia General de las cosas de Nueva España: O Códice Florentino**. Libro duodécimo. De la conquista mexicana. México: [s.n.], 1577. Disponível em <https://www.wdl.org/pt/item/10623/>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

SARMIENTO DE GAMBOA, Pedro. **Viage al Estrecho de Magallanes por el Capitán Pedro Sarmiento de Gamboa en los años de 1579 y 1580:** y noticia de la expedicion que después hizo para poblarle. Madrid: Impr. Real de la Gazeta, 1768. Cortesia da coleção da Biblioteca Nacional de Chile. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-8387.html>. Acesso em 27 de maio de 2020.

SCHMIDEL, Ulrich. Viaje al río de la Plata. [S.l.]: Biblioteca Virtual Universal, 2003. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/10069.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2019.

SIMÓN, Pedro. **Las Noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales.** Partes Segunda y Tercera. Bogotá: Casa editorial de Medardo Rivas, 1892. Disponível em: <https://reclus.wordpress.com/>. Acesso em: 16 de julho de 2021.

SIMÓN, Pedro. **Noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales.** Tomo IV. Bogotá: Casa editorial de Medardo Rivas, 1892. Disponível em: <https://reclus.files.wordpress.com>. Acesso em: 24 de setembro de 2019.

SMITH, John. “A Description of New England (1616): An Online Electronic Text Edition” (1616). Editado por Paul Royster. **Electronic Texts in American Studies.** 4. Lincoln: Libraries at University of Nebraska, 2006. <https://digitalcommons.unl.edu/etas/4>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

SMITH, John. The Generall Historie of Virginia, New-England, and the Summer Isles: With the Names of the Adventurers, Planters, and Governours from Their First Beginning, Ano: 1584. To This Present 1624. With the Proceedings of Those Severall Colonies and the Accidents That Befell Them in All Their Journyes and Discoveries. Also the Maps and Descriptions of All Those Countreyes, Their Commodities, People, Government, Customes, and Religion Yet Knowne. Divided into Sixe Bookes. By Captaine Iohn Smith, Sometymes Governour in Those Countreyes & Admirall of New England: **Electronic Edition.** University Library, UNC-Chapel Hill: University of North Carolina at Chapel Hill, 2006. Disponível em: <https://docsouth.unc.edu/southlit/smith/smith.html>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587.** São Paulo: Editora Hedra, 2010.

STADEN, HANS. **Hans Staden:** suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil. São Paulo: Typ. da Casa eclectica, 1900. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4833>. Acesso em: 11 de janeiro de 2021.

THEVET, André. **As Singularidades da França Antártica.** Tradução de Eugênio Amado. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

THEVET, André. **Les vrais pourtraits et vies des hommes ilustra grecz, latins et payens.** Paris: Par la vefue I. Kervert et Guillaume Chaudière, 1584. Disponível em: <https://archive.org/search.php?query=Les%20vrais%20pourtraits>. Acesso em: 16 de janeiro de 2021.

TORIBIO MEDINA, José. **El veneciano Sebastián Caboto, al servicio de España y especialmente de su proyectado viaje á las Molucas por el estrecho de Magallanes y al reconocimiento de la costa del continente hasta la gobernación de Pedrarias Dávila**. Santiago – Chile: Imprenta y Encuadernación Universitaria, 1908. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 17 de junho de 2020.

TORQUEMADA, Juan de. **Monarquía indiana**. Tercera edición (primera edición UNAM). México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 1975. Disponível em: <https://www.historicas.unam.mx/>. Acesso em: 21 de dezembro de 2019.

VASCONCELOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil: e do que obraram seus filhos n'esta parte do Novo mundo. Em que se trata da entrada da Companhia de Jesu nas partes do Brasil, dos fundamentos que n'ellas lançaram e continuaram seus religiosos, e algumas Noticias antecedentes, curiosas e necessarias das cousas d'aquelle estado. Volume Segundo** Lisboa: AJ Fernandes Lopes, 1865. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242811>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo: as cartas que batizaram a América**. Apresentação e notas de Eduardo Bueno. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2003.

ZARATE, Agustin de. Historia del descubrimiento y conquista de la provincia del Peru. **Biblioteca Peruana**, tomo 2, pp. 105-413. Lima: Editores Tecnicos Asociados S.A, 1968. Disponível em: <http://www.atlantisbolivia.org/zardes.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2019.

## REFERÊNCIAS

ALEGRÍA, Ricardo E. **Las primeras representaciones gráficas del indio americano, 1493-1523**. Puerto Rico: Centro de Estudios Avanzados de Puerto Rico y el Caribe. Instituto de Cultura Puertorriqueña, 1978.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia. Inferno**. Ilustrações de Gustave Doré; Estudo introdutório de Otto Maria Carpeaux; Tradução de Xavier Pinheiro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017.

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus: contra os pagãos**. Parte 2. 2ª ed. Tradução de Oscar Paes Leme. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Livro Primeiro. Digitação de Lucia Maria Csernik. [S.l.]: [s.n.], 2007. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com>. Acesso em: 16 de julho de 2021.

AMODIO, Emanuele. El detestable pecado nefando. Diversidad sexual y control inquisitorial en Venezuela durante el Siglo XVIII. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En línea] (Puesto en línea el 11 julio 2012, consultado el 28 diciembre 2012). Disponible em: <http://dx.doi.org/10.4000/nuevomundo.63177>. 04 de agosto de 2020.

ANDERS, Ferdinand; JANSEN, MERGN. **Religión, Costumbres e Historia de los Antiguos Mexicanos**: Libro explicativo del llamado Códice Vaticano A. [S.l.]: [s.n.], 1996. Disponible em: <https://www.narcis.nl>. Acceso em: 16 de dezembro de 2019.

ANDUEZA, María. Los míticos orígenes de la creación del mundo en Mesoamérica. **Revista de la Universidad de México**, No. 543, 1996. Disponible em: <https://www.revistadelauniversidad.mx/>. Acceso em: 18 de julho de 2021.

AÑÓN, Valeria; BATTCKOCK, Clementina. Las crónicas coloniales desde América: aproximaciones y nuevos enfoques. **Latinoamérica. Revista de estudios latinoamericanos**, p. 153-159, 2013. Disponible em: <http://www.scielo.org>. Acceso em: 08 de julho de 2021.

APOLODORO. **Biblioteca**. Traducción y notas de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Editorial Gredos, S.A, 1985.

ARANTES, Leonardo. Visão de Mundo (Weltanschauung), Imagem de Mundo (Weltbild) e Conceção de Mundo (Weltauffassung) em Gerhard Mercator. **Revista Continentes**, n. 4, p. 22-47, 2014. Disponible em: <http://www.tiagomarino.com/continentes/index.php/continentes>. Acceso em: 14 de junho de 2020.

ARMILLAS, Pedro. Teotihuacan, tula y los toltecas. Las culturas post-arcaicas y pre-aztecas del centro de México. Excavaciones y estudios, 1922-1950. I – La era de los gigantes. **RUNA, archivo para las ciencias del hombre**, v. 3, 1950. Disponible em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/>. Acceso em: 18 de julho de 2021.

ASHWELL, Anamaría. Cholula: su herencia es una red de agujeros. **Revista Elementos, ciencia y cultura, año**, v. 11, n. 55-56, p. 3-11, 2004. Disponible em: <https://www.researchgate.net/>. Acceso em: 20 de julho de 2021.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais; Tradução de Yara Frateschi Viera. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais; Tradução de Yara Frateschi Viera. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARTRA, Roger. **El Salvaje en el espejo**. México: Ediciones Era, 1992.

BAUDOT, Georges; TODOROV, Tzvetan (orgs.). **Relatos astecas da conquista**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.



BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A Imaginação do Desconhecido. *In*: BESSONE, Tânia Maria Tavares; QUEIROZ, Tereza Aline P. (orgs.). **América Latina: imagens, imaginação e imaginário**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1997.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes – vol. I**. São Paulo: Metalivros, 1999.

BÉNAT, Louise. Los monstruos en la historiografía colonial. *In*: Stols, E., Thomas, W., y Verberckmoes, J., (eds.). **Naturalia, mirabilia & monstrosa en los imperios ibéricos: siglos XV-XIX**. Leuven: Leuven University Press, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: O Antigo e o Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª. Ed. São Paulo: Geográfica, 1999.

BLACK, Jeremy. **Mapas e História: Construindo imagens do passado**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

BOIS, Yve-Alain. A questão do pseudomorfismo: um desafio para a abordagem formalista. **Anais do XXVI Colóquio do CBHA, São Paulo**, p. 13-27, 2006.  
Disponível em:  
[http://www.cbha.art.br/coloquios/2006/pdf/02\\_XXVICBHA\\_Yes\\_alain.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2006/pdf/02_XXVICBHA_Yes_alain.pdf). Acesso em: 25 de novembro de 2019.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. Trad. de Almir de Andrade e Milton Amado; Edição ilustrada por Gustave Doré. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

CHARTIER, Roger. **A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2015.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas. **História (São Paulo)**, v. 25, n. 2, p. 15-47, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/his/v25n2/01.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

COELHO, Pablo Martins Bernardi. As crônicas mestiças: Uma análise sobre a construção da narrativa de Diego Muñoz Camargo. **Revista Latino-Americana de História**, v. 1, n. 1, p. 23-44, 2012. Disponível em:  
<http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/index>. Acesso em: 28 de agosto de 2021.

COMBÈS, Isabelle. De luciferinos a canonizables: representaciones del canibalismo Chiriguano. **Boletín americanista**, n. 67, p. 127-141, 2013. Disponível em:  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5065989>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

CORRÊA-MARTINS, Francisco José. Exemplos de representações e informações do território da colônia do Brasil na cartografia impressa nos séculos XVI e XVII. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**, v. 26, 2017.

CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1965.

CRUZ, Francisco. Lo grotesco en El Jardín de las Delicias. **Analecta: revista de humanidades**, n. 2, p. 6, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Imagens de índios do Brasil: o século XVI. **Estudos Avançados**, v. 4, n. 10, p. 91-110, 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. La primera lámina del Códice Vaticano A¿ Un modelo para justificar la topografía celestial de la Antigüedad pagana indígena? In: **Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas**. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Estéticas, 2009. p. 5-44. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/aiie/v31n95/v31n95a1.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

DOMINGO, Mariano Cuesta. La imagen del Nuevo Mundo en Mercator. El trazado de mapas hasta 1569. **Revista complutense de historia de América**, v. 39, p. 257-270, 2013. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RCHA>. Acesso em: 14 de junho de 2020.

DREYER-EIMBCKE, Oswald. **O descobrimento da Terra: história e histórias da aventura cartográfica**. São Paulo: Melhoramentos, 1992.

DREYER-EIMBCKE, Oswald. Primer mapa impreso del Estrecho de Magallanes. In: **Anales del Instituto de la Patagonia**. Punta Arenas (Chile), Vol. 12, 1981. Disponível em: <http://bibliotecadigital.umag.cl/>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

ECHEGARAY, Eduardo de; GARCÍA, Roque. **Diccionario general etimológico de la lengua española**. Tomo Cuarto. Madrid: José María Faguineto editor; Álvares Hermanos impressores, 1889. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 14 de março de 2021.

EISSMANN, Rafael Videla. **Crónica de la Montaña de Melimoyu**. Santiago: (Online), 2006. Disponível em: <http://www.alertaaustral.cl/>. Acesso em: 08 de julho de 2020.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva AS, 1972.

ELLIOTT, J. H. **El viejo mundo y el nuevo**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

FABRICIO, Edison Lucas; SOUZA, Evandro André. Entre a Terra e o Mar: Pedro Sarmiento de Gamboa, Navegante e Caballero da Galícia. In: SOUZA, Evandro André.

**A Ilha de Santa Catarina no século das Grandes navegações.** Fpolis: Insular/Uniasselvi, 2013.

FAUSTO, Carlos. Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX). **Mana**, v. 11, p. 385-418, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/9C8CKQxpNVZn3kfvdlpGf4q/?lang=pt>. Acesso em: 28 de agosto de 2021.

FERNÁNDEZ, Teodosio. Pedro Cieza de León y su Crónica del Perú. In: BARRERA, Trinidad (Ed.). **Herencia cultural de España en América: poetas y cronistas andaluces en el nuevo mundo, siglo XVI: actas del I Encuentro de Literatura Hispanoamericana Colonial.** Sevilla: Universidad de Sevilla, 2007.

FLORES DE LA FLOR, M. Alejandra. 2014. “Los relatos de viajes al Océano Pacífico: el Estrecho de Magallanes y la leyenda de los Patagones”, **Tiempos Modernos**, vol. 8, núm. 28, pp.1-28. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/revhistoria/v25n1/0717-8832-revhistoria-25-01-161.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.

FLORES DE LA FLOR, M. Alejandra. Un mito del Estrecho de Magallanes. En: El mar en la historia y en la cultura (A. Gullón Abao, A. Morgado García, J.J. Rodríguez Moreno, Eds.). Universidad de Cádiz, 2013, 63-77. Disponível em: <https://rodin.uca.es/handle/10498/16053>. Acesso em: 22 de março de 2021.

FONTES, Brasil Joaquim. **Contra Naturam.** GEISH/FE/Unicamp, [? ]. (Online). Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/fontes.html>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais:** Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GANDÍA, Henrique de. **Historia crítica de los mitos de la conquista americana.** Buenos Aires: Juan Roldán y Cía, 1929. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-channel.html>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

GARCIA, Elisa Frühauf. Identidades e Políticas Coloniais: guaranis, índios infieis, portugueses e espanhóis no Rio da Prata, c. 1750-1800. **Anos 90**, v. 18, n. 34, p. 55-76, 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/view/26263/19720>. Acesso em: 06 de janeiro de 2021.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso:** o Novo Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GONZÁLEZ, Javier Roberto. El nombre de la Patagonia: historia y ficción. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile. Instituto de Letras. **Centro de Estudios de Literatura Chilena**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle>. Acesso em: 14 de março de 2021.

GRAVES, Robert. **Os mitos gregos.** Volume I. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

- GRUZINSKI, Serge. **A Colonização do Imaginário: Sociedades indígenas e colonização no México espanhol-séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens: De Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GUEDES, Max Justo. **A cartografia impressa do Brasil: os 100 mapas mais influentes/1506-1922**. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2012.
- HARLEY, J. Brian. **La Nueva Naturaleza de los mapas: ensayos sobre la historia de la cartografía**. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- HARLEY, J. Brian. Mapas, saber e poder. In: **Confins Revista Franco-brasileira de Geografia**, n. 5. (jan./jun. 2009). Disponível em <http://confins.revues.org/5724>. Acesso em 01 de agosto de 2021.
- HEMMING, John. **Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros**. São Paulo: Edusp, 2007.
- HÉBERT, John R. **The 1562 Map of America**. Washington, DC: Geography and Map Division Library of Congress, 1999. Disponível em: <https://www.loc.gov/>. Acesso em: 14 de agosto de 2021.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de: **Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- HORCH, Rosemarie Erika. Quais as fontes para os mapas das Novae insulae de Sebastian Munster? **Revista da Universidade de Coimbra**. Coimbra. 34, 1988.
- HORSWELL, Michael J. **La descolonización del ‘sodomita’ en los Andes coloniales**. Quito: Ediciones Abya-Yala. 2013.
- JAVET, Yves. Los primeros holandeses en el estrecho de Magallanes. **Boletín de la Academia Chilena de la Historia**, v. 10, p. 43, 1943.
- JIMÉNEZ, Alfredo Bueno. **Hispanoamérica en el imaginario gráfico de los europeos**. Granada: Editorial de la Universidad de Granada, 2014.
- JIMÉNEZ, Alfredo Bueno. La representación gráfica de seres fabulosos en el «Nuevo Mundo» por el Taller de Bry. **Cuadernos de arte de la Universidad de Granada**, v. 41, p. 93-110, 2010. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

KALIL, L.G.A. **A conquista do Prata**: análise da crônica de Ulrich Schmidel. 2008. 191 f., SP. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/278740>. Acesso em: 29 de agosto de 2021.

KALIL, L. G.A. Os espanhóis canibais: análise das gravuras do sétimo volume das Grands Voyages de Theodore de Bry. **Tempo** [online]. 2011, vol.17, n.31, pp.261-284. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tem/v17n31/11.pdf>. Acesso em: 16 de julho de 2020.

KERR, Robert: **A general History and Collection of voyages and travel**. Londres: [s.n.], 1824. (Online). Disponível em: <http://www.gutenberg.org>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

KERR, Robert: **A general History and Collection of voyages and travels: Voyage of Sir Thomas Candish round the World, in 1586-1588**. Londres: [s.n.], 1824. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/13130/13130-h/13130-h.htm#chapter4-4>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

KIMBLE, George Herbert Tinley. **A geografia na Idade Média**. 2ª ed. Londrina: EDUEL, 2005.

LANGER, Protasio Paulo. Representações e apropriações dos topônimos/etnônimos indígenas numa carta geográfica do século XVII. **História Unisinos**, v. 19, n. 1, p. 43-58, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5798/579866785001.pdf>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres na idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LEÓN PORTILLA, Miguel. **Visión de los vencidos**. México, D. F: Universidad Nacional Autónoma de México. Coordinación de Publicaciones Digitales, 2003. Disponível em: <http://biblioweb.dgsca.unam.mx/libros/vencidos/indice.html>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

LESTRINGANT, Frank. **A oficina do cosmógrafo**: ou a imagem do mundo no Renascimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LÓPEZ, María Isabel Rodríguez. El asalto al Olimpo: la Gigantomaquia. **De Arte. Revista de Historia del Arte**, n. 8, p. 7-26, 2015. Disponível em: <http://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/dearte>. Acesso em: 31 de outubro de 2019.

LÓPEZ TAPIA, Estefanía Gabriela. **El símbolo del gigante dentro de la mitología indígena transcrita del Ecuador**. 2020, p. 58. Tese de Doutorado. Universidad de las Artes. Disponível em: <https://dspace.uartes.edu.ec/>. Acesso em: 11 de julho de 2021.

MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **América mágica**: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografía americana: la Casa de la Contratación de Sevilla, el Real y Supremo Consejo de Indias y la Academia de Matemáticas de Felipe II. **Revista de Indias**, v. 70, n. 250, p. 715-748, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

MARTINIC BEROS, Mateo. La imagen cartográfica del Estrecho de Magallanes en las dos primeras décadas que siguieron a su descubrimiento. **Magallania (Punta Arenas)**, v. 48, n. ESPECIAL, p. 61-77, 2020. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo>. Acesso em: 04 de agosto de 2021.

MARTINIC BEROS, Mateo. **Los aonikenk. Historia y cultura**. Punta Arenas: Impresos Vanic LTDA, 1995.

MARTINIC BEROS, Mateo. Los holandeses en las Islas de los Pingüinos (1599-1615). **Magallania**, v. 40, n. 2, p. 7-22, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org>. Acesso em: 29 de julho de 2020.

MELLO, Amílcar D'Avila de. **Expedições**: Santa Catarina na era dos descobrimentos geográficos. Florianópolis: Expressão, 2005.

MICELI, Paulo. **O desenho do Brasil no teatro do mundo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

MIGNOLO, W. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, L. Í. (Coord.). **Historia de la literatura hispanoamericana**. Madrid: Cátedra, 1982.

MILTON, Heloisa Costa. Narrativa e imaginário na América Espanhola. **ITINERÁRIOS–Revista de Literatura**, Araraquara, n.º. 15/16, p. 151-161, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/>. Acesso em: 16 de março de 2021.

OLIVEIRA, A. R. As Amazonas do Novo Mundo: Análise das Fontes Literárias e Iconográficas dos Séculos XVI E XVII. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 17, ano XVII, n. 1, Jan/Jun de 2020. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). Acesso em: 12 de agosto de 2021.

OREJA, Miguel Ángel Castillo. América en la cartografía del siglo XVI (1500-1556) (II). **Quiroga: Revista de Patrimonio Iberoamericano**, n. 14, p. 65-71, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>. Acesso em: 22 de junho de 2020.

ORRIOLS, Daniel Nieto. La tradición clásica en las imágenes de América: perviencia de los modelos y tópicos grecolatinos en la Conquista. **Historias del Orbis Terrarum**, 2012, 8: 85-106. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>. Acesso em: 15 de mar. 2020.

ORTEGA, Aleksín H., " Segunda Parte de la Historia General Llamada Índica (1572) de Pedro Sarmiento de Gamboa. Estudio y Edición Anotada." (2018). **Trabalhos**

acadêmicos da CUNY. [https://academicworks.cuny.edu/gc\\_etds/2482](https://academicworks.cuny.edu/gc_etds/2482). Acesso em: 15 de julho de 2021.

PADILLA, María Gutiérrez. Gigantes por artificio en los libros de caballerías finiseculares. *Medievalia*, n. 46, p. 34-42, 2016. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. Repensando a política indigenista para os Botocudos no século XIX. *Revista de Antropologia*, p. 75-90, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

PARÉ, Ambroise. *Monstruos y prodigios*. Madrid: Ediciones Siruela, S.A. 1987. Disponível em: <http://librosoterico.com/biblioteca/ESPECIALES1/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

PARSSINEN, Martti. Otras fuentes escritas por los cronistas: los casos de Martín de Morúa y Pedro Gutiérrez de Santa Clara. *Histórica*, v. 13, n. 1, p. 45-65, 1989. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

PEASE GY, Franklin. Prefácio. In: CIEZA DE LEÓN, Pedro de. *Crónica del Peru: El señorío de los incas*. Caracas, Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/211665.pdf>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

PORTUGAL, AR. Confluência cultural nas Crônicas das Índias. In: PORTUGAL, AR; HURTADO, LR., (org.). *Representações culturais da América indígena* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Desafios contemporâneos collection, p. 43-58. Disponível em: <http://books.scielo.org/>. Acesso em: 12 de julho de 2021.

PREDEBON, Aristóteles Angheben. *Edição do manuscrito e estudo das 'Metamorfoses' de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire*. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp087079.pdf>. Acesso em: 31 de outubro de 2019.

PROCÓPIO, Eliabe; GONÇALVES, Rosineide Lima. EDIÇÃO E ESTUDO LINGÜÍSTICO DO RELATO DE NUNO DA SILVA (1579). *HISPANISTA* – Vol XVIII– nº 68 – Enero – Febrero - Marzo de 2017. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/550.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2020.

PTOLOMAEI, Claudii, [MUNSTERUS, Sebastianus]. *Geographia Universalis, vetus et nova, completectens*. Basileae: Henricum Petrum, 1540. Cortesia do *The Internet Archive*: Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 06 de junho de 2020.

RABELO, Lucas Montalvão. **A representação do rio ‘das’ amazonas na cartografia quinhentista**: entre a tradição e a experiência. 2015. 232 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4500>. Acesso em: 17 de junho de 2020.

RABELO, Lucas Montalvão. O rio Amazonas no mapa-múndi (1544) de Sebastião Caboto: primeiras representações cartográficas após a expedição de Francisco de Orellana (1541-1542), p. 72. *In*: MACIEL, Elisângela et al. **Nas curvas do tempo**: história e historiografia na Amazônia em debate (vol. 1). Manaus (AM): Editora UEA, 2019. 217 p. Disponível em: <https://www.academia.edu/>. Acesso em: 18 de junho de 2020.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização**: A representação do índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.

RICOEUR, Paul. **O entrecruzamento da história e da ficção**. IN: Tempo e narrativa. Tomo III. São Paulo: Papyrus, 1997.

RODRÍGUEZ, Mariela; DELRIO, Walter; GOBERNACIÓN DE SANTA CRUZ. Los tehuelches. Un paseo etnohistórico. **El gran libro de la Provincia de Santa Cruz**, p. 428-460, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 04 de março de 2021.

ROJAS MIX, Miguel. **EL Imaginario**: Civilización y cultura del siglo XXI. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

ROJA MIX, Miguel. Los Monstruos: mitos de legitimación de la conquista? In: PIZARRO, Ana (org) **América Latina: Palavra, Literatura e Cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1993. Vol. 1.

SÁNCHEZ, Josué. La primera visión europea estética de los indoamericanos en la invasión de América. **Anuario Americanista Europeo**, Madrid; Salamanca: REDIAL-CEISAL, 2011, 9, pp.81-99. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00826806/>. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica**: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas. São Paulo: Alameda, 2009.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Textos e Imagens, Histórias e Cosmologias Indígenas da Mesoamérica e Andes Centrais**. São Paulo: Intermeios, 2020.

SCHECHNER, Sara J. The adventures of Captain John Smith, Pocahontas, and a sundial. **The Compendium**, v. 14, n. 1, p. 19-24, 2007. Disponível em: <https://ui.adsabs.harvard.edu>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: EDUSC, 2007.



SILVA, Edson Santos; LIMA, Wallas Jefferson. Homo eroticus: Considerações acerca do conceito de Sodomia nos processos da Inquisição Portuguesa. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 23, n. 35, p. 265-284, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2016v23n35p265>. Acesso em: 16 de julho de 2021.

SILVA, Wilton C. L. **As terras inventadas**: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SPOSITO, Fernanda. **Santos, heróis ou demônios? Sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai/ Rio da Prata, séculos XVI-XVII)**. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26032013-110436/en.php>. Acesso em: 06 de janeiro de 2021.

TATSCH, Flavia Galli. **A construção da imagem visual da América**: gravuras dos séculos XV e XVI. 2011. 313 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

HAMPER MARTÍNEZ, Teodoro. Agustín de Zárate, contador y cronista indiano (**Estudio biográfico**). In: Mélanges de la Casa de Velázquez, tome 27-2, 1991. Epoque moderne. p. 129-154. Disponível em: <https://www.persee.fr/>. Acesso em: 14 de setembro de 2019.

HAMPER MARTÍNEZ, Teodoro. Agustín de Zárate: precisiones en torno a la vida y obra de un cronista indiano. In: **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, n°45, 1985. p. 21-36. Disponível em: <https://www.persee.fr/>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

HAMPER MARTÍNEZ, Teodoro. Notas sobre a encomienda real de Chíncha en el siglo XVI (Administración y tributos). **Fénix**: Revista de la Biblioteca Nacional del Perú. N.32-33, 1987. Disponível em: <http://revistafenix.bnp.gob.pe/index.php/fenix>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

VASCO, Gustavo. Regio gigantum. **Historia crítica**, n. 28, p. 229-244, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo>. Acesso em: 24 de março de 2021.

VILLENA, Guillermo Lohmann. Gutiérrez de Santa Clara, un gigante con pies de barro. **Histórica**, v. 23, n. 2, p. 329-339, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

WOORTMANN, Klaas. **O selvagem e o novo mundo**: ameríndios, humanismo e escatologia. Brasília: Editora UnB, 2004.